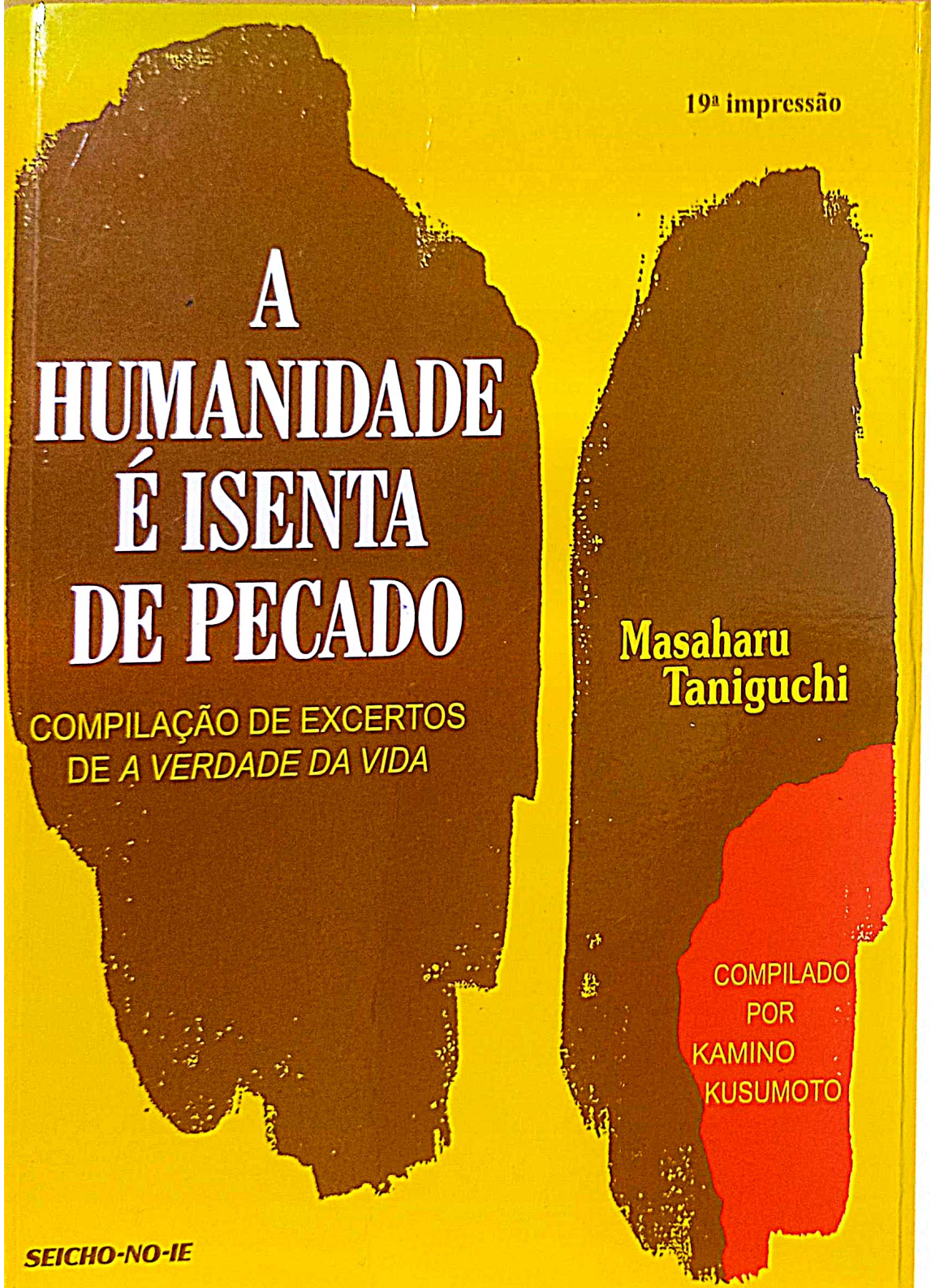

Por que muitas pessoas se tornam infelizes apesar de buscar a felicidade?

De acordo com a moderna teoria de psicanálise, os infortúnios do ser humano são conseqüências da idéia de "pecado" latente no recôndito da mente.

Este livro é uma compilação cuidadosa de vários trechos dos quarenta volumes da obra *A Verdade da Vida*, onde é explicada a Verdade "O homem é filho de Deus e, portanto, não é pecador" que constitui a essência de nossa filosofia.

A Verdade "Pecado e carma são originalmente inexistentes", que vibra intensamente em todas as páginas deste livro, com certeza soará no âmago do seu ser e o conduzirá de fato, para o despertar.

Se você abrir as janelas de sua mente, seus dias certamente se tornarão mais resplandecentes.

A HUMANIDADE É ISENTA DE PECADO

COMPILAÇÃO DE EXCERTOS
DE *A VERDADE DA VIDA*

"Pecados e carmas são originalmente inexistentes; eles são produtos da ilusão."

Shinran

Masaharu Taniguchi

A HUMANIDADE É ISENTA DE PECADO

19ª impressão

2013
SEICHO-NO-IE

A HUMANIDADE É ISENTA DE PECADO
COMPILAÇÃO DE EXCERTOS DE "A VERDADE DA VIDA"
Masaharu Taniguchi

Título: A HUMANIDADE É ISENTA DE PECADO
COMPILAÇÃO DE EXCERTOS DE "A VERDADE DA VIDA"
Tradução: SEICHO-NO-IE DO BRASIL
Publicação: SEICHO-NO-IE DO BRASIL
São Paulo – SP – Brasil
Propriedade do Direito Autoral:
ZAIDAN-HOJIN, SEICHO-NO-IE-SHAKAIJIGYODAN
Do original em japonês:
"SEIMEI NO JISSO" RUISAN
Jinrui Muzai Sengen
Autoria de Masaharu Taniguchi
Compilado por Kamino Kusumoto
Publicado pela NIPPON KYOBUNSHA CO., LTD.
Toquio – Japão
Propriedade do Direito Autoral do original em japonês:
ZAIDAN-HOJIN, SEICHO-NO-IE-SHAKAIJIGYODAN
Toquio – Japão

Este livro é publicado sob licença condicionada da ZAIDAN-HOJIN, SEICHO-NO-IE-SHAKAIJIGYODAN, que se reserva o direito de autor, e NIPPON KYOBUNSHA CO., LTD. que se reserva o direito de publicação. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sob qualquer forma sem a autorização por escrito do autor.

© ZAIDAN-HOJIN, SEICHO-NO-IE-SHAKAIJIGYODAN 1997

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A humanidade é isenta de pecado / [compilado por Kamino Kusumoto ; tradução de SEICHO-NO-IE DO BRASIL]. -- 13. ed. -- São Paulo : SEICHO-NO-IE DO BRASIL, 2007.

Título original: Jinrui muzai senzen.
ISBN 978-85-7156-288-2

1. Carma 2. Pecado 3. Seicho-No-Ie 4. Taniguchi, Masaharu, 1893-1985 5. Verdade (Filosofia) I. Kusumoto, Kamino, 1922-.

07-3116 CDD-181.0956

Índices para catálogo sistemático:

1. Pecado : Seicho-No-Ie : Filosofia de vida 181.0956
2. Verdade : Seicho-No-Ie : Filosofia de vida 181.0956

Direito original: 1973 / 1ª edição em português: 1997 / Total editado: 85.912 exemplares
Capa: Nippon Kyobunsha / Revisão de confronto: Norico Ono

Impresso no BRASIL

Editado pela
SEICHO-NO-IE DO BRASIL
Av. Engº Armando de Arruda Pereira, 1.266
CEP 04308-900 – São Paulo, SP – Fone: (11) 5014-2222
Website: http://www.sni.org.br – E-mail: sni@sni.org.br

Palavras do compilador

De acordo com novos estudos no campo da psicanálise, os infortúnios do ser humano são formas de autopunição que ele aplica a si próprio, movido pela idéia de "pecado" sedimentada no fundo do seu subconsciente. Então, se a idéia de "pecado" latente no subconsciente for eliminada, é natural que deixem de ocorrer infortúnios resultantes do desejo subconsciente de autopunição. Alguns psicanalistas dizem que até mesmo a eclosão de uma guerra tem como origem o desejo, latente no ser humano, de autopunir-se para expiar o pecado. Se têm ocorrido muitos casos de pessoas que, lendo *A Verdade da Vida*, sararam de doenças tidas como incuráveis, é porque a Verdade "O homem é filho de Deus e originalmente livre de pecado" penetra no subconsciente do leitor graças ao texto vigoroso e extingue a idéia de pecado mantida há muito tempo na camada profunda da mente, ou seja, o "carma" de pensamento. Comprovei por experiência própria a Verdade de que pecado e carma são originalmente inexistentes, sendo apenas produtos da mente.

Em 1956, quando me dedicava em ajudar nos Seminários de Treinamento Espiritual na Academia de Uji, passei por uma fase difícil, angustiando-me com uma causa cármica relacionada com a linhagem da família, sobre a qual narrarei mais adiante. O prof. Katsumi Tokuhisa,

diretor do departamento de Seminários de Treinamento Espiritual, aconselhou-me o seguinte procedimento para extinguir de uma vez por todas a idéia de "pecado" latente no meu subconsciente: procurar nos vários volumes de *A Verdade da Vida* trechos que se referem à *inexistência de pecado*, copiá-los e organizá-los numa determinada ordem.

Naquela época, a Academia de Uji realizava Seminários de Treinamento Espiritual com especial ênfase na Oferenda de Trabalho que consistia em aterrar uma depressão com a terra extraída de um monte próximo. Durante o dia eu me empenhava ao máximo nesse trabalho, e à noite lia com fervor o livro *A Verdade da Vida* para estudar o tema sobre a *inexistência original do pecado*.

Foi nessa época que comecei a ler *A Verdade da Vida* com nova disposição espiritual. Nos primeiros tempos após tornar-me adepto da Seicho-No-Ie, eu prometera a mim mesmo ler dez vezes o livro *A Verdade da Vida*; até a quarta vez, consegui lê-lo um pouco todos os dias, mas a partir de então, achando que já sabia tudo do livro, passei a lê-lo apenas de vez em quando. A custo, consegui ler oito vezes a coleção toda. Mas desta vez, por terem me dado um tema específico, consegui ler o livro com um sentimento completamente diferente daquela época. Então, tornou-se claro que, embora eu tivesse pensado que havia compreendido a Verdade, na realidade não havia compreendido quase nada.

Seguindo a instrução do prof. Tokuhisa, inicialmente extraí de *A Verdade da Vida* todos os trechos referentes à

questão do pecado, e, em seguida, vários trechos de outras obras do prof. Masaharu Taniguchi. Mas encontrei muita dificuldade em compilá-los de maneira organizada, e por diversas vezes quis desistir. Em cada uma dessas ocasiões, o prof. Tokuhisa infundiu-me ânimo e, por fim, aconselhou-me a orar bastante.

Passei a acordar às 4 horas da madrugada para praticar a *Meditação Shinsokan*. Decorridos mais ou menos dois meses, um dia "lampejaram" na minha mente os seguintes tópicos: "É desnecessário autoflagelar-se", "É desnecessário sacrificar-se", "Castigo divino não existe", "Pecado não existe", "Arrependimento" e "Transcender o carma". Imbuído de grande ânimo, dediquei-me à compilação.

Por essa época, minha mulher, que tinha tido três abortos espontâneos e desde então não tornara a engravidar, concebeu um filho. Assim, nasceu o meu primeiro filho justamente quando eu acabara de concluir as pesquisas do livro *A Verdade da Vida* e compilar, sob o título *A Humanidade é Isenta de Pecado*, os trechos extraídos. Meu filho recebeu do prof. Taniguchi o nome Yukitaka. Na seção *Meisō-jōki* ("Mesa limpa junto à janela") da revista *Seicho-No-Ie* de março de 1958, o prof. Taniguchi narra, como segue, o nascimento do meu filho:

> Aproveito esta oportunidade para informar que, no final do ano passado, a esposa do preletor Kamino Kusumoto, da Academia de Treinamento

Espiritual de Uji, deu à luz um robusto menino. A sra. Kusumoto já teve três abortos. O preletor Kusumoto achava que esse infortúnio era conseqüência do pecado de ingratidão contra os pais que ele cometera na juventude, ou então era devido a uma causa cármica que impedia o casal de continuar a linhagem da família, e receava que jamais viesse a ter um herdeiro do próprio sangue. Foi quando o prof. Katsumi Tokuhisa, visando proporcionar aos funcionários das Academias de Tobitakyu, Uji e outras a oportunidade de ler atenta e assiduamente o livro *A Verdade da Vida*, ordenou que cada um se concentrasse numa determinada questão e extraísse do livro trechos relevantes sobre o assunto. A tarefa atribuída ao preletor Kamino Kusumoto era concentrar especial atenção nos trechos de *A Verdade da Vida* que falam sobre a Verdade da *inexistência de pecado*, extraí-los e organizá-los. Pois bem: enquanto o preletor Kusumoto se empenhava em estudar essa Verdade e copiar os trechos que falam sobre ela, foi se gravando de modo definitivo em seu subconsciente o pensamento "Tanto o pecado de ingratidão contra os pais como a causa cármica que impossibilita o nascimento do herdeiro, não existem realmente". Com essa mudança de postura mental, desapareceu a causa psicológica (pensamento subconsciente) que motivara os abortos na sua mulher; assim, ela engravidou e deu à luz um belo e robusto menino. Este exemplo comprova que o carma é retido no subconsciente e que, ao se purificar o subconsciente com a leitura assídua dos livros sagrados, todos os carmas maléficos, sejam os da pessoa, sejam os transmitidos pelas gerações anteriores, acabam desaparecendo.

Lendo esse artigo, compreendi realmente a causa dos abortos ocorridos anteriormente, bem como o porquê de finalmente ter chegado o filho tão esperado.

Logo depois que nasci, meus pais se separaram; e quando eu estava com 13 anos, minha mãe casou-se de novo. Passei a odiar os três — meu pai, meu padrasto e minha mãe. Felizmente, tive a oportunidade de participar de um Seminário de Treinamento Espiritual na Academia de Tobitakyu e, graças a isso, tornei-me capaz de sentir gratidão a eles.

Posteriormente, quando fui desfazer o noivado com certa pessoa, reencontrei, por coincidência, o meu verdadeiro pai, de quem eu fora separado havia mais de vinte anos. Alguns anos depois desse reencontro, conheci outra moça e me casei.

Nosso casamento contou com o apoio e a bênção de nossos pais e de muitas pessoas do nosso círculo. Pouco depois, minha mulher engravidou, o que foi motivo de grande alegria para nós. Mas ela perdeu o bebê logo no início da gravidez. Ela engravidou de novo, mas, não sei

por quê, o nosso relacionamento se tornou hostil e passamos a brigar com freqüência. Analisando o fato agora, reconheço que brigávamos por motivos fúteis. Mas o fato é que, em conseqüência dessa desarmonia, minha mulher perdeu o bebê. Depois desse segundo aborto, refletimos seriamente sobre nossa conduta e prometemos viver em harmonia para sermos abençoados com nova concepção. Esforçamo-nos nesse sentido e, por fim, minha mulher engravidou pela terceira vez. Mas, inexplicavelmente, voltou a pairar uma atmosfera hostil entre nós, apesar dos nossos esforços para convivermos em harmonia. Era algo que não conseguíamos controlar. Tratava-se de algum tipo de carma. E minha mulher acabou abortando de novo. Queríamos saber o porquê dos abortos sucessivos e analisamos a questão sob todos os ângulos, mas não obtivemos resposta. Parecia que entre minha mulher e eu atuava uma força estranha que provocava desarmonia e infelicidade sempre que ela engravidava.

Felizmente, fomos salvos pela Verdade. Como mencionei anteriormente, empenhei-me em extrair dos quarenta volumes de *A Verdade da Vida* trechos que se referem à Verdade "Pecado é originalmente inexistente", organizei-os e compilei-os sob o título *A Humanidade é Isenta de Pecado*. E, na mesma época em que esse trabalho foi concluído, nasceu nosso primeiro filho, certamente por ter sido extinguido o "carma" que vinha passando de geração em geração na nossa família. Saliento, mais uma vez, que

este livro é uma compilação dos trechos de *A Verdade da Vida*, que contêm as palavras sagradas com o poder de extinguir forças cármicas negativas.

Na família Kusumoto havia um terrível carma que vinha passando de geração em geração, e que impedia a coexistência de pais e filhos. Casei-me sem saber desse carma. Assim, se nascesse um filho, minha mulher e eu estaríamos fadados a ser privados do convívio com ele. Devido ao carma, nós ou o nosso filho acabaríamos morrendo. E, de fato, ocorreram sucessivos abortos.

Era um "carma" terrível que vinha se transmitindo de geração em geração. Mas quando me empenhei na tarefa de extrair da coleção *A Verdade da Vida* trechos sobre a *inexistência original do carma e do pecado* e estudá-los atentamente, ficou gravada no meu subconsciente a Verdade "O ser humano é originalmente filho de Deus, livre de pecado"; em conseqüência, o carma se extinguiu e finalmente nasceu o nosso primeiro filho. Depois dele vieram mais dois filhos, e hoje somos uma família verdadeiramente feliz.

Quando acabei de juntar as folhas manuscritas deste livro, anexei um retrato de meu filho e fui para a casa do prof. Taniguchi para oferecer a ele o produto do meu trabalho. Na ocasião, ao ouvir as sinceras palavras de felicitação da profª Teruko, fiquei mudo de emoção por uns instantes e depois acabei prorrompendo em lágrimas.

Assim, graças à benevolência do prof. Masaharu Taniguchi, autor dos quarenta volumes de *A Verdade da Vida*,

foi possível a publicação deste livro *A Humanidade é Isenta de Pecado*, que é resultado da compilação de vários trechos de sua obra.

Aos que estão sofrendo, como eu sofri, por causa da idéia de pecado e da influência de "carmas maléficos" transmitidos de geração para geração, recomendo extinguir a idéia de pecado e carma lendo este livro que contém trechos de *A Verdade da Vida* que explicam a Verdade da inexistência de pecado e carma. Jesus Cristo disse: "Conhecereis a Verdade e a Verdade vos tornará livres". Lendo repetidas vezes a obra completa *A Verdade da Vida*, a pessoa se libertará de todos os tipos de carmas maléficos, pois ficará gravada no âmago de sua mente a Verdade de que "Pecados e carmas não existem originalmente". Em conseqüência, a felicidade se instalará em seu lar e os seus empreendimentos prosperarão. E se todas as pessoas lerem *A Verdade da Vida*, com certeza deixará de haver guerra entre os povos e se estabelecerá o paraíso terrestre de eterna paz.

Recomendo a todos a leitura deste livro, na qualidade de testemunha do poder do ensinamento contido na obra *A Verdade da Vida*, pois graças a ele libertei-me das "amarras" do carma que foi transmitido através de gerações e pude reaver o paraíso na minha vida.

8 de dezembro de 1972
Kamino Kusumoto

ÍNDICE

PALAVRAS DO COMPILADOR 7

CAPÍTULO 1 — A AÇÃO DO SUBCONSCIENTE

O desejo de autodestruição 21
Os estados psicológicos que criam doenças 23
Idéia de auto-acusação 28
Exaltação do sofrimento 39
O desejo de libertar-se da "prisão" do corpo carnal 41
O corpo carnal é inimigo da liberdade 43
Os males não são castigos de Deus, são efeitos da lei mental 50
Por que ficam doentes as pessoas boas? 54
Exaltação da pobreza honrada 57
Religião que infunde medo é uma religião distorcida ... 59
O que é "ira de Deus"? 61
Crença em Deus misericordioso, que não castiga a humanidade 63

CAPÍTULO 2 — TRANSCENDER O CARMA

Crer na Imagem Verdadeira e praticar o bem 71
Purificar os carmas por meio da gratidão 85
Confiar na desintegração dos carmas 87
Despertando para a Imagem Verdadeira, transcendemos o carma 93
A "religião viva" destrói os carmas 99

A convicção de ser capaz de executar o dobro da tarefa incumbida 102

CAPÍTULO 3 — CONSIDERAÇÕES SOBRE ARREPENDIMENTO

O pecado se extingue com o arrependimento 109
O pecado se extingue quando reconhecemos o erro 111
Expor o pecado, em vez de ocultá-lo 118
Tomar a decisão de praticar o bem 122
Assumir a culpa de tudo 123
Não se alcança a salvação envaidecendo-se das boas ações 138
"Se deseja manifestar seu arrependimento, mentalize a Imagem Verdadeira" 142
Desperte para a sua natureza verdadeira 145
Ao perdoarmos o próximo, somos perdoados por Deus 146

CAPÍTULO 4 — ENCOBRIMENTO DA NATUREZA DIVINA DO HOMEM

O homem verdadeiro, um filho de Deus 151
O equívoco de muitos cristãos modernos, que cultuam o Cristo carnal em vez do Cristo-Deus 156
As desavenças religiosas têm origem na adoração de imagens 158
A origem da falta de liberdade do ser humano 159
Cristo e Nicodemos 160
A salvação proveniente da conscientização da natureza

divina e eterna do homem verdadeiro (Imagem Verdadeira) 165
A origem da idéia de pecado 166
A autocondenação pelos pecados cometidos e sua finalidade 173
A história do mundo é o resultado das sentenças ditadas pela mente da própria humanidade 176
O pecado concretiza-se 177
O meio para extinguir o pecado 179
Pecado contra o próximo 181
A purificação do amor 183

CAPÍTULO 5 — O PERDÃO DO PECADO, SOB O PONTO DE VISTA RELIGIOSO

Tudo já existe na Imagem Verdadeira do homem 185
O mérito da oração 186
O paraíso já existe 187
O segredo da *Meditação Shinsokan* 188
Ter fé não é implorar 189
Veja a provisão ilimitada do mundo da Imagem Verdadeira 194
Como amar realmente a Deus 195
A idéia errônea que aparta de Deus o homem 197
O meio de eliminar o pecado 198
Na verdade, não há pecado 203
Oração para manifestar a Imagem Verdadeira 206
Orações que não serão atendidas 207
O significado de "punir o pecado" 209

A destruição do pecado 211
Interpretação do "pai-nosso" 219
O meio para se abastecer na fonte da Vida infinita 222

CAPÍTULO 6 — O CAMINHO PARA O MUNDO DA IMAGEM VERDADEIRA

O eterno fluir da Vida 224
Transcendendo o *jakkō* ("mundo da claridade serena") 228
Eliminando-se a ilusão, manifesta-se a Imagem Verdadeira 260
Reverenciar a Vida 272
Alcançar o mundo da Imagem Verdadeira 297

CAPÍTULO 7 — PROPOSIÇÃO DE UMA RELIGIÃO ALEGRE 305

CAPÍTULO 8 — A HUMANIDADE É ISENTA DE PECADO

O que é o Movimento de Iluminação da Humanidade encetado pela Seicho-No-Ie 317
A expulsão do homem do jardim do Éden 320
A identidade entre a ciência e a religião 324
A concretização do paraíso terrestre 328
Caso de pessoa que se curou de nefrite ao conhecer a Seicho-No-Ie 335
Por que é possível apreender a presença de Deus? 340
Diversos casos de cura ocorridos na Seicho-No-Ie 342
Como ocorre a melhora do ambiente doméstico 351
Por que o pecado se extingue? 355

Espero que um dia a humanidade toda se liberte do carma e da idéia de pecado pela leitura assídua deste livro
(o autor)

CAPÍTULO 1
A AÇÃO DO SUBCONSCIENTE

O desejo de autodestruição

Por que a humanidade faz guerras apesar de buscar a paz? Poucos são os que conhecem a sua verdadeira causa. A humanidade, apesar de buscar o caminho para a Vida, parece seguir o caminho da morte. Isto se deve ao fato de o homem não saber que ele é, na sua essência, um ser espiritual puro e imaculado, e de estar praticando autopunição e autodestruição, levado pela idéia cristã de pecado original ou pela idéia budista sobre a inexorabilidade do carma. O homem que vê a si próprio como *matéria* ou *corpo carnal* é dominado pelo desejo de afirmar o seu "eu" físico e ampliar o seu campo de ação. E já que a *matéria* é sujeita a limitações, o desejo de "auto-expansão" ilimitada leva inevitavelmente os homens a entrar em conflito e disputa uns com os outros. Por conseguinte, enquanto se basear na visão materialista da vida, a humanidade provocará guerras apesar de desejar a paz, e prosseguirá no caminho da autodestruição, apesar de desejar o pleno desenvolvimento da vida.

Recentemente li a tradução do livro *O Homem Contra Si Próprio*, de autoria do dr. Karl Menninger, um expoente da medicina psicossomática dos Estados Unidos.

É um interessante livro de psicanálise que qualifica o contraditório desejo de autodestruição como "instinto de suicídio", e as doenças crônicas como "suicídios lentos". E explica, citando exemplos reais, que as doenças são curadas quando se corrige esse instinto de autodestruição. Em relação às pessoas que lamentam a má sorte, Menninger afirma que a má sorte não é algo que vem de fora. Segundo ele, é a própria pessoa quem prepara as coisas, inconscientemente, de tal forma que os outros a coloquem em má situação, e dessa forma saboreia uma espécie de prazer masoquista em suportar os sofrimentos da situação adversa em que se colocou.

O interessante é que os psicopatologistas começaram a afirmar que as guerras, os conflitos, os desastres, as calamidades, as doenças, a pobreza e todas as formas de infelicidade são resultados da tendência masoquista de autodestruição do homem e que, enquanto não for eliminado esse desejo de autodestruição, a humanidade não poderá evitar sua caminhada para o mundo da morte, apesar de buscar o caminho que conduz à Vida.

Se as pessoas que lêem a minha coleção *A Verdade da Vida* curam-se das doenças de modo natural, não se ferem nem mesmo num campo de batalha e conseguem superar os mais variados problemas da vida, é porque através dessa leitura elas conscientizam que o homem é *Espírito Perfeito* e não um ser material, eliminam o sentimento de culpa do tipo "pecado original" comum a toda humanidade, e,

em conseqüência, libertam-se do desejo de autopunição e autodestruição. (Volume 3)

Os estados psicológicos que criam doenças

Sempre digo que, no íntimo de todos os seres humanos está profundamente gravado aquilo que se chama "idéia de pecado". O desejo (consciente ou não) de redimir os pecados leva as pessoas a torturarem seus próprios corpos. Assim como os ascetas do bramanismo, as pessoas em geral também torturam seus corpos. Mas, ao passo que os ascetas torturam seus corpos "por fora", as pessoas comuns o fazem "por dentro" criando doenças de todos os tipos, e depois se queixam aflitas: "Estou com tuberculose", "Sofro do coração", "Estou com esgotamento nervoso", etc. Mas, no íntimo, as pessoas doentes experimentam uma espécie de prazer pelo fato de se encontrarem nesse estado. Conscientemente elas sofrem, gemem, e se queixam das enormes despesas com remédios e tratamentos; mas, em seu subconsciente, elas sentem prazer em estar doentes, da mesma forma que os praticantes de asceses sentem prazer em submeter-se a jejuns prolongados ou a banhos de água gelada. É realmente assombrosa a ação do subconsciente. Muitas vezes, ela se manifesta de modo totalmente inesperado, provocando os mais variados tipos de doença.

Numa cidade da província de Yamaguchi, mora um farmacêutico que aqui vou chamar de sr. I. Ele vinha sofrendo, havia muito tempo, de uma doença renal crônica. Certo dia, um laboratório farmacêutico mandou-lhe um novo remédio para os males dos rins, juntamente com a seguinte carta: "Estamos enviando-lhe um novo remédio para doenças dos rins, de grande eficácia. Solicitamos que o senhor experimente este produto. Garantimos-lhe que, após um mês de uso deste remédio, o senhor não mais constatará a presença de albumina em sua urina. Se, depois de um mês, ainda for constatada a presença de albumina em sua urina, o senhor não precisará pagar nada. Mas se o remédio surtir efeito, queira, por gentileza, efetuar o pagamento de trinta ienes, que é o seu valor". O fabricante parecia estar realmente seguro da eficácia desse remédio, pois, caso contrário, não se arriscaria a dizer que o cliente "não precisaria pagar nada, se não ocorresse a cura". Devido ao poder de sugestionamento daquelas palavras confiantes, o sr. I achou que esse remédio deveria ser realmente eficaz, e resolveu experimentá-lo. Passou a tomá-lo, e diariamente efetuava exame de urina. Cada dia que passava, menor se tornava a quantidade de albumina na urina. Decorridos cerca de vinte e cinco dias, a urina já se apresentava límpida, constatando-se apenas uma quantidade insignificante de albumina. Então, o sr. I pensou: "O remédio foi eficaz mesmo. Isso significa que, ao completar trinta dias, vou ter de pagar trinta ienes, conforme o

combinado". Ele não estava nada contente em ter de pagar essa quantia. Mas, o exame de urina efetuado no trigésimo dia indicou a presença de uma quantidade bastante elevada de albumina e, por essa razão, o sr. I não precisou pagar o preço daquele remédio. Como explicar esse repentino aumento da quantidade de albumina na urina, justamente no trigésimo dia de uso daquele remédio? Creio que, àquela altura, a doença renal do sr. I já estava realmente debelada, visto que os exames diários de urina vinham acusando uma redução gradual da quantidade de albumina, e por volta do vigésimo quinto dia praticamente não se constatava mais a presença de albumina em sua urina. Mas, quando o sr. I viu-se obrigado a pagar trinta ienes, o seu subconsciente "criou" novamente a doença, para que não fosse preciso desembolsar essa quantia.

Como vemos nesse exemplo, o nosso subconsciente fabrica as doenças por conveniência. Mesmo quando o nosso consciente não está arquitetando artimanhas para escapar de alguma responsabilidade, o nosso subconsciente freqüentemente age nesse sentido e, para atingir o objetivo, cria doenças, ou seja, faz com que manifestemos os mais variados tipos de enfermidades. Portanto, se não queremos ficar doentes, precisamos, antes de mais nada, purificar o nosso subconsciente.

Naturalmente, os tratamentos médicos também têm a sua eficácia sobre as enfermidades, no sentido de eliminar as "condições oportunas" das doenças. Os médicos,

restritos ao seu campo, não fazem aos seus pacientes perguntas como "O senhor vive brigando com sua esposa, não é?", "O senhor tem algum problema em casa?", porque acham que fazer esse tipo de perguntas é ser intrometido, e receiam que as pessoas evitem médicos que interfiram em suas vidas particulares. Assim, eles não podem curar os conflitos íntimos de seus pacientes, conflitos esses gerados por atritos no ambiente doméstico. Por essa razão, eles se limitam a eliminar apenas as "condições oportunas" da doença, através de tratamentos e medicamentos, deixando de lado a solução dos conflitos íntimos do paciente, os quais constituem a *verdadeira causa* da doença. Conseqüentemente, o paciente consegue apenas uma cura temporária. Continuando a existir os conflitos íntimos, logo ele torna a ficar doente. Quando há atritos no seio de uma família, cada um de seus membros deixa-se dominar por sentimentos negativos como a ira, o ódio, o ciúme, o antagonismo, o medo, e tudo isso se reflete no organismo, provocando alterações no funcionamento das glândulas de secreção interna, na circulação do sangue, no sistema nervoso, na pressão sangüínea, etc. Por isso, enquanto houver atritos na família, não poderá ocorrer a cura definitiva da doença. Portanto, eu gostaria que, de agora em diante, os médicos, além de curar "temporariamente" a doença neutralizando ou expulsando as toxinas por meio de remédios, fossem mais adiante e ajudassem os pacientes a se curarem dos conflitos íntimos gerados pelos atritos

no ambiente doméstico. Acredito que, desse modo, as doenças não só serão debeladas com muito maior rapidez, como também não voltarão a se manifestar.

Em suma, a cura definitiva das doenças só se consegue quando a religião e a medicina agem conjuntamente no sentido de extingui-las por completo. Se de um lado a religião eliminar a "causa" da doença, e, do outro lado, a medicina acabar com a "condição oportuna", então será impossível ocorrer a manifestação do "efeito" denominado doença. Dessa forma, concretizar-se-á o Paraíso Terrestre, onde não haverá sequer uma pessoa doente. Talvez haja quem argumente que os médicos irão à falência e cairão na miséria se desaparecerem todos os enfermos da face da Terra, com a transformação desta em Paraíso. Pois eu digo que os médicos, sendo pessoas inteligentes e cultas, não passarão necessidade mesmo quando chegar o dia em que a humanidade não mais necessitar deles. Eles encontrarão facilmente outras ocupações através das quais poderão ser úteis ao mundo. Confidencialmente, acho que nem todos os médicos têm a intenção de continuar exercendo durante toda a vida essa profissão que os obriga a acordar no meio da noite para atender casos de emergência, e que lhes tira cada vez mais o sossego à medida que aumenta o número de clientes. Creio que eles mudarão de profissão sem hesitar, assim que surgir um mundo sem doentes. (Volume 29)

Idéia de auto-acusação

Há alguns dias recebi uma carta interessante, cujo teor transcrevo a seguir:

"Excelentíssimo senhor Taniguchi.

"No fim do ano passado, encomendei o livro *A Verdade da Vida* de sua autoria, e no início deste ano recebi o aviso para remeter o numerário correspondente. Mas, na época, surgiram vários contratempos que me deixaram endividado. Por isso, embora desejasse enviar aquela importância, não pude fazê-lo e acabei tornando-me relapso. É óbvio que uma pessoa relapsa como eu merece um castigo, mas creio que o senhor me perdoará, pois estou arrependido do fundo do coração. A partir de agora, serei correto e cumprirei minhas obrigações. Queira perdoar a minha falta. No dia 14, enviei o dinheiro através de banco para ser creditado em sua conta. Peço encarecidamente que me envie o exemplar de *A Verdade da Vida* que encomendei.

"A propósito, devo confessar ao senhor um fato que me deixou apavorado. Como eu não andava bem de saúde, fui fazer promessa à divindade Hakusan para expiação de meus pecados visando à cura da doença. A divindade mandou dizer, através de um médium, que eu deveria confessar e me penitenciar urgentemente, o que fiz durante uma semana, arrependido do fundo do coração. No sétimo dia, lembrando-me de não ter pago o livro que encomendara

ao senhor e atormentado pelo sentimento de culpa, consultei a divindade Hakusan sobre o mal que esse pecado poderia causar. A resposta foi: 'Esse pecado é que está causando a sua doença'. Imediatamente pedi que a divindade intercedesse por mim junto ao 'Deus da Seicho-No-Ie' para que me perdoasse, no que fui atendido. Obviamente, eu também pedi o perdão. O 'Deus da Seicho-No-Ie' é muito bondoso e perdoou-me, mas a divindade Hakusan demorou para me perdoar. O senhor também deve estar ressentido comigo. Suplico-lhe que seja indulgente comigo, perdoe o meu pecado e me envie um exemplar de *A Verdade da Vida*. Como a divindade Hakusan aguçou minha sensitividade paranormal, posso sentir que o mencionado livro é uma obra rara e que será de grande utilidade para mim."

Esta carta é do sr. Hirochika Komori (pseudônimo), da província de Chiba. Ele diz que a causa de sua doença era, segundo advertência da divindade Hakusan, o "pecado" de não ter pago a encomenda do livro sagrado *A Verdade da Vida*, da Seicho-No-Ie. É interessante o trecho em que ele diz: "O 'Deus da Seicho-No-Ie' é muito bondoso e perdoou-me, mas a divindade Hakusan demorou para me perdoar". O Deus Verdadeiro, o único Deus Criador, a quem por conveniência denominamos "Deus da Seicho-No-Ie", não castiga. O Deus Único e Verdadeiro é Bem Supremo, é Misericórdia Suprema, é Amor Supremo e não cria pecadores. Por isso, aos olhos de Deus,

não existe um pecador sequer. Por conseguinte, não existe também o castigo de Deus. Então, que castigo é esse a que se refere o sr. Hirochika Komori? Esse castigo é obra da mente da própria pessoa e dos seres do mundo espiritual (a divindade Hakusan é um deles) que têm ligação com a mente dessa pessoa. Quando o homem tem um pensamento não condizente com a perfeição da sua natureza original de *filho de Deus*, surge dentro dele um processo para fazer com que esse pensamento, que é inatural e originariamente inexistente, desfaça-se por si mesmo e seja restaurado o estado natural. Esse processo chama-se **Processo de desintegração do pecado** e toma a aparência de castigo de Deus. O "processo de desintegração" assemelha-se ao movimento das ondas do mar. Quando as ondas estão agitadas, parece que a agitação é interminável, mas chega o momento em que as ondas desaparecem naturalmente. Da mesma forma, há fases em que os maus elementos parecem prosperar de vento em popa, conforme o ditado japonês "O mal, quando prospera, parece vencer o Céu". Mas, como é uma "prosperidade falsa", depois de algum tempo eles se tornam infelizes, colhendo o fruto dos males que praticaram. Por isso, é verdade o que diz o provérbio "Os bons recebem felicidade inesperada, e os maus, desgraça inesperada". Mas o que é que causa essa felicidade ou desgraça? É a mente (subconsciente) da própria pessoa, que age de dentro. Quando surge algo anormal (errado) na mente da pessoa, ocorre uma

reação natural para fazer com que a mente volte ao estado normal, e é isso que provoca o efeito chamado desgraça. Portanto, quando pensamos ou agimos de uma forma não condizente com a retidão de um filho de Deus, **somos atraídos pela infelicidade como conseqüência da reação natural de corrigir o que está errado e acalmar o que está agitado.**

Cientes de que as infelicidades surgem como uma forma de anular os pensamentos e os atos praticados pelo "eu falso", que não é filho de Deus, algumas pessoas, tais como os ascetas brâmanes da Índia, procuram voluntariamente submeter-se aos mais diversos sofrimentos e torturas, a fim de anular seus pecados. Existem também casos em que, embora a própria pessoa não procure sofrimentos e torturas, o espírito protetor que orienta essa pessoa exige-lhe a remissão dos pecados, provocando uma série de sofrimentos, como aquele descrito na carta do sr. Komori (para cada pessoa existe um espírito protetor, que, na maioria das vezes, é um dos espíritos dos antepassados). O espírito protetor é um ser espiritual, e o homem também é um ser espiritual; e no subconsciente de ambos está igualmente arraigada a idéia de que, uma vez cometido um pecado (encobrimento da Imagem Verdadeira do filho de Deus), é necessário adoecer, empobrecer, ter uma desgraça na família ou sofrer de alguma forma, para que esse pecado seja perdoado. Esse pensamento está tão fortemente gravado no subconsciente de cada um quanto a

convicção da humanidade toda de que "o homem sangra quando é ferido a faca". Portanto, mesmo que o homem não tenha no consciente a idéia de pecado nem pense em expiá-lo, seu subconsciente e seu espírito protetor estão indubitavelmente inclinados a expiar o pecado através do sofrimento. Por conseguinte, quando surge uma ocasião, aflora subitamente do fundo do subconsciente uma idéia propícia para concretizar algum tipo de sofrimento no corpo ou alguma situação infeliz. "Idéia que surge repentinamente" é quase sempre a causa de nossa felicidade ou infelicidade.

Por exemplo, para se abrir uma casa comercial, é preciso escolher o ramo de negócio, o "ponto", o tipo de decoração, etc., e tudo isso é decidido pelas "idéias que surgem repentinamente". Se a idéia repentina da pessoa for um negócio fadado a fracassar, ela alugará, inconscientemente, um salão em local sem movimento, e também inconscientemente decorará a loja de modo a desagradar as pessoas; em conseqüência, não terá muitos fregueses, fará somente dívidas e acabará num total fracasso. Por mais que se esforce, não conseguirá aumentar as vendas do dia. Em casos como esse, o que vai ocorrer num dia já está definido com vários dias de antecedência, podendo até ser previsto, como vimos num exemplo anteriormente citado.

Mesmo para se conseguir um emprego, há casos em que a pessoa **vê, de repente**, no jornal que está lendo, um

anúncio "Precisa-se de..." e, interessando-se, envia o currículo e é admitido. Entretanto, há também casos em que a pessoa, mesmo tendo bem diante de si um anúncio de emprego apropriado, não o percebe, ou, mesmo percebendo, não se interessa por algum motivo, não envia o currículo, acaba deixando escapar a boa oportunidade e continua sofrendo por estar desempregado.

Vejamos mais um exemplo: Um homem e uma mulher se encontram por acaso, sentem-se repentinamente atraídos um pelo outro; esse namoro pode se tornar causa da infelicidade de ambos para o resto da vida, conduzindo-os a um desfecho trágico; mas pode também acontecer de esse encontro se tornar o ponto de partida para os dois construírem um lar harmonioso e viverem felizes a vida inteira.

Seja como for, o ponto de partida para a felicidade ou para a desgraça está na "idéia que surge de repente". Mas, de onde vem repentinamente tal idéia? Ela vem das camadas profundas de nossa mente; pode ser uma imagem ou uma vontade que aflora do fundo de nosso subconsciente. E de que maneira essa idéia vem à tona de repente? Poderá vir de duas maneiras: no primeiro caso, ela surge como "som" do "alto-falante" de nossa mente quando esta capta as vibrações que vêm do espírito protetor ou de um espírito rancoroso, da mesma forma que o radiorreceptor emite som quando capta uma transmissão radiofônica; no segundo caso, ela surge como "som" do "disco interno" do

nosso subconsciente, onde estão gravados todos os nossos carmas benéficos (virtudes) e maléficos (pecados).

Vejamos por que captamos as ondas espirituais que vêm de fora como se fôssemos um radiorreceptor. Isso acontece porque nossas ondas mentais sintonizam com essas ondas espirituais. Se não houvesse sintonia, não as captaríamos, por mais que fossem transmitidas. O mesmo acontece com um radiorreceptor: se estiver sintonizado com a emissora A, não poderá captar os programas da emissora B. Dizemos que "surge repentinamente" uma idéia em nossa mente por captação de ondas espirituais que vêm de fora, mas, se isso acontece, é porque as ondas mentais do nosso interior sintonizam com essas ondas espirituais. Portanto, **se surge de repente uma idéia, a causa está em nossa própria mente**. Por existir em nosso próprio subconsciente algo da mesma espécie que o contido nas ondas espirituais externas, nós as captamos e concebemos subitamente uma idéia com tal conteúdo. Daí concluímos que, tanto a idéia que brota do "disco" do subconsciente que toca automaticamente em nosso interior, quanto a idéia inspirada pelas vibrações espirituais externas, ambas se originam do fundo da nossa mente. Em outras palavras, nós traçamos o nosso próprio destino.

As infelicidades que muitas vezes nos atingem não são castigos que vêm de fora, infligidos a nós por Deus. É o nosso subconsciente que faz com que tenhamos a infeliz idéia de entrar num negócio fadado a fracassar, faz

com que fiquemos apaixonados por uma pessoa com a qual teremos um relacionamento desastroso, ou faz com que partamos de carro justamente num horário que envolve grande risco de vir a colidir com um trem. Obviamente, se atravessarmos a ferrovia um segundo antes ou depois de passar o trem, não ocorrerá a colisão. Portanto, é impossível saber com precisão a hora de partida que poderá levar a uma colisão com o trem, num entroncamento; é tão difícil quanto acertar na loteria. Apesar de tamanha dificuldade, nosso subconsciente age com impressionante precisão ao fazer com que resolvamos partir exatamente na hora propícia para sofrermos um acidente. Nosso subconsciente, que está numa dimensão invisível como a água subterrânea, percebe os sinais dos vários acontecimentos próximos, escolhe um deles e nos encaminha para lá. No Japão existe a expressão "Agir após ponderar bastante", mas é um grande equívoco pensar que isso basta para se conquistar a felicidade. Há algum tempo, o filho do sr. Fusanosuke Kuhara, secretário-geral do Partido Seiyukai, e o filho do sr. Tokushichi Nomura, deputado da Câmara dos Nobres, saíram de carro e este se chocou com um trem da linha Hankyu. Ambos ficaram gravemente feridos e faleceram. Eles teriam escapado à morte se tivessem atravessado a linha um instante antes ou depois. Esse fato nos faz perceber que a "ponderação" não tem quase nenhum poder para mudar o destino do homem. Através da ponderação não se pode saber se é preciso antecipar ou atrasar um minuto

a partida, de modo a evitar uma colisão. Podemos dizer, portanto, que o destino do homem está fora do alcance da ponderação. O destino das pessoas é controlado por uma **força** alheia à ponderação. Se dissermos que essa **força** que controla nosso destino está fora de nós, estaremos pregando o fatalismo. Entretanto, como foi esclarecido anteriormente, essa força que determina nosso destino está em nosso próprio subconsciente, a qual faz **surgir de nosso interior** a "súbita idéia" sobre o que fazermos.

O subconsciente atua numa camada mais profunda que o consciente e vai processando nossa purificação, eliminando nossos pecados, sem que o percebamos. Esse processo de purificação exige expiações em quantidade proporcional à de pecados, segundo a lei do Velho Testamento "Olho por olho, dente por dente"; em outras palavras, se houver cinco pecados, a purificação será feita com cinco expiações, e se forem dez os pecados, serão necessárias dez expiações. A autopunição através do subconsciente funciona rigorosamente como a lei matemática, segundo a qual 2+2=4, 2-2=0. Entretanto, essa punição implacável constitui o processo de auto-eliminação dos pecados segundo o julgamento do nosso próprio subconsciente, e não é conseqüência do julgamento de Deus.

Se tivéssemos de nos purificar unicamente por meio de autopunição, expiando um por um todos os pecados acumulados, não conseguiríamos a purificação total em uma única encarnação.

No mundo existem pessoas que, além dos sofrimentos que lhes sobrevêm naturalmente como processo de auto-eliminação dos pecados e purificação do subconsciente, procuram voluntariamente receber os sofrimentos a fim de expiar seus pecados diante de Deus e acalmar Sua ira. Todavia, é um grande erro pensar que o homem precisa punir a si mesmo com sofrimentos para aplacar a ira de Deus, receber Seu perdão e agradá-Lo. A expiação não consiste em acalmar a ira de Deus, exibindo-Lhe cenas de *autocondenação* e *autopunição*. Deus Criador não deseja que nenhuma pessoa sofra, pois Ele é Deus do Amor. O sr. Hirochika Komori compreendeu isso e em sua carta escreveu: "O 'Deus da Seicho-No-Ie' é bondoso e perdoou-me". Quem não compreende isso não conhece Deus Verdadeiro. No cristianismo é dito que Jesus se deixou crucificar para resgatar os pecados de todos os homens, e no budismo diz-se que *Hōzō-Bosatsu* sofreu durante longos e longos anos para remir os pecados da humanidade. Dizem que fizeram isso para expiar nossos pecados. Contudo, o sentido de expiar os pecados não é acalmar a ira de Deus e fazer com que Ele perdoe os homens. Deus, Criador do Universo, é Deus do Supremo Amor e da Suprema Misericórdia, e jamais nutre sentimentos de ódio ou de ira. Portanto, não tem lógica dizer que Jesus expiou os pecados deixando-se pregar na cruz a fim de acalmar a ira de Deus e fazer com que Ele perdoasse todos os homens.

Então, por que razão Jesus Cristo e *Hōzō-Bosatsu* foram enviados a este mundo para resgatar nossos pecados, um sofrendo na cruz em nosso lugar e outro passando por muitos sofrimentos durante longos e longos anos? Não foi para acalmar a ira de Deus, nem para fazer com que Deus perdoasse todos os homens. Na verdade, foi para **amainar a idéia de autopunição gravada no subconsciente do próprio homem e facilitar a este a aceitação do amor e do perdão de Deus. O que deve ser amainado não é a ira de Deus, e sim a idéia de autopunição que existe no subconsciente do homem.** Deus sempre perdoa, em toda e qualquer circunstância, mas a "idéia de autopunição arraigada no subconsciente do ser humano" não perdoa os pecados sem expiação. Por essa razão, torna-se necessário algum substituto que expie os nossos pecados. E quando alguém for punido em nosso lugar, a "idéia de autopunição arraigada em nosso subconsciente" absolve-nos e nos livra dos efeitos do pecado.

Compreendendo que a pessoa que sofreu por nós para nos libertar do pecado é uma pessoa enviada por Deus, ou melhor, é a encarnação do próprio Deus, compreendemos também que o pecado é perdoado e eliminado no momento em que voltamos a mente para Deus, assim como a treva desaparece naturalmente quando nos voltamos para a luz. Quando nos volvemos em direção à Luz Verdadeira (Deus), já não existe mais o pecado, porque o pecado não é existência verdadeira e pertence a um mundo falso.

E, compreendendo que o pecado não existe, torna-se desnecessária a autopunição através do subconsciente. Se tivéssemos de nos purificar do acúmulo de pecados através da autopunição, somente o conseguiríamos após muitos sofrimentos tais como doenças, contratempos, miséria, etc. Porém, se voltarmos a mente para Deus, orarmos e nos ligarmos a Ele, desaparecerão nossos pecados acumulados, sem que passemos por tantos sofrimentos. Mesmo aqueles que pareciam destinados a sofrer, terão seus sofrimentos eliminados ou consideravelmente reduzidos. Isto se assemelha ao fato de desaparecer a sombra à nossa frente quando nos voltamos para a luz. (Volume 4)

Exaltação do sofrimento

A sra. Nobuko Miya continuou mantendo sua profunda fé cristã; depositava todos os problemas deste mundo nas mãos de Deus e, mesmo sofrendo os mais duros golpes de infelicidade, continuava agradecendo a Deus. Há três anos, ela perdeu o filho mais velho, a quem dedicava imenso amor; mas, mesmo naquela ocasião, ela agradeceu a Deus, pensando: "Isso também são desígnios de Deus". Esse tipo de fé, que se caracteriza pela "exaltação do sofrimento", é bastante comum entre os cristãos mais antigos. Nas camadas mais profundas do subconsciente dessas pessoas encontra-se, latente, o desejo de

imitar o sofrimento de Jesus Cristo, ou seja, o desejo de passar pelos mesmos sofrimentos suportados por Jesus Cristo. À primeira análise, isso parece um pensamento sublime. Mas, nesse tipo de fé, quanto mais fervorosa for a devoção da pessoa, mais infelicidades lhe advirão. Como a pessoa acredita que suportando os sofrimentos estará agradando a Deus, quanto mais fervorosa for a sua fé, e quanto maior o desejo de agradar a Deus, mais o seu subconsciente agirá no sentido de atrair doenças e infelicidades. Freqüentemente ouvimos comentários como: "Não entendo por que uma pessoa com fé tão fervorosa como o fulano contraiu uma doença tão grave. De que adianta crer em Deus ou Buda?". Mas justamente devido ao fervor de sua fé que certas pessoas sujeitam-se inconscientemente a doenças e infelicidades. São Francisco de Assis foi uma dessas pessoas. Ele costumava rezar para que lhe fossem dados os mesmos sofrimentos pelos quais Jesus Cristo passou. Durante toda a sua vida foi doentio, e finalmente manifestou-se nele um fenômeno surpreendente: ele teve uma visão, em que o Cristo crucificado apareceu diante dele. No mesmo instante, surgiram em seu corpo os estigmas da Paixão de Cristo, isto é, feridas idênticas às que Jesus Cristo recebeu quando de sua crucificação. Sem que tivesse recebido ferimento algum, ele passou a apresentar sinais de ferimento, e o sangue começou a escorrer deles.

Há pessoas que dizem: "Não acredito que as doenças sejam criadas pelo subconsciente. Isso é um absurdo".

Mas o fato é que o subconsciente não só pode provocar doenças internas, como também fazer surgir feridas externas. (Volume 12)

O desejo de libertar-se da "prisão" do corpo carnal

Dentre tudo aquilo que restringe o ser humano, o que mais tolhe sua liberdade é o próprio *corpo carnal*. Conta-se que São Francisco de Assis, no intuito de afirmar seu desapego em relação à matéria, despojou-se de todos os seus bens, até mesmo da roupa do corpo, e saiu de casa completamente nu. Ele pensou ter assim abandonado todos os apegos. Mas estava enganado, pois o corpo carnal em si mantinha-o prisioneiro, tolhendo-lhe a liberdade da alma com desejos carnais, arrastando-o para o mundo das paixões humanas. Devido a isso, ele passou a vida inteira castigando seu corpo com penitências, no propósito de alcançar o triunfo da alma.

Esse exemplo mostra que o corpo carnal representa, para nós, uma dura "prisão". Por esse motivo, na verdade, as pessoas odeiam o corpo carnal e trazem no recôndito de seu subconsciente o desejo de destruí-lo. O sacrifício de Jesus Cristo e as penitências de homens santos são expressões de amor ao próximo, mas o suicídio e a consumação do pacto de morte são manifestações do desejo egoístico de fugir da "prisão" do corpo carnal. O desejo de alcançar

o *Saihō-jyōdo* (Terra Pura onde habita Buda), que algumas pessoas manifestam no leito da morte, também é uma expressão do anseio de se libertar do corpo. O fato é que, de modo geral, as pessoas têm no âmago de sua mente o desejo de se libertar da "prisão" do corpo carnal.

Nas pessoas comuns, o desejo de se livrar do corpo carnal não é tão acentuado como nos homens santos, prontos a se sacrificarem pelo próximo, ou nos homens egoístas revoltados com tudo e todos. Por isso, tal desejo não se manifesta sob a forma de ação direta (como o suicídio, por exemplo), mas vai elaborando, a longo prazo, "sementes" da doença que um dia irrompem no plano físico, fazendo com que o corpo adoeça. A maioria das doenças é manifestada pelo subconsciente, que deseja rejeitar o corpo. Portanto, deixando de haver no subconsciente esse desejo, a doença sara naturalmente. Quando o ser humano compreende que o corpo carnal não é existência verdadeira, consegue transcendê-lo e sente-se absolutamente livre, apesar de continuar com seu corpo carnal, e seu subconsciente atinge o objetivo de negar o corpo carnal. Então sua Vida passa a fluir livremente, com o vigor que lhe é inato. E assim, ela volta a manifestar seu estado original pleno de saúde.

Afirmei que o ser humano volta a manifestar seu estado original pleno de saúde, quando transcende o corpo carnal. Não me referi à saúde do corpo, e sim à saúde inerente à Vida. "Saúde inerente à Vida" é a manifestação da

perfeição de Deus. A Vida, sendo proveniente de Deus, é perfeita em todos os sentidos. A saúde física é apenas uma das incontáveis manifestações da perfeição da Vida. Contanto que se deixe a Vida agir com a liberdade que lhe é inerente, sua perfeição manifesta-se em todos os sentidos, nos mais variados campos de atividade humana. Mas, no presente tópico, proponho-me a falar, principalmente, de sua manifestação no campo educacional.

O que tolhe a liberdade inata do ser humano não é o corpo carnal em si, mas sim a idéia arraigada em sua mente, de que "o corpo carnal existe". Portanto, libertando-se dessa idéia, ele passa a manifestar sua liberdade inata, embora continue com seu corpo carnal. É a mente que tolhe o ser humano, e é também a mente que o liberta do tolhimento. (Volume 25)

O corpo carnal é inimigo da liberdade

Por abranger dentro de si infinitas formas, a Vida é totalmente livre. Conforme disse antes, tudo que tem uma forma definida é limitado, não tem a liberdade de se manifestar sob outras formas. Um objeto cuja forma definida é quadrada não pode assumir a forma triangular, nem qualquer outra forma. Não podendo assumir nenhuma outra forma, não é livre. Nosso corpo carnal tem uma forma definida, e é limitado pelo tempo e espaço; portanto, não tem

liberdade. Todas as coisas assumem uma forma definida e mensurável quando se manifesta neste mundo regido pelo tempo e espaço. Assim, embora a nossa natureza original seja a Vida infinitamente livre, quando nos manifestamos neste mundo, autolimitamo-nos e assumimos uma forma definida. Em outras palavras, apesar de sermos originalmente ilimitados, tornamo-nos limitados porque restringimos a nós mesmos. Podemos fazer a seguinte comparação: mesmo que uma garrafa esteja repleta de água, verterá apenas uma pequena quantidade de água se a saída (gargalo) for estreita e limitada. Assim também é o ser humano. Na verdade, somos ilimitados, mas neste mundo somos sujeitos a restrições impostas pelo tempo e espaço e, por conseguinte, pelo nosso corpo carnal que, por pertencer ao mundo regido pelo tempo e espaço, tem uma forma definida. O corpo carnal, por ter uma forma definida, não pode assumir outras formas, nem mudar de tamanho. Uma pessoa com cerca de 1,60 m de altura e 55 kg não pode transformar-se num gigante, e vice-versa. Por termos nos autolimitado e manifestado sob uma forma definida, perdemos a liberdade e a versatilidade. Porém, a Vida que constitui nossa Essência é infinitamente livre e versátil. Portanto, nosso **Eu verdadeiro** abrange dentro de si infinitas formas.

Abranger simultaneamente infinita variedade de formas — assim é a verdadeira natureza da Vida, assim é o **Eu verdadeiro**. A Vida, embora abranja infinita variedade

de formas, manifesta-se neste mundo limitando a si mesma, sob uma forma definida. Assim, nascemos com o corpo carnal, que tolhe a nossa liberdade original. É por isso que o ser humano odeia seu próprio corpo. À primeira vista, parece que todas as pessoas gostam de seu próprio corpo, mas na verdade é o contrário. Alguns se apegam a seu corpo de tal modo, que vivem buscando prazeres para satisfazê-lo. Mas, no íntimo, mesmo essas pessoas odeiam seu próprio corpo. Embora pareçam amá-lo, proporcionando-lhe prazeres, na verdade estão destruindo-o pouco a pouco. Uns se deleitam com finas bebidas e iguarias; outros, buscam o prazer do fumo; e outros ainda, entregam-se à libertinagem. Tais pessoas estão, na verdade, "dilapidando" o próprio corpo. À primeira vista, a busca dos prazeres carnais parece ser a manifestação de amor ao próprio corpo; mas, na verdade, não o é. No fundo, o ser humano odeia o próprio corpo porque este o priva da liberdade total. Esse ódio se revela claramente nos atos de autoflagelação praticados por ascetas, que buscam o aprimoramento espiritual. A prática de jejum do asceta En-no-Gyoja, do profeta João Batista, e outros, são exemplos de autoflagelação. A autoflagelação parte do pressuposto de que para libertar a alma é preciso submeter o corpo ao sofrimento; é um ato que traduz o desejo de voltar ao estado de total liberdade inerente à Vida. Isto é, pela tortura do corpo, busca-se destruir a barreira que impõe limitação, para que a Vida volte ao estado original de plena

liberdade. Assim, flagelando o próprio corpo, os ascetas sentem o prazer de liberdade da alma. Efetuar jejum prolongado, tomar banho de água gelada, produzir ferimento no próprio corpo, enfim, qualquer que seja o método de autoflagelação, quanto mais o corpo sofre, maior é o prazer espiritual do asceta, pois experimenta a sensação de vitória. Segundo certos registros, alguns ascetas do bramanismo praticam métodos de autoflagelação muito dolorosos, tais como usar em torno da cintura nua um cinto com a superfície interna cheia de pontas de arame. Cada vez que o asceta se curva ou se alonga, as pontas de arame ferem-lhe a pele, causando-lhe muita dor. Mas, embora o corpo sofra, a alma experimenta o prazer da vitória. Há também o método de cravar na pele do abdômen um gancho em forma de "S", e amarrar na ponta saliente um barbante com uma pedra presa à extremidade. A cada passo que o asceta dá, a pedra balança, fazendo com que o gancho se crave mais na pele do abdômen. Obviamente, a dor é intensa. Mas, quanto maior o sofrimento físico, maior é a sensação de liberdade da alma. Não somente os ascetas, mas inúmeras outras pessoas buscam essa libertação. Citemos, como exemplo, os espectadores de shows, teatro, etc. Eles desejam expressar livremente a infinita variedade de aspectos que têm dentro de si, mas devido às limitações do próprio corpo não podem exprimir tudo. Existem restrições de cunho social e moral, bem como restrições de tempo e espaço. Por isso, buscam a compensação, que consiste em assistir à atuação dos artistas no palco e sentir como se eles próprios estivessem vivenciando as experiências vividas pelos personagens da peça. Assim, em muitos casos, quando os personagens da peça choram, os espectadores também choram. Os espectadores se identificam com os personagens e através deles procuram liberar, pelo menos um pouco, as infinitas formas abrangidas na Vida.

Como afirmei há pouco, a arte faz-nos liberar, pelo menos um pouco, as infinitas formas que trazemos dentro de nós. Por isso, a arte alegra a alma, proporcionando-lhe a sensação de libertação. Contudo, como a Essência da Vida do ser humano abrange infinita variedade de aspectos, não é possível manifestar plenamente toda a liberdade que lhe é inerente mesmo que tentemos expressá-la no universo da arte. Enquanto tiver corpo carnal, o ser humano não consegue, de modo algum, manifestar plenamente a sua natureza infinita. Por essa razão, em seu subconsciente, o ser humano odeia o próprio corpo; considera-o um inimigo que tolhe sua liberdade e, portanto, secretamente deseja fazer o possível para provocar-lhe sofrimento, fazê-lo adoecer e abreviar-lhe a existência. Assim, o subconsciente leva avante, em surdina, o "plano de aniquilar o corpo"; e é por isso que neste mundo não cessam as doenças, o sofrimento e as desgraças. Por mais que a medicina descubra novos medicamentos ou desenvolva novos métodos de tratamento, as doenças não param de

surgir, porque o subconsciente da humanidade, por considerar o corpo carnal como o inimigo que tolhe a liberdade inata do ser humano e desejar fazê-lo sofrer, age no sentido de criar mais doenças. Por considerar o corpo carnal responsável pelos pecados, o subconsciente da humanidade odeia-o e deseja destruí-lo; em outras palavras, procura negar o corpo carnal. Por isso, Jesus Cristo deixou-se crucificar; o apóstolo João disse: "a carne para nada aproveita", o apóstolo Paulo ensinou: "... se viverdes segundo a carne, morrereis"; e São Francisco de Assis orou para que seu corpo "passasse pelas mesmas dores que Jesus Cristo padeceu" e recebeu os estigmas.

E a Seicho-No-Ie, de que modo "aniquila" o corpo carnal? Declarando categoricamente que "o corpo carnal não existe de verdade". Assim sentenciamos, porque sabemos que o corpo carnal tolhe nossa Vida enquanto pensarmos que ele existe. Acreditar que o corpo carnal existe é admitir a sua importância. Podemos fazer a seguinte comparação: Se um homem briga com a esposa, é porque reconhece a presença dela e o poder que ela exerce sobre ele. Com a senhora da casa do vizinho, ele não teria motivo para brigar, porque é indiferente à presença dela. Justamente por passar despercebida, não ocorre desentendimento, e a vizinha leva uma vida livre e descontraída. Do mesmo modo, o corpo carnal também se descontrai e se torna vigoroso justamente quando o ignoramos, acreditando firmemente que ele "não existe de verdade".

Quem faz o próprio corpo sofrer, ainda não compreendeu que, na verdade, "o corpo carnal não existe". É por isso que odeia o próprio corpo e, no intuito de torturá-lo e destruí-lo, faz surgir doenças, infortúnios e desgraças. As pessoas comuns, embora odeiem o próprio corpo, não são capazes de se deixar pregar na cruz e morrer com o corpo atravessado pelas lanças, como Jesus Cristo. Por isso, tentam destruir o próprio corpo, por meio de doenças crônicas. Pode-se dizer que elas crucificam o corpo carnal, fazendoo sofrer de doenças crônicas do aparelho digestivo, das vias respiratórias, da cabeça, etc.

É muito freqüente ocorrer a cura da doença pela leitura do livro *A Verdade da Vida*. Isto porque ele expõe com clareza a Verdade de que "o corpo carnal é inexistente". À medida que a pessoa prossegue a leitura desse livro, seu subconsciente vai se libertando do apego ao corpo, e ela deixa de ter preocupações referentes a ele, tal como alguém que nem se dá conta da presença da vizinha. Então, o corpo se descontrai e se torna mais vigoroso. Se o corpo carnal fosse existência verdadeira, seria realmente um obstáculo a tolher a alma; assim, para libertarmos a alma, precisaríamos fazer o corpo sofrer, ferindo-o ou submetendo-o à doença pulmonar, doença gástrica, doença renal e outros males. Porém, o corpo carnal não é existência verdadeira e, quando compreendemos isso, percebemos que não há necessidade de fazê-lo sofrer. A partir do momento em que conseguimos a

negação total do nosso próprio corpo pela compreensão do ensinamento "o corpo carnal não é existência verdadeira", preconizado pela filosofia de *A Verdade da Vida*, desaparece do nosso subconsciente a idéia de que é preciso torturar o corpo para purificar a alma. Desaparecendo tal idéia, o subconsciente não cria doenças. Portanto, ao apreendermos a Imagem Verdadeira da Vida e compreendermos que "o corpo carnal não é existência verdadeira", a doença se extingue. Mas, mesmo após compreendermos que "o corpo carnal não existe", o corpo carnal continua visível. Perguntamos, então: o que é, afinal, o ser humano que parece ser mero corpo carnal? Na verdade, o corpo material é produto da ilusão. O *Eu verdadeiro* do ser humano é **Vida infinitamente livre**. Devemos despertar para o fato de que somos **seres espirituais, perfeitos desde o princípio**. Então, o "eu material" dá lugar ao "eu espiritual", e manifesta-se a nossa natureza original sem pecado algum. Manifestando-se a perfeição original, é impossível ocorrer doenças. (Volume 33)

Os males não são castigos de Deus, são efeitos da lei mental

Não devemos pensar que males como picadas de insetos ou enfermidades sejam castigos de Deus para nos corrigir. Tudo acontece segundo a lei mental da *atração dos semelhantes*. A mente tem a propriedade de concretizar fatos condizentes com o que se pensou. Por isso, quando alguém tem maus pensamentos, não é Deus quem o castiga, mas a própria mente dele que, obedecendo à lei mental, atrai e concretiza em seu corpo ou em sua vida algo que simboliza esses maus pensamentos. Como a Seicho-No-Ie afirma que "Deus jamais castiga", há pessoas que, após obterem benefícios, passam a agir de forma egoística e ingrata, sem o menor escrúpulo. Mas pessoas desse tipo acabam atraindo em torno de si somente indivíduos da mesma espécie, ou seja, egoístas e interesseiros. **Pessoas ingratas atraem não somente pessoas ingratas, como também "fatos ingratos"**. Que são "fatos ingratos"? São maus resultados que traem a expectativa daquele que se esforça almejando bons resultados. Algumas pessoas, ao verem que os resultados não correspondem ao esforço feito, dizem: "A Seicho-No-Ie prega que se consegue infalivelmente aquilo que se deseja, desde que haja empenho total e convicção inabalável; mas fracassei, apesar de meu empenho e convicção". Obviamente, a convicção e o empenho são fatores importantes para a consecução de um objetivo, mas isso nem sempre é suficiente para se alcançar o êxito. Para se obter um resultado gratificante, isto é, para que **o esforço e a convicção não sejam traídos**, é preciso que a própria pessoa **não traia os outros e não seja ingrata nem em pensamento nem na ação.**

A ingratidão nasce, geralmente, no coração das pessoas ambiciosas que vivem apegadas aos bens materiais. "Sei agradecer", pensam elas e se consideram muito gratas. Mas, na hora de retribuir, a sensação de que vão perder uma parte de suas posses é mais forte, então reconsideram a decisão, pensando: "Vou agradecer só de coração". Essa mesquinhez faz com que tais pessoas se afastem daqueles a quem devem favores, tornando-as, conseqüentemente, ingratas. Algumas vezes, elas se tornam até arrogantes em sua ingratidão para com aqueles que as ajudaram, e pensam que alcançaram êxito por mérito exclusivamente seu. Quando chegam a esse ponto, ficam convencidas também de que são profundas conhecedoras da Verdade, praticam a *Meditação Shinsokan* e trabalham com muito empenho, mas acabam atraindo sempre um resultado que trai sua expectativa. A "mente que trai" chama sempre um "resultado que trai a expectativa".

Como podem atestar, a *lei da atração dos semelhantes* atua de forma infalível. Enquanto o ser humano não alcançar a absoluta convicção de que "a matéria inexiste; o homem é filho de Deus", a mente agressiva continuará atraindo agressões e a mente traidora continuará atraindo traições. Na realidade, quando se desperta de fato para a Verdade de que "o homem é filho de Deus", desaparecem tanto o pensamento agressivo como o de traição. Os fatos fenomênicos não são existências verdadeiras,

sendo apenas manifestações e símbolos de nosso conteúdo mental; por isso, se analisarmos o símbolo chamado "doença", chegaremos à sua causa, que está na mente.

Entretanto, muitas pessoas não conseguem decifrar esse símbolo e chegar à causa mental.

Um ex-adepto da Seicho-No-Ie de Tóquio tinha hemorragia nasal com freqüência e por isso procurou o fundador da seita Hito-no-Michi para pedir-lhe uma "mensagem divina". A mensagem recebida dizia: "Corrija o hábito de se afligir". Ele agradeceu a mensagem e decidiu seguir o conselho fielmente; desde então, nunca mais teve hemorragia nasal. Posteriormente, ele sofreu escoriações no joelho e, além disso, foi picado no braço por uma abelha. Então, foi novamente à seita Hito-no-Michi solicitar uma "mensagem divina", que desta vez dizia: "Você se julga superior e possui o hábito de criticar os outros; Deus está advertindo-o disso". Impressionado com a mensagem — que descrevia com exatidão o seu temperamento — esse homem tornou-se seguidor dessa seita.

A hemorragia nasal simboliza a arrogância de quem empina o nariz, deixa o sangue subir à cabeça e está sempre irritado por querer impor seu ponto de vista sem consegui-lo. A picada de abelha simboliza a mente que critica o próximo, apontando-lhe os defeitos. O ferimento no joelho é resultante de "joelhada mental" com que a pessoa agride os outros. Picadas e ferimentos são manifestações da mente arrogante e agressiva. Não pre-

cisa ser fundador de uma seita para chegar a essas conclusões; qualquer pessoa que conhecer as leis da mente poderá constatar isso. E quando a pessoa não consegue compreender a causa mental de uma doença, basta praticar a *Meditação Shinsokan* e pedir orientação a Deus numa atitude de entrega total a Ele, que uma mensagem divina irá aflorar em sua mente. Aconselho também a leitura do volume 8 desta coleção *A Verdade da Vida* (Prática Contemplativa), em que escrevi sobre o meio de receber mensagens divinas. A Hito-no-Michi não ensina a seus adeptos sobre a *lei da concretização do pensamento*, e por isso eles precisam recorrer ao fundador da seita para descobrir quais são seus pensamentos e sentimentos incorretos. Na Seicho-No-Ie, todos os adeptos adquirem a mesma capacidade do fundador da Hito-no-Michi, pois conhecem as leis da mente e conseguem localizar suas atitudes mentais errôneas. E se tiverem o sincero desejo de se corrigir, basta que leiam assiduamente os livros *A Verdade da Vida* e pratiquem a *Meditação Shinsokan* com seriedade, que sua mente se corrigirá naturalmente. (Volume 18)

Por que ficam doentes as pessoas boas?

As pessoas boas são extremamente sensíveis à idéia do pecado; temem o pecado e procuram manter-se longe

dele. No entanto, há muita gente boa que fica doente. Então, muitas pessoas perguntam em tom de revolta: "Se existe Deus, por que Ele permite que pessoas boas fiquem doentes?!", "Se existe Deus, por que Ele deixa que uma pessoa tão boa e virtuosa como fulano fique doente?".

Conheço o caso de um ateu que, tendo adoecido, resolveu recorrer à religião. Primeiro, ele procurou a sociedade religiosa *Hito-no-Michi*, e ficou revoltado quando lhe disseram: "O senhor ficou doente porque mantém uma atitude mental errônea". Em seguida, ele procurou a seita xintoísta Tenrikyō, onde lhe deram a seguinte explicação: "O senhor ficou doente porque traz consigo muitos carmas negativos". O ateu ficou ainda mais revoltado, e argumentou: "Dizem que mantenho atitude mental errônea, que tenho muitos carmas negativos, mas sou uma pessoa boa e honesta. Claro que não sou um exemplo de virtude e santidade, mas não sou pior do que a maioria das pessoas. Não me lembro de ter praticado sequer um ato realmente condenável. Mesmo assim, fiquei doente. E pensar que existe por aí muita gente realmente má, que vive praticando, sem o menor escrúpulo, atos desonestos e perversos que eu jamais praticaria, e no entanto está irradiando saúde. Como posso acreditar que existe Deus num mundo como este, onde os perversos gozam de ótima saúde e os bons ficam doentes?". Sob certo ponto de vista, esse argumento é válido. Se partirmos da premissa de que Deus castiga as pessoas, a conclusão lógica será

de que Ele deveria castigá-las de forma mais justa. Mas a verdade é que Deus jamais castiga o homem, pois Ele é Amor Infinito.

No Evangelho Segundo Mateus (capítulo 5), existe uma passagem onde Jesus diz que o Pai, que está nos céus, faz nascer sol sobre maus e bons, e manda a chuva sobre justos e injustos. Portanto, Deus verdadeiro é Aquele que ama imparcialmente a todos. É impossível que Deus, que nos aceita a todos com amor misericordioso e infinito, nos castigue cruelmente fazendo-nos contrair doenças terríveis, por causa de erros que tenhamos cometido. Mesmo que alguém tenha cometido um erro, Deus não vai pensar: "Vou mandar-lhe um castigo para que sirva de advertência". Se Deus quisesse fazer uma advertência, Ele não a faria sob a forma de algum fato cujo significado não conseguiríamos compreender. Será que Deus nos dirigiria sinais de advertência que só um determinado líder religioso conseguisse interpretar, e nos mandaria procurar a ajuda dessa pessoa em troca de dinheiro? Obviamente que não; Deus nunca age de forma tão mesquinha. A Seicho-No-Ie ensina que "Deus jamais submete o homem a castigos". Se Deus não nos castiga, por que ficamos doentes, sofremos desgraças? É que, freqüentemente, abrigamos em nossa mente a "idéia de pecado" e o "medo do pecado", os quais passam a se manifestar concretamente, devido ao princípio de que "este mundo é projeção da mente"; isso é que faz com que soframos doenças, dificuldades ou desgraças.

Compreendendo esse princípio, qualquer pessoa consegue saber as "causas mentais" tanto de sua própria doença e infelicidade como da de outras pessoas, mesmo que não seja um líder religioso. Podemos dizer que o princípio "Este mundo é projeção da mente" constitui o meio de salvação utilizável por todas as pessoas, e também a revelação do grande e imparcial Amor de Deus. Por isso a Seicho-No-Ie se empenha em transmitir esse princípio a todos. Só pelo fato de compreendermos que "Deus jamais nos castiga", já podemos passar a levar uma vida bem mais feliz, descontraída e alegre. A Seicho-No-Ie difere radicalmente das seitas religiosas que intimidam as pessoas com ameaças de terríveis castigos de Deus. (Volume 29)

Exaltação da pobreza honrada

A atitude mental de exaltar a pobreza honrada está intimamente ligada à *idéia de pecado*. O pensamento de que o pecado só pode ser redimido por meio do sofrimento é uma idéia comum a toda a humanidade. E por causa dessa idéia, o subconsciente da maioria das pessoas, no intuito de expiar os pecados, atrai a pobreza, a doença e os infortúnios como um meio de autopunição.

Quando jovem, fui adepto da seita Omoto, conforme me relatei em minha autobiografia (Volumes 19 e 20 da coleção *A Verdade da Vida*), e trabalhei na redação da re-

vista e do jornal dessa entidade religiosa. Atualmente, a seita Omoto denomina-se Aizen-en, e consta que se transformou em um ensinamento que prega a harmonia com as demais religiões, dizendo "Todas as religiões têm a mesma raiz", declaração essa que corresponde ao ensinamento da Seicho-No-Ie sobre "identidade de todas as religiões em sua essência". Mas antigamente essa seita pregava a ameaçadora punição divina, extremamente rigorosa com os que não obedeciam a Deus, os pecadores em geral, conforme podemos ver nas escritas do fundador: "Deus vos exterminará com terremotos, trovões e chuvas de fogo". Ele profetizava que no dia 5 de maio de 1922 haveria o juízo final, quando ocorreria uma série de catástrofes como terremotos e tempestades, que exterminariam todos os pecadores, após o que ocorreria o advento da era de Miroku-bosatsu (Bodhisattva Maitreya). Desejando remir todos os pecados a fim de poder sobreviver ao juízo final, para o qual faltariam poucos anos, eu me empenhava em me purificar, jejuando, praticando ascese que consistia em tomar banho de água gelada e fazendo voto de pobreza. Mesmo assim, não me sentia livre do pecado.

Então, pensava: Que fazer para extinguir o pecado? Afinal, que é pecado? Qual é a substância do pecado? Com a aproximação do "dia do juízo final" anunciado pelo Deus da seita Omoto, não pude deixar de refletir seriamente nessas questões. Finalmente, neguei a existência de Deus cruel que impinge castigos e alcancei a Grande Verdade de que o pecado é originalmente inexistente porque Deus é Amor, é Bem, é o todo de tudo e, portanto, não criou pecado algum. Quando compreendi isso, foi banida do meu subconsciente a idéia de que era preciso impor limitações e sofrimentos a mim próprio para redimir os pecados. Com isso, libertei-me da idéia de que, "não sendo pobre, não é possível alcançar o reino dos céus" e, por fim, saí para um mundo amplo. E ao reeditar uma obra depois de quinze anos, a qual até então não tinha rendido um tostão sequer de direitos autorais nem de remuneração da escrita, venderam-se centenas de milhares de exemplares, e passou a se manifestar em minha vida a provisão infinita. (Volume 8)

Religião que infunde medo é uma religião distorcida

Usando a régua, podemos traçar uma linha perfeitamente reta. Mas essa linha, por ter sido traçada "mecanicamente" com a régua, e não desenhada à mão livre, é destituída de verdadeira beleza artística. Ela não tem vida, e naquilo em que não há o palpitar da Vida não se manifestam nem o *bem*, nem o *belo*. Uma linha traçada à mão livre, mesmo que seja um pouco torta, tem **beleza artística**, pois podemos sentir nela o palpitar da Vida de quem a traçou. O mesmo ocorre com a conduta moral. Alguns atos que praticamos por nossa livre vontade por

considerá-los corretos podem parecer errados aos olhos de terceiros. Seguindo nosso caminho por nossa livre vontade, certamente não podemos ser como uma locomotiva que corre rigorosamente sobre os trilhos, sem o mínimo desvio. Contudo, se usamos nosso livre-arbítrio e procuramos sempre seguir o caminho do bem e da Verdade, podemos nos considerar pessoas moralmente íntegras. Existem várias seitas religiosas que procuram conduzir as pessoas ao caminho do bem, enfatizando o castigo de Deus, de modo a infundir-lhes temor. Tais seitas, que se valem do sentimento de temor para obrigar as pessoas a uma determinada conduta, acabam prejudicando-as, tornando-as cada vez mais medrosas e subservientes, o que é uma heresia. Pessoas medrosas e subservientes submetem-se a qualquer imposição, quando se infunde temor nelas. As referidas seitas, infundindo medo nos adeptos com ameaças de castigos de Deus, conseguem obter deles muitos donativos. **A religião verdadeiramente correta** é aquela que prega o **livre-arbítrio do ser humano** e elimina completamente o temor; é aquela que ensina que "a verdadeira natureza do ser humano é divina e, portanto, ele é essencialmente puro, isento de pecado, e não há coisa alguma que o intimide ou ameace". A verdadeira religião é aquela que ensina que o *Eu verdadeiro* do ser humano é a *natureza divina*, ou *natureza búdica*. Pode-se dizer que, nos dias atuais são poucas, além da Seicho-No-Ie, as religiões que pregam esse ensinamento.

Muitas das religiões que existem atualmente obtêm recursos para sua manutenção intimidando de alguma forma os seus adeptos.

É inútil tentar melhorar as pessoas infundindo-lhes medo de castigo, pois, mesmo que elas passem a agir corretamente, essa melhora é apenas aparente, não ocorrendo a verdadeira melhora interior. (Volume 30)

O que é "ira de Deus"?

O ensinamento da Seicho-No-Ie, segundo o qual todas as situações da vida tais como pobreza ou riqueza, sofrimento ou alegria, saúde ou doença, surgem devido à *lei mental*, coincide com a doutrina budista e a sua *lei de causa e efeito*, segundo a qual boas causas resultam em bons efeitos e más causas resultam em maus efeitos. E essa lei de causa e efeito é a *Tenri* (lógica dos céus), através da qual coisas e fatos surgem neste mundo fenomênico.

E de onde provêm a *lei mental*, a *lei de causa e efeito*, a *lógica dos céus*? Provêm de Deus. Então, será que a *lógica* em si é Deus? Não exatamente. A *lógica* é um aspecto de Deus manifestado como lei que rege o mundo e, portanto, é um dos atributos de Deus; porém não representa o *todo* de Deus. Deus é a *lógica* que às vezes se manifesta como a lei de "olho por olho, dente por dente", mas, ao mesmo tempo, é também o Amor que salva igualmente

tanto os que trabalharam uma hora como os que trabalharam o dia todo. (Volume 11)

Podemos dizer que Deus é como uma fonte luminosa. Nós, seres humanos, temos os mais variados pensamentos. As sombras de nossos pensamentos tomam forma e manifestam-se em nossas vidas como boas ou más situações, e também como boas ou más condições físicas, dependendo de serem eles (os pensamentos) positivos ou negativos. Nossos *pensamentos* são, por assim dizer, "filmes" que fazem surgir cenas de nossa vida prática no *mundo material*. Assim, boas ou más situações e boas ou más condições físicas são cenas projetadas pelo nosso "filme mental" na tela chamada *mundo fenomênico*. Refletindo sobre isso, e perguntando-nos o que é que faz projetar imagens na tela, **chegamos à conclusão de que, embora não exista nenhuma mancha escura na fonte luminosa em si, esta contém o princípio (lei) da projeção de sombras**. Sendo esse princípio inerente à Luz (Deus), a seita xintoísta Tenrikyō define-o como "Deus". Já a Seicho-No-Ie define-o como "lei mental" e afirma que por detrás desse princípio, dessa lei mental, existe uma força superior conhecida como Deus. Quando se considera apenas um dos aspectos da lei mental, em que más causas trazem más conseqüências, e maus pensamentos conduzem a más situações, pode-se dizer que o mal é pago com o mal, ou seja, o mal é punido com castigos severos. Eis porque no

Velho Testamento da Bíblia existem muitas referências à *ira de Deus* e à necessidade de temer a Deus, como consta em Provérbios 1, 7: "O temor do Senhor é o princípio do saber". Também a seita xintoísta Tenrikyō fala da *ira de Deus*. Todavia, tanto os profetas do Velho Testamento, como a fundadora da seita xintoísta Tenrikyō, ao proferirem palavras tais como "Deveis conhecer a ira de Deus", tinham como intuito exortar as pessoas a respeitarem a lei da causa e efeito, isto é, conhecer a lei mental. Eles empregavam termos como "ira de Deus" ou "ira de Jeová" apenas para facilitar a compreensão da grande massa. Portanto, não devemos pensar que Deus, irando-se contra os homens, cria doenças, infelicidades e miséria para castigá-los. (Volume 12)

Crença em Deus misericordioso, que não castiga a humanidade

Um conhecido meu, que é cristão, disse-me certa ocasião: "Antigamente, quando era jovem, eu também acreditava em Deus misericordioso, que não nos castiga. Mas agora sei que existe castigo de Deus. Lendo bem a Bíblia, descobrimos Deus severo, que castiga os homens por seus pecados". Mas, no meu caso, ocorreu justamente o contrário: **Antigamente, eu acreditava em Deus severo, que castiga os homens, mas depois descobri que Deus é Amor e**

não castiga ninguém, e então meu mundo interior se amplificou e enriqueceu. Enquanto acreditar na existência do castigo de Deus, o ser humano continuará fazendo surgir no mundo exterior doenças, dificuldades, enfim, todos os tipos de infelicidades, pela força concretizadora da mente que crê na existência de castigo, e não conseguirá manifestar sua Imagem Verdadeira, a **natureza de filho de Deus, isento de males e pleno de liberdade**. Meu caso é um bom exemplo disso. Quantas dificuldades, infelicidades e doenças eu amarguei, no tempo em que acreditava em Deus impiedoso, em seus terríveis castigos, e, procurando fazer-lhe a vontade, levava uma vida austera como a de São Francisco de Assis, nada possuindo além de uns poucos objetos e uma pequena sacola... Era como se Deus castigasse exatamente aqueles que temiam o castigo dEle. Porém, hoje sei que não era Deus que estava me castigando, e sim a minha própria mente, que temia o castigo de Deus.

Meus irmãos, não se deixem enganar pelos falsos crentes! **Eu sou o advogado de Deus. Sou aquele que veio com a missão de dar testemunho da perfeição de Deus**. Deus é um Ser perfeito, onipotente, onisciente e infinitamente misericordioso. E nós, criaturas de Deus, também somos perfeitos, livres e sem pecado. Eu testifico a vocês a perfeição de Deus e a perfeição do ser humano. Não se deixem enganar pela falsa crença de que o ser humano é uma criatura imperfeita e limitada, feita do pó da terra (matéria).

Deus criou o homem à Sua imagem; portanto, o ser humano é perfeito — eu acredito unicamente nisto. Acredito unicamente em Deus perfeito, infinitamente misericordioso. Não acredito em Deus irascível, Deus invejoso, Deus ameaçador, Deus que impinge castigos cruéis, enfim, Deus impiedoso. Então, por que há situações que parecem ser castigo de Deus? É que a crença da humanidade na existência do castigo de Deus, refletindo-se no mundo exterior, faz manifestar tais situações. Isto é, como as pessoas acreditam na existência do castigo de Deus, quando elas julgam ter cometido um pecado, criam para si doenças e infelicidades como concretização da idéia de "sofrer a punição de Deus".

A idéia da existência do castigo de Deus e a idéia de que o ser humano é feito de matéria estão arraigadas no subconsciente da humanidade, sendo conseqüências disso todas as infelicidades deste mundo. Quando essas idéias errôneas são eliminadas, praticamente todas as doenças e infortúnios se extinguem.

Eis por que um paralítico levantou-se e andou quando Jesus lhe disse: "Estão perdoados os teus pecados. (...) Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa". Muitas pessoas se curam quando simplesmente lhes afirmo: "Você não tem pecado algum!". Talvez digam: "Quem deu a Masaharu Taniguchi autoridade para perdoar os pecados dos outros?! Ele não passa de um homem comum!". Lembro que Jesus Cristo também foi alvo de semelhante crítica.

Quando ele curava os doentes dizendo "Estão perdoados os teus pecados", os fariseus diziam "Este blasfema", pensando que Jesus não tivesse autoridade para perdoar os pecados. Talvez digam: "Jesus, sendo filho de Deus, tinha autoridade para perdoar os pecados, mas Masaharu Taniguchi não é filho de Deus, e por isso não tem tal autoridade".

Se não sou *filho de Deus*, sou filho de quem? Não há nenhum outro Criador além de Deus. Logo, todo ser humano é *filho de Deus*. Há uma corrente do cristianismo que assim afirma: "Unicamente Jesus Cristo é filho de Deus; e o ser humano não poderá tornar-se filho de Deus, a não ser por intermédio de Jesus Cristo". Tal idéia não é correta. Filho de quem é o ser humano, se ele "não pode tornar-se filho de Deus, a não ser por intermédio de Jesus Cristo"? Será que tal afirmação significa que existe, além de Deus, um outro Criador, um outro Pai que gerou o ser humano, e por isso nós só podemos nos tornar filhos de Deus, se formos "adotados" por Ele através de Jesus Cristo? Que idéia incoerente!

Pela minha natureza divina, dou testemunho de que Deus é meu Pai e que todas as pessoas do mundo são meus irmãos, pois também são filhos de Deus. Todos nós somos filhos verdadeiros de Deus, e não "filhos adotivos" ou "enteados". Os que crêem na veracidade de meu testemunho, sigam-me! Mas os que distorcem a Verdade e atribuem a

Deus a falsa imagem de "padrasto cruel que aplica terríveis castigos aos enteados", afastem-se!

Pela interpretação literal das palavras de Jesus Cristo, que disse "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14, 6), surgiu a crença geral dos cristãos de que o ser humano não poderá tornar-se filho de Deus a não ser por intermédio de Jesus Cristo. Na verdade, quando proferiu aquelas palavras, Jesus Cristo não estava se referindo a seu "eu fenomênico", ou seja, ao homem Cristo, mas sim à sua verdadeira identidade, sobre a qual ele próprio assim se expressou: "Antes que Abraão existisse, eu sou". Ele quis dizer, portanto, que não podemos ir para junto de Deus, nosso Pai Verdadeiro, a não ser por meio do Cristo Eterno, que é a Verdade, a Vida e o Caminho. Isto é, para voltarmos a ser filhos de Deus, do Pai Verdadeiro que nos criou conforme consta no primeiro capítulo do Gênesis, devemos nos libertar das mãos do "falso Deus" — o Deus irascível, ciumento e vingativo que aplica terríveis castigos — e, pelo conhecimento da Verdade, reconhecer quem é nosso Pai Verdadeiro. Foi por isso que Jesus Cristo disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim".

Quem assim falou não foi o Cristo carnal, mas sim o Cristo-Verdade, que "existia antes que Abraão existisse", que há cerca de 2.000 anos se manifestou através do Nazareno, e que agora se manifesta através de mim e dá

testemunho do Pai Verdadeiro (Deus onisciente e onipotente, infinitamente misericordioso, que não criou pecado nem doença). Sem conhecer a Verdade, não podemos reconhecer o Pai Verdadeiro. Eis o significado da afirmação "ninguém vem ao Pai senão por mim".

Portanto, mesmo sem a ajuda dos outros, podemos chegar para junto de nosso Pai **através da Verdade**. Se não for através da Verdade, nem os que seguem o cristianismo poderão chegar ao Pai, principalmente se sua fé não for correta. "Chegar ao Pai" significa descobrir o *Eu verdadeiro*, que é um ser espiritual perfeito, criado à imagem de Deus como Seu filho verdadeiro, conforme consta no primeiro capítulo do Gênesis. Em outras palavras, significa conscientizar que não somos filhos de seres mortais feitos de matéria, descendentes de Adão que foi formado do pó da terra, mas sim filhos do Deus Verdadeiro, isentos de doença, pecado, angústia e sofrimento, totalmente livres.

Não se alcança a verdadeira salvação por praticar forçadamente o bem sob ameaça de castigo de Deus, nem por obter, através de favoritismo, perdão especial apesar de ter pecado. A verdadeira salvação consiste em descobrir o homem verdadeiro, perfeito e livre, através do conhecimento da Verdade.

"Ninguém vem ao Pai senão por mim" — nessa afirmação de Jesus Cristo, "mim" significa Imagem Verdadeira dele, o Cristo-Verdade. Não havendo o conhecimento

da Imagem Verdadeira, é inevitável confundir o "padrasto" (Deus falso) com o Pai Verdadeiro (Deus verdadeiro). Portanto, é preciso chamar sempre a Imagem Verdadeira. Ela não está em local distante; está dentro de nós mesmos. Conta-se que um grande sacerdote zen-budista tinha o hábito de dizer em voz alta "Meu senhor, meu senhor!" para si mesmo, e responder também por si mesmo: "Pois não, estou aqui, estou aqui". Nós, adeptos da Seicho-No-Ie, chamamos a nós mesmos, mentalmente, "Filho de Deus, filho de Deus!", e respondemos, também mentalmente, "Estou aqui, estou aqui". Mesmo caminhando pela rua, pensamos: "Eis um filho de Deus caminhando...". Praticamos também a meditação chamada *Shinsokan*, que consiste em contemplar nossa Imagem Verdadeira, nossa natureza verdadeira de filho de Deus. Quando se extingue de nosso subconsciente a idéia arraigada há muito tempo de que não passamos de seres mortais descendentes de Adão que "foi formado do pó da terra", e com isso desaparece toda e qualquer idéia de pecado, alcançamos a verdadeira salvação e, então, manifesta-se em nós o estado de perfeição e liberdade plena, como expressão de nossa Imagem Verdadeira, de nosso *Eu verdadeiro* perfeito. Da mesma forma que Jesus Cristo curou os doentes dizendo "Estão perdoados os teus pecados. Levanta-te (...) e vai para tua casa", eu também tenho restituído saúde a muitas pessoas, dirigindo-lhes palavras semelhantes. Isto porque muitas pessoas estão doentes como resultado do fato de tolherem

a si mesmas com a idéia de que são pecadoras; assim sendo, eliminando-se-lhes essa idéia, a cura se processa naturalmente. Desde o surgimento da Seicho-No-Ie, muitos adeptos têm testificado publicamente que conseguiram curar muitos doentes simplesmente lendo para eles o livro *A Verdade da Vida* ou transmitindo-lhes as mensagens nele contidas. Isto porque no mundo criado por Deus não existe nem pecado nem castigo. (Volume 23)

CAPÍTULO 2
TRANSCENDER O CARMA

Crer na Imagem Verdadeira e praticar o bem

Podemos comparar o carma a uma gravação. Se gravarmos nossa voz numa fita ao entoarmos uma canção ou pronunciarmos um discurso, posteriormente poderemos ouvir essa mesma voz toda vez que tocarmos a fita no gravador. Do mesmo modo, as vibrações mentais, que ocorrem no momento em que um pensamento passa pela nossa cabeça, ficam gravadas como uma "causa" em nosso "disco mental". Sempre que surgir uma oportunidade, o "disco mental" emitirá as vibrações mentais registradas; e então, aquele pensamento que tivemos no passado manifestar-se-á concretamente, sob a forma de algo palpável, de alguma doença, de alguma situação, etc. Assim é a ação do carma, que é uma força latente. O carma é, por assim dizer, uma "gravação" das vibrações mentais. Torno a explicar que, assim como a voz gravada faz-se ouvir sempre que a fita é passada no gravador, também o pensamento que surgiu uma vez em nossa mente e ficou gravado no "disco mental" manifesta-se sob alguma forma concreta, assim que encontre uma oportunidade. Em outras palavras, estamos, a todo momento, plantando sementes de pensamento, e um dia teremos de colher o que plantamos. Neste

sentido, pode-se dizer que não seremos perdoados enquanto não tivermos redimido todos os nossos erros, um por um. Suponhamos que odiemos alguém, por um momento. Pode ser que, logo em seguida, esqueçamos de tê-lo odiado, e as vibrações de ódio que naquele momento foram dirigidas para fora acabem se desfazendo. Porém, uma vez emitidas as vibrações de ódio, elas ficam gravadas na mente, à espera de uma oportunidade para, fatalmente, manifestar-se sob a forma de algum acontecimento condizente com elas.

No volume 8 de *A Verdade da Vida*, no capítulo intitulado "Método Fundamental de Afinação da Mente", falei sobre a "mente que segue o hábito" ou "mente que segue a tendência", e expliquei que podemos compará-la a um carro: se o motorista direcioná-lo para um rumo e depois adormecer no volante, o veículo continuará avançando naquela direção até se chocar contra um obstáculo, como, por exemplo, árvore à beira da estrada. Acho que, se compreendermos bem o que é "mente que segue o hábito" ou "mente que segue a tendência", poderemos entender melhor o processo de manifestação dos carmas. O significado da expressão "mente que segue o hábito" é o seguinte: A mente, uma vez direcionada num sentido, habitua-se a agir nessa direção e não muda enquanto não receber um estímulo para seguir outro rumo. O pensamento é, por assim dizer, uma voz silenciosa, ou seja, uma vibração mental. Uma vez emitido, sua força latente continua a existir —

tal como uma voz gravada — mesmo depois de ter sido executada a ação visada, e procura retomar a direção inicial sempre que tiver oportunidade. Quando for emitido um pensamento similar ao inicial, ou que lembre aquele, a força latente daquele pensamento inicial encontrará a oportunidade de se desencadear, e manifestar-se-á sob a forma que lhe corresponda, no mundo das formas. A isso chamamos "manifestação do carma". Para que o carma latente comece a agir, é preciso que ele encontre uma oportunidade. Por maior que seja o acúmulo dos carmas do passado, estes não se manifestarão no mundo das formas se não houver oportunidade, do mesmo modo que um som gravado não poderá ser ouvido se não houver um aparelho para tocar a fita.

Para ilustrar o fato de que um pensamento casual surgido inicialmente permanece na pessoa como carma e torna a se manifestar sempre que surge uma oportunidade, vou citar um exemplo do cotidiano. Uma criança vai a um shopping center com a mãe, vê um brinquedo interessante, deseja-o para si, e pede à mãe que o compre, no que é atendida, para sua felicidade. Nesse dia, o fato termina aí, e a criança, uma vez satisfeito o seu desejo, esquece essa passagem. Mas se, mais tarde, ela passar diante daquela loja ou de uma loja similar, sua mente trabalhará no sentido de encontrar novamente algum brinquedo interessante; e se o encontrar, desejará obtê-lo para si. Isso acontece porque o carma do pensamento, que ficou latente na

criança, é "acionado" pela oportunidade de passar diante da mesma loja ou de uma loja similar e manifesta-se concretamente no mundo das formas. Com a repetição desse processo, os carmas desses pensamentos similares vão se acumulando, tornando-se cada vez mais intenso o desejo de adquirir brinquedos interessantes. Quando essa criança crescer e se tornar pai (ou mãe), sentirá o impulso de comprar para seu filho um brinquedo interessante, sempre que o levar a um shopping center. Também os casos de cleptomania nas pessoas ricas encontram explicação nas ações cármicas desencadeadas por uma oportunidade. Até mesmo ao repreender o filho, um pai (ou uma mãe) fica, às vezes, surpreso consigo mesmo, percebendo que está falando do mesmo modo como seu pai (ou sua mãe) falava quando o(a) repreendia, na infância. Outro exemplo: quando faz muito frio, as mães geralmente proíbem os filhos de brincar fora, dizendo: "Você vai apanhar gripe se ficar lá fora". As pessoas que na infância freqüentemente receberam tal advertência ficam com gripe ao se expor ao frio. Isto porque aquelas palavras ditas pela mãe há muito anos, e às quais não tinham prestado atenção, ficaram latentes no recôndito da mente e, quando elas se expõem ao frio, aquela idéia gravada no subconsciente vem à tona e se concretiza. Isto é, a idéia de que "a exposição ao frio causa gripe" fica latente na pessoa, mesmo que ela não tenha consciência disso, e vem à tona ao surgir uma oportunidade chamada "vento frio", fazendo com que ela apanhe gripe. Uma vez

que isso aconteça, o seu carma adquire, por assim dizer, o "hábito" de agir desse modo, e torna-se uma força latente mais poderosa que antes. Assim, na próxima vez em que a pessoa sente frio, logo o carma se manifesta e ela novamente fica gripada. Como podemos perceber por esses exemplos, o carma é força latente dos pensamentos registrados na mente.

Quando se fala em carma, a maioria pensa que todo carma é negativo e maléfico. Cabe, aqui, esclarecer que existem também carmas positivos e benéficos. Os nossos aspectos positivos e bons, tais como bons conhecimentos, boas experiências, moralidade, educação, estudo, bons sentimentos, solidariedade, constituem carmas positivos. Esses fatores positivos são constituídos por vibrações que vêm, sem nenhuma distorção, diretamente da nossa Imagem Verdadeira (essência, ser verdadeiro), isto é, de nossa **Vida genuína**, que é um com Deus. **Nossa Vida genuína age livremente, sem infringir, em ponto algum, as leis do céu e da terra. Portanto, as vibrações por ela geradas também são naturalmente livres e positivas.** Nossa **Vida genuína**, a Vida do nosso *Eu verdadeiro*, é uma ramificação da Grande Fonte da Vida, sendo, portanto, uma existência sempiterna, infinita e perfeita. Entretanto, a vida surgida na Terra como projeção da **Vida genuína** do *Eu verdadeiro* emite incessantemente as mais variadas vibrações e passa por muitas transformações. Assim, enquanto o corpo carnal vive, suas células renovam-

-se incessantemente; depois que o corpo carnal morre, o homem vive durante algum tempo como espírito para depois renascer neste mundo. **Não é a partir do seu surgimento neste mundo que a Vida do homem passa a existir. A Vida é absoluta, é perfeita desde o princípio, e transcende a existência, o desenvolvimento e a morte do homem no nível fenomênico**. Porém, como o ser do mundo fenomênico é projeção da Vida do Mundo Verdadeiro (Imagem Verdadeira) na "tela do tempo-e-espaço", as vibrações do ser fenomênico alteram-se incessantemente, assim como se altera a luminosidade das imagens de um filme projetado na tela. Ao acúmulo das vibrações geradas dá-se o nome de "carma". Um filme cinematográfico, após terminada a sua projeção, é guardado num lugar adequado e pode tornar a ser projetado a qualquer momento, bastando que seja passado no projetor. O mesmo ocorre com os carmas. O ser fenomênico traz acumulado dentro de si, como "carmas", as vibrações mentais que ele gerou incessantemente. Esses carmas constituem causas dos acontecimentos futuros, e, surgindo a oportunidade, fazem aparecer no mundo fenomênico um destino condizente com eles. Assim é que nós, enquanto seres fenomênicos, carregamos conosco muitos carmas, acumulados desde as encarnações passadas. Entre esses carmas, certamente existem os que sintonizam com as vibrações da Vida do Mundo Verdadeiro, ou seja, as vibrações do próprio Deus. Esses são os carmas positivos e benéficos.

Porém, existem também carmas que não sintonizam com as vibrações de Deus. O fato de se manifestarem carmas negativos e maléficos é comparável ao fato de que, quando o filme é malfeito devido a imperícia na técnica de produção, as imagens que aparecem na tela do cinema não mostram com perfeição a personagem real, fazendo-se necessário corrigir e melhorar o filme. O processo de corrigir e melhorar o filme corresponde à purificação dos carmas. Como o homem não consegue purificar todos os seus carmas nesta vida, ele continua o processo de purificação na vida pós-morte, através do auto-aprimoramento no mundo espiritual. Quando isso ainda é insuficiente, vem novamente a este mundo, trazendo o restante dos carmas negativos, para continuar o processo de purificação. Portanto, todos carregamos alguns carmas desde o momento em que nascemos. A natureza dos carmas são vibrações mentais do passado acumuladas no ser humano. Alguns dizem: "Duvido que seja verdadeira a afirmação de que a doença é manifestação da mente, pois também os bebês ficam doentes, embora eles ainda nem tenham idéia do que seja doença". Mas se eles compreenderem que todas as pessoas vêm ao mundo carregando consigo diversos carmas, essa dúvida se dissipará. As almas que mais vezes se reencarnaram, mais têm purificado seus carmas, passando alternadamente por este mundo e pelo mundo espiritual. Em cada passagem de um mundo para outro, ocorre, por assim dizer, o "processo de filtração"

dos carmas, graças à providência divina. Apagar todas as lembranças da vida anterior faz parte desse "processo de filtração". Por essa razão, todas as pessoas são relativamente puras nos primeiros anos de vida. Porém, nem todas as crianças têm a pureza angelical, havendo algumas que desde o princípio revelam perversidade, hábito de furtar, etc. Tal fato serve como prova de que o ser humano vem a este mundo carregando consigo os carmas de suas existências anteriores. Dentre os carmas do passado que trazemos conosco, os principais são: (1) a idéia de que o eu carnal é existência real e (2) a idéia de que a matéria existe realmente, as quais constituem a base do egoísmo e da ganância.

A maioria das pessoas, pelo fato de apegar-se ao eu carnal julgando-o existência real, e de acreditar que a matéria seja existência real, pensa que não poderá manter a própria segurança se não obtiver as coisas materiais. Assim, movida pelo apego a si mesma e pelo anseio de segurança, lança-se na conquista de coisas desejadas, e tende a sentir ódio ou revolta contra os que lhe impedem a realização de seus desejos ou que lhe tiram alguma coisa. A essa tendência chamamos manifestação do carma. Os trabalhos altruísticos, por sua própria natureza, não oferece oportunidade para desencadeamento de carmas negativos e maléficos. Mas, quando se trata de trabalhos que envolvem interesses particulares, os carmas do egoísmo transportados da encarnação anterior logo co-

meçam a exercer influência sobre a pessoa, levando-a a cometer atos de cobiça e ganância. E isso aumenta ainda mais a força cármica. O que constitui a força central para a manifestação dos carmas negativos são a *idéia de que o eu carnal é existência real* e a *idéia de que a matéria existe realmente*. Em essência, somos um com a Grande Vida e, portanto, nosso eu carnal não é existência real. Tudo quanto existe é manifestação da Grande Vida e, portanto, *matéria* não é existência real. Então, por que surge a idéia de que o eu carnal e todos os outros elementos materiais existem realmente? É que, como neste mundo fenomênico tudo surge na "tela do tempo-e-espaço" como se fosse um filme em três dimensões, parecem-nos reais as imagens que aparecem em cada "cena" e relutamos em deixar que ela se desenrole naturalmente dentro do fluxo do "filme" como um todo. Cada "cena", isoladamente, não tem vida. O "filme da Vida" desenrola-se com perfeição e fluidez na "tela" (isto é, no mundo fenomênico) somente quando não tentamos parar cada "cena", apegando-nos a ela. Quando nos apegamos a cada "cena" e tentamos retê-la, o desenrolar do "filme" todo fica prejudicado, e manifesta-se na "tela" do mundo fenomênico um aspecto distorcido e desarmônico. Em outras palavras, quando nos apegamos ao nosso eu carnal e às coisas materiais, o mundo fenomênico não se desenrola de modo natural e harmônico. Foi por isso que Sakyamuni afirmou enfaticamente que "o eu carnal não é existência

real" e "as posses materiais não são existências reais". Quando despertamos para a Verdade de que o eu carnal e todas as coisas materiais não existem realmente e abandonamos o apego, o "filme" passa a se desenrolar com fluidez, cada cena integrando-se perfeitamente no contexto geral. E assim projeta-se o perfeito "filme da Vida" na "tela" do mundo fenomênico. Ser como cada "cena" que se integra no contexto geral do "filme" significa abandonar o egoísmo e trabalhar para o benefício do todo ou praticar atos altruísticos. Se sentimos um indizível bem-estar quando ajudamos alguém ou trabalhamos em prol da humanidade, é porque com isso nos integramos no todo. Quando agimos assim, não propiciamos aos carmas do egoísmo a oportunidade para se desencadear. Em vez de se manifestarem os carmas do egoísmo, ficam depositados em nós os carmas benéficos e positivos. E, estando depositados em nós os carmas benéficos e positivos, eles se manifestarão mais tarde, quando surgir uma ocasião, fazendo com que possamos trabalhar em benefício do todo ou praticar atos de altruísmo, com relativa facilidade. Todos aqueles que se sobressaíram como grandes mestres religiosos, como portadores de incomuns dons espirituais, ou ainda como donos de um caráter extraordinário, alcançaram tal superioridade por terem acumulado muitos carmas benéficos em suas existências anteriores a esta. Citemos Jesus Cristo como um exemplo. Sob o aspecto carnal, ele era um jovem de 30 anos quando

começou a pregar o Evangelho; mas sua idade espiritual era muito, muito superior, levando-se em conta os carmas positivos acumulados. Tendo reencarnado diversas vezes através dos tempos, ele atingiu um elevadíssimo grau de purificação, e finalmente revelou na "tela" do mundo fenomênico a sua imagem perfeita, expressão quase exata do Ser Real (Imagem Verdadeira). Assim, ele surgiu perante o mundo como aquele homem sublime e superior, embora fosse um jovem de apenas 30 anos.

Segundo a *Kako-Genzai-Inga-Kyō*, sutra budista sobre passado e presente, causa e efeito, Sakyamuni também reencarnou muitas vezes e purificou seus carmas até, finalmente, tornar-se Buda e começar a pregar os Ensinamentos.

Pelo que acabei de explicar, o leitor deve ter compreendido que os carmas são formados pelas vibrações mentais. Mas devo esclarecer que não existem só os carmas resultantes das vibrações da mente humana; existem também aqueles constituídos de vibrações provocadas pela Vida do Homem Real (Imagem Verdadeira), a fim de projetar do mundo da Imagem Verdadeira (absoluto) sua "sombra" para o mundo fenomênico. Como essa projeção se desencadeia continuamente na "tela do tempo-e-espaço" através do fluir do tempo, essas vibrações (carmas) também são ininterruptas, embora mude de freqüência constantemente. Assim, esses carmas estão sempre se manifestando. Entretanto, as manifestações desses

carmas são "sombras" projetadas pela Vida do Homem Real (Imagem Verdadeira), comparáveis a uma imagem refletida no espelho. Do mesmo modo que as imagens refletidas podem ser perfeitas ou imperfeitas dependendo do espelho, também os carmas podem aparecer sob um aspecto perfeito como o da Imagem Verdadeira ou sob um aspecto imperfeito que em nada se assemelha à Imagem Verdadeira. Contudo, essas manifestações não têm substância, **não são existências verdadeiras**, do mesmo modo que uma imagem que aparece no espelho é apenas um reflexo e não existe concretamente. No entanto, o carma procura, a todo custo, manifestar-se como algo que tenha substância, da mesma forma como as imagens se refletem inevitavelmente no espelho como se fossem reais. À força que assim age, o budismo dá o nome de força cármica, e Schopenhauer refere-se a ela como "Vontade cega que molda o universo".

Essa força cármica, essa vontade cega, é que, combinando a causa e a oportunidade, criou os elementos da natureza tais como o ar, a terra, a água, o fogo, etc., formou o Universo fenomênico, criou o homem fenomênico e vai aperfeiçoando a civilização deste mundo. O mundo fenomênico, por ser o "espelho de tempo-e-espaço" que reflete o Mundo Verdadeiro (a Imagem Verdadeira), transforma-se, evolui, desfaz-se e se renova incessantemente, para poder revelar, com perfeição cada vez maior, a imagem do Mundo Verdadeiro. Assim, todas as formas

de energia manifestadas no mundo fenomênico como força, luz, calor, etc., embora sejam forças sem substância (pois são vibrações), estão sempre agindo, ora sob a forma latente, ora sob a forma concreta, no plano de tempo-e-espaço. O que faz os carmas latentes exteriorizarem-se e passarem a agir concretamente são novas vibrações (tanto da Natureza como da mente humana), as quais constituem a *oportunidade* para o desencadeamento. Os carmas permanecem latentes e não passam a agir concretamente enquanto não surgirem vibrações iguais ou similares àquelas que os formaram. No momento em que surgem pensamentos iguais ou similares, os carmas entram em ação e manifestam-se concretamente no mundo exterior. Suponhamos que uma pessoa guarde em sua mente a recordação de ter-se maravilhado com uma profusão de cerejeiras em flor, numa primavera passada. Essa recordação constitui um carma. Nos tempos frios e nublados, ela fica guardada em algum canto da mente; mas, quando chega a primavera com seus dias luminosos, ela vem à tona, fazendo com que a pessoa fique com vontade de voltar àquele mesmo lugar e apreciar as cerejeiras em flor. Refletindo bem, compreendemos que todas as formas de ilusões e pecados também ocorrem devido à ação dos carmas. Porém, mesmo que queiramos apreender concretamente os carmas, não o conseguimos, pois eles não têm substância, tal como uma imagem refletida no espelho. Apesar disso, devido ao fato de eles serem uma

espécie de vibração, sua força se mantém através dos tempos, podendo perdurar por milhões de anos. O poder de combustão do carvão mineral é, na realidade, manifestação da força cármica das madeiras que existiram na Terra há milhões de anos. Podemos dizer, portanto, que essa força cármica vem agindo como uma poderosa força motriz da evolução do mundo fenomênico. Também o ser humano não deve temer seus carmas, pois é justamente pela acumulação, manifestação e desintegração dos carmas que o homem fenomênico vai evoluindo. Existem muitas pessoas que acumulam carmas, ficam doentes devido à manifestação de seus carmas e justamente por isso volvem sua mente a Deus e alcançam maior progresso espiritual. Por que isso ocorre? Porque, por detrás da ação dos carmas, existe infalivelmente a Imagem Verdadeira (o Mundo Verdadeiro e o Ser Verdadeiro). Se surge uma imagem no espelho, é porque ele está refletindo alguém ou algo que existe concretamente. Do mesmo modo, se surge o homem no mundo fenomênico, é porque este reflete o Ser Verdadeiro. Este mundo está destinado a refletir cada vez mais nitidamente a perfeição do Mundo Verdadeiro. Portanto, não é, em absoluto, dirigido pela vontade cega. Se não temermos os carmas negativos, e os purificarmos de modo que fiquem acumulados somente carmas positivos, esta vida será uma jornada rumo à Luz. (Volume 15)

Purificar os carmas por meio da gratidão

Taniguchi — Você disse que, naquele dia no salão, Tamiko e Kusuno estavam à vontade um com o outro e dançaram como bons amigos enquanto não haviam pensado no fato de estarem a sós, mas que foram tomados por uma sensação diferente quando se deram conta disso. Achei interessante essa observação feita por você, pois ela está de acordo com a *lei mental* pregada pela Seicho-No-Ie. Todas as coisas passam a se apresentar como reais quando a mente as percebe. É por isso que aqueles dois se apaixonaram no momento em que **perceberam** o fato de estarem a sós, e pensaram: "É interessante estarmos aqui, só nós dois. Até parece que somos namorados". E quando os outros passaram a suspeitar que havia entre os dois algo mais que simples amizade, a relação entre eles foi reconhecida como namoro tanto na idéia deles como na dos outros, e eles acabaram tornando-se namorados, de fato. Fundamentalmente, tudo isso foi conseqüência da inevitável concretização dos carmas. Todavia, embora seja inevitável a concretização dos carmas, é possível controlá-la através de uma postura mental correta e positiva. Se Tamiko e Kusuno mantiverem o espírito de gratidão para com as pessoas ao seu redor, seus carmas passarão a se manifestar de modo controlado e purificado, e eles poderão levar avante esse namoro num clima de harmonia com as pessoas ao seu redor. No esforço de controlar suas paixões

em benefício do todo e de buscar um caminho para chegar ao convívio harmonioso com os outros é que está a evolução espiritual do ser humano. Se a pessoa vive em função de sua própria paixão e não se importa com as demais pessoas, o que ela está sentindo não é amor, e sim desejo egoístico. Isto porque o amor é um sentimento que faz a pessoa vivificar todos aqueles que a rodeiam.

Hosokawa — Soube que o prof. P disse ser contra o namoro de Kusuno com Tamiko porque o sentimento deles não passa de paixão egoística que os leva a não se importar com as pessoas à sua volta, e acha que apoiar esse tipo de namoro é apoiar o mal. O senhor também é dessa opinião?

Taniguchi — Não. A Seicho-No-Ie ensina que o mal não é existência real, pois ele é apenas um aspecto temporário manifestado como conseqüência dos carmas. Assim sendo, mesmo que o aspecto manifestado das coisas, fatos e pessoas seja negativo ou distorcido, devemos procurar apreender-lhes a perfeição original. Com isso, ocorrem a purificação e a extinção dos carmas negativos e manifesta-se a perfeição criada por Deus. Portanto, embora o namoro de Tamiko e Kusuno tenha começado de um modo errôneo, não o renego, e gostaria de ajudar os dois a conduzir esse namoro ao rumo certo, de modo a encontrar uma solução benéfica para todos os envolvidos. (Volume 15)

Confiar na desintegração dos carmas

Taniguchi — Quando temos um determinado pensamento, este permanece latente, constituindo a força motriz que gera outro pensamento semelhante. É como a corda do relógio despertador: seus ponteiros giram agora porque foi-lhe dado corda anteriormente. O alarme do despertador soa quando os ponteiros indicam uma determinada hora; isto ocorre devido ao desenrolar da corda. Da mesma forma, em dado momento ocorrem em nossa mente vibrações mentais de ira ou de tristeza, devido ao desenrolar da "corda cármica" que demos no passado. O carma não se eliminará enquanto a corda cármica não se desenrolar e se manifestar concretamente sob diversas formas. Se manifestamos ira ou tristeza, é porque no passado formamos um carma correspondente a esses sentimentos. Mas tal manifestação é valiosa. A corda do relógio "esgota-se" após **desenrolar-se** por completo, e então o alarme cessa. Da mesma forma, nosso carma também "se esgota" após manifestar-se. Porém, a maioria das pessoas torna a dar corda ao carma quando este está se desintegrando. É por isso que a força do seu carma negativo nunca se esgota. O que significa tornar a dar corda quando o carma está se desintegrando? É ter atitude mental que reativa o carma, como, por exemplo, pensar "Estou zangado" diante de um contratempo e admitir "Sou um mau sujeito, dado a se irritar facilmente". Ter tal pensamento, seja passageiro ou em

forma de reflexão, é reconhecer a existência do mal em si próprio e gravá-lo na própria mente. Costuma-se considerar *boa*, do ponto de vista religioso e moral, a atitude de refletir sobre si próprio e admitir o seu lado mau. *Mas não existe esse "eu" que a pessoa considera mau.* **Não existe o lado mau** — esta é a visão fundamental da Seicho-No-Ie acerca do homem. Já que todos os homens são filhos de Deus, todos são bons. Então, quem é mau? **Não é o nosso "eu"**. O que parece mau é simplesmente um processo através do qual um carma maléfico formado no passado está se manifestando para se desintegrar. Por isso, quem conhece esta Verdade, mesmo que fique zangado ou tenha pensamentos ou sentimentos negativos, não pensa "Eu sou mau", mas mentaliza "Está se extinguindo o carma; extinto o meu 'falso eu', manifesta-se o meu **Eu verdadeiro**, minha natureza verdadeira de **filho de Deus, perfeito e harmonioso. Doravante não mais terei maus pensamentos**" e deixa que a força do carma desapareça por si mesma. Pensando desta forma, enfraquecemos a força do carma que nos leva a repetir maus pensamentos e más ações. Creio que foi neste sentido que o apóstolo Paulo disse: "Nem eu tampouco julgo a mim mesmo". E nem há necessidade de se julgar, pois se trata de "falso eu", isto é, uma imagem projetada pelo carma, que não provém da natureza divina original, algo inexistente que logo se extingue. Basta assim refletir e desfazer-se do "falso eu".

E sendo o *Eu verdadeiro* filho de Deus, este também não precisa ser julgado.

Kawamoto — Se transigirmos com maus pensamentos, achando que com a manifestação deles está se processando a desintegração do carma, não estaremos formando outro carma maléfico e assim nunca estaremos livres de causas cármicas?

Taniguchi — Conscientizando que o "eu que comete o mal" não existe, desaparece também a idéia de transigir com esse "falso eu". O viciado em bebida alcoólica, por exemplo, não consegue deixar esse vício porque pensa que existe o "eu" dominado pela bebida e tenta reprimi-lo; mas, compreendendo realmente que **não existe o "eu" dominado pela bebida**, deixará de ser dominado por ela.

Há pouco, alguém perguntou sobre como distinguir o *Eu verdadeiro* do *falso eu*. O "eu" dominado pela matéria é o *falso eu*; e o "eu" que domina a matéria é o *Eu verdadeiro*. Uma ação que parte do princípio de que "eu e os outros somos um" é uma manifestação do *Eu verdadeiro*. E essa atuação do *Eu verdadeiro* se dá através dos pequenos atos do cotidiano. Vivificar o amor nos pequenos atos do dia-a-dia — nessa atitude é que Deus Se manifesta. Esperando apenas por grandes acontecimentos, talvez a pessoa nunca tenha uma oportunidade na vida para pôr o *Eu verdadeiro* em ação. E na mente de quem aspira a uma grande obra, a um trabalho de destaque, tende a penetrar a vaidade do "falso eu" — a vaidade de querer vencer os

outros. Sempre podemos fazer o *Eu verdadeiro* atuar nos pequenos atos da vida prática. Até mesmo ao jogar no quintal a água de uma bacia, podemos manifestar amor. Podemos colocar em prática a bondade e a consideração com os seres vivos, evitando jogar água num determinado lugar para não causar a morte de grande número de insetos, e espalhando-a sobre plantas que estejam precisando de umidade. Praticar atos de bondade e consideração com os outros é manifestar Deus. É por isso que o fundador da seita Konkō exortou a todos a manifestarem *sinceridade, bondade e atenção*, considerando-as principais virtudes. (Volume 16)

A evolução espiritual não se consegue "num salto", isto é, de uma hora para outra. Quando a pessoa pensa ter atingido um estado espiritual elevado e radioso, de repente vê-se retornando ao estado mental sombrio e pessimista, como se tivesse perdido a fé. Então, ela pensa: "Ainda não compreendi realmente a Verdade; sou um fracasso". Na Seicho-No-Ie, porém, as pessoas nunca se consideram fracassados. Elas mentalizam: "O *eu* que fracassa não existe! Isso não é o meu *verdadeiro Eu*; não passa de imagem projetada dos meus atos imperfeitos acumulados no passado. Mediante a projeção dessa imagem, está sendo eliminado o meu carma negativo". Pensando assim, mantêm a mente imperturbável. Expliquei anteriormente que o *Eu verdadeiro* é aquele que, mesmo amarrado, não

está tolhido; mesmo agredido, não é atingido; mesmo dolorido, não sofre. E compreender isso é despertar espiritualmente. Esse despertar aplica-se aqui também. Mesmo que a pessoa esteja sofrendo e com a mente aflita por causa da manifestação de carma negativo, se compreender que existe o *Eu verdadeiro* que não se aflige apesar de a mente fenomênica estar aflita, conseguirá desligar-se das aflições, tal como aquele soldado que, durante uma árdua marcha, colocou sua mente num nível superior ao sofrimento do seu corpo carnal e, desligando-se assim da dor física, teve seu sofrimento minimizado. Também nós, se compreendermos que transcendendo as nossas aflições fenomênicas existe o *Eu verdadeiro* que jamais se aflige, superaremos a situação facilmente, sem criar nova semente (carma) de aflição. Esta é uma graça que alcançamos ao despertar para a nossa natureza divina. Porém, mesmo que nos conscientizemos da nossa natureza divina, se forem muito profundas as raízes da nossa ilusão (carma), não se extinguem imediata e totalmente suas conseqüências, ou seja, as doenças, os conflitos mentais ou as dificuldades da vida. A rapidez ou a morosidade com que desaparecem as doenças, as dores e os sofrimentos depende da profundidade das raízes cármicas que motivaram esses males. Como costumo dizer, uma estrela bem distante, cujos raios luminosos demoram vários anos para chegar até nós, já pode estar extinta embora a nossos olhos pareça existir ainda, pois estamos vendo agora a luz que

ela emitiu há muito tempo. Embora possamos ver a luz de uma estrela extinta, na verdade esta não existe mais, e a sabedoria nos permite compreender isso. Assim também são as doenças, as dores ou os sofrimentos cujas raízes cármicas são profundas: estas podem estar extintas, mas as suas conseqüências ainda são visíveis. Mas, embora estejam manifestadas doenças, dores e aflições, **as suas causas deixam de existir no momento em que o indivíduo desperta para a sua Natureza Divina, isto é, para a Verdade de que ele é filho de Deus. Quem possui sabedoria compreende isso. Conseqüentemente, não sofrerá, mesmo estando no meio de sofrimentos, nem sentirá dores, ainda que esteja no meio delas. Não terá de ficar à mercê da dor e contorcer-se com ela**. Produzir carma é algo comparável ao ato de se atirar numa lagoa. Quando alguém se atira numa lagoa, formam-se ao seu redor ondas circulares e concêntricas, que vão se estendendo. A parte elevada das ondas corresponde a doenças e dores manifestadas exteriormente. As ondas são formadas de partes altas e baixas, que se alternam. Também as doenças e as angústias ora aparecem, ora somem. Isto porque o carma também é uma vibração e se desencadeia em forma de ondas. A primeira onda é sempre mais alta, a segunda é mais baixa um pouco, a terceira mais ainda, e assim vai enfraquecendo sucessivamente, até desaparecer. Este é o destino das ondas. No entanto, o indivíduo que está no centro das ondas fica temeroso e se

debate provocando novas ondas cármicas. Desse modo, as ondas de sofrimento nunca poderão acabar. Não se deve pensar que as ondas de carma negativo vão desaparecer imediatamente após a compreensão da Verdade, pois, se aparecer outro sofrimento, a pessoa pensará que ainda não compreendeu a Verdade, ficará aflita e se debaterá, e com isso provocará novas ondas cármicas. Portanto, é importante compreender que as ondas de sofrimento vão enfraquecendo e acabam desaparecendo, infalivelmente, ainda que isso demore um pouco. Ao atingirmos esse estado de espírito, não tememos mais a doença. Dores e sofrimentos já não perturbam a nossa mente. Compreendemos que estamos salvos, independentemente de existirem dores e sofrimentos. (Volume 4)

Despertando para a Imagem Verdadeira, transcendemos o carma

A Seicho-No-Ie fala em "transcender a causalidade (carma)". Ontem mesmo falei que a causalidade não é existência verdadeira. Vamos supor que uma pessoa tenha bebido água gelada e, no dia seguinte, tenha diarréia. As pessoas tendem a concluir precipitadamente que um determinado fato seja conseqüência de um outro fato ocorrido imediatamente antes, que seria a causa. No caso suposto, concluem que a causa da diarréia seja a água gelada que se

bebeu. Quando a pessoa pensa "tive diarréia porque bebi água gelada", nesse momento se forma na mente dessa pessoa a idéia de que "água gelada causa diarréia", e ela terá diarréia toda vez que ingerir água gelada. No budismo, essa causa formada é chamada de "carma". Um pensamento que se teve, mesmo por acaso, permanece oculto no mundo mental, aguardando uma oportunidade para se materializar. Isto é o carma. É como um disco gravado, que produz o mesmo som toda vez que é colocado na vitrola. O contato com a agulha constitui a **oportunidade** para reproduzir o som gravado no disco; sem a agulha, o disco não toca. Da mesma forma, mesmo que exista o carma (a causa), ele não se concretizará no mundo das formas se não houver a **oportunidade**. A idéia "água gelada causa diarréia" que se formou na mente é a **causa**; e, posteriormente, quando a pessoa bebe de novo água gelada está formada a **oportunidade**. É como se o toca-discos tivesse sido acionado. Então reproduz-se a mesma "música", isto é, manifesta-se o mesmo fenômeno. Portanto, não são todas as pessoas que ficam com diarréia ao beberem água gelada.

O **carma** constituído pela idéia de que "água gelada causa diarréia", encontrando posteriormente a **oportunidade** que se chama "ato de beber água gelada", produz o **efeito** chamado "diarréia". Resumindo, temos: causa + oportunidade = efeito. E, à medida que a pessoa vai repetindo esse processo, vai se tornando cada vez mais forte a

idéia de que "ocorre diarréia quando se bebe água gelada", formando um círculo vicioso difícil de romper. Entretanto, esse fenômeno, sendo produto do carma, deixará de ocorrer se a pessoa transcender o carma.

Um consulente que me procurou ontem contou que todos os membros da sua família adoecem nos meses de julho e agosto, e que em outros meses ninguém adoece. Isso acontece porque no mundo mental está gravada como causa a idéia de que "nos meses de julho e agosto se adoece" e, quando chega a **oportunidade**, isto é, a época referida, produz-se o efeito, a doença.

Na fábrica onde eu trabalhava havia mais de cem cardas (grandes máquinas para destrinçar o algodão). Essas máquinas possuem um cilindro com dentes semelhantes aos de serra, o qual gira em alta velocidade para destrinçar o algodão. Freqüentemente caroços de algodão ficam presos nas duas extremidades do cilindro e é preciso retirá-lo para o perfeito funcionamento da máquina. Certo dia, como de costume, um colega meu abriu a tampa que protege o cilindro e foi retirar os caroços com um instrumento apropriado. Assim que ele introduziu o instrumento, este foi apanhado pelos dentes do cilindro juntamente com sua mão. Quando gritou de dor, já havia perdido um dedo. Desde então começou a ocorrer algo estranho: repetia-se o mesmo tipo de acidente na mesma parte da mesma máquina, e vários funcionários, sucessivamente, perderam um dedo. Havia mais de cem

máquinas iguais funcionando; no entanto, os acidentes ocorriam só com aquela máquina. Então ela foi desativada para evitar outros acidentes. A explicação é que, quando a primeira vítima teve seu dedo arrancado e gritou de dor, formou-se no mundo mental a **causa**, constituída de sentimento de dor e idéia de decepação de dedo; e, quando alguém colocava a mão no mesmo lugar, formava-se a **oportunidade**, através da qual a **causa** produzia o **efeito** chamado "decepação de dedo".

Porém, não é só o ser humano que possui carma (causa) que se concretiza ao encontrar uma oportunidade; todo o Universo possui carma. O carma do Universo é que, em combinação com as oportunidades que surgem, produz todos os fenômenos da Natureza. A formação das nebulosas, o esfriamento de astros incandescentes e sua transformação em planetas ou satélites são efeitos do carma universal, que se manifesta de modo cíclico. Este mundo também é efeito da manifestação cíclica do carma do Universo, e portanto se destruirá "quando chegar o fim do ciclo", como se lê na *Sutra do Lótus*. O sistema solar também surgiu como manifestação cíclica do carma do Universo e deverá se extinguir no fim do ciclo. O período em que algo surge, desenvolve-se e perece, recebe o nome de ciclo. Entretanto, mesmo quando este mundo se destruir no fim de seu ciclo, o mundo da Imagem Verdadeira não se destruirá porque ele não é manifestação do carma, e é isso que a *Sutra do Lótus* quer dizer. O Universo visível

aos olhos carnais e este corpo carnal, sendo resultantes do carma, destruir-se-ão quando completar seu respectivo ciclo. O Universo fenomênico não é eterno porque é fruto da ação cármica.

Segundo os arqueólogos, a Terra já foi habitada por vários seres evoluídos num passado remoto. Fósseis desses seres, destruídos por catástrofes naturais, encontram-se no subsolo. E, ainda segundo os estudos arqueológicos, já houve civilizações avançadas, em que voavam aviões e existiam construções melhores que os atuais e impossíveis de serem construídos pela engenharia atual. As civilizações que evoluíram até esse ponto foram destruídas por catástrofes, e a humanidade voltou ao estado primitivo para novamente construir uma sociedade civilizada, esforçando-se e sofrendo durante dezenas de milhares de anos. Assim é o ciclo cármico do mundo.

Todos entendem que o corpo carnal não é eterno, mas muitos não entendem que este mundo também é perecível. À primeira vista, este mundo parece eterno; entretanto, como é regido pelo carma, isto é, pelas ondas mentais do Universo, sofre sucessivas transformações cármicas: surge, evolui e é destruído por catástrofes; depois começa tudo de novo, evolui e se destrói; e assim sucessivamente. Não sabemos quantas vezes a Terra já passou por isso desde a sua formação. E em cada ciclo vêm mestres espirituais para ensinar a humanidade a transcender o carma deste mundo cíclico e destrutível. Mesmo que no fim do

ciclo se destrua este mundo fenomênico regido pelo carma, o *mundo da Imagem Verdadeira*, que é a fonte e a pátria de nossa Vida, jamais se destruirá; ele continuará existindo eternamente. E nós estamos, agora, aqui mesmo, neste mundo eterno. Parece que estamos vivendo no mundo fenomênico, mas, **na verdade, estamos vivendo no mundo da Imagem Verdadeira**. O mundo fenomênico não é o mundo da Existência Verdadeira, portanto não existe, embora pareça existir. Se o mundo fenomênico não existe, só podemos estar no mundo da Imagem Verdadeira, pois não existe outro. Aparentando viver no mundo fenomênico, vivemos no mundo da Imagem Verdadeira. Aparentando estar no mundo das ilusões, estamos no paraíso de luz divina, pois o primeiro não é existência verdadeira. Quando compreendemos esta Verdade, transcendemos o carma e nossa mente passa a viver em um mundo livre, isento de carma. Conseqüentemente, nossa vida no plano concreto também se torna automaticamente livre e desembaraçada.

Alguns pensam que, embora o mundo da Imagem Verdadeira seja perfeito, o homem não pode escapar de terremotos e outras calamidades terrenas. Obviamente, a iluminação (o despertar) de uma única pessoa não pode evitar as catástrofes de grandes proporções porque elas são provocadas pelo carma do Universo; entretanto, se ela despertar realmente para a perfeição da Imagem Verdadeira e transcender o carma, alcançará uma situação em que não

será atingida por terremotos, mesmo que estes ocorram. Um adepto da Seicho-No-Ie, que foi vítima de atropelamento, não sofreu um arranhão sequer, apesar de o carro ter passado praticamente por cima de seu corpo. Isto prova que ele havia transcendido o carma. Pelas leis físicas, o normal é a pessoa ser esmagada quando a roda de um carro passa por cima dela. Mas essas leis também são leis do carma. Quando transcende o carma, o homem não se fere, mesmo sendo atropelado. Mesmo vivendo em um mundo cheio de sofrimentos, surge ao seu redor uma situação paradisíaca, pois o seu ambiente é projeção de sua mente. (Volume 21)

A "religião viva" destrói os carmas

O budismo ensina sobre a causalidade (relação de causa e efeito) ou o carma, mas isso não é suficiente para salvar o homem. Se não ensinar o meio de transcender a causalidade, não poderá salvar verdadeiramente o ser humano. Felizmente, Sakyamuni explica na *Sutra do Lótus* e na *Sutra do Nirvana* o meio de transcender a causalidade. Ele costumava pregar que reencarnou várias vezes enquanto vivia no mundo da causalidade, mas, ao pregar as referidas sutras, afirmou que ele é um ser eterno, absoluto, que transcende a causalidade (a lei do carma) e vive há infinitos séculos. Na *Sutra do Nirvana* consta:

"A inexistência de causa é sinônimo de libertação". Isto é absolutamente certo. Não existindo causa, é impossível existir efeito. Somente transcendendo a causa (compreendendo sua inexistência) é que se pode alcançar a verdadeira salvação. Libertação consiste em transcender a causa. Enquanto estivermos preocupados com a causa, não estaremos libertos totalmente. Compreendendo a inexistência da causa é que destruímos e alcançamos a verdadeira libertação.

A seita xintoísta Tenrikyō também prega a respeito de carma. Alguns de seus pregadores dizem aos adeptos: "Você tem grande carma negativo; para resgatá-lo, precisa trazer contribuição à seita; do contrário, sua doença não vai ser curada". Mas, por simples meio de contribuição monetária, o homem jamais alcançará a salvação. Conscientizando-se da sua Imagem Verdadeira, que transcende o carma, e identificando-se com ela, o homem compreenderá que o carma não existe, e somente então conhecerá o mundo onde não existe nem pecado, nem doença, nem morte. Somente penetrando na Essência da Vida, (conscientizando-se da Imagem Verdadeira) sumamente perfeita, alcançará a salvação verdadeira.

A função da religião é fazer o homem compreender que o corpo carnal não é existência verdadeira; logo, curar esse corpo, que é falsa existência, não é função da religião. Esta cura a doença, mas seu modo de curar é diferente. Na verdade, "curar" não é o termo apropriado; a doença é que

se desmorona e desaparece por si mesma quando se desfaz a ilusão (o carma) que a causava. É dessa forma que ocorrem muitas curas na Seicho-No-Ie. Alguns religiosos que não conseguem curar doenças dizem: "Religiões dadas à cura de doenças são inferiores; a minha religião não lida com doenças". Não é que eles não lidem com doenças; a verdade é que não conseguem curar por não saberem eliminar a ilusão ou o carma. O que é, afinal, a doença? Ela é manifestação do carma. Não poder curar doenças é prova de incapacidade de eliminar o carma. E qual é a finalidade da religião? É eliminar o carma (a ilusão) para que se manifeste a Imagem Verdadeira. Permitir ao homem eliminar o carma, transcender a causalidade e viver livre de carma — esta é a salvação que a religião deve proporcionar. A doença é manifestação do carma. Logo, se alguém está doente, é porque está preso ao carma. E se a doença não desaparece apesar de ele professar uma religião, é sinal de que seu carma ainda não foi eliminado. Isso significa que essa religião não transmite a Verdade. Se realmente transmitisse a Verdade, eliminaria o carma e conseqüentemente a doença desapareceria. Se uma religião é capaz de eliminar o carma, é natural que ocorram curas entre seus adeptos. O fato de uma religião não curar doenças não é motivo para se orgulhar, pois é prova de que não consegue eliminar o carma. Mesmo que um religioso faça uma brilhante palestra filosófico-religiosa, se ele não consegue eliminar um só carma, sua doutrina não chega a

ser uma **religião viva** que salva efetivamente as pessoas, embora não deixe de ser uma filosofia religiosa. Uma **religião viva** consegue eliminar o carma. Como prova disso, a vida cotidiana de seus adeptos se ilumina, desaparecendo todos os tipos de sofrimento. Por isso está escrito que, se ocorre a cura quando lemos obras da Seicho-No-Ie e compreendemos a Verdade, "é porque se destrói a ilusão inicial". Não está escrito que curamos a doença, de forma direta. Destruindo-se a ilusão, ocorre, como conseqüência natural, a cura da doença. (Volume 21)

A convicção de ser capaz de executar o dobro da tarefa incumbida

A convicção da *natureza divina de si mesmo* gera a autoconfiança plena, ou seja, a certeza de ser capaz de realizar com êxito todo e qualquer empreendimento, e desperta o sincero interesse em tudo que há de bom e valioso. A convicção da *natureza divina de si mesmo* faz com que a pessoa tenha a certeza de ser essencialmente feliz e livre, mesmo diante das maiores dificuldades. Quem tem essa convicção não procura fugir de tarefas difíceis. Pelo contrário, se lhe for dada uma determinada quantidade de tarefas, aceita-as com boa vontade, disposto a fazer até mesmo o dobro do trabalho que lhe cabe. Para ele, tudo será motivo de alegria, satisfação e sincero interesse.

A Seicho-No-Ie é um lugar onde se ministra uma rigorosa educação para despertar nas pessoas a consciência de sua natureza divina, e não um lugar onde se pratica a caridade movida meramente por um sentimentalismo barato e piegas. Atentem para o processo de curas milagrosas em que pessoas gravemente enfermas, desenganadas pelos médicos, começam a melhorar repentinamente e saram em pouco tempo: quando o doente percebe a tolice de se deixar levar pela autocomiseração e de contar com o auxílio dos outros, conscientizando que ele é filho de Deus e não precisa apoiar-se nos outros, sua força vital começa a atuar vigorosamente, promovendo a rápida cura. Quem pensa que a Seicho-No-Ie é uma entidade que visa curar doenças físicas está completamente enganado. A cura da doença do corpo é apenas resultado da conscientização da natureza divina do homem. Todos os que não têm consciência da natureza divina de si mesmos são "doentes", mesmo que seu corpo não apresente nenhuma enfermidade. Não ter consciência da natureza divina de si mesmo constitui **estado de ilusão**. Quando o estado de ilusão se manifesta no corpo, ocorre a doença; quando o estado de ilusão se manifesta no desempenho escolar, ocorre baixo aproveitamento nos estudos; quando o estado de ilusão se manifesta em outras áreas, tais como situação econômica, circunstâncias de vida, etc., ocorrem a pobreza e o infortúnio. Todos os males que surgem nesta vida têm como causa fundamental a *não-conscientização da natureza divina do ser*

humano. De nada adianta tentar sanar o mal manifestado no plano fenomênico, sem eliminar a causa. Quem busca a cura da doença sem eliminar a causa fundamental, que é a não-conscientização da natureza divina de si mesmo, acaba sofrendo outro tipo de mal — a dificuldade financeira decorrente das despesas médicas —, ainda que consiga a cura da doença. Isto porque, neste caso, não conscientizando a natureza divina de si mesmo, o *estado de ilusão*, que persiste na mente, passa a se refletir no aspecto econômico-financeiro. Portanto, se alguém deseja curar a doença (que é o mal manifestado no plano físico) sem cuidar de eliminar a causa fundamental, que é a não-conscientização da natureza divina de si mesmo, convém recorrer aos melhores médicos e gastar muito dinheiro. Assim, pode ocorrer a cura, pois o estado de não-conscientização da natureza divina de si mesmo deixa de se manifestar no corpo, passando a aparecer no plano econômico. Em outros termos, a doença cede lugar à pobreza. Isso constitui o que no budismo se chama "mudança na forma de manifestação do carma". Uma das peculiaridades do carma é mudar sua forma de manifestação. Existem certas pessoas que dizem: "Médico nenhum consegue me curar". Se elas não conseguem a cura, é porque, muitas vezes, o preço que elas pagam ao médico é ainda insuficiente; ou porque, ao pagarem, fazem-no com má vontade. Em outras palavras, é porque não se efetiva a "compensação do carma". O carma continua se manifestando através de um meio

chamado "doença" e não é compensado por uma outra forma de "pagamento". Há até casos em que doentes se curam quando pagam um curandeiro; então, a possibilidade de cura será maior quando se paga um preço mais alto a um médico. Portanto, aconselho tais pessoas que paguem mais generosamente aos médicos, sem relutância. Assim a possibilidade de cura será bem maior. Conheço casos de pessoas que se curaram de doenças consideradas incuráveis quando se tornaram adeptas da seita Ittoen. Como se sabe, um dos requisitos para se tornar adepto dessa seita é despojar-se dos bens materiais. Nesses casos, a cura ocorre porque, ao se despojar de todos os bens, a pessoa promove uma mudança na forma de manifestação do carma; isto é, o carma que estava manifestado no corpo sob a forma de uma doença passa a manifestar-se no plano econômico, sob a forma de pobreza.

Tudo neste mundo é projeção da mente ou, em outros termos, forma de manifestação do carma. Assim sendo, é natural que, eliminando-se um mal manifestado no plano fenomênico sem corrigir a causa fundamental que está na mente, surja uma outra forma de mal. São exemplos disso os casos de pessoas que se curaram de doenças graves mas ficaram pobres em conseqüência de elevados gastos médicos e hospitalares. O mau desempenho escolar dos filhos também é uma forma de manifestação do carma. Pode-se sanar o mau desempenho escolar do filho, contratando professores particulares, comprando bons livros didáticos

e forçando-os a estudar muito. Porém, isso pode acarretar outros males, tais como dificuldade financeira em conseqüência de elevados gastos, ou adoecimento do filho devido à sobrecarga de estudos, o que significa mudança na forma de manifestação do carma.

Mau desempenho escolar, doença, dificuldade financeira, etc., são diferentes formas de manifestação do carma. Mesmo que se elimine um problema manifestado no plano fenomênico, o carma que constitui a causa fundamental dos males logo se manifesta sob a forma de um outro problema. Suponhamos que um homem se livre da pobreza, alcançando êxito num empreendimento e obtendo grandes lucros. Ele deixa de ter problemas econômico-financeiros, mas, persistindo o carma, este se manifesta sob outros aspectos, tais como má conduta ou mau desempenho escolar dos filhos, desarmonia no lar causada por infidelidade conjugal, etc.; assim, ele não consegue encontrar a verdadeira felicidade. Isto se compara ao fato de não ser possível conseguir a cura verdadeira de uma doença combatendo apenas o sintoma. Por exemplo, ministrando-se um antitérmico a um paciente que esteja sofrendo devido à febre alta, sua temperatura normaliza-se temporariamente e ele se sente aliviado; porém, como a febre é um dos meios pelos quais o organismo procura combater os vírus patogênicos, a diminuição forçada da febre pode provocar o aumento proporcional das atividades desses vírus. Além disso, os antitérmicos muito fortes podem provocar efeitos colaterais que afetem o aparelho digestivo, o coração, etc. Recorrendo-se a um tratamento perfeito que não oferece tais riscos, o paciente fica curado, mas passa a sofrer de um outro problema, a dificuldade econômica decorrente dos elevados gastos médicos e hospitalares. Assim são as manifestações do carma. Se combatemos e eliminamos uma forma de manifestação do carma que esteja causando-nos sofrimento, logo surge outra forma, e nossos sofrimentos não cessam.

Continuando esse processo, seremos eternamente prisioneiros do carma. Será que não há um meio de nos libertarmos dessa prisão? Há, sim. A chave da libertação está em tomarmos consciência de nossa natureza divina. Despertando para a natureza divina de nós mesmos e compreendendo que nosso *Eu verdadeiro* (filho de Deus) é livre dos carmas, nunca mais seremos arrastados pelas forças cármicas. Na linguagem do cristianismo, expressaríamos isso da seguinte forma: Jesus Cristo morreu na cruz para redimir nossos pecados; portanto, quando comungamos com ele e tomamos consciência da presença do filho de Deus em nós, ficamos livres dos pecados. Na linguagem budista diríamos: Buda veio ao mundo para que a humanidade transcendesse o carma; portanto, quando nos tornamos um com ele e conscientizamos a natureza búdica de nós mesmos, libertam-nos do carma.

Despertando para a Verdade de que o *ser humano é filho de Deus* e tomando consciência dessa natureza divina,

alcançamos o mundo que transcende o carma. Mesmo vivendo neste mundo aparentemente repleto de dificuldades, deixamos de senti-las quando as transcendemos pela conscientização da nossa natureza divina. Por maiores que sejam as dificuldades e os problemas aparentes, eles não nos causam sofrimento.

No livro *Como Viver Feliz*, há um trecho que diz: "Dificuldades e problemas são, por assim dizer, 'esportes' para a Vida se exercitar, do mesmo modo que o esqui, o alpinismo, o golfe, a natação, etc., são esportes para se exercitar o corpo. Vocês consideram o esqui um suplício? O alpinismo uma desgraça? O golfe um tormento? A natação uma infelicidade? Todo esporte oferece dificuldades, mas o prazer está justamente em vencê-las. O mesmo se pode dizer das dificuldades e dos problemas da vida: quando os enfrentamos com coragem e otimismo, a vida se torna radiosa e brota em nós a vigorosa e infinita força vital".

Realmente, aquele que desperta para a natureza divina de si mesmo passa a ter uma visão radiosa do mundo, em qualquer situação — seja na pacata vida cotidiana ou nas horas de grande dificuldade.

O que torna radiosa a nossa vida, acendendo em nosso coração a esperança e o entusiasmo, é a educação fundamental que nos desperta para a Verdade de que "o ser humano é filho de Deus". (Volume 25)

CAPÍTULO 3
CONSIDERAÇÕES SOBRE ARREPENDIMENTO

O pecado se extingue com o arrependimento

Se caso estais enfermo, procurai um orientador de Meu ensinamento, a ele pedi que ore por vós e dele aprendei a praticar a *Meditação Shinsokan*. Sendo o orientador de Meu ensinamento aquele que recebeu a Minha palavra, as palavras dele curar-vos-ão. Se, após um exame de consciência, julgais ter algum pecado, confessai, sem nada esconder, ao orientador de Meu ensinamento. Meu ensinamento prega a inexistência do pecado, mas é um erro pensar que "É desnecessária a confissão porque o pecado é originariamente inexistente". O pecado é originariamente treva e se extingue quando exposto à Luz; porém, quando é mantido oculto, ele continua como treva e não se extingue. O preço do pecado é a morte. Quando se mantém escondido o pecado, impedindo que ele seja exposto à Luz, a conseqüência é a morte. Homens da face da Terra, não deveis ocultar o pecado. Se escondeis o pecado, é porque ainda tendes apego a ele. Se temeis a exposição do pecado, é porque ainda estais apegados a ele. Não deveis perder a humildade por ouvir em Meu ensinamento que "originariamente o pecado é inexistente". Se conheceis a Verdade de que o pecado é originariamente inexistente, por que

ocultar o pecado, temendo sua exposição? Não deveis enganar a vós próprios, dizendo: "Sou inocente porque o pecado inexiste originariamente". Enganardes a vós próprios é o primeiro dos pecados. Isto porque ocultais a vós mesmos e impedis a manifestação de vossa imagem original, que é perfeita. Porém, uma vez confessado o pecado, não deveis torturar vossa mente, que é extensão da mente de Deus, voltando a vos prender àquele pecado. O pecado desaparece simultaneamente à confissão. A treva não se extingue quando exposta à luz? Não desaparece o pecado daquele que não confessa arrependido, assim como não desaparece a treva que não é exposta à luz. A confissão pode ser feita discretamente a um orientador religioso, pessoalmente ou por meio de carta. Entretanto, nenhuma eficácia há em expor o pecado diante do público que irrefletidamente faz comentários maldosos. Que eficácia há em projetar a escuridão sobre a escuridão? O homem, no momento em que confessa sinceramente, purifica todo o seu ser e manifesta a perfeição própria do filho de Deus que é. Após confessar com toda a sinceridade, permanecei tranqüilos. Sois verdadeiramente Meus filhos. Eu sou um convosco. O Espírito Santo comunica-se convosco, vossa alma é abençoada e obtendes a vida eterna.

Se há entre vós algum enfermo, orai uns pelos outros. Quando orais uns pelos outros, desce sobre vós a Minha força. A oração pela cura própria pode conter egoísmo. Orando uns pelos outros, brota em vós o sentimento de amor ao próximo, e as vibrações espirituais de Deus atuam em vós. Visitai as pessoas enfermas, orai por elas e realizai também a *Meditação Shinsokan*. Ao orardes, lembrai-vos de que a relutância em oferecer dinheiro e o desejo de receber dinheiro, ambos são vibrações de ilusão que não sintonizam com as vibrações espirituais de Deus.

Fiéis de todas as localidades, unidos, orai uns pelos outros! Membros de uma família, orai uns pelos outros! Lembrai que, embora ocorra a cura pela oração, isso não é devido à vossa força; é devido à força de Deus. Não vos esqueçais da Fonte. Amai-vos uns aos outros, reverenciai-vos uns aos outros, dedicai-vos uns aos outros e venerai a Deus. Sendo este mundo semelhante a uma tela cinematográfica onde se projetam mescladas a luz e a ilusão, o único meio de eliminar logo os sofrimentos do mundo consiste em eliminar a ilusão o quanto antes possível.

(*Revelação Divina de 12 de agosto de 1932.*)

O pecado se extingue quando reconhecemos o erro

No capítulo 7 do Evangelho Segundo Lucas, há uma passagem que conta o seguinte episódio: Certa feita, Jesus foi convidado para um banquete na casa de um fariseu chamado Simão. Havia nessa cidade uma mulher de nome Madalena, que, por ser uma meretriz, era desprezada por todos. Quando ela soube que Jesus fora convidado para o

banquete na casa de Simão, ela para lá se dirigiu levando um vaso de alabastro cheio de bálsamo de fino aroma; e, chorando de arrependimento, ajoelhou-se aos pés de Jesus, banhou-lhe os pés com suas lágrimas, enxugou-os com seus cabelos, beijou-os e ungiu-os com o bálsamo. Vendo isso, Simão, que era fariseu, pensou consigo: "Mulher pecadora, que fazes? Não vês que Deus não recebe oferendas de uma pecadora como tu? Jesus, por sua vez, se é realmente um enviado de Deus, deveria saber, através de sua sensibilidade espiritual, que espécie de mulher é essa que lhe tocou os pés. Como pode mostrar tanta benevolência para com uma pecadora?". Jesus, que lera o pensamento de Simão, disse-lhe: "Simão, quero fazer-lhe uma pergunta. Responda-me: um credor que tenha dois devedores, dos quais um lhe deve cinqüenta moedas, e o outro, quinhentas, caso ele perdoe a ambos a dívida, qual deles iria agradecer-lhe mais?" Em resposta, Simão disse: "Com certeza aquele que tem maior dívida agradecerá mais pela misericórdia do credor". "Isso mesmo — disse Jesus — Quem tem maior dívida amará mais o credor, agradecendo-lhe pela dívida perdoada; mas aquele que pensa que tem uma dívida pequena não se sente muito agradecido pelo perdão e não ama o credor. Quando cheguei em tua casa, tu não me deste água para lavar os pés, mas esta mulher banhou-me os pés com suas lágrimas e enxugou-os com seus próprios cabelos. Tu não me deste o ósculo em meus pés, mas esta mulher beijou-me os pés. Tu não me ungiste a cabeça com o bálsamo, mas esta mulher, ungindo-me os pés, pediu-me que fosse perdoada. Assim, aquele que mais se arrepende de seus pecados sentirá maior gratidão e amor mais profundo a Deus". E dizendo isto, voltou-se para a mulher e disse-lhe solenemente: "São-te perdoados os teus pecados".

O que devemos notar nessa passagem do Evangelho é que o fariseu Simão demonstrou uma atitude mental insolente, leviana e arrogante, menosprezando o perdão de Deus, ao oferecer um banquete pomposo ao Salvador; certamente pensou que, não sendo ele um grande pecador, seus pequenos pecados deveriam obviamente ser perdoados em troca daquele banquete. A atitude mental de se orgulhar das pequenas virtudes é abominada pela seita Shin, do budismo. Enquanto mantiver esse pensamento arrogante, o homem não será perdoado. Mas isso não significa que Deus tenha o pensamento mesquinho de não perdoar ao homem por causa de suas atitudes erradas. É o próprio homem que não reconhece o seu pecado, não consegue apreender a Imagem Verdadeira da sua Vida, que é *filho de Deus*; orgulha-se das pequenas virtudes que praticou, pensando que com isso já manifestou totalmente a sua Imagem Verdadeira, e não procura expressar a totalidade da maravilhosa natureza divina que está latente nele. Portanto, quem não tem a humildade de se arrepender é uma pessoa que ainda não apreendeu realmente a própria *natureza*

divina. Em outras palavras, não está manifestada nele a maravilhosa natureza divina (Imagem de Deus).

Manifestando-se a natureza divina, ocorre o *perdão*. Na verdade, quando dizemos que alguém "foi perdoado", estamos nos referindo ao fato de o seu pecado ter-se extinguido. Não basta alguém receber o perdão verbalmente — "Eu te perdoei" — se ainda não manifestou a sua natureza divina e, por conseguinte, não extinguiu o pecado e a propensão de voltar a pecar. Somente ao manifestar a sua natureza divina a pessoa alcança o estado em que o pecado é perdoado e extinto. Equivoca-se quem pensa que o seu pecado foi perdoado simplesmente porque lhe disseram: "Perdôo teus pecados". Quando o pecado é realmente perdoado e extinto, desaparece também a doença, que é a manifestação do pecado. Assim, pode-se dizer que o praticante de cura divina é aquele que apaga os pecados do próximo, isto é, faz com que neste se manifeste a natureza divina. Com efeito, por mais que a pessoa que faz a mentalização se esforce unilateralmente, o resultado será insignificante se não houver por parte do outro o coração arrependido e disposto a aceitar a Verdade.

A meretriz Maria Madalena arrependeu-se de seus pecados, isto é, ela mediu os atos dela com a escala de sua *natureza divina* e percebeu que seu procedimento não estava correto. Até aquele momento, ela estava medindo a sua conduta com uma escala falsa, mais curta que a verdadeira, e pensava: "Tenho as medidas (espirituais)

de uma pessoa normal"; mas ela compreendeu que estava mentindo aos outros e a si mesma. Medindo-se com a escala verdadeira chamada "sua própria natureza divina", percebeu que o seu "eu" estava manifestado em tamanho muito menor do que deve ser na realidade, e se arrependeu por ter apresentado ao mundo como normal algo "menor que o normal" porque o medira com uma escala falsa. Quando a pessoa compreende que estava agindo erroneamente e se arrepende, passa a possuir a "escala verdadeira da natureza divina" em sua mente. Em outras palavras, passa a manifestar a sua natureza divina. Este é o estado em que o pecado foi perdoado e eliminado. Uma vez que o homem reconheça que estava errado, seu pecado desaparece. Por isso, em vez de se prender aos pecados do passado, deve partir decididamente para a prática de atos dignos de um filho de Deus, com a consciência digna de um filho de Deus. Esta é a razão por que Cristo disse à arrependida Madalena: "São-te perdoados os teus pecados".

Afirmei anteriormente que o praticante da cura metafísica não conseguirá bons resultados se tiver o ganancioso desejo de receber honorários ao fazer a mentalização pela cura, e que também o paciente não alcançará resultado satisfatório se receber a mentalização com pensamento ganancioso de economizar as despesas com exames e medicamentos de um tratamento médico, já que as orações para a cura nada custam. Para obter o perdão do pecado (a

manifestação da Imagem Verdadeira da Vida), Madalena certamente deve ter vertido nos pés de Cristo (Verdade) a totalidade do seu mais valioso bálsamo. Os tesouros materiais, sejam eles bálsamo ou qualquer outro, por mais valiosos que sejam, são insignificantes quando comparados com a conscientização da Verdade fundamental de que "o homem é filho de Deus". Quando existe o ardente desejo de conhecer a Verdade e ser salvo, esse desejo manifesta-se necessariamente em atos concretos, fazendo a pessoa desejar oferecer até mesmo tudo que possui. E Madalena manifestou esse desejo ardente através do ato de verter o bálsamo nos pés de Cristo. Pode alguém pensar que seja mais cômodo receber a cura através de oração, que é gratuita ou pouco onerosa, sem demonstrar o seu arrependimento através de atos. Pessoas com tal pensamento não conseguem ser receptoras das vibrações espirituais de cura divina, e conseqüentemente torna-se difícil a cura da doença por esse meio. A cura se fará de modo admirável quando ambos — o que vai curar e o que vai ser curado — atingirem o nível espiritual em que se disponham a dar tudo de si por amor a Deus e para manifestar a glória de Deus, sem pensar absolutamente em interesses pessoais. Ao se oferecer alguma recompensa monetária, esta será algo puro se for oferecida com a intenção de que seja utilizada para manifestar a glória de Deus, e não com o simples intuito de remunerar a pessoa que fez a oração pela cura.

Quanto ao fato de fazer com que o doente tome consciência dos seus pecados, reflita e se arrependa, não tem por objetivo atormentá-lo, mas conduzi-lo à regeneração espiritual. Existem casos em que **os pecados estão sedimentados no fundo do subconsciente**, estando esquecidos conscientemente, e a pessoa julga não ter pecado algum. Há também casos em que a pessoa pensa: "O que fiz não constitui pecado, pois é algo que todo mundo faz". Tais pecados, embora esquecidos pelo consciente, não estão eliminados; eles estão incrustados no fundo do subconsciente, como as crostas de impurezas no interior do cano de água, e são até mais difíceis de serem removidos. Somente quando trazidos à tona do consciente é que os pecados ocultos no fundo da mente poderão ser eliminados.

Segundo as pesquisas no campo da psicanálise, muito desenvolvida atualmente, quando um indivíduo interioriza "um pensamento de que se envergonharia caso chegasse ao conhecimento dos outros" e o esquece deliberadamente, esse pensamento confinado no fundo do subconsciente acaba se tornando a causa das mais diversas doenças. Por isso, quando fazemos o doente se lembrar desse pensamento esquecido, trazendo-o à tona de seu consciente, e damos-lhe o tratamento adequado, ele se cura rapidamente. São numerosos os casos de curas que ocorrem dessa forma. (Volume 4)

Expor o pecado, em vez de ocultá-lo

Como um exemplo, podemos citar o caso de uma senhora que não podia beber nenhum líquido. Ela ficava com sede e tinha vontade insuportável de tomar alguma coisa, porém, mal seus lábios tocavam o líquido, a garganta se lhe contraía e não conseguia beber uma gota sequer. Nessas circunstâncias, ela atenuava a sede a custo, comendo algumas frutas. Após tentar todo tipo de tratamento médico, sem nenhum resultado satisfatório, por fim resolveu consultar o psicanalista Breuer, de Viena. Analisando profundamente o subconsciente da paciente, o psicanalista apurou o seguinte fato. Certo dia, essa senhora recebeu a visita de uma dama da sociedade e quando a conduziu para a sala de visita, deparou com o seu cachorro bebendo a água do copo que estava sobre uma mesa. Quando viu essa cena, ela foi tomada de um sentimento de repulsa tão insuportável que ficou com vontade de xingar o seu cachorro, gritando-lhe os piores palavrões. Todavia, ali estava aquela dama que a visitava. Pensou que era uma vergonha xingar vulgarmente o seu cachorro na frente da visita e controlou-se, reprimindo a vontade de gritar. Nessa ocasião nada aconteceu e com o tempo até se esqueceu do fato de que o cachorro bebera a água do copo. Entretanto, mais ou menos na época em que ela se esquecera desse incidente, foi que começou a não poder beber líquidos. Analisando bem

a mente da paciente, o psicanalista conseguiu descobrir finalmente que existia no seu subconsciente uma *vontade de recusar-se a beber líquidos*. Essa vontade estava reprimida no seu subconsciente e não aparecia à tona, mas, como não havia desaparecido, manifestou-se em forma de *doença que a impedia de ingerir líquidos*. Então o psicanalista fez com que ela recordasse minuciosamente aquela cena em que o cachorro estava bebendo a água do copo e exteriorizasse em palavras, à vontade, a raiva que sentira pelo cachorro. Com isso, ela se curou dessa estranha doença de *não poder ingerir líquidos*.

O que podemos depreender do resultado dessa psicanálise? Ele nos esclarece que, embora a pessoa oculte os próprios pecados, aparentando não possuir nenhum, fingindo que nunca insultou ninguém, nem mesmo um animal, ou mesmo que se tenha esquecido desses pecados e esteja convicta de que não possui pecado algum, na realidade os seus pecados não estão eliminados. No caso citado, quando o seu pecado foi trazido à tona, aquela senhora, que se comportara como uma pessoa muito fina na presença da visita, percebeu que na verdade era uma criatura que se enfurecia com um fato tão insignificante como aquele. Assim trazidas à superfície, as "sujeiras" do pecado que se encontravam depositadas no fundo do "cano" do subconsciente puderam ser eliminadas facilmente. Na religião, esse processo chama-se arrependimento, e na psicanálise dá-se-lhe o nome de catarse.

De acordo com a doutrina da Seicho-No-Ie, o pecado, assim como a treva, **não existe originariamente**. A treva não é existência real, pois é um **estado falso** de **ausência de luz**. Da mesma maneira que a treva desaparece quando deixamos de encobri-la, o pecado também desaparece automaticamente quando o expomos à luz, pois ele **não existe originariamente**. Se alguém pensa em "ocultar seu pecado, acobertando-o convenientemente", é porque acredita que existe o pecado — bem como o "eu" que comete pecados — e sua mente está presa a essa idéia. No entanto, ao compreender que **o pecado não existe originariamente — tampouco o "eu" que comete pecados** — concluirá que **aquele indivíduo mau de até então não era o seu *Eu verdadeiro***, e que o "falso eu" vinha mentindo e fingindo-se de verdadeiro. Então decidirá fazer a confissão, denunciando todo o seu passado e revelando "como tinha sido falso e mau". Caso continue a encobrir o "falso eu" e fingir inescrupulosamente que não possui pecado algum, é prova de que ainda não conseguiu separar completamente o *Eu verdadeiro* do "falso eu". Isto é, não conseguiu a verdadeira *regeneração* espiritual ou, em outras palavras, ele não está curado como ser humano. Se houver alguém que deseja curar-se apenas da doença, sem curar o seu "eu" total chamado ser humano, devemos dizer que tal pessoa nada tem a ver com o nosso método de cura fundamental.

Apesar do que foi dito, não é necessário que as pessoas que desejam a cura relatem ao orientador todo o seu passado e confessem os seus pecados, um por um, detalhadamente, pois isso tomaria muito tempo e seria quase impossível. Mesmo a meretriz Madalena não contou particularmente todos os pecados de sua vida, prostrando-se aos pés de Cristo; ela simplesmente chorou, e isso foi para eliminar pecados. Ela ainda verteu o bálsamo em Cristo, e isso foi para manifestar a glória de Cristo, isto é, da *Verdade*, do *Homem Real*. Embora alguém confesse detalhadamente o seu pecado, se o arrependimento não for tão profundo como o de Madalena que se prostrou e chorou convulsivamente (embora o choro não seja especialmente necessário), não se pode dizer que esteja realmente repudiando esse pecado. Ademais, assim como Madalena derramou todo o seu valioso bálsamo nos pés de Cristo para obter o verdadeiro perdão de seus pecados, a pessoa deve estar disposta a abandonar tudo pela manifestação da **natureza divina** (Cristo). Do contrário, não se pode dizer que está realmente amando **a sua própria Natureza Divina**. Amar verdadeiramente a Deus não significa adorar imagens, mas amar fervorosamente a sua própria **natureza divina**. É preciso estar decidido a dar tudo, se for necessário, para manifestar a **natureza divina**. Quem deseja a cura precisa ter essa determinação, e isso é mais do que natural se considerarmos a teoria da Seicho-No-Ie, segundo a qual não existe uma existência material chamada

doença, sendo esta apenas a materialização dos pecados existentes na mente (pecado = encobrimento da natureza divina). No entanto, mesmo que a determinação não chegue a tanto, as doenças se curam. Não todas, mas a maior parte. Isto porque o amor da pessoa que faz a oração pela cura envolve provisoriamente o paciente e eleva-o para o mundo do Amor — o Mundo da Imagem Verdadeira — o mundo da Harmonia. (Volume 4)

Tomar a decisão de praticar o bem

Embora seja necessário arrepender-se dos pecados, não é preciso divulgá-los levianamente aos outros. Basta que o doente, refletindo sobre o seu passado, reconheça que aqueles atos errados não foram praticados pelo seu *Eu verdadeiro* e tome a grande decisão de, caso for curado da doença, trabalhar para o bem da humanidade como homem verdadeiro dotado de natureza divina. Se essa decisão for sincera, nesse instante a doença já está curada no mundo mental. Como a mente já está mudada e curada, o corpo carnal, que é a projeção e materialização dessa mente, também vai começar a melhorar rapidamente a partir desse instante. Uma vez que a pessoa reconheceu o seu passado ignóbil, arrependeu-se e tomou a grande decisão de se corrigir, nesse instante todos os pecados do passado desapareceram. Portanto, não é preciso mais afligir-se por causa da gravidade dos pecados ou duvidar do perdão, pensando "Será que fui perdoado só com isso?", pois assim estaria duvidando do poder de absolvição de Deus. A treva, por mais densa que seja, desaparece infalivelmente ao se acender a luz; da mesma forma, também os pecados, por mais graves que sejam, desaparecem no momento em que a pessoa percebe, com arrependimento, que estava errada. Por isso, não é preciso mais continuar pensando nos pecados. Além de explicar esta Verdade ao doente para que ele se arrependa dos pecados e prometa renascer para a Vida de Deus, é necessário, em seguida, conduzi-lo ao estado de tranqüilidade absoluta em que se sinta completamente perdoado. (Volume 4)

Assumir a culpa de tudo

A seita Ittoen exorta as pessoas a viverem uma *vida de penitência*, uma *vida de humildade*, ensinando-lhes a não enaltecerem a si mesmas, a viverem sempre prontas a assumir a culpa de tudo, e a se dedicarem alegremente aos mais humildes serviços, para redimir seus erros. Existem muitos casos verídicos que comprovam que palavras do tipo "a culpa foi minha" fizeram cessar desentendimentos, tornaram mais alegre a vida, contribuíram para reerguer uma empresa quase falida, e resolveram intrincados problemas familiares. Por que será que produz resultados tão positivos esse modo de viver da seita Ittoen, que consiste

na auto-reprovação do homem, ao contrário do modo de viver da Seicho-No-Ie, que consiste no auto-elogio e na auto-elevação do homem? Deve haver quem se pergunte: "Será melhor humilhar-se e falar mal de si mesmo à moda Ittoen, ou será melhor enaltecer a natureza divina do homem, nos moldes da Seicho-No-Ie?". Antes de responder a essa pergunta, vou transcrever um caso narrado pelo sr. Kazushi Mikami, publicado na revista *Hikari*, número 98, periódico oficial da seita Ittoen. Trata-se do caso verídico de uma empresa que se salvou da falência, graças à humildade do seu proprietário. Eis a narração:

"Conheço um senhor (neste relato vou chamá-lo de sr. F) que possui uma indústria de corantes, na região de Kanto. Ele é um devoto da seita Ittoen e vem praticando, com grande fervor e sinceridade, os ensinamentos dessa seita que preconiza a vida abnegada.

"Há uns três anos, sua empresa passou por uma fase muito difícil, sofrendo os efeitos da inflação reinante. Para superar essa fase, o sr. F teve de passar por uma vida de profunda penitência e desapego.

"Quando sua empresa estava próxima da crise, fui chamado pelo sr. F. Aí, então, que ele começou a seguir os ensinamentos da Ittoen.

"De modo geral, quando alguma coisa não vai bem, começam a surgir outros contratempos. Justamente quando o sr. F estava em má situação econômica na empresa

e procurava, aflito, encontrar alguma solução para o problema, constatou-se que o representante de sua indústria em Tien-Tsin, Manchúria, em quem ele confiava, dera um desfalque de dez mil ienes (N. da t.: valor daquela época). Da penúltima vez que examinara o livro contábil tudo lhe parecera normal, mas dessa vez descobriu que vinha sendo enganado havia muito tempo. O sr. F, que já vivia preocupado com a má situação da empresa, não pôde deixar de se sentir indignado com esse representante.

"Com o objetivo de examinar pessoalmente os livros da empresa, o sr. F tomou um navio com destino a Tien-Tsin. Ainda aborrecido e zangado, ele ficou andando pelo convés, pensando: 'O que vou fazer com ele?'. Quando já mais calmo, surgiu-lhe o seguinte pensamento: 'Não é zangando-me que vou recuperar o que perdi. Quanto mais zangado eu ficar, pior será para mim. Ademais, é possível que ele tenha cometido aquele erro, premido pelas circunstâncias. Ele também tem mulher e filhos, e não posso deixá-lo em situação difícil. Talvez seja melhor não pressioná-lo. Se eu desistir de minha retirada mensal da firma durante algum tempo e tomar providências no sentido de reduzir drasticamente as despesas de casa, poderei reaver em cinco anos o dinheiro perdido...'. Ao pensar assim, sentiu-se aliviado, como se o problema já tivesse sido resolvido. Nesse dia escreveu em seu diário: 'Devo, antes de mais nada, anular o meu ego. Tudo se resolve quando agimos com abnegação e espírito humilde'.

"Assim que chegou a Tien-Tsin, foi à loja de seu representante. Ao se ver face a face com ele, a raiva ressurgiu em seu coração, e não pôde conter duras palavras de crítica. Tentou controlar-se, mas palavras ríspidas saíam de sua boca, uma após outra. Recordando a cena, o sr. F disse mais tarde: 'Eu me senti triste, pensando — será que o meu temperamento de negociante não me deixa agir de outro modo?'. Esse dia, ele o passou todo na loja do representante, criticando-o sem parar. Quanto mais ele criticava, mais cínico o outro se mostrava.

"À noite, deitado na cama, sentiu-se arrependido pelas coisas que dissera. Ele escrevera no diário o que iria dizer, mas quando se defrontou com o representante, brotaram-lhe palavras ásperas. Adormeceu, dizendo a si mesmo que iria pedir desculpas ao representante.

"Mas, ao encontrar-se com o representante na manhã seguinte, acabou criticando-o novamente: 'Como é que você vai me devolver a quantia perdida?'. Já a um passo do desespero, o representante disse: 'Não posso fazer nada, a não ser pedir-lhe que leve os móveis e a mercadoria desta loja. Não tenho a quem recorrer para pedir dinheiro emprestado. Pode levar tudo; será o castigo pelo que eu fiz... Depois, sem nada, eu e minha família viveremos de esmola...'.

"O sr. F ficou pensativo por um momento, e depois disse: 'Não vai me adiantar nada levar o que você tem aqui. Está bem, não vou mais pressioná-lo; não vou exigir

a devolução do dinheiro. O que se perdeu está perdido... Vou dar o caso por encerrado. Talvez parte da culpa caiba a mim mesmo: deve ser a minha maneira falha de dirigir os negócios que levou você a cometer esse erro... Vou arcar com o prejuízo e resolverei a situação com minha própria força. Perdoe-me por tê-lo pressionado. No navio, enquanto viajava para cá, havia prometido a mim mesmo que não iria lhe dizer palavras duras, mas quando me vi frente a frente com você, não pude me controlar. Não fique magoado comigo... Fique sossegado, e continue vivendo em paz com sua família'.

"Depois de ter dito tudo isso, o sr. F respirou aliviado, e acrescentou: 'Bem, vou preparar minhas coisas para ir embora'.

"Estupefato, o representante ficou fitando o sr. F. Sem ligar para isso, o sr. F retirou-se, fez suas malas, e depois voltou para a loja. Vendo a esposa do representante, avisou-a de que já estava de partida. Ela disse, um tanto afobada:

"— Oh! Espere um pouco, por favor. Meu marido saiu há pouco, dizendo que iria voltar logo e pediu para o senhor esperá-lo.

"De fato, o representante voltou dentro de alguns instantes, muito apressado e molhado de suor. Assim que viu o sr. F, estendeu-lhe um maço de notas e disse:

"— São cinco mil ienes. Leve-os, por favor. O restante, vou dar um jeito de devolver, mesmo que seja um

pouco por mês. Sua atitude bondosa e sincera tocou-me profundamente e fez-me reconhecer a gravidade do meu erro.

"— Como conseguiu arranjar esse dinheiro? — perguntou-lhe o sr. F.

"— É vergonhoso, mas vou confessar. Eu pensei na eventualidade de ser preso por causa do desfalque cometido. Achei que, se isso acontecesse, a minha família logo iria passar fome, pois a vida está muito difícil. Por isso, guardei uma parte do dinheiro. Mas agora estou arrependido... Trouxe todo o dinheiro que tinha escondido. Peço que me perdoe...

"Havia sinceridade na expressão do representante. O sr. F ia pegar o maço de notas, mas deteve-se, pensando: 'Se eu ficar com esse dinheiro, estarei anulando o meu pensamento inicial'. Então, disse ao representante:

"— Não, não vou levar esse dinheiro. Escute, quando o navio aportou em Tien-Tsin, eu notei que havia no cais várias caixas de mercadorias destinadas a esta loja. Sem dinheiro, você não poderá retirar e vender aquelas mercadorias. Fique com esses cinco mil ienes, e use-os para esse fim. Assim será melhor para você.

"Por um momento, o rosto do representante ficou radiante.

"— Puxa! Isso seria ótimo! — disse ele. Mas, em seguida, acrescentou com tristeza na voz: — Mas não mereço isso.

"— Pois eu faço questão que você fique com esse dinheiro e use-o para prosseguir com os negócios de sua loja. Isso me deixará mais contente — insistiu o sr. F, quase não se contendo de emoção.

"— Está bem. Então vou ficar com o dinheiro, mas como empréstimo. Jamais esquecerei o favor que está me fazendo — disse o representante entre lágrimas. E, acompanhando o sr. F até o porto, prometeu: 'Mesmo aos poucos, todo mês enviarei uma parcela da dívida'.

"No navio de volta, o sr. F sentia-se aliviado e satisfeito com a decisão que tomara, mas precisava ainda arranjar o dinheiro para cobrir o prejuízo sofrido. Resolveu então que, antes de mais nada, reduziria drasticamente os seus gastos pessoais e os de sua família. Assim que chegou em casa, reuniu a família e os criados, e disse com franqueza:

"— A fábrica está em péssima situação financeira e, para reerguê-la, é preciso recomeçar praticamente do nada. Além disso, na loja de Tien-Tsin houve uma grande perda de dinheiro e precisamos cobrir o prejuízo. É necessário que todos, nesta casa, colaborem no sentido de reerguer a empresa. Para começar, eu resolvi abrir mão da minha retirada mensal na fábrica. Portanto, minha mulher terá de começar a trabalhar, seja no que for, para cobrir as despesas da casa. Por falar em casa, precisamos também mudar para uma casa bem menor do que esta. Outra coisa: temos de vender objetos e móveis de luxo, como, por exemplo,

o piano. Espero que todos me compreendam e colaborem comigo...

"Manifestando-se em primeiro lugar, a esposa disse:

"— Compreendo, e estou pronta para colaborar. Vou começar a trabalhar.

"Em seguida, a filha:

"— Compreendi, papai. Pode vender o piano...

"Enfim, todos se mostraram dispostos a colaborar.

"Já no dia seguinte, a esposa do sr. F começou a costurar para fora. A família estava dando o primeiro passo para uma nova vida. O passo seguinte era mudar-se para uma das pequenas casas de propriedade da empresa, construídas para moradia dos funcionários. Havia tempo que essas casas estavam desocupadas porque, além de pequenas, eram insalubres, pois ficavam bem atrás da fábrica e recebiam diretamente o mau cheiro das tintas e corantes. O próprio sr. F mandara seus funcionários transferirem-se para outras casas que a empresa passara a alugar. Pois bem, quando o sr. F foi ver aquelas casas que supunha abandonadas, teve uma surpresa: estavam todas ocupadas por seus funcionários. Perplexo, perguntou-lhes:

"— Que foi que aconteceu?! Com ordem de quem vocês estão ocupando estas casas? Eu e minha família decidimos morar aqui porque resolvi reorganizar as finanças da firma, e achei que devia começar por restringir os meus gastos, saindo daquela casa enorme. Vocês não deviam ter mudado para estas casas, assim sem meu conhecimento...

"Um dos funcionários respondeu, sorrindo:

"— Sabemos disso, senhor. Mas fizemos isso justamente para o seu bem. Todos nós, funcionários, estamos a par da dificuldade em que se encontra a empresa. Compreendemos os motivos que o forçaram a demitir, há algum tempo, uma parte dos funcionários. Sabemos que aquela redução de despesas não foi suficiente. Sabemos também que o senhor está com pena de despedir mais funcionários e por isso está querendo enfrentar as dificuldades financeiras da fábrica, reduzindo drasticamente os seus gastos pessoais. Ouvimos falar que sua esposa começou a trabalhar para sustentar a família, e que o senhor decidiu não retirar nem um centavo da empresa, até que a situação melhore. Soubemos que o senhor e sua família pretendem mudar-se para cá, e logo compreendemos que é para diminuir ainda mais as suas despesas. Como é que, sabendo de tudo isso, poderíamos ficar indiferentes? Nós conversamos sobre isso e concordamos em ocupar as casas antes que o senhor mudasse. Fizemos isso porque, em primeiro lugar, queremos também colaborar na redução das despesas e, em segundo lugar, porque achamos que o senhor, sendo o titular da empresa, precisa morar numa casa digna de sua posição, como a em que mora atualmente. Sabemos que isso contribui para dar boa imagem à empresa e favorece as transações. Por isso, queremos que o senhor continue morando lá mesmo, e nos deixe ficar aqui. Deixe-nos fa-

zer isso como sinal de nosso reconhecimento ao senhor e à empresa.

"Ouvindo essas palavras, o sr. F foi tomado de profunda emoção. Com os olhos cheios de lágrimas, fitou o funcionário que falara e disse:

"— Nem sei como agradecer a dedicação de vocês. Está bem. Vou ouvir os seus conselhos e continuarei morando naquela casa grande. Mas também não é obrigatório vocês ficarem aqui. Voltem para onde moravam, se assim o quiserem, a qualquer hora...

"O sr. F sentiu-se profundamente comovido com essa demonstração de lealdade e dedicação de seus funcionários. Em que outra empresa haveria funcionários capazes de, voluntariamente, trocar as casas confortáveis onde moravam (e com o aluguel pago pelo empregador), pelas casas pequenas e insalubres, para ajudar a reerguer a empresa? Por causa dessa iniciativa dos funcionários, o sr. F não chegou a mudar para uma daquelas casas. Mas o seu propósito de reduzir os gastos foi alcançado, pois os funcionários fizeram questão de deixar as casas onde moravam, cujo aluguel era pago pela empresa, e passar a morar naquelas casas pequenas, mas de propriedade da empresa.

"Em seguida, conforme havia declarado à sua família, o sr. F passou a se dedicar à empresa, sem retirar um centavo. Ele se restringiu ao máximo. A sua atitude era, antes de tudo, de penitência e arrependimento. Quando isso chegou ao conhecimento dos empregados, estes manifestaram uma atitude fora do comum: por livre e espontânea vontade, eles pediram a redução de seus salários, alegando que não podiam aceitar que o sr. F se sacrificasse sozinho pela fábrica. Por exemplo, os que ganhavam cem ienes disseram que poderiam reduzir seus ganhos para setenta ienes; e os que ganhavam setenta, disseram que se contentariam com cinqüenta ienes (N. da t.: valores da época). O sr. F não quis aceitar essa proposta, achando que isso os faria passar necessidades, mas eles insistiram, dizendo que não haveria problema, pois tinham algumas economias. Alguns chegaram até a lhe mostrar suas cadernetas de poupança. Diante de tamanha dedicação, o sr. F não pôde conter as lágrimas de emoção. Essa solidariedade dos funcionários em prol da reorganização da empresa foi fruto do espírito abnegado do próprio sr. F. Para salvar a empresa, ele decidiu começar pela redução dos gastos de sua própria casa. A esposa, a filha, e as demais pessoas da casa concordaram imediatamente e mostraram-se dispostas a recomeçarem do nada, unindo os seus esforços; em seguida, o sr. F tomou a decisão de mudar para uma casa menor, e depois passou a trabalhar sem ganhar um centavo da empresa. Essa atitude abnegada comoveu os funcionários e fez com que eles se unissem para ajudar a reerguer a empresa. Os funcionários não só colaboraram para diminuir as despesas da indústria, como também passaram a trabalhar com maior entusiasmo e afinco do que antes.

"A atitude abnegada do sr. F e dos funcionários para diminuir os gastos foi espontânea. Os próprios funcionários começaram a se dedicar e se esforçar mais. Um deles, que trabalhava na produção de corantes, conseguiu descobrir uma nova fórmula que reduziu em muito o custo de fabricação. Ele descobriu que utilizando uma pequena quantidade de sal, seria possível realizar em apenas duas seções, o que até então era necessário passar por três seções da fábrica. E como resultado dessa dedicação sincera à empresa, um caminho de luz se abriu. Uma sucessão de fatos dessa natureza fez com que a empresa começasse a se equilibrar gradativamente. Além disso, receberam dez mil ienes como incentivo, da empresa de estrada de ferro do sul da Manchúria. O representante de Tien-Tsin também mandava, infalivelmente, uma pequena quantia mensal, para cobrir o desfalque por ele cometido. Ao cabo de um ano, a empresa normalizou-se e passou a prosperar sensivelmente."

* * *

Ao ler esse relato, o leitor deve ter achado bastante interessante essa experiência, e não posso deixar de sentir que o modo de viver segundo os princípios da Ittoen faz nascer uma força realmente vigorosa, que conduz à solução dos problemas da vida prática. Quero descobrir, junto com o leitor, de onde vem essa *força vigorosa*.

O sr. Kazushi Mikami, autor da narração acima transcrita, cita em certos trechos que essa *força vigorosa* que

reergueu uma empresa quase falida deveu-se à "*humildade da penitência*" do sr. F; em outros trechos usa palavras como *abnegação* e *humildade*. Ele pode ter empregado as palavras *humildade, arrependimento, abnegação*, usadas na Ittoen, ao interpretar as frases que o sr. F escreveu em seu diário, "Devo, antes de mais nada, anular o meu ego. Tudo se resolve quando agimos com abnegação e espírito humilde...", bem como as palavras que ele disse ao representante, "Talvez parte da culpa caiba a mim mesmo: deve ser a minha maneira falha de dirigir os negócios que levou você a cometer esse erro... Vou arcar com o prejuízo e resolverei a situação com minha própria força"; mas você, caro leitor, sem se deixar levar pela magia das palavras empregadas, deve analisar, com honestidade e imparcialidade, o relato que acabo de transcrever, e procurar descobrir de onde vem essa força vigorosa e misteriosa que reergueu a empresa quase falida.

Repare que o sr. F, não obstante haver escrito em seu diário a frase "Devo, antes de mais nada, anular o meu ego", disse mais tarde ao seu representante "resolverei a situação com **minha própria força**", o que equivale a dizer: "Vou assumir todas as responsabilidades". Tal frase exprime *abnegação*, mas isso não significa que ele se entregou à situação; pelo contrário, significa que ele se fez forte e grande. "Resolverei a situação com minha própria força" — nestas palavras do sr. F nota-se que ele, tendo se conscientizado de sua natureza de filho de Deus, confiou

plenamente em sua própria força. Os grandes santos sentem-se responsáveis por todos os sofrimentos da humanidade, porque eles têm uma consciência muito profunda de sua própria *natureza divina*, e não porque se julgam seres "fracos e incapazes". O mesmo aconteceu com o sr. F: se ele se achasse realmente fraco e incapaz, como poderia ter dito a frase, repleta de autoconfiança, "Resolverei a situação com minha própria força"? Em minha opinião, a força vigorosa, a força central que reergueu a empresa prestes a falir, foi a autoconfiança do sr. F.

Quando uma pessoa possui autoconfiança, é capaz de arcar com as mais pesadas responsabilidades. Porém, quando lhe falta autoconfiança, ela procura fugir até mesmo das menores responsabilidades.

Como podemos ver pelo exemplo narrado, muitos dos problemas desta vida se solucionam com facilidade quando as pessoas usam palavras como "Eu é que errei" ou "A culpa é minha". Diante desse fato, algumas pessoas pensam, erroneamente, que reprovar a si mesmas é uma grande virtude. Quero esclarecer a essas pessoas que dizer palavras como "Eu é que errei", "A culpa é minha", não significa reprovar a si mesmo, nem negar a própria natureza divina. Um dos aspectos positivos do uso da palavra, como na frase "A culpa é minha", é desviar para si a ponta da arma que até então era usada para criticar outrem. Quando dizemos "Eu é que errei" ou "A culpa é minha", fica subentendido que o outro *está certo, não tem culpa.*

Estamos, assim, vivificando a sua natureza divina. Em vez de ver o *mal* no outro, estamos vendo apenas o *bem*. E, visto que é lei da mente passar a existir unicamente aquilo que é reconhecido, as pessoas nas quais for reconhecido apenas o bem, e não o mal, não poderão deixar de se tornar boas pessoas. No caso narrado, vimos que o representante da firma do sr. F arrependeu-se realmente de ter cometido o desfalque, voltou a ser um homem bom, e entregou-lhe o dinheiro escondido, quando o sr. F parou de criticá-lo e pressioná-lo. Isso ocorreu devido à ação da lei mental já referida. Por conhecer a ação infalível dessa lei mental é que eu incluí nas *Palavras de Sabedoria* da Seicho-No-Ie um preceito do seguinte teor: "Mesmo que uma pessoa aparente ter apenas defeitos, descubra as qualidades ocultas e elogie-a".

Pelo que acabei de explicar, você deve ter compreendido que dizer palavras do tipo "A culpa é minha" é, na verdade, uma forma de *não falar mal dos outros*, o que está de acordo com os ensinamentos da Seicho-No-Ie. O modo de viver da Seicho-No-Ie, que consiste em "elogiar os outros e a si mesmo", e o modo de viver da Ittoen, baseado em "recriminar a si mesmo", são como as duas faces de uma mesma moeda.

Vejamos, agora, o efeito que as palavras do tipo "Eu é que errei" causa nas pessoas que as proferem. Com essas palavras, são recriminados os atos passados. Elas representam a anulação do *antigo eu*. São palavras que

demonstram o pensamento "Já me arrependi e agora tenho certeza de estar agindo corretamente", pois, se não houvesse a convicção de "**agora** estar agindo certo", não se poderia afirmar que "**antes** estava errado". Eis porque é comum a presença paradoxal da *consciência de culpa* e da *consciência de ser um vitorioso na vida* na personalidade de muitos homens considerados santos. Abandonar os erros do passado é renascer e passar a viver a vida vitoriosa de filho de Deus. Aquele que vive apenas lamentando os erros que cometeu no passado e não consegue reerguer-se com a firme convicção de que "agora já sou um vitorioso", não está vivendo uma existência de verdadeira abnegação, nem uma vida conforme os princípios da Seicho-No-Ie. O verdadeiro modo de viver da Seicho-No-Ie consiste em anularmos o *antigo eu* e nos conscientizarmos da nossa verdadeira natureza — a de filho de Deus. Aquele que não consegue renunciar ao seu *antigo eu* ou que, presunçosamente, pensa que "não é preciso abandonar o *antigo eu* para exteriorizar a natureza de filho de Deus", também não está vivendo de acordo com o modo de viver da Seicho-No-Ie. (Volume 7)

Não se alcança a salvação envaidecendo-se das boas ações

Minami — Num livro da seita Shin — creio que no *Tan-ni-sho* — consta a frase: "Se mesmo o bom é salvo,

então, com muito mais razão o pecador". Está-se dizendo que se até uma pessoa boa alcança a salvação, aquela que é má deve ser salva muito mais. Mas não haverá um equívoco nisso? Não estaria querendo dizer "Se mesmo um pecador é salvo, com muito mais razão o será o bom"?

Taniguchi — A seita Shin prega: "ao pecador, uma chance"; portanto, a frase citada está correta. Não significa que o homem é salvo por ser um pecador, mas que, o pecador tem maior facilidade para tornar o seu coração apto para receber a salvação. De modo geral, os assim chamados homens bons, que possuem a convicção de serem bons, vangloriam-se do bem praticado com o seu próprio esforço. Sentem-se orgulhosos das boas ações que praticaram e acham que pelo mérito desses atos de bondade serão salvos ou adquiriram o direito de serem salvos. Entretanto, para alcançar a salvação — em outras palavras, para atingir o estágio que se identifica com o Ser que é Bem Infinito, chamado Deus ou Buda — não basta ir acumulando passo a passo uma, duas, ou três boas ações. O Bem Infinito se situa além do infinito-caminhar, e aqueles que ficam a se vangloriar de uma ou duas boas ações praticadas jamais conseguirão se aproximar desse infinito além, do mesmo modo que a Torre de Babel não atingiu o céu, por mais alto que tenha se erguido. Ao contrário dos que se julgam bons, o pecador não é capaz de se orgulhar de suas ações; por isso, não tenta caminhar apenas com o seu próprio esforço em direção ao Bem Infinito; certo de

que somente a força de Deus, a força de Buda, pode salvá-lo, ele se aconchega na "nave da salvação" do *Nyorai* (o Iluminado, o Supremo) e se entrega por completo, acreditando que sua salvação virá da infinita Força Superior. Aquele que se considera o mais vil dos homens, e portanto não pode se orgulhar de sua conduta, tem maior facilidade em se entregar verdadeiramente. Cristo também ensinou isso aos apóstolos por meio de uma parábola: Dois homens foram ao templo para orar. Um deles enumerou as boas ações que vinha praticando e orou pela salvação. O outro, arrependendo-se dos pecados, implorou a salvação. Quando lhe perguntaram qual dos dois iria primeiro para o Céu, Cristo respondeu: "O pecador que se arrependeu". O significado dessa resposta se assemelha bastante ao das palavras do mestre Shinran: "Se até mesmo o homem bom é salvo, com muito mais razão o pecador". A salvação não depende de cada boa ação fenomênica, mas sim do Bem inerente à *Imagem Verdadeira*. O Bem inerente à *Imagem Verdadeira* não é algo que se alcança acumulando um a um, ao infinito, o bem no aspecto formal; pelo contrário, só é alcançado quando se elimina tudo que é formal, como fez o bonzo Nanzen que degolou o gato (motivo da discussão entre os noviços). O bem fenomênico, ou seja, o fenômeno, é originariamente inexistente; portanto, por mais que seja acumulado, não se torna força verdadeira. Na obra *Mappō Tōmyoki* do grande mestre budista Dengyo, consta: "Pelo fato de existir este *tatami*, pode-se levantar a hipótese de ele estar ou não rasgado. Não há como discutir sobre um *tatami* originariamente inexistente. Não existindo pecado não há que discutir sobre guardar ou violar mandamentos". Não significa que seja errado acumular boas ações no plano fenomênico. Significa que a verdadeira boa ação se manifesta quando a pessoa deixa de se apegar a toda e qualquer boa ação fenomênica, a cada boa ação no aspecto formal. O mesmo ocorre com os métodos de preservação da saúde. Quando se abandona o apego a todo e qualquer método de preservação da saúde é que se torna possível viver-se de modo verdadeiramente saudável. Na Seicho-No-Ie pratica-se a *Meditação Shinsokan*, que é parecido ao zen; por isso, pode haver pessoas que pensem ser a Seicho-No-Ie um ensinamento que prega a "salvação pelo esforço pessoal". Mas a Seicho-No-Ie ensina que a salvação não depende de cada uma das boas ações, mas da *Imagem Verdadeira*; ou seja, não depende da força pessoal nem força alheia, mas da força absoluta da *Imagem Verdadeira*. A força absoluta da *Imagem Verdadeira* está imanente em todas as pessoas, e unicamente essa *Imagem Verdadeira* é a essência da pessoa; portanto, **o homem está salvo desde o princípio**. Não deixará de ser salvo mesmo que não invoque o nome de Amitabha que dizem estar num lugar muito distante. Mesmo sem tomar qualquer providência, o homem, quanto à *Imagem Verdadeira*, ou seja, no que se refere ao seu aspecto original, já está salvo. Basta chamar: "*Imagem Verdadeira,*

Imagem Verdadeira". A nossa Imagem Verdadeira é o próprio Amitabha. Na Seicho-No-Ie afirmamos que Amitabha não está num lugar longínquo, mas no interior da nossa *Imagem Verdadeira*, da nossa própria Vida. Quem chama a *Imagem Verdadeira* com toda a sinceridade manifesta o seu aspecto original e, portanto, é um Amitabha. Provavelmente, o mestre Shinran também alcançou esse nível espiritual, pois, em sua obra *Jyōdo Wasan* ("Hino de Glorificação da Terra Pura") consta: "As pessoas que se alegram com a fé são semelhantes ao *Nyorai*. Fé verdadeira é própria da natureza búdica. Natureza búdica é *Nyorai*". Isso significa que, se estivermos chamando constantemente "*Imagem Verdadeira, Imagem Verdadeira*", no nosso interior estará presente *Nyorai*, estarão presentes a natureza búdica e todos os seres búdicos do passado, assim como a divindade Amaterasu e também Cristo. Na nossa *Imagem Verdadeira* está presente tudo que se relaciona com Deus e com Buda; portanto, estamos salvos assim mesmo como somos, sem nenhuma complementação. (Volume 10)

"Se deseja manifestar seu arrependimento, mentalize a Imagem Verdadeira"

A doença surge pela combinação da crença de que "a doença existe" com sentimentos e pensamentos destrutivos que a pessoa nutriu. E como esses sentimentos e pensamentos diferem de pessoa para pessoa, difere também a doença que se manifesta no corpo de cada pessoa. Por isso, dizemos que "doença é produto da mente". Porém, se nos prendermos a essa idéia, estaremos criando na mente uma nova causa de doença. Usando termos budistas, "estaremos afundando no oceano de carmas". No budismo, carma é uma força materializadora formada pelo acúmulo de sentimentos, pensamentos e ações. Portanto, "afundar no oceano de carmas" significa tornar-se prisioneiro dessa força materializadora. Se a pessoa aprender que "determinados sentimentos, pensamentos e ações negativos causam certas doenças" e temer por uma doença toda vez que pensar, sentir ou agir negativamente, tornar-se-á prisioneira do carma e afundará no oceano de carmas. Existem o carma benéfico e o carma maléfico. O benéfico é prolongamento da perfeição interior (Imagem Verdadeira), e o maléfico é existência falsa, embora pareça real; é como a treva, que parece existir mas não existe. Diante da luz, a treva revela sua inexistência. Da mesma forma, as causas maléficas também parecem existências reais, mas **não existem** porque não são criações de Deus. Sendo **inexistentes**, desaparecem quando expostas diante de Deus. Expô-las diante de Deus significa confessar com arrependimento: "Deus, eu errei. Perdoe-me pelos maus pensamentos que tive". Isso é expor a treva diante da luz, é expor a falsa existência diante da existência verdadeira (Imagem Verdadeira). O sr. Ishibashi pensou: "Tomara que a criança nasça morta". Mas, quando

se arrependeu desse mau pensamento e o expôs diante de Deus, isto é, diante da "luz da existência verdadeira", desapareceram a causa e o efeito falsos, o mau pensamento e a asma. Se o pecado (carma) desaparece quando exposto diante de Deus, é porque ele não é existência verdadeira. Se obtemos a salvação quando confessamos nossos erros a Deus, é porque os erros, que são falsas existências, desaparecem diante da luz da existência verdadeira. Na sutra budista *Kan-Fugen-bosatsu-gyōhō* consta: "Se queres confessar, mentaliza tua Imagem Verdadeira; todos os teus pecados desaparecerão como a geada diante do Sol". Tanto a oração budista como a oração de Cristo se identificam, na essência, com a *Meditação Shinsokan*: quando nos lançamos no mundo de Deus, já não existe a lei da materialização dos maus pensamentos ou das causas maléficas. Enquanto a pessoa ficar presa ao fenômeno, falando dos "carmas" e da "materialização dos pensamentos e sentimentos", não terá compreendido a Imagem Verdadeira (existência verdadeira); estará sendo prisioneiro dos pecados e do carma maléfico, que são existências falsas e irreais. Pecados e carmas se apagam quando expostos à Luz de Deus, da Imagem Verdadeira, da existência verdadeira. É isso que a Seicho-No-Ie quer dizer quando afirma que "o pecado não existe" e que "o carma pode ser transcendido". Quando mentalizamos unicamente a Imagem Verdadeira perfeita, os *males* não terão outra alternativa senão desaparecer, pois não são existências verdadeiras. (Volume 18)

Desperte para a sua natureza verdadeira

O *homem verdadeiro* é perfeito. Aquele que reencarna, adoece e comete pecados é o falso homem. Nossa *natureza verdadeira* é a própria imagem de Deus e é eternamente indestrutível. O que se destrói não é o homem verdadeiro; o que peca não é o *homem verdadeiro*; o que adoece não é o *homem verdadeiro*; é o homem aparente e falso. Por isso, o anjo conclama: "Homens da face da Terra, eu vos digo: Conhecei a natureza verdadeira de vós próprios. Vós próprios sois o *Homem Real...*". Este é um trecho muito importante que sugere a **substituição do "falso eu" pelo "Eu verdadeiro"** que, em termos cristãos, seria "arrependimento" ou "conversão". Recomendo a leitura dos volumes 13 e 14 da coleção *A Verdade da Vida*, em que esclareço mais detalhadamente o assunto. Substituir ou converter o *eu* significa arrependermo-nos do pensamento errôneo que tínhamos até agora — de considerarmo-nos corpo carnal — e compreendermos que somos a própria Vida de Deus. É para isso que dizemos: "Até agora, você se julgava um corpo carnal, mas este não é o seu *Eu verdadeiro*. Você é a própria Vida de Deus. Você é o homem-sabedoria, o homem-amor, o homem-Espírito, e não o homem carnal. O corpo carnal, que você pensava existir, não existe; ele não passa de 'sombra' passageira projetada pelas vibrações dos pensamentos acumulados, isto é, do carma. Portanto ele desaparece um dia,

assim como desaparecem as nuvens que cobrem momentaneamente o céu. Mas você próprio é a sabedoria indestrutível, é a existência verdadeira que vive eternamente. Isto é você próprio!". Fazer as pessoas compreenderem esta Verdade é permitir-lhes a *substituição do eu*. Nessa substituição está também o segredo para curar doenças: quando substituímos a consciência de que o homem é um ser carnal, adoecível e destrutível, pela consciência de que o homem é um ser indestrutível e eterno, ocorre a cura. Quando compreendemos que não somos corpo carnal, e sim um ser espiritual e imortal — isto é, quando tomamos consciência da nossa Imagem Verdadeira —, então realiza-se a substituição do *eu*. Isto é o despertar. E quando vemos todas as pessoas com os olhos despertos, enxergamos a Imagem Verdadeira delas e convencemo-nos de que o homem é um ser divino, perfeito, que não tem como pecar nem como adoecer. Em conseqüência, manifesta-se concretamente a situação que reflete essa Imagem Verdadeira perfeita. (Volume 21)

Ao perdoarmos o próximo, somos perdoados por Deus

Na Bíblia, consta: "Se estás para fazer a tua oferta diante do altar, e te lembrares aí que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar, vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem fazer a

tua oferta". Este ensinamento é igual ao da "Revelação Divina da Grande Harmonia", contida nas primeiras páginas do volume 1 da coleção *A Verdade da Vida*. Deus não é um ser que se revela ao chamado de um médium ou que se sensibiliza com o homem que se ajoelha triste e deprimido diante do altar. Deus é o todo de tudo, e todas as pessoas constituem, na essência, uma só unidade. Portanto, Deus está na reconciliação, no amor que nos une aos outros, formando um todo harmonioso. Este é o significado contido na referida revelação divina e é também a Verdade ensinada por Jesus Cristo nos versículos mencionados anteriormente.

Tanto Jesus como a Seicho-No-Ie ensinam que, para o homem se tornar um com Deus, não basta curvar-se diante do altar. Se ele quer se tornar um com Deus, é necessário que sua vontade se identifique com a vontade de Deus. E qual é a vontade de Deus? Tudo é criação de Deus. Em outras palavras, tudo é extensão de Deus. Deus é aquele que une e envolve todos os seres. Logo, a vontade de Deus é que nós unamos e envolvamos a todos e vivamos em harmonia, colaborando uns com os outros. Quando assim procedemos, Deus se revela. Portanto, quem possui algum sentimento de discórdia em relação ao próximo, deve eliminar completamente esse sentimento. Então, Deus se fará presente. Quem ora com a mente reconciliada, terá sua oração ouvida infalivelmente. Mas, quem está com a mente em desarmonia com seus semelhantes

não consegue entrar em sintonia com Deus, mesmo que se ajoelhe diante do altar e suplique ajuda a Ele. (Volume 30)

Devemos perdoar a todas as pessoas. E nós próprios estamos incluídos entre "todas as pessoas". Precisamos perdoar os nossos próprios defeitos. Você deve dirigir-se ao seu defeito e perdoá-lo, mentalizando da seguinte forma: "Já estou perdoado. Fui completamente perdoado por Deus e tornei-me perfeito. Não tenho mais defeito algum e estou purificado." Mentalizando assim repetidas vezes, visualize a cena em que você está imerso na luz de Deus e totalmente purificado, límpido como a neve.

Todos os fatos e acontecimentos são materializações dos nossos pensamentos e sentimentos. Logo, não devemos detestar, odiar ou criticar as pessoas (inclusive a nós próprios) pensando nos defeitos, pois isso se materializa em forma de acontecimentos infelizes. Por isso Cristo nos ensinou a orar da seguinte forma: "Perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido."

Na verdade, a felicidade não poderá aproximar-se de nós enquanto estivermos incriminando o próximo, pensando "aquele sujeito é um patife". Isto porque, segundo a "lei da atração dos semelhantes", enquanto possuirmos a "mente que incrimina o próximo", surgirá alguma pessoa ou coisa que nos incriminará (ou nos infelicitará), conforme diz o velho ditado japonês: "Quem amaldiçoa o próximo cava dois buracos" (um para o próximo e outro para ele mesmo).

Aquele que julga será também julgado. Na Bíblia está escrito que devemos "perdoar os devedores" (N. da t.: citação baseada numa edição antiga da Bíblia), mas isso não quer dizer que devemos queimar todas as promissórias do dinheiro emprestado. Se fizermos isso, não poderemos realizar operações comerciais. O que devemos fazer é abandonar o pensamento "Eles estão me causando prejuízo" e pensar da seguinte forma: "É graças a eles que eu posso realizar os negócios. Muito obrigado!". É importante transformar os sentimentos de ódio, rancor e mágoa em sentimento de gratidão. É bom mentalizarmos durante uns vinte minutos, de manhã e à noite, as seguintes palavras, evocando o nome de cada pessoa que odiamos: "Eu o perdoei; eu agradeço a você; muito obrigado!" (Volume 38)

No livro *Como Viver Feliz* escrevi sobre a eficácia da *Meditação Shinsokan* praticada durante uns quinze minutos antes de nos deitarmos. Mas quero aqui acrescentar que, ao praticarmos a *Meditação Shinsokan* com a finalidade de curar a doença, devemos observar especialmente o seguinte: perdoar às pessoas que amaldiçoamos durante o dia ou até esse dia; perdoar às pessoas com as quais ficamos indignados; perdoar as pessoas que odiamos; e

perdoar completamente às pessoas com as quais não simpatizamos, inclusive todas as suas falhas.

É durante o sono que mais trabalha a força curativa de Deus (força curativa natural).

"Já não estou odiando o Fulano. Agora compreendi que a atitude que ele tomou naquele momento foi necessária para mim. Até agora vim odiando-o porque, devido à estreiteza de minha visão, julgava erroneamente que ele agira daquela forma para me prejudicar. Mas, na verdade, a atitude dele foi útil para mim. Por isso, eu lhe agradeço. Fulano, eu lhe agradeço sinceramente. Eu o abençôo e lhe agradeço. Obrigado! Muito obrigado!" — assim devemos mentalizar repetidas vezes, procurando serenar a mente, e nos deitarmos quando atingirmos o estado espiritual de completa paz.

Preencher a mente com sentimentos de perdão e de gratidão ao final de cada dia é de suma importância para nossa saúde. Esse ato em si já é louvável, mesmo que não influísse na saúde.

Após nos deitarmos, é bom adormecermos agradecendo do seguinte modo: "Obrigado, travesseiro; obrigado, colchão; obrigado, cobertor; obrigado, pijama; obrigado, ar..." Assim, agradecemos mentalmente a todas as coisas que nos cercam e a tudo que nos vem à memória. Procedendo dessa forma, até as pessoas que sofrem de insônia poderão adormecer rapidamente e ter um sono profundo. (Volume 38)

CAPÍTULO 4
ENCOBRIMENTO DA NATUREZA DIVINA DO HOMEM

O homem verdadeiro, um filho de Deus

O *homem verdadeiro*, criado por Deus, à imagem e semelhança do Pai, traz em si a Vida de Deus; ele simboliza a perfeição de Deus, sente alegria em viver como extensão do próprio Deus, e só se sente feliz quando ama a Deus, e a seus semelhantes — que também são filhos de Deus — e trabalha junto com eles, unindo as forças. É contra sua natureza repudiar seus semelhantes ou conquistar a vitória somente para si mesmo, prejudicando os outros.

Por que, então, os seres humanos que habitam este mundo fenomênico não desfrutam da mesma vida perfeita do Paraíso da Imagem Verdadeira, e estão sempre em conflito uns com os outros? Na *Sutra do Lótus* consta: "O Paraíso permanece indestrutível. Mas a humanidade parece ser consumida pelo fogo, e este mundo se afigura cheio de tristeza, medo e sofrimento". No capítulo 1 do Gênesis está descrita a Imagem Verdadeira deste mundo, conforme foi criado por Deus: frutas e vegetais abundam nos campos e nas florestas, e o homem, criado à imagem de Deus, ali vive repleto de felicidade. No entanto, no capítulo 2 do Gênesis, afirma-se que, quando a terra foi criada não havia

nenhuma planta, nem havia homem para lavrar o solo, e que o homem foi criado do pó da terra, sendo posteriormente enganado pela astúcia da serpente, expulso do Jardim do Éden e condenado a obter o sustento com muito trabalho, "até que volte a ser o pó da terra, de que foi criado". Isso é o que significa a queda do homem, do *estado perfeito da Imagem Verdadeira* para o *estado imperfeito do aspecto fenomênico*; do *estado de homem autêntico* para o *estado de falso homem*. Então, pergunta-se: Por que ocorreu essa queda? A verdade, porém, é que o *homem verdadeiro* (Imagem Verdadeira) jamais sofreu tal queda, embora assim pareça. Ele é imortal, indestrutível, jamais sofreu queda alguma, e continua vivendo tranqüilo e feliz no Paraíso da Imagem Verdadeira, trabalhando na gratificante obra da criação. Porém, devido às ilusões da mente, a humanidade vê o ser humano como um ser material, um ser formado a partir do pó da terra.

Essencialmente, na *Sutra do Lótus* e no Gênesis consta a mesma Verdade: o *homem verdadeiro* (Imagem Verdadeira), ou seja, o "homem enquanto ser espiritual", é imortal e indestrutível; mas, em vez de ver esse aspecto perfeito, a humanidade vê o *homem material* e o considera existência real. Essa é a primeira ilusão, que constitui o primeiro "invólucro" (pecado) que encobre a Imagem Verdadeira. O primeiro e fundamental pecado é não ver o *homem espiritual e real*, mas apenas o *homem material*, acreditando ser real esse homem fenomênico e material.

O *reino de Deus* — o Mundo da Imagem Verdadeira, a criação autêntica de Deus — não é algo incerto que existe ou deixa de existir, ao sabor das ilusões da mente humana, isto é, algo que passa a existir se acreditamos que ele "existe", ou que deixa de existir se acreditamos que ele "não existe". O Paraíso da Imagem Verdadeira (o Mundo da Imagem Verdadeira) não é um mundo que esteja sujeito a surgir ou a desaparecer, dependendo de acreditarmos ou não em sua existência. Ele continua a existir sempre, quer acreditemos ou não em sua existência.

Já as coisas do mundo fenomênico surgem se acreditamos que elas "existem", e desaparecem se acreditamos que elas "não existem". Por exemplo: acreditando que a doença "existe", ela se manifesta; e, acreditando que "não existe", ela se extingue; acreditando que "o homem está sujeito à pobreza" surge-nos a situação de pobreza; e, acreditando que "o homem é originariamente imune à pobreza", desaparece a situação de pobreza. Tais fatos têm sido vivenciados por muitos adeptos da Seicho-No-Ie. Como podemos perceber, as coisas do mundo fenomênico surgem ou se extinguem de acordo com nossa mente; vemos as situações e aspectos que nossa própria mente projetou e "coloriu".

Portanto, conforme está escrito na *Sutra do Lótus*, mesmo quando o mundo fenomênico parece "consumido pelo fogo e repleto de tristeza, medo e sofrimento", o Mundo da Imagem Verdadeira, de perene felicidade,

mantém-se indestrutível. Se o mundo da Imagem Verdadeira, de perene felicidade, continua intacto e perfeito, é impossível que exista como parte dele o mundo fenomênico repleto de sofrimentos. Na verdade, o mundo fenomênico repleto de sofrimentos não existe. O mundo da matéria **não existe**. Então, o mundo fenomênico repleto de sofrimentos é apenas um mundo ilusório, totalmente alheio ao Mundo da Imagem Verdadeira de perene felicidade? Também não é assim. O mundo fenomênico é o mundo que se nos apresenta através da "lente embaçada" de ilusões que cobrem o Mundo da Imagem Verdadeira. **Na verdade, somente o Mundo da Imagem Verdadeira existe realmente**. O mundo fenomênico não reflete o aspecto real do Mundo da Imagem Verdadeira, sendo apenas um mundo aparente que vemos através da "lente" embaçada pelas nossas ilusões. O mundo fenomênico que vemos através dessa "lente" é mutável e nele se alternam sofrimentos e alegrias; mas, não obstante esse aspecto do mundo fenomênico, e independentemente de o homem fenomênico extinguir-se ou não, o Mundo da Imagem Verdadeira de perene felicidade continua a existir, intacto e indestrutível. Assim mesmo como somos, aqui e agora, estamos vivendo dentro do Mundo da Imagem Verdadeira, e não que o mundo fenomênico exista numa "área" delimitada dentro do Mundo da Imagem Verdadeira e que o homem se transfira para a área pura do Mundo da Imagem Verdadeira após a morte do corpo carnal.

O primeiro capítulo do Gênesis refere-se à Imagem Verdadeira perfeita do homem-espírito. Já o segundo capítulo vê o homem como uma criatura imperfeita, formada do pó da terra. Isto constitui a primeira *ilusão* da humanidade, o primeiro *pecado*. É *ilusão* pelo fato de não se enxergar o Aspecto Verdadeiro (Imagem Verdadeira); é *pecado* pelo fato de se ocultar a Imagem Verdadeira com o "invólucro" chamado "ilusão". (Em japonês, pecado é *tsumi*, termo derivado da palavra *tsutsumi*, que significa invólucro ou envoltório.)

O primeiro pecado consiste, pois, em encobrir e ocultar a natureza espiritual do homem e vê-lo como um ser material; consiste em encobrir e ocultar a Imagem Verdadeira do homem-espírito e vê-lo como homem-matéria; consiste em acreditar que o reino de Deus é um mundo que se alcança somente depois que se deixa este mundo, e em acreditar que o homem não poderá "nascer no reino de Deus" a não ser quando sua existência física chegar ao fim. Em outras palavras, consiste na não-conscientização de que o *reino de Deus* é um mundo eterno e ilimitado que já existe aqui e agora; e na não-conscientização de que o homem é *filho de Deus* e, portanto, um ser eterno. Dito na linguagem do cristianismo, esse primeiro pecado constitui o "pecado original cometido por Adão".

Devido ao pecado original (o primeiro encobrimento da natureza divina do homem), a humanidade passou a considerar o ser humano "pó da terra" — um mero corpo

material —, e a considerar o mundo um aglomerado de elementos materiais. Fisicamente, cada indivíduo é separado dos outros; por isso, enquanto o homem considerar a si próprio como um ser material, sempre surgirá o egoísmo. Todos os elementos materiais são limitados; por isso, enquanto o homem encarar o mundo como um aglomerado de elementos materiais, ele se empenhará em lutas, saques e disputas, defendendo a posse de coisas materiais, movido pela idéia de que "as coisas diminuem se forem compartilhadas com os outros". Eis por que, apesar de o *homem verdadeiro* — que é filho de Deus — jamais se empenhar em lutas, saques e disputas, o homem fenomênico vive se envolvendo em lutas, saques e disputas.

O equívoco de muitos cristãos modernos, que cultuam o Cristo carnal em vez do Cristo-Deus

Como já foi dito, o "pecado original cometido por Adão" é o primeiro encobrimento da natureza divina do homem, que consiste em considerar o homem um mero corpo carnal, em vez de reconhecer sua natureza espiritual de *filho de Deus*. Lamentavelmente, **nos dias atuais, muitas pessoas que se dizem cristãs estão cometendo o mesmo pecado cometido por Adão.** Quão grande é o número de cristãos que só conseguem apreender como Cristo o Jesus carnal, e não o Cristo Eterno (natureza divina)

ao qual Ele próprio se referiu ao dizer "Antes que Abraão existisse, eu sou", e vivem a pregar que a humanidade só poderá ser salva através do Jesus carnal! **Eles estão confundindo o "corpo carnal" com a "natureza divina", a "ilusão" com a "Imagem Verdadeira".** Alcançamos a salvação somente quando a buscamos através da *natureza divina eterna*, à qual o próprio Jesus Cristo se referiu dizendo "Antes que Abraão existisse, eu sou". Na verdade, a *salvação* já está ao nosso alcance, dentro de nós próprios, pois a mesma *natureza divina eterna* de Jesus Cristo existe também em nós, ou, melhor dizendo, essa *natureza divina eterna* é que é o nosso verdadeiro ser. Portanto, é uma tolice acreditar que o homem só poderá ser salvo através do Cristo que está fora do nosso ser — ou seja, através do Jesus carnal.

O cristianismo repudia e despreza o culto às formas, rotulando-o de idolatria. Mas muitos cristãos, ao afirmarem que o homem só alcançará a salvação através do Jesus carnal nascido na Judéia há cerca de 2.000 anos, e reverenciarem sua imagem carnal em vez de sua *natureza divina eterna*, estão cometendo a idolatria que eles próprios tanto condenam. Renegar assim a *natureza divina eterna* (conseqüentemente, renegar o próprio Deus) e adorar **um determinado corpo carnal** equivale a ignorar a natureza verdadeira de Deus. É um pecado grave que consiste em esconder o Deus verdadeiro com a *ilusão da mente*.

As desavenças religiosas têm origem na adoração de imagens

As coisas materiais, que possuem forma, são limitadas. Por isso, quando os homens transformam as coisas materiais em objeto de sua adoração, surgem disputas, cada qual procurando defender seus domínios. Mesmo em se tratando de religião, cuja missão principal é estabelecer a paz entre os homens, se os seus seguidores estiverem presos à imagem material de Cristo (ou Buda) manifestada em forma de ser humano, será inevitável o surgimento de desavenças entre eles, já que as imagens manifestadas variam conforme o lugar e a época. Podemos saber o quanto uma religião tende à adoração de imagens, verificando o quanto ela repele outras religiões. Em última análise, os germes de toda e qualquer discórdia surgem devido à adoração das coisas materiais, que têm forma — no caso da religião, devido à adoração de imagens. Se alguém nos perguntar "Qual é o maior de todos os pecados", responderemos "É a idolatria", de acordo com a doutrina da Seicho-No-Ie.

Quando todos os cristãos deixarem de ver o Cristo apenas como imagem física chamado "Jesus carnal" e passarem a vê-lo como *natureza divina eterna*, referida na frase "Antes que Abraão existisse, eu sou"; quando todos os budistas deixarem de adorar o Sakyamuni carnal e descobrirem o *Buda eterno* ao qual ele próprio se referiu

assim numa resposta ao discípulo Ananda: "Todos os budas do passado foram meus discípulos"; e quando se compreender que a *Seicho-No-Ie* (Lar do Progredir Infinito) não é a casa do homem carnal chamado Masaharu Taniguchi, mas sim o *Eterno e Real Lar do Progredir Infinito* referido na frase: "Todos os ensinamentos fluem para dentro de mim e vivificam-se"; aí então, as religiões não precisarão mais disputar entre si para ampliar seus domínios.

A origem da falta de liberdade do ser humano

Quando o ser humano começa a se apegar, por pouco que seja, aos aspectos materiais, ele tolhe com sua própria mente a *liberdade* que lhe é inerente, e passa a sofrer a *falta de liberdade*. A *discórdia* também é uma faceta da *falta de liberdade*. Isto é, quando a liberdade intrínseca do todo é tolhida, surgem *discórdias*. Isso é comparável ao que ocorre com as engrenagens de um relógio: se não acontecer nenhum impedimento no movimento do mecanismo do relógio, não acontecerá de as engrenagens entrarem em atrito entre si; mas se ocorrer algum impedimento, as engrenagens não poderão se mover harmonicamente, atritam-se, e o relógio pára. O *atrito* resultante da perda de movimento livre e harmônico é que constitui a *discórdia*. Atritos ocorrem também entre as entidades religiosas, havendo muitas se criticando e repelindo umas às outras.

E assim, as próprias entidades religiosas, cuja missão é pregar a paz, harmonia e união entre os homens, freqüentemente estão agindo de maneira oposta a suas doutrinas. Isso acontece porque os seus seguidores estão presos ao erro chamado "primeiro encobrimento da natureza divina", tendo como objeto de adoração a imagem material de Cristo, de Buda, etc., e não a *natureza divina eterna* dEles.

Até mesmo entre as religiões ocorrem discórdias quando as pessoas vêem numa *forma material* o seu objeto de adoração. Portanto, é evidente que, quando os homens buscam sua vida individual dentro de uma forma material chamada *corpo carnal* em vez de buscá-la na corrente da *Vida infinita*, passem a surgir males de todas as espécies, decorrentes do pecado original (o primeiro encobrimento da natureza divina), que consiste em apegarse à *matéria* em vez de reverenciar a *Vida*.

Cristo e Nicodemos

Na Bíblia, há uma passagem onde se diz que, chegando Jesus a Jerusalém, foi procurado por um homem chamado Nicodemos, que era fariseu e membro do Sinédrio. Este foi ter com Jesus depois do anoitecer, e lhe disse: "Rabi, sabemos que és mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se

Deus não estiver com ele" (João 3, 2). Jesus percebeu que Nicodemos acreditava em Deus, não por ter compreendido a *natureza divina*, mas por ter visto os milagres revelados no plano material. Por ter percebido esse equívoco é que Jesus lhe respondeu: "Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (João 3, 3). Com isso, Ele quis dizer: **Não pense que viu o reino de Deus, simplesmente por ter presenciado milagres no plano material**. Mas Nicodemos interpretou literalmente as palavras de Jesus e pensou que "nascer de novo" era retornar ao útero materno e nascer outra vez. Por isso, perguntou a Jesus: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?" (João 3, 4). Ao que Jesus respondeu: "... O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" (João 3, 5-8).

Certas doutrinas espiritistas pregam que "a vida carnal é o período de preparação para ingressar no reino de Deus". Assim, muitas pessoas pensam que o seu ingresso no *reino de Deus*, depois desta vida, depende dos resultados dos empenhos do seu corpo carnal. Gostaria que essas pessoas refletissem acerca daquelas palavras de Jesus Cristo: "O que é nascido da carne é carne...". Não é após

o nascimento e renascimento através da carne que o homem pode, finalmente, alcançar o reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, não importa quantas vezes o seu corpo torne a nascer. **O que é nascido do "ser fenomênico" é sempre "ser fenomênico".** Não é depois de encerrar a sua vida fenomênica que o homem finalmente pode passar para o Mundo da Imagem Verdadeira, assim como não é depois de se revelar o filme e aparecer a imagem na fotografia que a pessoa fotografada passa a existir. **Desde o princípio, existe irrefutavelmente a pessoa real, e fotografando sua imagem é que se obtêm seus retratos em diversas poses.** Por mais que se reproduzam cópias, a pessoa real jamais se introduz na fotografia. O mesmo se pode dizer do homem verdadeiro (Imagem Verdadeira) em relação ao homem fenomênico: desde o princípio, existimos como homem verdadeiro (ser espiritual), e neste mundo revelamo-nos como homem fenomênico.

Dependendo do tipo da "lente", podem-se obter diferentes "imagens": ora perfeitas, ora distorcidas. Mas o homem verdadeiro (Imagem Verdadeira) é aquele que, independentemente de estar ou não distorcida a imagem fenomênica, mantém a sua original perfeição. Ele não é um ser que passa de um estado fenomênico para outro estado fenomênico, ou que se transfere de um mundo para outro, como, por exemplo, do mundo fenomênico dos vivos para o mundo após a morte. Tanto o *mundo presente* como o *mundo após a morte* são mundos fenomênicos. Podemos ter melhor compreensão disso, se os considerarmos como diferentes imagens reveladas pelas diferentes "lentes" com que se capta o Mundo da Imagem Verdadeira.

Explicando de forma objetiva e clara, a Verdade que Jesus Cristo transmitiu a Nicodemos foi a seguinte: "Ainda que a imagem tenha distorção, não pense que a pessoa real também seja distorcida. Ainda que o homem fenomênico esteja doente, não pense que o homem verdadeiro (Imagem Verdadeira) também o esteja. A Imagem Verdadeira é invisível aos olhos carnais. Você pode, por acaso, ver de onde vem o vento, e para onde ele vai? Certamente, não. Você não pode ver com os olhos da carne a Imagem Verdadeira, assim como não pode ver o vento. Nascer de novo significa volver para a Imagem Verdadeira os olhos da mente que estão voltados para o homem fenomênico". Mas, como foi dito mais acima, Nicodemos não entendeu o significado das palavras de Jesus, e por isso redargüiu: "Como pode suceder isto?". E Jesus respondeu: "Tu és mestre em Israel, e não compreendes estas cousas? Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto, contudo não aceitais o nosso testemunho. Se tratando de cousas terrenas não me credes (se não me compreendes apesar de eu ter lhe explicado usando a alegoria do vento do mundo fenomênico), como crereis, se vos falar das cousas celestiais (das coisas do Mundo da Imagem Verdadeira)? Ora, ninguém

subiu ao céu (Mundo da Imagem Verdadeira), senão aquele que de lá desceu, a saber, o filho do homem, que está no céu (poderá entrar no Mundo da Imagem Verdadeira somente aquele que nasceu do Mundo da Imagem Verdadeira, a saber, o homem verdadeiro). E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o filho do homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna (Importa que o filho do homem — Jesus — morra na cruz, para que aqueles que nele crêem compreendam que o homem verdadeiro é um *ser eterno* que jamais morrerá, mesmo que o corpo carnal seja destruído)" (João 3, 10-15, com interpretação entre parênteses).

"Para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna" — este é o versículo em que os cristãos têm-se fundamentado para afirmarem que o homem não poderá alcançar a vida eterna a não ser através de Jesus Cristo. Mas, por que será que o próprio Cristo disse "para que todo aquele que nEle crê tenha a vida eterna", em vez de dizer "para que todo que em Mim crê tenha a vida eterna"? Podemos constatar que, no referido trecho da Bíblia, Jesus usa as expressões "filho do homem" e "ele", em vez de "eu". E, quando se refere a "aquele que do céu desceu", acrescenta a explicação: "a saber, o filho do homem". Ao dizer isso, ele estava se referindo à Imagem Verdadeira de todo ser humano. Jesus não disse "Crê em mim" e sim "Crê no filho do homem; crê no homem verdadeiro (Imagem Verdadeira); eu sou um exemplo. Aquele que crê no homem verdadeiro (Imagem Verdadeira) como um *ser eterno*, terá a vida eterna ainda que o seu corpo carnal pereça".

A salvação proveniente da conscientização da natureza divina e eterna do homem verdadeiro (Imagem Verdadeira)

Aquele que crê no homem verdadeiro (Imagem Verdadeira) como *ser eterno* alcançará a vida eterna, mesmo sem a mediação de um ser manifestado fisicamente (como Jesus Cristo ou Buda) — esta é a Verdade descoberta pela Seicho-No-Ie. Todos os seres humanos são manifestações do *ser eterno*; seja bom ou ruim o seu aspecto no mundo fenomênico, isso é como a boa ou má qualidade da imagem fotográfica, e o *homem verdadeiro* (isto é, a Imagem Verdadeira) jamais se perverte. Por desconhecer esta Verdade, o homem tende a desprezar a si mesmo. Muitas pessoas pensam "Sou imprestável mesmo", e com isso cometem o "encobrimento de sua natureza divina" (pecado). Encobrindo a natureza divina, é impossível que essa natureza perfeita se revele no mundo fenomênico. Experimente fotografar alguém coberto com um véu: é claro que a imagem perfeita dessa pessoa não aparecerá na fotografia. Do mesmo modo, encobrindo a nossa *natureza*

divina e projetando o filme no mundo fenomênico através da "lente mental" distorcida pelos pensamentos tais como "Eu não presto mesmo", será impossível surgir no mundo fenomênico o nosso aspecto perfeito. Assim, a idéia de que "somos pecadores" é a matriz onde se originam todos os males do mundo fenomênico, ao passo que a convicção de sermos filhos de Deus é a matriz geradora de um bom mundo fenomênico.

A origem da idéia de pecado

Desde que Adão cometeu o pecado original (que constitui o "primeiro encobrimento da natureza divina do homem"), a idéia de pecado está arraigada nas camadas profundas da mente de todo homem carnal. Dos primórdios da humanidade até os dias atuais, existiram somente duas pessoas que tiveram, desde o princípio, a consciência de serem isentos de pecado. Um deles foi Sakyamuni (Buda) que, segundo as escrituras budistas, tão logo nasceu declarou "No céu e na terra, sou o ser supremo!", e imediatamente caminhou sete passos. O outro foi Jesus Cristo que chamou a si mesmo de "filho Unigênito de Deus".

Mas, agora, também conscientizei que sou isento de pecado e que a "humanidade toda é isenta de pecado", e estou convicto de que transmitir essa Verdade para toda a humanidade é o único caminho correto para conduzi-la à salvação.

Por que ocorre a idéia de pecado no ser humano, que é originariamente isento de pecado e impurezas? A idéia de pecado ocorre justamente porque nós, seres humanos, sabemos que originariamente somos isentos de pecado. Um cego de nascença, que nunca em sua vida viu a luz, não tem noção da treva, mesmo estando na treva. Um sapo, que nasceu e cresceu num poço estreito e nunca conheceu a liberdade, não sentirá a falta de liberdade mesmo que permaneça naquele espaço exíguo.

Numa história de terror intitulado *O monstro da ilha*, o escritor japonês Edogawa Ranpo narra a vida de dois seres humanos que, tendo sido levados a uma ilha deserta quando eram ainda bebês, e submetidos a uma operação que consistiu em unir toda a extensão das costas de ambos e torná-los um "monstro de duas cabeças, quatro braços e quatro pernas", ali cresceram e viveram confinados. Como nunca tiveram contato com outras pessoas, eles pensavam que esse corpo incômodo de "duas cabeças, quatro braços e quatro pernas" fosse o aspecto normal de todo ser humano. Mas um dia, tendo visto o aspecto livre de seres humanos normais, com uma cabeça, dois braços e duas pernas, compreenderam pela primeira vez que o seu aspecto grotesco de "duas cabeças, quatro braços e quatro pernas" não era o verdadeiro aspecto do ser humano, e passaram a sentir profundo sofrimento.

Assim é a idéia de *pecado*. A conscientização de não estar manifestando o aspecto original perfeito é que cons-

titui a consciência de *pecado*. Podemos dizer que a consciência de pecado é o gemido da alma do ser humano que busca, sofregamente, exprimir o seu aspecto original perfeito e livre. Comparemos nosso aspecto original à brasa: cobrindo-se as brasas com poeira, lixo, etc., levanta-se fumaça. **Essa fumaça é comparável à "consciência de pecado" do ser humano**. Não havendo brasa no braseiro, não se forma fumaça; e, mesmo havendo brasa, se ela não for coberta por elementos tais como poeira, lixo, etc., não se forma fumaça. Todavia, a brasa em si não constitui a fumaça, e também os elementos como poeira ou lixo, em si, não constituem a fumaça. O que forma a fumaça é o processo em que a brasa procura avivar-se, queimando os elementos indesejáveis que a cobrem.

O mesmo ocorre conosco. Nossa *Imagem Verdadeira perfeita*, em si, é isenta de pecados e ilusões. Portanto, **a consciência de pecado não existe no nosso Eu verdadeiro**, do mesmo modo que a fumaça não existe na brasa em si. Contudo, quando a nossa *Imagem Verdadeira perfeita* fica encoberta por *ilusões*, surge em nós a "consciência de pecado" para que essas ilusões sejam extinguidas. A fumaça é uma forma de manifestação do poder calorífico da brasa, ou seja, é o processo em que a brasa procura queimar os elementos indesejáveis que a cobrem. Se o poder calorífico da brasa for muito fraco, não se formará fumaça, mesmo que a brasa esteja coberta de poeira. Analogamente, se a *Imagem Verdadeira de nossa Vida* estiver

muito profundamente adormecida, não surgirá em nós a consciência de pecado. Se o poder calorífico da brasa for muito grande, o lixo que estiver em torno dela queimarseá num instante, sem que ocorra a formação de fumaça. Do mesmo modo, se a *Imagem Verdadeira de nossa Vida* estiver completamente desperta, as eventuais *ilusões* serão instantaneamente extinguidas, sem que surja em nós a consciência de pecado, e nossa vida se iluminará completamente.

A religião tem a finalidade de avivar a força latente da *Imagem Verdadeira da Vida*, que é como o poder calorífico da brasa. Quando o poder calorífico da brasa se intensifica, a poeira, o lixo, etc., que estão ao redor dela, queimam-se provocando muita fumaça. É compreensível que muitas religiões procurem avivar nas pessoas a consciência de pecado, no intuito de conduzi-las à salvação. Mas, como foi explicado acima, a *consciência de pecado* é como fumaça; e, provocar a formação de fumaça sem se importar com a brasa em si, é inverter a ordem das coisas. A fumaça, o dióxido de carbono, etc., são uma espécie de gás tóxico. E, quando eles se formam em grande quantidade num ambiente fechado, podem apagar a brasa. O mesmo se pode dizer acerca da *consciência de pecado* do ser humano.

Conheço o caso de uma pessoa que, tendo recebido de uma seita religiosa a sentença "Seus pecados jamais serão perdoados por Deus", passou a ser atormentada pela

consciência de pecado e acabou enlouquecendo. Pode-se dizer que essa pessoa teve a sua *chama da Vida* sufocada pelo gás tóxico chamado *consciência de pecado*. Deixar adormecida a *Imagem Verdadeira da Vida* e avivar somente a consciência de pecado é como provocar somente fumaças, sem intensificar o poder calorífico da brasa. O resultado é o exaurimento da força reavivadora da Vida.

Muitos religiosos pregam que o ser humano é uma criatura insignificante, um pecador, um ser cheio de perversidade e pecados, por pensarem que, provocando nas pessoas a consciência de pecado — que corresponde à "fumaça" —, estão ajudando-as a avivarem suas *chamas da Vida*. Mas, para avivar uma fogueira não precisamos, necessariamente, levantar muita fumaça. Intensificando o poder calorífico, a fumaça surge sozinha quando as sujeiras se queimam, transformando-se em chama. Analogamente, para avivar a *chama da Vida* não precisamos provocar o surgimento da fumaça chamada *consciência de pecado*. Se fizermos com que todos os "lixos" e "poeiras" da mente se queimem de uma só vez, a chama da Vida passará, imediatamente, a arder com grande intensidade.

Para fazermos com que as "poeiras" e "lixos" da mente — as *ilusões* — queimem-se de uma só vez e a chama da Vida passe a brilhar intensamente, é imprescindível procedermos a um eficiente *arejamento da mente*. Que significa "arejar a mente"? Significa expulsar de nossa mente todos os "gases" nocivos e, em troca, absorver "oxigênio".

Quando aumenta dentro da mente a fumaça chamada *consciência de pecado*, a *chama da Vida* poderá ou transformar-se numa chama intensa ou acabar sufocada. Se a "oxigenação da mente" não for eficiente, a "fumaça" se tornará densa, sufocando a *chama da Vida*; mas se o "arejamento da mente" for eficiente, todas as "poeiras" e "lixos" da mente se queimarão rapidamente, transformando-se em chama ardente que alumia o mundo.

Mas em que consiste esse "arejamento da mente" que nos possibilita expulsar a fumaça chamada *consciência de pecado*? Consiste em despertar para a *Imagem Verdadeira da Vida*; consiste em compreender que o nosso *Eu verdadeiro* não é tenebroso como uma fumaça negra, como imaginávamos; consiste em compreender que **o pecado não constitui o nosso Eu verdadeiro, do mesmo modo que a fumaça não é o fogo em si**, e deixar que a fumaça chamada *consciência de pecado* dissipe por si mesma. Se até agora a fumaça chamada *consciência de pecado* não se dissipava e continuava a nos envolver, era porque nós próprios a mantínhamos conosco, criando uma cortina mental que prendia a idéia de que "o pecado faz parte de nós". Essa cortina impedia que a consciência de pecado se dissipasse da nossa mente. Ao despertarmos para a Verdade de que "o homem é originariamente divino", desfaz-se a cortina mental que nos mantinha envoltos no pecado. Então, volvendo-nos exclusivamente para a *nossa Imagem Verdadeira, que é divina*, passamos a ter a mente sempre

positiva, alegre e "bem arejada". Nossa alma, que estava voltada para o lado do *pecado* e das *ilusões*, dá meia-volta e passa a contemplar a *Imagem Verdadeira de nossa Vida, que é divina* — a isso se chama conversão da alma.

Porém, para volvermos a mente para a *Imagem Verdadeira de nossa Vida, que é divina*, é necessário que tenhamos **aversão ao pecado.** Aquele que confunde o seu *aspecto pecador* com a sua *Imagem Verdadeira de filho de Deus*, que confunde o defeito com a virtude e que concede a si mesmo um leviano auto-perdão, pensando "Tenho pecados, mas estou bem assim mesmo", está confundindo o seu *Eu verdadeiro* com o seu *falso eu*. Se surge fumaça de um lugar, é sinal de que ali há fogo; todavia, não devemos confundir a fumaça com o fogo. Não devemos pensar que a fumaça é o fogo em si. Da mesma forma, não devemos ter a presunção de que nosso aspecto pecador é o nosso aspecto original de filho de Deus. Para avivar o fogo, é preciso expulsar a fumaça. As pessoas não suportam a fumaça. Por isso, quando a fogueira faz muita fumaça, trazem um abano e agitam-no para expulsá-la. Então, a chama se aviva e passa a arder intensamente. O mesmo acontece com o ser humano, quando se intensifica a consciência de pecado.

Se por um lado existem pessoas que são dominadas pela consciência de pecado e não conseguem reagir, por outro lado existem as que possuem acesa na alma a consciência de filho de Deus, e, no caso destas pessoas,

quando a aversão ao pecado chega ao auge, desencadeia-se a "conversão" e sua alma começa a arder repentina e intensamente, produzindo uma grande chama religiosa. Por que uns sucumbem à consciência de pecado, e outros, pelo contrário, reagem a ela e fazem arder em suas almas a imensa chama de fé e alegria? As pessoas que mantêm em seu íntimo, como se fosse uma brasa inextinguível, a firme convicção de que sua Imagem Verdadeira é *filho de Deus*, conseguem reagir à consciência de pecado e fazer arder uma grande chama em sua alma. Mas aqueles cuja convicção de *filho de Deus* é fraca como uma brasa prestes a se apagar, são dominados pela fumaça chamada consciência de pecado, têm a chama de sua Vida sufocada por essa fumaça e, em desespero, acabam sucumbindo. Portanto, os religiosos, cuja missão é salvar as almas humanas, precisam agir com bastante sabedoria ao lidarem com a consciência de pecado que se verifica em muitas pessoas.

A autocondenação pelos pecados cometidos e sua finalidade

Depois que uma pessoa comete um pecado, surge-lhe o desejo de autopunição, do mesmo modo que, quando se lançam poeira e lixos na fogueira, levanta-se fumaça. A esse desejo de autopunição damos o nome de "tormento da consciência". Judas Iscariotes, depois de ter vendido Jesus

por trinta moedas de prata, foi acometido por um violento tormento da consciência e acabou cometendo o suicídio.

Mesmo aqueles que não cometeram um pecado tão grave quanto Judas Iscariotes, sentem remorso pelos pecados cometidos. O remorso é a "fumaça" que se levanta no processo em que o "fogo" da natureza divina do ser humano busca reativar-se, rompendo a "manta de pecado" que o cobre. Lendo a biografia de São Francisco de Assis, de Honen (santo budista) e de Shinran (idem), e outras literaturas sobre eles, percebemos que também neles era acentuado o sentimento de auto-recriminação. Aliás, podemos dizer que, justamente por serem eles homens de grande virtude, mais forte era o seu desejo de autopunição quando julgavam ter cometido algum pecado.

Analisando a inquietação que acompanha a consciência de pecado (a inquietação, em si, é uma forma de autopunição do homem), podemos concluir que ela resulta da **dissonância que ocorre no interior da alma**. Quando cometemos um pecado, ocorre uma *dissonância* no interior de nossa alma, e por isso sentimos um desconforto mental e somos torturados pelo remorso. Mas, por que ocorre dissonância no interior de nossa alma quando cometemos pecado? É porque sentimos que algo incompatível com nossa natureza divina está em contato conosco. Quando nossa pele está em contato com uma superfície lisa e macia, compatível com ela, temos uma sensação agradável; mas quando nossa pele fica em contato com uma superfície áspera e dura, incompatível com ela, temos uma sensação desagradável. Se, por exemplo, esfregarmos uma lixa no rosto, certamente teremos uma sensação muito desagradável. O pecado — tanto em pensamentos como em atos — causa sensação desagradável à nossa alma porque não é compatível com nossa natureza divina. Se nossa natureza verdadeira não fosse divina, nossa consciência não se sentiria incompatível com o pecado. A *consciência* é a manifestação da *natureza divina*, que constitui nossa essência. No princípio, a dissonância sentida pela consciência ocorre apenas no nível psicológico; mas, pela lei mental segundo a qual "as vibrações da mente sempre acabam por se manifestar concretamente", pouco a pouco ela passa a se manifestar objetivamente, tomando aspecto visível e perceptível aos cinco sentidos, e assim começa a surgir na vida concreta sob a forma de doença, infelicidade, etc.

A Seicho-No-Ie exprime isso com a frase: "Tanto o nosso corpo carnal como o ambiente que nos cerca são reflexos de nossa própria mente". A conseqüência de nossos pensamentos aparece objetivamente em nossa vida, tal como a sentença de um julgamento. Portanto, podemos dizer que nosso estado físico e nosso meio ambiente são "sentenças" ditadas por nossa própria mente.

Se a história da vida de um indivíduo é a história das sentenças ditadas por sua própria mente, podemos dizer que a história do mundo é a história das sentenças ditadas pela mente da própria humanidade. O despeito, a inveja,

o medo, a inquietação, a ira, o ódio, etc. que pairam sobre o mundo inteiro vão tomando forma concreta a cada momento, constituindo sentenças tais como de guerras, saques, boicotes, greves, repreensões, revelando-se assim o conteúdo mental da maioria da humanidade. Se nenhuma pessoa deste mundo tivesse conteúdo mental negativo tais como o despeito, a inveja, o medo, a inquietação, a ira e o ódio, jamais surgiriam neste mundo cenas de guerras e conflitos.

A história do mundo é o resultado das sentenças ditadas pela mente da própria humanidade

O surgimento de guerras e conflitos neste mundo é, na verdade, o cumprimento da sentença ditada pela mente da própria humanidade. Como disse o apóstolo Paulo, "O salário do pecado é a morte"; e onde há pecado, a *Imagem Verdadeira perfeita do mundo*, tal como Deus criou, fica encoberta e invisível. Porém, isso não significa que o mundo da Imagem Verdadeira criado por Deus tenha deixado de existir ou tenha sido destruído. Ocorre apenas que o aspecto verdadeiro fica encoberto. Na *Sutra do Lótus*, citada no início deste capítulo, consta: "Mesmo quando a humanidade, chegando ao fim de seus dias, venha a ser, aparentemente, consumida pelo grande fogo, a minha terra permanecerá pacífica e repleta de seres celestiais... O Paraíso permanece

indestrutível. Mas a humanidade parece ser consumida pelo fogo, e este mundo se afigura cheio de tristeza, medo e sofrimento". Com efeito, apesar de o Mundo da Imagem Verdadeira nunca se extinguir ou sofrer destruição e existir eternamente intacto e indestrutível, a humanidade não vê essa Imagem Verdadeira, projeta no mundo as "sombras" de seus conteúdos mentais negativos tais como receio, medo, ódio, etc., e vem criando uma história do mundo repleta de sofrimentos. A história do mundo é, portanto, o resultado da sentença ditada pela *ilusão* da mente da própria humanidade.

Assim, os sofrimentos da humanidade são sempre o reflexo das *ilusões* da humanidade, isto é, do "pecado de encobrir a Imagem Verdadeira"; e os sofrimentos de um indivíduo são sempre o reflexo das *ilusões* da sua mente individual, isto é, do "pecado de encobrir a Imagem Verdadeira".

Portanto, a história de um indivíduo é o reflexo de sua mente individual; e a história do mundo é o reflexo da mente da humanidade.

O pecado concretiza-se

Algumas pessoas afirmam "O pecado nem sempre é punido. Castigo de Deus é coisa que não existe", e citam exemplos dos que prosperam apesar de serem iníquos. A Seicho-No-Ie também não reconhece a existência de

castigos de Deus. Não é Deus quem castiga. O que nos parece castigo é a conseqüência do fato de o próprio pecado (o aspecto em que a Imagem Verdadeira perfeita está encoberta) revelar sua imperfeição sob forma concreta no "espelho" do mundo exterior. Também nos tempos bíblicos, houve pessoas que perguntaram a Jesus acerca da relação entre o pecado e a ocorrência de infelicidades, doenças, etc. A resposta de Jesus Cristo foi a seguinte: "Pensais que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros galileus, por terem padecido estas cousas? Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis. Ou cuidais que aqueles dezoito, sobre os quais desabou a torre em Siloé e os matou, eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não eram, eu vo-lo afirmo; mas, **se não vos arrependerdes**, todos igualmente perecereis" (Lucas 13, 2-5). O pecado acaba sempre se manifestando concretamente. Mesmo que as conseqüências do pecado não estejam manifestadas em vocês agora, **devem arrepender-se**, pois, caso contrário, o pecado — "o aspecto em que a Imagem Verdadeira perfeita está encoberta" ou o "aspecto imperfeito" — fatalmente acabará por se manifestar concretamente e chegará a hora de vocês sofrerem as conseqüências infelizes. Este foi o ensinamento de Jesus Cristo.

Nos primeiros trechos do capítulo 9 do Evangelho Segundo João, consta que os discípulos de Jesus, vendo um homem cego de nascença, perguntaram "Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?", ao que

Jesus respondeu: "Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifeste nele a glória de Deus". Subentende-se, aqui, que **nem sempre** a causa da doença está relacionada com o pecado.

Em princípio, o pecado tem relação com a infelicidade, pois, sendo ele o aspecto em que a Imagem Verdadeira perfeita está encoberta, reflete-se no mundo externo sob a forma de estado imperfeito (infelicidade). E isso ocorre sob uma condição, que é: "Se não nos arrependermos". Se não nos arrependermos, cumprir-se-á a Lei da concretização dos pensamentos, e a incontável quantidade de pensamentos iníquos que temos tido no passado e que formam o carma negativo latente, passarão a se materializar no mundo real, não se extinguindo enquanto não punirmos a nós mesmos.

O meio para extinguir o pecado

Por que o pecado se manifesta concretamente como infelicidade no mundo fenomênico? **Não é para que ele próprio possa comprovar a sua existência.**

Para melhor compreensão da explicação que darei a seguir, peço ao leitor que interprete o pecado como um "papel de embrulho" — já que o pecado é "aquilo que encobre a Imagem Verdadeira e impede a sua revelação". Se um embrulho é dado a alguém, é para que ele remova o invólucro e receba com gratidão o presente que está

dentro dele, e não para ficar olhando o embrulho em si, ou o invólucro em si. Se ele deixar o embrulho escondido numa prateleira, sem o abrir, a "Imagem Verdadeira" (isto é, o conteúdo) desse embrulho não se revelará. Quando o embrulho for trazido para um lugar claro e o invólucro for retirado, revelar-se-á o seu conteúdo. O mesmo acontece com o homem: somente quando ele for exposto à Luz da Verdade e for desfeito o "invólucro" do pecado, é que surgirá a sua Imagem Verdadeira de *filho de Deus*.

Assim sendo, mesmo que alguém seja cego, não é para mostrar o seu pecado que ele sofre de cegueira. Pelo contrário, pode-se dizer que ele expõe sua cegueira para revelar a sua Imagem Verdadeira de *filho de Deus*, ou, em outras palavras, **para manifestar a glória de Deus**. Se o pecado se concretiza em forma de infelicidade, é para que, com essa manifestação, ocorra a sua "auto-desintegração". Se um pacote vem embrulhado, é para que o embrulho seja desfeito. Se a doença manifesta sintomas, é para que, através deles, se processe a cura. A sensação desagradável de formigamento nos pés ocorre quando o entorpecimento está começando a passar. Assim também é o pecado. Não é para comprovar sua existência que o pecado se manifesta no mundo fenomênico em forma de infelicidade. Podemos dizer que ele se manifesta **para que, através de sua desintegração, se revele a Imagem Verdadeira perfeita criada por Deus, isto é, a glória de Deus**.

Portanto, se "nos arrependermos", isto é, se a nossa mente se voltar completamente para a nossa *Imagem Verdadeira*, ou, em outras palavras ainda, se apreendermos na prática a *nossa Imagem Verdadeira de filho de Deus* e o *Paraíso da Imagem Verdadeira criado por Deus*, todos os pecados se extinguirão imediatamente. O "embrulho" será desfeito num instante e o seu conteúdo se revelará imediatamente; então, o invólucro não terá mais importância, qualquer que seja a aparência dele, e será removido e jogado fora.

Pecado contra o próximo

Pecar é deixar de manifestar a Imagem Verdadeira, mantendo-a encoberta. Peca contra Deus aquele que não conscientiza a verdadeira relação entre Deus e si mesmo, e não manifesta plenamente a sua Imagem Verdadeira de filho de Deus. Foi por isso que Jesus admoestou o povo, dizendo: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu espírito. Este é o máximo e o primeiro mandamento". Com essas palavras, Jesus quis dizer que nós, seres humanos, devemos despertar para a nossa Imagem Verdadeira, a qual é originariamente um com Deus. Amar a Deus acima de todas as coisas constitui a base da doutrina de Cristo. Quando conseguimos cumprir esse primeiro mandamento, virá por si mesmo o cumprimento dos demais mandamentos.

Mas vejamos qual é o segundo mandamento citado por Jesus: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

O pecado contra o próximo consiste em não cumprir este mandamento. Mas por que é pecado "não amar o próximo como a nós mesmos"? É que o "próximo" é parte de nós. Em outras palavras, **nós e os outros somos, na verdade, uma só Vida**. Quando compreendemos a Verdade Primeira e Suprema, ou seja, que "somos um com Deus", chegamos à natural conclusão de que "nós e os outros somos originariamente um". Se **A** é um com Deus, **B** é um com Deus, **C** é um com Deus, e eu também sou um com Deus, é claro que **A**, **B**, **C** e eu somos um com Deus. Se uma pessoa não ama o seu próximo, é porque ela não vê a Imagem Verdadeira, em cujo plano ela e os outros são uma só Vida. Vendo a nós próprios e aos outros unicamente com os nossos olhos carnais, será inevitável a conclusão de que nós e os outros somos indivíduos separados, cada qual com sua própria cabeça, seus próprios braços, suas próprias pernas, etc. A idéia de que "cada indivíduo é um ser isolado dos outros" é fruto da mente presa à ilusão dos cinco sentidos. Quando afastamos os cinco sentidos, ou, em outros termos, quando contemplamos o mundo além dos sentidos carnais, compreendemos que nós e os outros somos, na verdade, uma só Vida.

Sei que existem pessoas que parecem apreciar a solidão. Aliás, eu próprio fui um menino que procurava evitar as pessoas e, sempre que possível, ficava sozinho no quarto, lendo ou escrevendo. Mas acho que, no fundo, eu não gostava da solidão, pois costumava enviar pequenos

artigos para revistas juvenis e ficava exultante quando os via publicados. A verdade é que todo ser humano, mesmo aquele que diz gostar da solidão, procura alguma forma de ligar-se a outras pessoas, e fica contente quando consegue concretizar a Imagem Verdadeira, em que ele e os outros são **um**. Existem diversas espécies de amor: o amor entre homem e mulher, o amor entre os amigos, o amor entre os irmãos, o amor que une os compatriotas, o amor que une os componentes de um grupo literário ou de um partido político, o amor que une as pessoas que possuem o mesmo ideal, etc. Cada tipo de amor é uma manifestação parcial da Imagem Verdadeira, em cujo plano todos os seres constituem essencialmente uma só Vida.

A purificação do amor

A formação de pequenos e imperfeitos grupos de pessoas ligadas por uma determinada espécie de amor é a manifestação parcial, e não total, da Imagem Verdadeira, da Verdade de que todos os seres humanos são uma só Vida. Ao se ligarem através de uma ou outra forma de amor, as pessoas estão manifestando até certo ponto a Imagem Verdadeira. E, na medida em que exteriorizam a Imagem Verdadeira, elas estão contribuindo para o progresso da humanidade. Quando um homem e uma mulher se amam, eles sentem, do fundo do coração, que são **um**. Mas, como esse sentimento de unidade fica restrito aos dois apaixona-

dos, estes tendem a se isolar dos demais e a agir egoisticamente. Eis por que às vezes ocorrem casos de pessoas apaixonadas que entram em choque com a família e com a sociedade, ameaçando a tranqüilidade do lar e prejudicando a ordem social estabelecida. Todavia, quando os apaixonados procuram harmonizar a *pequena unidade de apenas duas pessoas* com a *unidade maior* formada pelo círculo familiar, sociedade, nação, etc., através dos esforços para integrar essa *unidade maior*, eles conseguem progredir espiritualmente. A esse esforço para integrar a *pequena unidade* em uma *unidade maior*, dá-se o nome de *purificação do amor*.

Não só o amor entre um homem e uma mulher, como também os sentimentos que unem os amigos, os compatriotas, os integrantes de um grupo literário fechado, os membros de um partido político, etc., são na verdade sentimentos de unidade restritos a um determinado âmbito (às vezes pequeno, outras vezes maior, porém sempre limitado). Mas, à medida que seus limitados sentimentos de unidade forem evoluindo para um sentimento de unidade mais grandioso e elevado, essas pessoas irão abandonando o egoísmo e passarão a contribuir mais para o bem de toda a humanidade. E, na medida em que elas contribuírem para isso, irá se purificando o seu sentimento de amor. Em suma, a *purificação do amor* consiste em elevar o sentimento de unidade restrito a um círculo para um sentimento de unidade de maior alcance. (Volume 13)

CAPÍTULO 5
O PERDÃO DO PECADO, SOB O PONTO DE VISTA RELIGIOSO

Tudo já existe na Imagem Verdadeira do homem

O objetivo da Seicho-No-Ie é dizer à humanidade que na Imagem Verdadeira do homem já existe de tudo e que, portanto, ele deve buscar tudo no seu interior, e não no exterior. O ser verdadeiro (Imagem Verdadeira) do homem é *filho de Deus*, isto é, herdeiro de Deus. Deus é infinito; portanto, tudo que desejamos **já** é nosso. Tudo que pertence a Deus, mesmo não estando agora em nossas mãos no mundo fenomênico, encontra-se totalmente à disposição do nosso ser verdadeiro, que é herdeiro de Deus. Portanto, aquele que deseja a riqueza deve extrair a riqueza infinita da sua Imagem Verdadeira; aquele que deseja a Vida deve extrair a Vida infinita da sua Imagem Verdadeira; e aquele que deseja a capacidade deve extrair a capacidade infinita da sua Imagem Verdadeira. Os atributos do Pai são ao mesmo tempo atributos de Seus herdeiros — ou seja, nós, seres humanos.

Deus não aprecia adulações; não fica lisonjeado por rezarmos a Ele, nem nos castiga por deixarmos de rezar. Considerar Deus igual a pessoas frívolas, que gostam de ser aduladas, é difamá-Lo, é desrespeitá-Lo. Em Mateus 5,

45, consta: "...vosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o Sol sobre maus e bons, e manda a chuva sobre justos e injustos". "Céus" significa mundo da Imagem Verdadeira e "Pai" significa Deus. Assim, Jesus está dizendo que Deus-Pai não é um ser intolerante que só proporciona benefícios para quem ora e deixa de beneficiar quem não ora; da mesma forma como o Sol nasce tanto para os maus como para os bons, e a chuva cai tanto sobre os justos quanto sobre os injustos, Deus é benevolente tanto com os que oram quanto com os que não oram.

O mérito da oração

Talvez alguém conclua: "Então não há necessidade de orar". Mas não oramos para modificar o "mundo já consumado" (mundo da Imagem Verdadeira), e sim para contemplá-lo e manifestá-lo no mundo fenomênico. Assim como focalizamos algo com a objetiva da câmara fotográfica para reproduzi-lo em fotografia, ao orar, dirigimos a "lente mental" para o mundo da Imagem Verdadeira a fim de reproduzir sua imagem no mundo fenomênico. Se, mesmo orando, o desejo não se concretiza no mundo fenomênico, não é porque a coisa desejada não exista no mundo da Imagem Verdadeira, mas porque nossa luz do despertar é insuficiente ou porque o foco da mente não está devidamente ajustado. Aumentar a luz do despertar significa fortalecer a crença de que tudo que é bom já nos foi legado no mundo da Imagem Verdadeira; e ajustar o foco significa fortalecer a fé a fim de focalizar com a mente o aspecto perfeito do mundo da Imagem Verdadeira.

O paraíso já existe

A oração tem a função de fortalecer a fé. Pela oração "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu", podemos constatar que Jesus também sabia que no céu (mundo da Imagem Verdadeira) a vontade de Deus já está realizada. Não há como modificar pela oração o reino dos céus ou o mundo da Imagem Verdadeira já concretizado. O mundo da Imagem Verdadeira já está **totalmente** consumado de acordo com a vontade de Deus e nem se pode cogitar em reformá-lo. Ele é um **mundo já pronto**. Se você tem fé em Deus, crê na perfeição de Deus e acredita na capacidade infinita de Deus, basta aceitar docilmente, com gratidão sincera, as afirmações: "O mundo criado por Deus já é perfeito", "O homem real criado por Deus já é perfeito". Não é necessário argumentar nem questionar. Basta aceitar tudo docilmente. Se lhe for dito "Você é filho de Deus, criado por Deus; o filho de Deus não adoece", deve responder: "Sim, muito obrigado. Compreendi que, sendo filho de Deus, não sou doente". Agradecer a Deus é a oração correta. Achar que Deus pode ter esquecido de lhe

dar algo e interpelá-Lo de vez em quando para lembrá-Lo é desprezar a onisciência de Deus, é o cúmulo da falta de fé.

O segredo da *Meditação Shinsokan*

Na Seicho-No-Ie pratica-se a *Meditação Shinsokan*, que consiste em contemplar, pelo método contemplativo semelhante ao zen, a Imagem Verdadeira de si próprio. Há quem ache difícil praticá-la, mas nada há de complicado, pois consiste apenas em afirmar para si mesmo, com a mente dócil: "Sim, sou filho de Deus, muito obrigado". A pessoa diz mentalmente para si própria "Você é filho de Deus" e responde "Sim, sou filho de Deus, muito obrigado" — nisto se resume a *Meditação Shinsokan*.

Durante a prática da *Meditação Shinsokan*, quando a pessoa aspira lentamente o ar e mentaliza "A Vida de Deus flui para o meu interior e se torna minha Vida", está fazendo o mesmo que afirmar: "Sou filho de Deus". E quando em seguida, mentaliza "Pela Vida de Deus sou preenchido, sou vivificado", conservando o ar no abdômen, é para confirmar docilmente "Sim, sou filho de Deus, muito obrigado". Nessa prática, não há espaço para nenhum argumento ou questionamento; existe somente a aceitação da Imagem Verdadeira, nada mais. É exatamente o mesmo que aceitar a promessa de salvação de Buda, dizendo: "Muito obrigado; seja o que Buda quiser". A mentalização da Seicho-No-Ie de que "O homem é filho de Deus" constitui uma aceitação ainda mais completa do que a aceitação da promessa de salvação de Buda, pois consiste em crer verdadeiramente nestas palavras de Deus Criador do Universo: "Você já está salvo. Já é filho de Deus. Você é herdeiro de Deus desde o princípio". Nisso não há risco algum. Se a salvação fosse algo que vem mediante o pedido, o homem poderia deixar de ser salvo, dependendo do modo de pedir. Mas ele já está salvo. A vontade de Deus já está realizada no reino dos céus — é um *fato já consumado*. Cristo já eliminou o pecado da humanidade, deixandose crucificar. Não é preciso questionar a existência ou não do pecado, nem chamar o homem de pecador, nem recear se não será salvo. Basta aceitar docilmente, com gratidão sincera, as palavras de Deus: "Você já é filho de Deus; é isento de doença, é isento de pecado, é isento de sofrimento". Jesus disse: "Quem não receber o reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele" (Marcos 10, 15). A *Meditação Shinsokan* praticada na Seicho-No-Ie é a manifestação de uma fé total e completa na força absoluta de Deus. A pessoa não adquire a condição de ser salva com determinadas práticas espirituais, nem em troca do mérito da oração.

Ter fé não é implorar

O que Deus nos concedeu jamais pode ser modificado por artifícios humanos. Deus não pode ser subornado,

e nunca dá mais a quem pediu mais em oração. Deus já nos concedeu infinitamente tudo de bom, com sabedoria e amor infinitos. Ainda que nossos olhos carnais não enxerguem essas *coisas boas* que já nos foram concedidas, não devemos duvidar da sabedoria, do amor e da força de Deus. Isto seria a máxima falta de fé. **Ter fé é ter confiança absoluta na bondade, no amor, na sabedoria e na força de Deus**. Há pessoas que, em vez de acreditar na bondade, no amor, na sabedoria e na força de Deus, acham que implorando a Deus, prostrando-se diante dEle ou adulando-O, poderão alterar, um pouco que seja, o plano de Deus de modo a favorecê-las. Tal atitude é o cúmulo da descrença.

Deus já é o máximo amor. Tencionar obter dEle, através da oração, ainda mais amor e generosidade para si ou para outro, é ousadia. Isso é duvidar do Amor de Deus, é descrença.

Deus é onisciente. É tolice pretender, através da oração, colocar Deus a par daquilo que se deseja, pois Ele é onisciente e nada desconhece. Quem assim procede será tachado de descrente. Contudo, isto não significa que Deus castigará quem é descrente. Acreditando nEle ou não, a pessoa não conseguirá aumentar nem diminuir um mínimo sequer o Amor de Deus. Mas, como o mundo fenomênico é concretização de nossa crença, quanto menor o grau da crença, mais escassos serão os bons recursos no mundo fenomênico. A nossa Imagem Verdadeira que Deus criou

não **se modifica**, quer acreditemos nEle, quer duvidemos dEle.

Deus é bondade infinita. Portanto, é um grande tolo e descrente quem diz a Deus: "Eu oro ao Senhor; por isso, seja mais bondoso, seja mais gentil, seja mais misericordioso comigo". Como Deus é Sabedoria infinita, também é um grande tolo e descrente quem ora para que Ele não o esqueça, que Se lembre do que lhe falta. Certamente Deus responderia: "Já lhe concedi infinita fortuna; verifique seu bolso". Se alguém está pobre, não é porque não foi contemplado por Deus. É porque se esqueceu de que tudo já lhe está dado por Ele.

Portanto, orar não é ficar constantemente advertindo Deus para que não Se esqueça de nós. **Orar é um meio para o homem se lembrar de Deus**. Orando ou não, praticando ou não a *Meditação Shinsokan*, o homem continua sendo filho de Deus. Ao praticarmos a *Meditação Shinsokan*, dizemos a nós mesmos "Você é filho de Deus" e respondemos "Sim, sou filho de Deus, muito obrigado"; isto é para **não nos esquecermos de Deus-Pai**, e não para que Deus não Se esqueça de nós.

Deus é Amor, sabe de tudo nos mínimos detalhes, e nos legou todos os tipos de felicidade — o "inventário" já está feito, já está consumado. Não adianta orarmos diante do "inventário", pois os bens ali descritos não aumentarão nem diminuirão. A nossa função é aceitar incondicionalmente o "inventário" elaborado por Deus. Se Ele nos diz

"Você é filho de Deus", só podemos responder: "Sim, é como dizeis". Se Ele nos diz: "Eguei a você infinita fortuna", devemos responder: "Sim, de fato". Esta é a aceitação correta, a oração, a *Meditação Shinsokan*. A *Meditação Shinsokan* ou a oração consiste em reconhecer o "inventário" apresentado.

Se nos for entregue uma caderneta bancária de milhões de ienes em nosso nome, nesse momento essa quantia já se tornou nossa. Mesmo que oremos, ela não aumentará, assim como não diminuirá se deixarmos de orar. Porém, é imprescindível reconhecermos a importância registrada na caderneta. Somente quem reconhece essa importância poderá sacar os milhões de ienes, quando isso se fizer necessário. Mas quem reconhece que só tem dez ienes, retirará apenas dez ienes; e quem reconhece que tem cem ienes, só retirará cem ienes. Por este exemplo podemos perceber como é importante conhecer corretamente o que foi legado a nós. Reconheçamos ou não, a herança não muda, mas o que poderemos usufruir aumentará ou diminuirá na proporção do reconhecimento. Com isso podemos perceber que, orando ou não, o legado infinito continua o mesmo, mas altera o seu usufruto no mundo fenomênico.

Precisamos conhecer melhor a Deus. Orar a Deus não é adulá-Lo. É errônea a idéia de que, louvando ou adulando Deus, poderemos receber em retribuição o céu ou benefícios maiores que os merecidos. Este deve ser o tipo de

idéia que mais repugna a Deus. É tolice pensar que dizendo bonitas palavras ou prostrando-se diante de Deus para rogar-Lhe piedade pode-se ocultar a baixeza da alma.

Então, mesmo que não oremos, se nos empenharmos totalmente na prática de bons atos no mundo fenomênico, Deus elogiará nosso bom comportamento e poderemos ir para o céu? Não, isso não é o suficiente.

Precisamos conhecer melhor a Deus. Devemos conhecer mais a nossa Imagem Verdadeira. Nossa Imagem Verdadeira não é o aspecto visível do corpo carnal. É o nosso *Eu verdadeiro* que foi criado como filho de Deus. Devemos também pensar no *mundo da Imagem Verdadeira* (mundo verdadeiro que Deus criou perfeito) e nas dádivas abundantes nele já contidas: "Nosso ser verdadeiro (Imagem Verdadeira) já é filho de Deus. O mundo que habitamos já é o mundo da Imagem Verdadeira; nele já nos foram concedidos a Vida, a sabedoria, o amor e a provisão infinitos". **O essencial é reconhecer este fato inegável**. Não se trata de considerar a carência atual e pedir a Deus que nos conceda graças. Ele nos diria: "Vocês estão buscando fora as minhas dádivas, mas Eu já as concedi, sem que vocês o soubessem. Elas já estão em seu interior". A existência real que está em nosso interior é a nossa Imagem Verdadeira. Devemos contemplar a nossa Imagem Verdadeira e agradecer as dádivas.

Alguma vez você agradeceu sinceramente, visualizando a sua Imagem Verdadeira? Se você não consegue

visualizar a sua Imagem Verdadeira provida de infinitas dádivas e ora a Deus insistindo para que Ele lhe proporcione graças, revela a falta de gratidão à provisão ilimitada já proporcionada à sua Imagem Verdadeira. Essa atitude errônea de orar se verifica na maioria dos fiéis das religiões tradicionais. O erro não está nas religiões em si, mas na postura mental dos adeptos. Na Seicho-No-Ie não se implora em oração. Ao orarmos, reconhecemos a provisão ilimitada já concedida no plano da Imagem Verdadeira e expressamos a gratidão com um sincero "muito obrigado". Essa gratidão difere daquela superficial em que se agradece somente a provisão manifestada no mundo fenomênico. Agradecemos a provisão ilimitada proporcionada à nossa Imagem Verdadeira.

Veja a provisão ilimitada do mundo da Imagem Verdadeira

Se você agradece apenas os acontecimentos já manifestados no mundo fenomênico e não reconhece a provisão que Deus realmente lhe legou no mundo da Imagem Verdadeira — tudo que você está recebendo no plano da Imagem Verdadeira —, está se comportando como quem vê a formiga e não enxerga o elefante. Isso seria, aos olhos de Deus, uma gratidão manifestada de maneira equivocada. Ele diria: "Apesar de ter-lhe dado coisas melhores, você

não sente gratidão por elas, e sim por coisas tão insignificantes!". Há também pessoas que, apesar de não sentirem verdadeira gratidão, cantam hinos de louvor a Deus ou fazem-Lhe oração de agradecimento, pensando que assim Ele lhes proverá melhor. Mas, para Deus que tudo sabe, é evidente a hipocrisia de tais pessoas.

Para agradecer realmente a Deus, é indispensável que você veja claramente a provisão do mundo da Imagem Verdadeira já concedida e sinta gratidão a Deus por isso. Uma gratidão que não seja desse modo é equivocada ou hipócrita. Quando não puder perceber a perfeição do mundo da Imagem Verdadeira, você precisa praticar mais seriamente a *Meditação Shinsokan* e procurar contemplá-la.

Como amar realmente a Deus

Cristo disse: "Se me amais, observareis os meus mandamentos". Disse também que o primeiro de todos os mandamentos é "amar a Deus". Se a pessoa apenas imita as atitudes de quem ama a Deus, com o intuito de conseguir algum benefício, procede como uma meretriz que se entrega ao cliente apesar de não amá-lo. Isso é hipocrisia, e não o amor verdadeiro. **É preciso amar verdadeiramente a Deus**. Para isso, você precisa conscientizar que **Deus e você são um só ser, isto é, que sua Vida é Vida de Deus**. Precisa ver Deus em você próprio, e amar

a Deus em você mesmo. É imprescindível que você intensifique o sentimento de unidade com Deus. Enquanto não sentir profundamente que Deus e você constituem um único ser indivisível, não poderá amar a Deus verdadeiramente.

Se digo que o homem é filho de Deus, muitos cristãos pensam que estou dizendo algo insolente. Mas na verdade é o contrário: não há pensamento tão insolente quanto o de negar que o homem seja filho de Deus. Nada insulta mais a Deus, criador do homem, do que a idéia de que haja outro criador do homem; que este possa tornar-se filho de Deus através da mediação de alguém; que o homem não seja filho de Deus desde o princípio. Amar a Deus não se constitui de pensamento tão mesquinho. Amar a Deus é dirigir-se diretamente a Deus, com docilidade, e atirar-se em Seus braços, dizendo: "Deus, sou Vosso filho, sois meu Pai verdadeiro. Vossa Vida, alojando-se em mim, constitui minha Vida". Esta é a oração correta: "Sou filho de Deus". Desde que esta oração seja feita perfeitamente, todos os mandamentos serão cumpridos naturalmente. E esta oração é a *Meditação Shinsokan*. A *Meditação Shinsokan* consiste em incutir, não somente no nível do consciente, mas até na camada mais profunda do subconsciente, a seguinte idéia: "A Vida de Deus flui em mim, constituindo minha Vida", "Sou preenchido e vivificado por Deus", "Sou um com Deus". Portanto, embora sejam inúmeros os modos de orar, nenhum supera a *Meditação Shinsokan*.

A idéia errônea que aparta de Deus o homem

Toda e qualquer idéia que nos aparta de Deus, que prejudica o relacionamento entre Ele e o homem, impede que O amemos de verdade. Idéias como "Se não for através de tal meio o homem não será aceito como filho de Deus", "Se não praticar tal ritual, não poderá ser filho de Deus", "O homem originariamente não é filho de Deus", "O homem é pecador", etc., nos distanciam de Deus. Existem religiosos que difundem tais idéias a fim de incutir temor nos homens e fazê-los aderir à sua religião, mas isso é um grande erro. Se tiver, um mínimo que seja, tal tipo de pensamento, o homem perderá o sentimento de unidade com Deus e não poderá amá-Lo de verdade; o primeiro e maior mandamento deixará de ser cumprido, e Deus deixará de ser visto como Pai amoroso e passará a ser evitado como se fosse um vizinho temível.

Por isso, para o homem amar verdadeiramente a Deus, precisa conscientizar claramente que é filho de Deus. É desnecessária a preocupação de que o homem se tornará convencido e se perverterá ao saber que é filho de Deus. O homem peca porque não conscientiza verdadeiramente que é filho de Deus. Aquele que se considera filho de ladrão acaba furtando, porque acha natural praticar o mesmo ato do pai. Se alguém pensa que afirmando que somos pecadores nosso comportamento melhorará, está completamente enganado. É justamente por ter consciên-

cia de que originariamente o homem não é pecador, que nasce o sentimento de arrependimento em relação ao pecado. O indivíduo passa a praticar o mal sem o menor escrúpulo quando não conscientiza que realmente ele é filho de Deus, e tem pensamentos que rebaixam a si próprio, como o de tentar justificar o mal praticado: "Qualquer ser humano procede assim". Pensamentos que rebaixam a si próprio constituem a causa dos pecados, pois ocultam a Imagem Verdadeira. Se alguém pensar que é vagabundo por natureza, dificilmente poderá praticar atos nobres. Mas se a pessoa tiver consciência de que é nobre por natureza, a sua conduta será sempre correta, digna.

O meio de eliminar o pecado

É mesquinhez orar a Deus simplesmente com o propósito interesseiro de obter o perdão do pecado. Não adianta alguém dirigir-se a Deus, imaginando-O externo a si próprio, e pedir-Lhe perdão ou adulá-Lo, pois dessa forma o pecado não desaparece. O pecado só desaparece quando a pessoa se funde com a própria Imagem Verdadeira absolutamente isenta de pecado. A treva não desaparece com meros pedidos verbais de perdão. A treva só desaparece quando é exposta à luz. Da mesma forma, o pecado só desaparece quando nos integramos com nossa Imagem Verdadeira luminosa, absolutamente isenta de

pecado. Se a nossa Imagem Verdadeira não fosse originariamente luz e sim treva, jamais emitiria luz, por mais que a políssemos. Se a nossa Imagem Verdadeira fosse originariamente treva e apenas se iluminasse com a incidência de uma luz divina vindo de fora, isso não significaria sua iluminação (salvação), mas sim a extinção da própria treva. Não pode haver salvação na extinção de si próprio. Por isso, a condição essencial para alcançarmos a salvação é reconhecer o fato de que somos originariamente filhos de Deus. Se o homem é salvo somente quando se funde com a sua Imagem Verdadeira, é porque originariamente ele é filho de Deus, luz onipresente, sabedoria perfeita e Vida eterna.

Em *Palavras de Sabedoria* coligidas no livro *Kuon no Jitsuzai* (*Existência Eterna**) consta o seguinte: "A Imagem Verdadeira da Vida é o objeto de contemplação da Seicho-No-Ie. A Imagem Verdadeira da Vida manifesta-se como Buda, como Jesus Cristo, como todas as boas religiões. Em Atos 10, 43 está escrito: 'Dele todos os profetas dão testemunho de que todos os que crêem nele recebem, por meio do seu nome, a remissão dos pecados'. 'Ele', da frase citada, refere-se à Imagem Verdadeira da Vida. Bem-aventurados são os que crêem na Imagem Verdadeira da Vida, reverenciam-na e unem-se a ela". Somente quando

---

* N. da t.: *Palavras de Sabedoria* constam também no volume 22 de *A Verdade da Vida.*

cremos na Imagem Verdadeira da Vida e nos tornamos um com ela, todos os pecados (encobrimento, falso aspecto) desaparecem e consuma-se a salvação. Não adianta imaginarmos um ser externo a nós chamado Deus e prostrarmo-nos diante dEle para suplicar-Lhe perdão, porque desse modo o pecado não desaparecerá.

Na Sutra Sagrada *Chuva de Néctar da Verdade*, (N. da t.: capítulo **Pecado**), está escrito: "Pecado, doença e morte, porque não são criações de Deus, são irrealidades, são falsidades, embora usem a máscara da Realidade. Vim para arrancar essa máscara e mostrar a irrealidade do pecado, da doença e da morte. (...) ... pois que o pecado é irrealidade, sombra da ilusão, os Budas todos do Universo remiram os homens e bem extinguiram seus pecados. Também Jesus Cristo, usando apenas de palavras, disse 'São-te perdoados os teus pecados' e bem extinguiu os pecados. Eu também, através da Palavra, faço escrever *Poemas da Seicho-No-Ie* e pelo Poder da Palavra revelo a natureza do pecado e faço com que o pecado volte ao seu nada original. Aquele que lê as minhas Palavras extingue todos os pecados, pois conhece a Imagem Verdadeira da Realidade. Aquele que lê as minhas Palavras extingue todas as doenças, pois conhece a Imagem Verdadeira da Vida, supera a morte e vive eternamente". Isto é uma revelação do Arcanjo da Seicho-No-Ie e não é nenhum sofisma.

Os pecados não acabarão, mesmo que você os pague um por um, assim como a treva não desaparecerá por mais que você tente jogá-la fora. A treva é "ausência de luz", é inexistente; portanto, não há como jogá-la fora. O pecado também é originariamente inexistente, razão pela qual é impossível eliminá-lo pagando um por um. Para eliminar a treva, basta acender a luz. Para eliminar o pecado, basta você fundir-se com a Imagem Verdadeira da Vida.

A Imagem Verdadeira da Vida do homem é filho de Deus, e está ligado ao amor, à Vida, à sabedoria e à luz infinitos de Deus; por isso, basta-lhe despertar para esse fato e fundir-se com a Imagem Verdadeira para que todos os aspectos pecaminosos e imperfeitos desapareçam. Perdoar não significa tolerar o pecado. O perdão divino e a tolerância são diferentes. **O perdão divino** significa **eliminar o pecado**. Tolerar o pecado, favorecer alguém apesar de seus pecados, tornar alguém feliz mesmo considerando-o pecador — estas expressões podem ser utilizadas nas relações inter-humanas, mas nada têm a ver com o perdão divino. Como as pessoas confundem as duas coisas, surge a crença errônea de que, o ser humano, mesmo permanecendo em pecado, poderá ser admitido num paraíso chamado Céu ou Terra Pura. Mas o perdão divino significa a eliminação do próprio pecado, a redução do pecado à nulidade **original**. A crença errônea de que mesmo impregnado de pecados o homem pode ser admitido no paraíso encerra em si uma contradição. O pecado

é o encobrimento do ser verdadeiro, que é dotado de verdadeira felicidade. Assim, enquanto persistir o pecado, a felicidade do ser verdadeiro estará encoberta.

Um homem santo da antigüidade disse: "O preço do pecado é a morte" (N. da t.: Frase do apóstolo Paulo — Rom. 6, 23). Também se diz que "a recompensa do pecado é o sofrimento". Dizendo mais precisamente, a *morte* ou o *sofrimento* não é algo que se recebe como conseqüência do pecado; **o próprio pecado constitui a "morte" ou a "eliminação da felicidade verdadeira"**, porque oculta a Vida do ser verdadeiro, oculta a felicidade eterna do filho de Deus. Assim sendo, mesmo que sejamos desculpados, se permanecermos em pecado, jamais poderemos experimentar a felicidade verdadeira. Para que nossos pecados sejam perdoados e alcancemos o mundo paradisíaco, é imprescindível a **aniquilação do pecado**. "Ser perdoado" significa que os pecados foram aniquilados, foram reduzidos à inexistência original, ao nada, e manifestou-se a felicidade eterna inerente à Imagem Verdadeira do filho de Deus.

O homem é filho de Deus, cuja Imagem Verdadeira é a de felicidade eterna. Não é possível haver felicidade verdadeira sem a manifestação da Imagem Verdadeira de *filho de Deus*. Por isso, mesmo que a pessoa tente obter a felicidade cometendo pecado (encobrindo sua Imagem Verdadeira), só terá sofrimentos. Dizem que o criminoso

sofre mais enquanto está fugindo, e o detento sofre mais enquanto aguarda a sentença definitiva.

Se o pecador sofre e é infeliz, é porque a Imagem Verdadeira de filho de Deus, que é a felicidade eterna, está oculta. Deus é Amor; justamente por isso, mesmo que oremos a Ele, não ficará satisfeito se o pecado estiver mantido. Ele não quer que continuemos infelizes. Orar a Deus pedindo que nos perdoe ou nos conceda felicidade mesmo permanecendo em pecado é o mesmo que pedir a luz mantendo-nos de olhos fechados, ou querer conhecer o mundo enclausurados num cubículo. Deus só poderá responder: "Se queres ver a luz, abre os olhos. Se queres conhecer o mundo, sai do cubículo". Da mesma forma, se alguém disser que deseja obter felicidade permanecendo em pecado, Ele dirá: "Se queres obter a felicidade eterna, vê a tua Imagem Verdadeira isenta de pecado".

Na verdade, não há pecado

"Na verdade, não há pecado, não há morte, não há doença; veja a sua Imagem Verdadeira, que é filho de Deus". Com estas palavras, consegui curar doenças e eliminar vícios mentais dos que nelas acreditaram. Não somente eu, mas também o conseguiram do mesmo modo as pessoas que compreenderam esta Verdade. Se escrevo explicações minuciosas em livros e aconselho as pessoas a

fazer longas mentalizações, é para que todos possam compreender bem e assimilar essa Verdade.

Jesus também empregou método semelhante, proferindo palavras enérgicas tais como: "Estão perdoados os teus pecados; levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa!", "Vai-te, Satanás!", etc. É eficaz dirigir-se à ilusão com palavras enérgicas como "Afasta-te!", "Destruir-te-ei", "Queimar-te-ei!". Eu próprio tenho constatado, por experiência própria, que palavras veementes ditas em oração durante a *Meditação Shinsokan*, de acordo com o tipo de manifestação da ilusão do orientando, são muito eficazes para desfazer a ilusão, aniquilar o pecado e destruir a doença.

Por outro lado, a oração feita em coro por grande número de pessoas, ou por alguma delas para os demais presentes, aparentemente adquire ar solene, mas em tais casos essas pessoas podem se distrair e voltar a mente para divagações. Às vezes, quando uma pessoa diz oração em voz alta para uma grande platéia, fica nervosa, preocupada com sua apresentação diante dos ouvintes, e no final nem sabe o que disse. Pode acontecer também que, ao cantarem hinos religiosos com acompanhamento de instrumentos musicais, as pessoas fiquem extasiadas com a sensação agradável que a música propicia, e não consigam concentrar os "olhos da mente" para ver a Imagem Verdadeira. Não se deve confundir o êxtase sensorial com o êxtase religioso. Parece que no budismo também questiona-se o

talento para recitar Sutras ou cantar hinos, tanto assim que realizam-se cursos para treinar essa habilidade; mas não há relação alguma entre a habilidade de recitar ou cantar e a evolução do espírito, isto é, a manifestação da Imagem Verdadeira.

Deus não atende ao pedido de alguém simplesmente por Se comover com a fluência da sua oração, nem deixa de atender ao outro que não consiga orar com fluência. Ele não concede graças de acordo com a habilidade de entoar oração. Deus está presente na *Imagem Verdadeira* das pessoas. Assim, desde que as pessoas eliminem a *ilusão* e a *vaidade*, espontaneamente Deus Se manifesta, e concretiza-se aqui a felicidade eterna do mundo da Imagem Verdadeira, provido de tudo. Isto sim, é a dádiva de Deus. Se você não conhece verdadeiramente a Deus e pensa que pode extorquir-Lhe milagres, enganando-O com orações superficiais, está ofendendo-O.

O mérito da oração não consiste em rogarmos graças como se fôssemos um mendigo. Como disse o fundador da seita Konko, "As graças estão em nossa mente". De fato, as graças emergem espontaneamente da Imagem Verdadeira, já provida de tudo, e surgem no mundo fenomênico quando abrimos os olhos da mente, conhecemos verdadeiramente a Deus e compreendemos a correta relação entre Deus e nós. Por isso, toda oração que consista em suplicar graças fenomênicas em vez de procurar abrir os olhos da mente e manifestar a Imagem Verdadeira é um pedido

mesquinho de quem visa obter recompensas sem méritos. Por isso, devemos em primeiro lugar *orar para abrir os olhos da mente e manifestar a Imagem Verdadeira.*

Oração para manifestar a Imagem Verdadeira

A oração para manifestar a Imagem Verdadeira deve ser mais ou menos do seguinte teor: "Fazei-me despertar para o fato de que a **minha Imagem Verdadeira é filho de Deus criado por Deus**". Assim, essa oração coincide com a *Meditação Shinsokan*. No cristianismo ora-se o pai-nosso: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu". Isso é o mesmo que orar: "Tornai perfeito o mundo fenomênico, da mesma forma como é perfeito o mundo da Imagem Verdadeira", ou "Fazei-me manifestar no mundo fenomênico a minha Imagem Verdadeira, que é filho de Deus criado por Deus". Portanto, a oração do pai-nosso coincide com a oração da Seicho-No-Ie que diz: "fazei-me abrir os olhos da mente e despertar para o fato de que sou filho de Deus".

Jesus disse que o primeiro e o máximo mandamento é: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu pensamento" (Mateus 22,37). Isto significa que devemos abandonar todos os artifícios e ardis, ver a nossa Imagem Verdadeira, que é filho de Deus, e entregar-nos totalmente a Deus-Pai. Somente

quando despertamos para o fato de que **somos um com Deus** e nos entregamos totalmente a Deus, abandonando tudo, podemos dizer que *amamos a Deus*.

Quando amamos alguém, entregamos nosso coração à pessoa amada. Então, como pode alguém dizer que ama a Deus, se não consegue entregar-se totalmente a Deus? É tolice pensar que orando a Deus sem amá-Lo seremos ouvidos. Cristo disse: "Vende o que tens (...) e segue-me. (...) É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus". O "segue-me" não se refere ao Jesus carnal, mas sim à *Verdade eterna*, a *Imagem Verdadeira* propriamente dita. Ele quis dizer: Torne-se um com a Imagem Verdadeira; aquele que não o consegue e mantém consigo diversas "posses do ego" (pensamentos egoístas) sem poder abandoná-las, dificilmente poderá concretizar aqui a felicidade do mundo paradisíaco da Imagem Verdadeira.

Orações que não serão atendidas

Para retornarmos ao paraíso da Imagem Verdadeira, devemos obedecer à solicitação que flui da Imagem Verdadeira e abandonar todos os arbítrios, engenhos, artifícios, preocupações, etc. Mantendo-nos apegados às posses antigas, não poderemos receber novas riquezas. É tolice orar a Deus para obter algo novo, sem largar o antigo. Seria o

mesmo que deixar a janela fechada e orar para que entre luz. Para a luz entrar, é preciso abrir a janela. Da mesma forma, precisamos abrir a janela da mente. "Abrir a janela da mente" corresponde a abandonar todas as intenções do ego. A oração não modifica a Imagem Verdadeira, isto é, o mundo onde já está feita a vontade de Deus. A oração é o ato de abrir a "janela da mente" para que o aspecto perfeito do mundo da Imagem Verdadeira se projete no mundo fenomênico.

Mesmo que oremos, nem sempre o nosso objetivo se concretiza no mundo fenomênico. Isto porque muitas vezes o nosso "eu carnal" (ou "eu fenomênico") não sabe o que se deve pedir em oração. É lógico que, orando corretamente, estaremos abrindo o caminho para que *as coisas boas do mundo da Imagem Verdadeira* se projetem no mundo fenomênico, mas tais coisas boas nem sempre coincidem com o que o nosso "eu carnal" imagina. Como a oração não modifica o *mundo da Imagem Verdadeira*, não adianta pedirmos em oração o que impede a manifestação da *Imagem Verdadeira*. Uma vez que a função da Imagem Verdadeira é a de manifestar no mundo fenomênico a imagem original do homem isento de pecado, não adianta orarmos depois de termos cometido o pecado de encobrir a Imagem Verdadeira, rogando "para que possamos ser mais felizes, para que esse pecado não seja descoberto".

O significado de "punir o pecado"

Se se diz que "Deus pune o pecado mas não o homem", é porque não há razão para punir o homem, que é originariamente filho de Deus. Entretanto, também não há por que punir o pecado, pois este, não sendo criação de Deus, não existe originariamente. **Por ser o pecado originariamente inexistente, ao ato de revelar a sua natureza e reduzi-lo à sua original inexistência, diz-se "punir o pecado".**

O pecado não provém da Imagem Verdadeira, ao passo que a felicidade verdadeira provém unicamente da Imagem Verdadeira criada por Deus; por isso, quem pretende desfrutar a felicidade vivendo em pecado em vez de viver conforme a Imagem Verdadeira (ser verdadeiro e divino), acabará amargando sofrimentos. Como sempre digo, o *pecado* é o encobrimento da Imagem Verdadeira, é o acúmulo de vibrações mentais ilusórias que encobrem a Imagem Verdadeira. Mas, como o pecado não pertence ao aspecto verdadeiro do filho de Deus, é existência falsa. Contudo, no mundo do fenômeno, enquanto existência provisória, o pecado possui uma força inercial que no budismo se chama carma. O pecado ou o carma, sendo existência falsa e provisória, acaba desaparecendo. Mas não adianta alguém dizer "Perdoei o teu pecado" sem que tenha anulado a força inercial do pecado (força de manifestação do carma). Se não for anulado o *pecado que encobre a Imagem*

Verdadeira, não será possível sentir a felicidade verdadeira. Privada da felicidade verdadeira, a pessoa continuará sofrendo; e isto será o mesmo que estar sendo punida.

Tratando-se de punição judicial de crime, se houver suspensão da pena, o sofrimento da pessoa desaparece. Mas no caso de pecado, o sofrimento que a pessoa experimenta não desaparece com o simples fato de ser perdoado por outrem. O sofrimento é inerente ao pecado. Em outras palavras, o pecado é acompanhado do sofrimento porque ele encobre a Imagem Verdadeira de filho de Deus, que é felicidade eterna. Se a Imagem Verdadeira estiver encoberta, não há como ser feliz, mesmo sendo perdoado por Deus ou por outras pessoas. É absurdo pensar que o sofrimento proveniente do pecado poderá desaparecer se os outros fecharem os olhos, fazendo de conta que não viram o pecado.

Para que o pecado seja realmente perdoado, isto é, para que a pessoa se liberte do sofrimento proveniente do pecado, é necessário que o próprio pecado seja destruído. Se o perdão do pecado consistisse na simples indulgência por parte dos outros, sem a destruição do próprio pecado, quanto mais a pessoa for perdoada, mais o pecado encobrirá sua Imagem Verdadeira, impedindo a manifestação da felicidade eterna, e aumentando-lhe o sofrimento. Por isso, o verdadeiro *perdão do pecado* deve ser acompanhado da *destruição do pecado*.

A destruição do pecado

Então, como poderemos destruir o pecado que encobre a Imagem Verdadeira e impede-nos de alcançar a felicidade eterna? Podemos destruí-lo aproveitando a própria natureza do pecado. O pecado encobre a nossa Imagem Verdadeira pela força atrativa de nossos pensamentos ilusórios, assim como as nuvens cobrem a superfície da Terra devido à força gravitacional da própria Terra. Se a gravidade da Terra deixar de existir, as nuvens imediatamente se dissiparão no espaço. Da mesma forma, se a força de atração de nossos pensamentos ilusórios deixar de existir, o pecado se dissipará, desintegrando-se.

Para destruir o pecado, não basta apenas ignorá-lo. O pecado ignorado acaba adquirindo força, em vez de desaparecer. As recentes pesquisas na área de psicanálise revelam que um *mau pensamento* já esquecido mas "sedimentado" no subconsciente pode provocar doenças. Por isso, é melhor descobrir o pecado do que ignorá-lo. Mas, se a pessoa o descobrir e ficar remoendo-o, ele não desaparecerá. Descobrindo o pecado, deve-se conscientizar: "Isto foi um ato do 'falso eu' totalmente oposto à minha Imagem Verdadeira de filho de Deus. O meu *verdadeiro Eu* não comete erros como este". Com isso se desfaz o pensamento que mantinha o pecado, e este se dissipa espontaneamente.

Cristo várias vezes comparou o pecado à dívida. Há casos em que a pessoa está em dívida com alguém e deve

pagá-la, mas não percebe isso e deixa de fazê-lo. Esta é a situação do primeiro estágio, em que ela não percebe o seu pecado (o encobrimento da sua Imagem Verdadeira); o seu espírito ainda não despertou. Porém, mais tarde, ela se dá conta da sua situação, percebe que não pagar a dívida é errado, mas não se dispõe a pagá-la. Este é o segundo estágio, em que o espírito está prestes a despertar. O não-pagamento da dívida fundamenta-se em dois tipos de ilusão: o pensamento de que não tem capacidade para liquidar a dívida, e o de que, pagando-a, ficará com as posses reduzidas. Ambos os pensamentos provêm da não-conscientização da capacidade infinita do filho de Deus, o que impede a pessoa de tomar a firme decisão de pagar a dívida. Alguns que se encontram nessa situação transferem seus bens para o nome de outra pessoa a fim de escapar à penhora, inventam justificativas, fogem ou negam a dívida dizendo descaradamente que "originariamente o filho de Deus não tem dívida". Se realmente acreditassem que o homem originariamente não tem dívida e conscientizassem que todo filho de Deus possui provisão ilimitada, não teriam necessidade de recorrer a subterfúgios para deixar de pagá-la. Se a pessoa inventa artifícios para não pagar, é porque ainda está presa à idéia de que pagando, as suas posses diminuirão. Se não é capaz de entregar tudo o que tem e ainda dizer "Se for insuficiente, produzirei do nada o quanto for necessário e pagarei", a pessoa ainda não despertou para a Verdade de que originariamente não há dívida (em outras palavras, a Verdade de que originariamente é possuidor da provisão ilimitada).

Comparei aqui o pecado à dívida, somente para facilitar a compreensão. Se, percebendo seu erro (pecado), a pessoa pensa "Já que o pecado é originariamente inexistente, posso praticar à vontade os piores atos possíveis", ela não compreendeu a Verdade da inexistência original do pecado. Se compreender realmente essa Verdade, manifestar-se-á espontaneamente sua Imagem Verdadeira de filho de Deus e desaparecerá a vontade de cometer pecado.

Extinção do pecado ou *destruição do pecado* significa desaparecimento da tendência de os maus pensamentos do passado repetirem-se automaticamente (desaparecimento da força de hábito ou força inercial da mente). Diz-se *pecado* à "força inercial da mente que toma um rumo errado", força essa acumulada no subconsciente desde o passado. A anulação dessa força inercial de pensamentos e atos maus chama-se *perdão do pecado* em linguagem religiosa. *Perdoar o pecado* não significa ser complacente com o pecado, permitir que sua força inercial aja livremente.

Então, como poderemos anular a força inercial de maus pensamentos e atos (pecados) acumulados desde encarnações passadas? Já disse que a solução está em "descobrir os pecados e anulá-los". Mas seria trabalhoso demais descobrir os pecados um a um, pois há uma grande quantidade de pensamentos e atos maus acumulados desde

encarnações passadas. O melhor meio é **penetrarmos no mundo onde o mal não existe** e fundirmo-nos com a nossa Imagem Verdadeira, isenta do mal, através da prática da *Meditação Shinsokan*, que consiste em acreditar incondicionalmente na revelação divina de que "o homem é originariamente filho de Deus", e aceitar essa Verdade com a mente dócil: "Sim, sou filho de Deus, muito obrigado!".

A *Meditação Shinsokan* não consiste em inocentar a pessoa que mantém o pecado, mas em fazer com que ela manifeste a Imagem Verdadeira perfeita, e elimine o pecado (a força inercial de atos e pensamentos maus). Não é que, por meio da *Meditação Shinsokan*, a pessoa seja perdoada sem pagar a dívida; como passa a surgir a riqueza da Imagem Verdadeira, automaticamente a dívida é paga; como surge o positivo, automaticamente desaparece o negativo. Portanto não significa que a pessoa, permanecendo pobre, seja eximida da obrigação de liquidar a dívida; ela começa a enriquecer naturalmente, tornando-se capaz de pagar a dívida. Existem muitos casos que comprovam isso. O mesmo se aplica a pessoas portadoras de vícios. Não é que, por meio da *Meditação Shinsokan*, os outros se tornem condescendentes com ele. Os vícios desaparecem ao ser eliminada a força inercial de atos e pensamentos maus. Os casos de cura de vícios de fumar, de beber, de gaguejar, etc., através da *Meditação Shinsokan*, são exemplos disso. Também no caso de doentes, não é

que, com a *Meditação Shinsokan*, sua situação passe a ser aceita com resignação e deixe de ser considerada um transtorno. Como a *Meditação Shinsokan* faz surgir a Imagem Verdadeira do filho de Deus, isento de doença, a própria doença desaparece. Os exemplos disso também são numerosos. Resumindo, o perdão do pecado e a conseqüente cessação dos seus efeitos (dificuldades, doença, etc.) não se conseguem simplesmente pela complacência dos outros, mas sim pela eliminação da força inercial de atos e pensamentos maus.

Como devemos orar para curar doentes? Às vezes, é eficaz orar solenemente em voz alta, de modo que o doente ouça: "Deus, perdoai o pecado desta pessoa e eliminai a sua doença". Mas tal método apresenta o perigo de suscitar a idéia de que Deus seja um ente com características humanas, que nos atende se Lhe pedirmos e não nos atende se não Lhe pedirmos, idéia essa que implica distância entre Deus e o homem. Orações desse tipo não servem para fazer a pessoa compreender a Verdade de que o homem é filho de Deus, isento de doença. Nesse caso, a pessoa crê que Deus e o homem são existências separadas e que o homem é um ser adoecível, mas cura-se pela esperança e fé sincera na existência de um deus misterioso, exterior ao homem, que surgirá para realizar a cura. Essa crença atrai uma divindade externa que atuará sobre a pessoa e a curará, segundo a lei mental que diz: "O ambiente é projeção da mente". Essa divindade é uma entidade

espiritual dotada de personalidade. Quando as pessoas devotas enfeitam santuários e oratórios e vivem orando pela proteção das divindades, alguma entidade espiritual sintoniza com essa oração e dá-lhes proteção até certo ponto. Entre esses *espíritos protetores*, estão incluídos os espíritos dos antepassados da pessoa.

Quando se recorre à oração e não ao despertar, ocorre uma destas situações, ou ambas: 1) a pessoa cura-se por sua própria crença no poder da oração; 2) algum espírito capta a mensagem e cura a doença. Entretanto, essa cura não é radical, porque não decorre da manifestação da natureza divina (Imagem Verdadeira) do próprio paciente, e sim da força de um *terceiro*; ou seja, não resulta da *conscientização da natureza divina isenta de doença*. Explicando melhor, em tal caso a pessoa reconhece que "a doença existe" e recorre a um médico do mundo espiritual para curá-la. Tal cura espiritual é relativa e difere da manifestação da **Imagem Verdadeira de filho de Deus, isenta de doença**, que ocorre quando a pessoa desperta para a própria natureza divina.

Embora sejam chamados de "divindades", são espíritos com características pessoais que podem sentir tanto afeição como aversão. Assim, se oramos a eles pedindo algo, atendem-nos; mas se os desprezamos ou ofendemos, podem nos causar diversas desgraças. Além disso, sua proteção não é perfeita porque não são onipotentes. Por isso, se adorarmos tais espíritos e ficarmos contando somente

com sua proteção, corremos o risco de que nossa felicidade passe a depender dos sentimentos deles, e não poderemos ter paz espiritual.

Assim, para termos a completa paz espiritual, devemos acreditar em Deus absoluto, de poder e amor infinitos, que proporciona Vida, sabedoria e amor com imparcialidade, tanto para os que oram como para os que não oram. O Sol ilumina igualmente todas as pessoas, mas existem as que recebem com alegria os seus raios e outras que dão as costas a eles. O mesmo ocorre com as graças que Deus proporciona a todos. **Contemplando a Imagem Verdadeira, compreendemos que já estamos providos de tudo**. No entanto, as pessoas não percebem isso e se sentem carentes; a isto chamamos de ilusão. Por esse motivo, na sutra budista *Kan-Fugen-bosatsu-gyōhō* consta: "Todos os obstáculos para o despertar surgem da ilusão. Se desejas fazer confissão, contempla a Imagem Verdadeira. Todos os pecados desaparecerão à luz da sabedoria, como se fossem orvalho". Na Imagem Verdadeira não existe obstáculo algum para o despertar, não há o acúmulo de pecados. A confissão, isto é, o *meio de anular o pecado*, consiste tão-somente em sentar-se em postura correta e contemplar a luz da Imagem Verdadeira. Não adianta pedir a Deus para eliminar a treva ficando de costas para a luz da Imagem Verdadeira, pois desse modo a treva não desaparecerá. Mesmo que não oremos para eliminar a treva, esta se extinguirá tão logo nos volvermos para a luz da

Imagem Verdadeira. Pelo mesmo princípio desaparecem a doença e a desarmonia no lar. Às vezes, recebemos consultas do seguinte teor: "Na minha casa há constantes brigas conjugais ou atritos entre pais e filhos; haveria alguma maneira de acabar com isso?". Mesmo em se tratando de família como essa, se contemplarmos a Imagem Verdadeira tal qual foi criada por Deus, veremos que já existe harmonia entre todos os seus integrantes. No plano da Imagem Verdadeira, todas as famílias são harmoniosas e prósperas. No entanto, é comum as pessoas verem ao seu redor somente desarmonia e carência, ou seja, encobrirem a própria Imagem Verdadeira; a isso chamamos *pecado*. Para eliminar esse encobrimento (pecado), basta visualizar a Imagem Verdadeira tal qual Deus criou.

Podemos citar o exemplo do sr. Sugino, que costuma participar das mesas-redondas realizadas na Sede Central. Na família do sr. Sugino, antigamente, não havia harmonia. Mas, tão logo ele conheceu a Seicho-No-Ie e passou a contemplar a *Imagem Verdadeira da família, perfeita desde o princípio*, imediatamente ocorreu a cura dos familiares doentes, bem como estabeleceu-se uma perfeita harmonia no lar. Esse fato não significa que passou a existir esse lar harmonioso somente a partir daquele momento. O lar harmonioso existia desde o princípio no plano da Imagem Verdadeira, e manifestou-se concretamente quando o sr. Sugino reconheceu isso.

A Imagem Verdadeira perfeita das pessoas, da família, do mundo, existe desde o princípio. Oremos ou não, ela permanece perfeita. E quando contemplamos a perfeição da Imagem Verdadeira, desfaz-se o "manto da ilusão" que constitui um obstáculo para a sua manifestação no mundo fenomênico, e este se torna perfeito. A oração em que se contempla a Imagem Verdadeira é a *Meditação Shinsokan*, e o método ideal de praticá-la consiste em repetir mentalmente, com serenidade, o *Canto para Contemplar a Imagem Verdadeira*.

No budismo, a sutra *Kan-Fugen-bosatsu-gyōhō* ensina que, contemplando-se a Imagem Verdadeira, todos os pecados desaparecem, assim como o orvalho se desfaz à luz do Sol. E no cristianismo, no Evangelho Segundo Mateus, capítulo 6, consta que Jesus ensinou a orar ao Pai à porta fechada para contemplá-Lo, e não para implorar, o que coincide com o *Canto para Contemplar a Imagem Verdadeira*.

Interpretação do "pai-nosso"

"Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, ora a teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê (*o que se passa*) em segredo, te dará a recompensa. Nas vossas orações não useis muitas palavras como os gentios, os quais julgam que serão ouvidos à força de palavra. Não

os imiteis, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes que vós lho peçais. Vós pois orai assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje. Perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. (Mateus 6, 6-13).

Os cristãos insistem em que Jesus é o único filho de Deus, que os demais não são filhos de Deus e que somente através de Jesus os homens serão aceitos como "filhos adotivos de Deus", tentando a todo custo atrair as pessoas para a sua religião. Mas a instrução do próprio Jesus a respeito do modo de orar não diz absolutamente que se deve "orar através de Jesus". Para começar, não consta que somente Jesus seja filho de Deus e que os demais homens não o sejam. Jesus nos ensinou a orar diretamente a Deus: "Quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, ora a teu Pai que está em segredo; e teu Pai que vê em segredo, te dará a recompensa". Prossegue Jesus dizendo que se deve orar assim: "Pai nosso, que estás nos céus,...". Isso prova que temos relação de filiação com Deus, sem depender da intermediação de ninguém, e que podemos nos dirigir diretamente a Deus como Pai. O fato de a oração iniciar com a frase "Pai nosso, que estás nos céus" significa que Deus só está nos céus, e não na Terra? Não, não é assim. "Céu" significa o mundo da *Imagem Verdadeira*,

e "terra" significa o *mundo fenomênico*. Este é o profundo sentido da sentença "Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu". "Venha o teu reino" se refere ao reino de Deus. Parece um pouco estranho orar para que venha o reino de Deus, porquanto o reino de Deus já está concretizado no céu, no mundo da Imagem Verdadeira. Mas o sentido dessa frase é que se concretize o reino de Deus também no mundo fenomênico, assim como já está concretizado no mundo da Imagem Verdadeira.

O trecho "santificado seja o teu nome", refere-se ao Verbo (Palavra). Portanto, esse trecho significa que devemos enaltecer o nome de Deus com as melhores e mais belas palavras de louvor. No budismo, expressam louvor a Deus usando palavras de conotação grandiosa e sublime, tais como: existência infinita, luz infinita, luz onipresente, etc. Na Seicho-No-Ie, louvamos as infinitas virtudes de Deus durante a *Meditação Shinsokan*: "Deus é o todo de tudo, Deus é perfeita Vida, Deus é perfeita sabedoria, Deus é perfeito amor. No interior de todas as coisas vive a Vida de Deus, vive a Sabedoria de Deus, vive o Amor de Deus". Através desta oração, contemplamos concentradamente o *mundo da Imagem Verdadeira*, no qual as infinitas virtudes de Deus já existem no interior de todas as coisas; e, em seguida, oramos: "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade no mundo fenomênico, assim como no mundo da Imagem Verdadeira".

O meio para se abastecer na fonte da Vida infinita

Pois bem, para que o mundo da Imagem Verdadeira se projete no mundo fenomênico e o paraíso terrestre se concretize, é preciso que recebamos diariamente a Vida infinita do mundo da Imagem Verdadeira. É por isso que no pai-nosso se diz: "O pão nosso de cada dia nos dá hoje". Esta oração não é um pedido mesquinho de fornecimento do alimento material; "o pão nosso de cada dia" é o alimento espiritual da Vida infinita. É claro que, independentemente de orarmos ou não, estamos recebendo todos os dias, sem cessar, nosso quinhão da Vida infinita. Mas, ao orarmos, ajustamos o foco da objetiva da mente para projetá-la no mundo fenomênico. Por isso, durante a *Meditação Shinsokan* oramos: "Ó Deus-Pai, que dais vida a todos os seres viventes, abençoai-me com Vosso Espírito". Contudo, para ajustarmos de maneira correta a "lente mental" a fim de projetar perfeitamente o mundo da Imagem Verdadeira no mundo fenomênico, precisamos harmonizar nossa mente com a mente de Deus. E sendo Deus *o todo de tudo*, para harmonizar nossa mente com a mente de Deus, precisamos nos **reconciliar com todas as coisas**. Na sutra sagrada e também no prefácio do primeiro volume desta coleção *A Verdade da Vida* consta a revelação divina: "Reconcilia-te com todas as coisas do céu e da terra". Quando nos reconciliamos com tudo, nossa vibração mental sintoniza com a vibração mental de Deus. Por

isso, no pai-nosso se diz em seguida: "Perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido".

Na frase seguinte "E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal", "tentação" significa esquecer a Imagem Verdadeira e deixar-se atrair pela matéria. Pedimos a Deus não permitir que sejamos tentados pela matéria; rogamos que possamos contemplar sempre a Imagem Verdadeira e não sejamos atraídos pelo mal. O mal não existe originariamente, mas chamamos assim à situação em que a pessoa, esquecendo-se da Imagem Verdadeira, focaliza com a mente apenas a matéria. Por isso, se a pessoa deixar de ser tentada pela matéria (ilusão), o *mal* desaparecerá espontaneamente. **Desaparecendo a ilusão da mente, desaparecerá todo e qualquer mal, e o bem do mundo da Imagem Verdadeira se projetará fielmente, surgindo o paraíso terrestre**. Assim, esta parte do pai-nosso coincide com a "Oração de Iluminação" da Seicho-No-Ie: "Que a luz da Sabedoria divina ilumine todo o universo e elimine as ilusões". Coincide também com o trecho da sutra budista citado anteriormente: "Todos os obstáculos para o despertar nascem da ilusão. Se desejas fazer confissão, contempla a Imagem Verdadeira. Todos os pecados desaparecerão à luz da sabedoria, como se fossem orvalho". E "contemplar a Imagem Verdadeira" corresponde a "contemplar o céu onde já está feita a vontade de Deus" do pai-nosso. (Volume 6)

CAPÍTULO 6
O CAMINHO PARA O MUNDO DA IMAGEM VERDADEIRA

O eterno fluir da Vida

"Segundo a filosofia de Holmes, Deus é o *Criador* de todas as coisas, mas Ele não cria infortúnios para nós, arbitrariamente. Ele cria e dá a todos nós, sem discriminação, tudo que nossas próprias mentes concebem — sejam doença ou saúde, pobreza ou riqueza, adversidade ou situação favorável, infortúnio ou felicidade. Ele cria tudo isso, usando como 'molde' os nossos próprios pensamentos. Com isso, Ele assegura a nossa liberdade e, além disso, prova que, não tendo imagem própria, é capaz de assumir ou criar infinitas formas segundo a mente das pessoas. (...) Holmes não considera a *ilusão* como criadora do mundo fenomênico, mas sim como 'molde' de criação apresentado pelo homem ao *Criador*, para que Este, **com Sua capacidade de assumir livremente infinitas formas, criasse o mundo fenomênico**, usando essa ilusão como 'molde'". (*A Verdade da Vida*, volume 20 — Autobiografia)

Para quem deseja saber mais detalhes sobre o assunto, sugiro a leitura de *A Verdade da Vida*. Gostaria que o leitor prestasse atenção na parte final da citação que

grafei em negrito. Na opinião de Holmes, foi Deus quem criou o mundo fenomênico. É o homem quem apresenta o molde a Deus, e é Ele quem cria o mundo fenomênico conforme esse molde. Logo, Deus seria também o criador do mal, das doenças e das infelicidades. Segundo o pensamento de Holmes, é Deus quem cria as doenças conforme o "molde mental" apresentado pelo homem, mas também é Ele quem cura as doenças.

Como podemos ver, o *New Thought* parece uma corrente homogênea formada de vários pensadores que seguem a mesma linha, mas eles divergem em pontos fundamentais. Para apreendermos a essência do *New Thought*, precisamos "peneirar" os pensamentos de seus líderes e eliminar as impurezas. E, como eles se baseiam na Bíblia, precisamos "peneirar" todas as outras religiões não-cristãs, se quisermos extrair a essência comum a todas as religiões. Assim procedendo, estaremos extraindo o "ouro puro" que se chama **Vida que flui eternamente**.

Entre aqueles que se curaram pela leitura dos livros da coleção *A Verdade da Vida*, pode ser que ainda exista quem pense que "foi Deus Quem curou". Mas a verdade é que a pessoa, lendo esses livros, abre os olhos da mente e descobre a sua *Imagem Verdadeira*, que é saudável desde o princípio. O que parecia doente era apenas uma falsa imagem do homem. Se a doença existisse verdadeiramente e a cura dependesse de Deus, então a eventual persistência da doença seria a vontade de Deus, pois Este, sendo

onipotente, poderia curá-la se quisesse. Nesse caso, deveríamos considerar a doença como uma "**advertência** de Deus", como pregava outrora a seita Hito-no-Michi. Mas esse não é o pensamento da Seicho-No-Ie. A filosofia da "**advertência** de Deus" contém a idéia equivocada de que "o universo fenomênico é uma existência verdadeira" e a de que "o próprio Deus encerra dentro de Si alguma espécie de treva que poderíamos chamar de 'treva sagrada'". O sr. Hyakuzo Kurata, apesar de ter alcançado o estado espiritual de total entrega à Grande Fonte do Universo (Deus), disse que não consegue ir além da idéia de que a Grande Fonte do Universo contém a "treva sagrada". Com isso, ele demonstrou que está no mesmo nível de Holmes e da Hito-no-Michi.

Se o sr. Kurata simpatizou com a seita Tenrikyō, deve ser porque compartilha a teoria de *Shinnyo-engi* (Teoria segundo a qual todas as coisas do mundo fenomênico vão surgindo da Verdade absoluta segundo as oportunidades), que admite a existência da "treva sagrada" na Grande Fonte do Universo. A conclusão sobre isso fica a critério do leitor. Quanto a mim, transcendi não somente essa teoria, como também as teorias sobre "**advertência** de Deus", "cura de doença por Deus", "criação da doença por Deus", "treva sagrada", *jakkō* ("claridade serena"), etc. e alcancei o mundo onde não existe nem doença, nem infelicidade, nem "treva sagrada", nem *jakkō*. Não vou agora comentar em detalhes, porque discorri sobre isso no volume 20, do

qual transcrevo um trecho: "Finalmente encontrei Deus e também o meu *Eu verdadeiro*. Compreendi que o meu *Eu verdadeiro* é a própria Vida Eterna, que transcende não só o mundo fenomênico, o qual é projeção da mente, como também a mente que o projeta". Dessa forma, finalmente descobri a *Vida que flui eternamente*. Eu me encontrei no mundo em que não existe doença.

No budismo existe uma polêmica quanto à origem do Universo: se é Verdade absoluta ou se é consciência *alaya* (a mente que originou, sustenta e contém o Universo). Dizem que "num pensamento estão contidos dez mundos, e dentro de uma mente existem três mil mundos". A questão é saber se esse "pensamento" e essa "mente" se referem à mente da Verdade absoluta ou à consciência *alaya*. E isso envolve as seguintes questões:

1 — Será que Buda também está sujeito à ilusão?

2 — Será que o mortal em ilusão pode se tornar Buda?

3 — Buda jamais caiu em ilusão?

Quanto ao primeiro item, eu o neguei totalmente. Quanto ao segundo item, admiti a existência aparente do "mortal em ilusão" como buda fenomênico. Quanto ao terceiro item, admiti-o plenamente. Afirmei categoricamente que "a criatura humana é originariamente Buda, e Buda jamais caiu em ilusão!". Compreendi que todo homem é Buda e jamais caiu em ilusão, e que o eu perceptível aos cinco sentidos, que parece sujeito à ilusão, não existe.

Suponho que este foi o estado espiritual de Sakyamuni quando alcançou o despertar, compreendendo que "Os seres animados e inanimados, todos são Budas; os montes, os rios, as ervas, as árvores, a terra, tudo é Buda". E quando, com essa nova visão, com os olhos espirituais despertos, fui ler o *Kojiki* (livro básico do xintoísmo), as sutras budistas, a Bíblia e livros das demais religiões, descobri, sob a luz de uma força totalmente nova, a Verdade única que constitui a essência comum a todas as religiões. Todas as religiões, eliminando-se as impurezas nelas contidas, são manifestações da única "Vida que flui eternamente". Não deveriam as religiões se darem as mãos por essa **Vida** que flui eternamente dentro delas? O que salva o homem não são os rituais religiosos, mas a "**Vida** que flui eternamente". Oh! **Vida, Vida!** Impelido pela **Vida** é que comecei a escrever as obras *Seicho-No-Ie* e *A Verdade da Vida*. O seu verdadeiro autor é, portanto, a "**Vida** que flui eternamente". E foi ela quem iniciou o movimento Seicho-No-Ie. (Volume 27)

Transcendendo o *jakkō* ("mundo da claridade serena")

Carta do sr. Hyakuzo Kurata (N. da t.: Para o prof. Masaharu Taniguchi)

Há algum tempo, comecei a escrever-lhe uma carta, mas acabei interrompendo porque não me sentia totalmente satisfeito com seu ponto de vista. Explico: embora tenha grande simpatia e interesse pelo seu espiritualismo absoluto, pela sua teoria de que a matéria *não existe* originalmente, há dentro de mim um bloqueio que me impede de aderir totalmente a essa teoria. Por isso, não consigo agir como o senhor, isto é, afirmar corajosa e energicamente que é possível curar as doenças físicas por meio de força espiritual. Entretanto, do ponto de vista da epistemologia, reconheço que tenho grande inclinação pela teoria espiritualista, e, no tocante à ciência, sei que a ciência moderna, na área da teoria dos elétrons, tem uma faceta bastante "espiritualista". Essa constatação me deixa muito satisfeito. O que me agrada especialmente é a maneira clara e firme com que o senhor apresenta a sua teoria diametralmente oposta à afirmação marxista de que "matéria é elemento dominante e o espírito se sujeita a ela". Considero-me uma testemunha viva da ação do espírito sobre o corpo, pois consegui curar-me de uma doença com a força espiritual — proveniente principalmente do despertar alcançado através da religião. No entanto, ainda não consigo acreditar realmente que "retornar à original união com a Grande Fonte do Universo" garantirá a cura de doença, melhora do destino, felicidade e prosperidade. De fato, uma vida em conformidade com a Grande Fonte do Universo é uma vida de luz. Contudo, essa luz não é aquela em oposição à treva, mas sim uma claridade difusa que está além da luz e da treva, e que no budismo se diz *jakkō*.

Por isso, há quem prefira usar a expressão *seian* ("treva sagrada"), em vez do termo *jakkō* — luz difusa que pode ser descrita como claridade suave ou como penumbra. Vendo ocorrer doenças, infortúnios e calamidades neste mundo, deduzo que tudo isso esteja abrangido no *grande jakkō*, mas não consigo deduzir o contrário, ou seja, que do mundo do *jakkō* só possam vir coisas positivas como cura de doenças, felicidade e benefícios. Não posso saber se o Universo abrange originalmente saúde, felicidade e benefícios. Quando adoeço, penso que é conseqüência do "adoecimento" do Universo — diria, até, que é algo proveniente de Deus; então, como ter a certeza de obter a cura?

Essa idéia de fatalidade me ocorre principalmente quando se trata de adoecimento de animais. Creio que eles vivem em conformidade com a vontade de Deus; então, por que adoecem? Em relação ao ser humano, tenho várias dúvidas. Pode-se fazer distinção entre morte natural e morte por doença? Entendo que é preciso viver conforme a vontade de Deus, mas não consigo acreditar que, procedendo desse modo, ocorra realmente a cura da doença. Consigo aceitar a crença de que, dependendo da vontade de Deus, pode-se obter a cura ou não. E foi assim que me curei da doença. Curei-me quando deixei de buscar ansiosamente a cura e me conformei, pensando: "Devo aceitar com resignação a doença, se essa é a vontade de Deus". Portanto, acho que a forma pela qual obtive a cura

é diferente do seu método de cura, de cunho positivista e calcado no ensinamento da Ciência Cristã.

Entretanto, não significa que eu negue o seu ensinamento positivista sobre cura de doenças, felicidade e benefícios, e a respeito disso discorri de maneira detalhada e lógica no meu livro *Mikagura Uta o Yomu* (*Lendo Hinos Sagrados*). Pelo contrário, não posso deixar de concordar com suas afirmações. Porém, como eu próprio não tenho base suficiente, não posso fazer as mesmas afirmações aos outros.

Quando penso em Deus com uma visão panteísta, desenvolvo o seguinte raciocínio: já que Ele se manifesta através da mente humana, teria de possuir, necessariamente, uma natureza espiritual e também "pessoal". Por conseguinte, a vontade divina deve se manifestar não apenas como infalibilidade da lei natural, mas também como liberdade individual. A relação entre Deus e o ser humano baseia-se num livre intercâmbio de pensamentos e, portanto, é possível ocorrer milagres (fatos que transcendem a lei de causa e efeito). Acho que é possível a mente mover coisas. Devo reconhecer que Deus age segundo Seus propósitos. Só de pensar no mecanismo das válvulas do coração, fico maravilhado. É inconcebível que tal mecanismo, comparável ao da válvula de bomba que os homens fabricam com determinado propósito, tenha sido gerado por acaso ao longo do processo de seleção natural das espécies, e sem o conhecimento do próprio indivíduo.

Por essa razão, estou inclinado a admitir a obtenção de cura, de bênçãos e de benefícios por meio da fé. Contudo, não me parece que essa seja a essência da fé religiosa. Penso que a essência da fé está em manter-se um com Deus em toda e qualquer circunstância e viver conforme os Seus desígnios. Se é vontade de Deus, temos de aceitar com resignação a doença e a morte — é assim que penso. No máximo, pediria a Deus: "Se é Vossa vontade, afastai de mim esse cálice". Por enquanto não consigo ir além desta postura mental.

Por isso, não posso seguir seus passos. Como não tenho prova de que "doença não é desígnio de Deus", não posso recomendar ou divulgar esse ensinamento que o senhor vem pregando.

Pelas explicações acima, creio que o senhor entenderá as minhas razões.

Acho que existe uma diferença básica entre o meu conceito de *jakkō* (luz difusa) e o seu conceito de Luz. Segundo o meu conceito, *jakkō* é uma luz mesclada com treva, e não a luz em oposição à treva. Assim, ele abrange também doenças, infortúnios e calamidades. É muito diferente da luz resplandecente, diante da qual a treva se afasta.

Por causa dessa diferença de conceitos, não estou em condição de escrever um texto apoiando inteiramente o seu ponto de vista. Não sei se os leigos me compreenderão.

Apesar disso, lendo o seu livro, percebo claramente que a sua religião não visa simplesmente curar doenças, como criticam alguns segmentos da sociedade. Para curar doença, é preciso tornar-se um com o Universo. A iluminação ocorre como resultado da comunhão com o Universo; portanto, a iluminação é a prova da fé.

Uma vez esclarecidos o motivo e o meio pelo qual ocorre a cura da doença, com certeza as pessoas compreenderão que o senhor não está fazendo uma propaganda enganosa e que a cura é uma conseqüência natural da fé.

Só que, no meu caso — conforme expliquei no início desta carta —, tenho um conceito de fé um pouco diferente do seu, pois acredito que, mesmo que se torne um com o Universo, pode continuar existindo a treva. Por isso, não consigo seguir o seu caminho.

Concordo com o seu modo de pensar no que concerne à visão de mundo, até o ponto em que o senhor passa a tratar de intrincados princípios de fé, como um entendido no assunto. Inclino-me a concordar que é possível obter benefícios mundanais por meio da devoção religiosa, mas não acredito que essa seja a essência da fé, e acho que o senhor também pensa assim.

Quanto à propaganda que o senhor publicou nos jornais, creio que seja um expediente para conduzir a massa para o caminho da fé. Como eu próprio participo de uma campanha nacional, tenho real compreensão sobre estra-

tégias de propaganda dirigida à massa. Porém, acho inevitável que tal propaganda cause ressentimentos em algumas pessoas vaidosas da própria integridade moral. Creio que essa questão também só poderá ser esclarecida com base no meu conceito sobre "luz que pode conter uma parcela de treva". Se quisesse uma propaganda sem essa "parcela de treva", teria de optar por uma publicação dirigida a uma minoria, como a revista *Seikatsusha*. É claro que o movimento em prol da Verdade deve ser difundido pelas publicações das grandes editoras como a *Bungei-Shunju* (N. da t.: Lê-se "Bunguei-Shunju") e a *Iwanami*. De outro modo, não se pode gerar benefício em grande escala.

Não me importo nem um pouco que esta carta seja publicada. As questões que levantei são questões muito importantes do ponto de vista religioso, e as minhas considerações talvez contribuam para desfazer o equívoco e as críticas da sociedade quanto à forma de divulgação e ao modo de realizar curas. (Hyakuzo Kurata)

Resposta ao sr. Hyakuzo Kurata

Prezado sr. Hyakuzo Kurata:

Recebi o seu livro *Shinran Shonin*, de cunho religioso, e pensei em fazer comentários sobre ele ou em apresentá-lo ao público. Mas decidi não fazê-lo porque constatei em seu livro a mesma divergência sobre o conceito de

fé a que o senhor se refere, ao afirmar que até certo ponto identifica-se com a minha fé, mas que a partir desse ponto discorda de mim em vários aspectos e, por essa razão, não consegue se decidir a transmitir aos outros o ensinamento da Seicho-No-Ie. Eu receava que, escrevendo um artigo citando esses pontos, poderia ser interpretado como uma crítica ao senhor, e a intenção de apresentar sua obra ao público acabaria tendo resultado negativo, o que seria lastimável. Entretanto, ao ler sua carta, compreendi melhor a sua postura mental no tocante à fé. Considerando que o senhor mesmo disse: "Não me importo nem um pouco que esta carta seja publicada. As questões que levantei são questões muito importantes do ponto de vista religioso, e as minhas considerações talvez contribuam para desfazer o equívoco e as críticas da sociedade quanto à forma de divulgação e ao modo de realizar curas", e considerando também que devem existir pessoas que estão no nível de fé semelhante ao seu e outras que têm dúvidas iguais às suas no que concerne à Verdade que a Seicho-No-Ie prega, decidi enumerar os pontos divergentes de nossas opiniões, mencionados em sua carta, esperando que os meus comentários a respeito sejam úteis para quem busca o caminho da verdadeira fé. Mesmo porque, conforme sua afirmação, os pontos divergentes de nossas opiniões constituem uma questão bastante grave no âmbito da religião, e eu penso que nessas diferenças está a razão pela qual a fé por nós preconizada realiza milagres no cotidiano, enquanto

religiões tradicionais como o budismo e o cristianismo raramente operam milagres no dia-a-dia.

O senhor é uma pessoa que realmente vivenciou a *cura divina*. Na carta, afirma: "Considero-me uma testemunha viva da ação do espírito sobre o corpo, pois consegui curar-me de uma doença com a força espiritual — proveniente principalmente do despertar alcançado através da religião". Mas, em seguida, diz: "No entanto, ainda não consigo acreditar realmente que 'retornar à original união com a Grande Fonte do Universo' garantirá a cura de doença, melhora do destino, felicidade e prosperidade", e tece a seguinte consideração: "De fato, uma vida em conformidade com a Grande Fonte do Universo é uma vida de luz. Contudo, essa luz não é aquela em oposição à treva, mas sim uma claridade difusa que está além da luz e da treva, e que no budismo se diz *jakkō*. Por isso, há quem prefira usar a expressão *seian* ('treva sagrada'), referindo-se à *jakkō* — uma luz difusa que pode ser descrita como claridade suave ou como penumbra".

Não sei exatamente o que o senhor quer dizer com a expressão "Grande Fonte do Universo", usada nessa parte de sua teoria; talvez esteja se referindo ao Criador, do ponto de vista do cristianismo; ao "vazio original" da filosofia budista, ou ao mundo *Sumikiri* — mundo absoluto anterior ao surgimento dos fenômenos do universo —, de que fala o xintoísmo ortodoxo. Suponho que, segundo

o seu conceito, a "Grande Fonte" seja algo comparável a raios solares originalmente "incolores", que no arco-íris estão decompostos em raios de sete cores. Os "raios incolores" do Sol corresponderiam ao Ser Absoluto, e os raios decompostos, aos fenômenos manifestados neste mundo. Pensando desse modo, posso entender a sua idéia de que na "Grande Fonte do Universo" estão abrangidos todos os fenômenos, inclusive doenças, infortúnios e calamidades. Se o senhor pensa que todos os fenômenos do mundo fenomênico, tanto as doenças, os infortúnios e as calamidades como a saúde, a felicidade e outros benefícios estão abrangidos na Grande Fonte, da mesma forma que as cores do arco-íris estão abrangidas nos raios solares "incolores" (que corresponderiam ao *grande jakkō*), é natural que tenha chegado à seguinte conclusão: "Vendo ocorrer neste mundo doenças, infortúnios e calamidades, posso pensar que tudo isso esteja abrangido no *grande jakkō*, mas não consigo deduzir o contrário, ou seja, que do mundo do *jakkō* só podem vir coisas positivas como cura de doenças, felicidade e benefícios. Não posso saber se o Universo abrange originalmente saúde, felicidade e benefícios. Quando adoeço, penso que isso é conseqüência do 'adoecimento' do Universo — diria, até, que é proveniente de Deus; então, como ter a certeza de obter a cura?".

Prosseguindo a leitura da carta, percebi que sua idéia de "Grande Fonte do Universo" é bastante parecida com o

conceito de "vontade cega do Universo" preconizado por Schopenhauer. Não pude deixar de me lembrar de um trecho da coletânea de pensamentos *Seishi* (Reflexões) que o senhor publicou há mais de dez anos, no qual expressa sua visão de mundo com as seguintes palavras: "Penso que este mundo segue a sua trajetória abrangendo em si o 'incêndio' e a 'festa das flores', mas que vai dominando gradativamente o 'incêndio' e fazendo predominar cada vez mais a 'festa das flores'". Lembrando-me dessas palavras, concluí que o senhor vê como Grande Fonte do Universo a força incompleta que, "abrangendo o 'incêndio' e a 'festa das flores'" e lutando contra essa incoerência, vai se ampliando e intensificando. Sob esse prisma, talvez a Fonte do Universo seja a "treva sagrada", como disse alguém. Por outro lado, já que é um mundo que transcende a matéria, talvez seja o "vazio original". Mas se o ser que rege nossa vida fosse alguém imperfeito que fizesse surgir várias tragédias da "treva sagrada" ou gerasse diversos infortúnios do "vazio original", e se afligisse, sofresse e lutasse junto com o homem carnal, então ele seria um ente destituído de sabedoria e não mereceria ser chamado de Deus.

Da frase "Quando adoeço, penso que é conseqüência do 'adoecimento' do Universo", constante na sua carta, depreendo que, no seu entender, quem cria um corpo doente e o mantém é uma força proveniente da Grande Fonte do

Universo. Se a Fonte do Universo fosse uma *força que nos traz infortúnios*, não se poderia chamá-la de Deus, e sim *Mumyō* (Ausência de Luz, ilusão). Dizer que é essa a força motriz que sustenta a existência deste mundo é confirmar a teoria budista sobre *mumyō-engi* ("Tudo surge a partir da ilusão primordial do mundo") e negar a teoria cristã sobre a criação do Universo por Deus.

Tentando provar a sua teoria de que na Fonte do Universo estão abrangidas até mesmo *doenças* e, portanto, elas não são conseqüências das ilusões das pessoas, o senhor diz: "Essa idéia de fatalidade me ocorre principalmente quando se trata de adoecimento de animais. Creio que eles vivem em conformidade com a vontade de Deus; então, por que adoecem?". O senhor não estaria se baseando numa observação equivocada ao questionar isso? É sabido que as aves e os animais, enquanto vivem de modo natural no seu habitat, não adoecem. Mas tornam-se vulneráveis a doenças quando são domesticados e passam a viver em contato com o ambiente humano. Os pardais procriam duas vezes por ano, na primavera e no outono; devido à rápida multiplicação, com certeza existe uma enorme população desses pássaros. Se eles fossem vulneráveis a doenças, o número de mortes seria elevadíssimo, e veríamos pardais mortos em toda parte. Porém, esses pássaros não morrem prematuramente, a não ser quando são vítimas de meninos malvados que atiram neles com

espingarda de pressão ou quando sofrem algum acidente. Os animais e as aves só morrem prematuramente quando são domesticados e passam a conviver com o ser humano. Não nos leva este fato à conclusão de que eles só se tornam vulneráveis a doenças quando entram em contato com emanações da mente ilusória do ser humano?

Existem casos que comprovam que animais domésticos doentes curam-se quando alguém lhes dirige pensamentos luminosos. Isto nos leva a inferir que o adoecimento de animais não é algo que ocorre longe dos humanos, mas sim reflexo das atribulações mentais do ser humano, que é o principal de todos os seres viventes. Talvez o senhor questione se havia ou não doenças no mundo animal, anteriormente ao surgimento do homem na Terra. Como não existe nenhuma prova seja para afirmar, seja para negar, acho que não vale a pena discutir o assunto com base na imaginação. Limito-me a opinar que, anteriormente ao aparecimento do homem na Terra, os animais devem ter tido destinos condizentes com a mente deles, e muitos devem ter morrido em conseqüência das erupções vulcânicas e outros cataclismos.

O sr. Tadanori Yaomura, gerente da empresa Han-wa Dentetsu, contou-me que a esposa dele conseguiu curar, com mentalização positiva, o seu cachorro que estava com o corpo coberto de sarna e em estado de fraqueza extrema. O animal sarou quando a sra. Yaomura passou a mentalizar a natureza búdica do cachorro durante a *Meditação*

Shinsokan. A pergunta "Existe natureza búdica no cão?" é um *koan* (questão para meditação) do budismo zen. Já que o cachorro do casal Yaomura ficou curado quando recebeu a mentalização iluminadora que dissipou a nuvem de ilusão que encobria a sua natureza búdica, penso que a manifestação da natureza búdica só pode resultar na cura de doenças, na felicidade, em tudo que é bom. ..... (o restante da carta foi suprimido) (Existem vários outros casos verídicos, mas as pessoas envolvidas me pediram para não citá-los, alegando que o ponto de vista segundo o qual o estado de saúde dos animais depende da energia espiritual emanada do ser humano poderá trazer conseqüências danosas. Por isso, abstive-me de mencionar esses casos verídicos, apesar do receio de que a não-citação deles poderá fazer com que o meu ponto de vista seja considerado uma teoria vazia ou um argumento vazio.)

Existem fatos comprovando que os animais mantêm-se sadios quando recebem do ser humano vibrações mentais de luz e adoecem quando recebem vibrações mentais de doença. Diante disso, não posso deixar de pensar que as doenças dos animais não estão abrangidas na Grande Fonte do Universo, mas se originam da *mente do ser humano*. O *seian* ("treva sagrada"), que na sua interpretação abrange doenças e infortúnios, seria a própria *mente humana*, e não a Grande Fonte do Universo ou o próprio Deus. Obviamente, na *mente humana* encontram-se não apenas

as causas das doenças, dos infortúnios e da degradação, como também as da saúde, da felicidade e da prosperidade, o que pode ser comprovado pelo fato de que, quando uma pessoa pratica a *Meditação Shinsokan*, lê a sutra *Chuva de Néctar da Verdade* e passa a exteriorizar a luz que existe em seu interior, consegue proporcionar saúde e felicidade não somente às pessoas à sua volta, como também aos animais domésticos. Podemos, pois, chamar a mente humana de *seian*, que abrange simultaneamente coisas ruins como doenças, infortúnios, degradação e coisas boas como saúde, felicidade, prosperidade, e que está evoluindo pouco a pouco, dominando o que é ruim e desenvolvendo o que é bom.

Acho que podemos substituir o termo *seian* por um outro, *seimumyō* (*sei* = "sagrada" + *mumyō* = expressão do budismo, que significa "ilusão", "ausência de luz"). E, considerando que o prefixo *sei* ("sagrada") não se aplica a algo que abrange coisas maléficas como doenças, infortúnios e degradação, creio que convém dizer simplesmente *mumyō*. Sob este prisma, pode-se concluir que o senhor, apesar de usar as expressões "Grande Fonte do Universo" e "Deus", que evocam o Criador, na verdade pensa que a força motriz do Universo seja o *mumyō* (que corresponde à "vontade cega do Universo", teoria de Schopenhauer).

Creio ser natural que o senhor, com essa postura mental, afirme: "Entendo que é preciso viver conforme a

vontade de Deus, mas não consigo acreditar que, procedendo desse modo, ocorra realmente a cura da doença". O senhor fala em "viver conforme a vontade de Deus", mas o que quer dizer, na verdade, é "viver conforme o *mumyō*". Eu também não acredito que "vivendo conforme o *mumyō*, ocorra realmente a cura da doença". O senhor diz: "Consigo aceitar a crença de que, dependendo da vontade de Deus, pode-se obter a cura ou não". A meu ver, o que o senhor quer dizer é: "A ocorrência ou não da cura depende do *mumyō*".

O senhor afirma que sarou quando deixou de buscar ansiosamente a cura e se resignou, pensando: "Devo aceitar com resignação a doença, se essa é a vontade de Deus". Parece que o senhor chama de "vontade de Deus" o *seimumyō*, que abrange tanto a enfermidade como a cura e que às vezes provoca doença e outras vezes propicia uma cura gradativa. Se é assim, podemos dizer que a sua afirmação de ter-se curado quando se conformou pensando "Devo aceitar com resignação a doença, se essa é a vontade de Deus" implica em admitir que obteve a cura quando se entregou ao *mumyō*. Acho que, neste ponto, o senhor me apresentou um tema muito interessante para ser discutido.

Considero perfeitamente natural que ocorra a cura da doença quando a pessoa se entrega nas mãos de Deus,

confiando na vontade divina, que é a expressão da perfeição suprema, bondade suprema e amor supremo; mas não me parece natural a cura como a que o senhor experienciou, ou seja, a cura que o senhor obteve quando se entregou aos "desígnios do *mumyō*". Dos inconstantes e arbitrários desígnios do *mumyō* ou *seian* não se pode esperar exclusivamente a cura, a felicidade, a prosperidade, e é por isso que o senhor afirma: "Se é vontade de Deus, temos de aceitar com resignação a doença e a morte — é assim que penso. No máximo, pediria a Deus: 'Se é Vossa vontade, afastai de mim esse cálice'. Por enquanto, não consigo ir além desta postura mental". Lendo esta afirmação, penso que o senhor não avançou nem um passo da postura demonstrada na época em que escreveu *Shukke to Sono Deshi* (*O Monge e Seu Discípulo*), no qual fez o personagem Shinran proferir, num trecho, uma frase semelhante.

O senhor diz: "Não posso seguir seus passos". É compreensível o senhor alegar que "não tem prova de que doença não é desígnio de Deus", pois, a seu ver, a *vontade* que é o agente emissor dos *desígnios* seria a "vontade cega do Universo", de que falou o filósofo Schopenhauer.

Não importa o nome que o senhor atribua à força que sustenta o Universo — *seian, seimumyo, daijakkō* ou *Grande Fonte do Universo* —, se a sua idéia sobre essa força corresponde à da "vontade cega do Universo" preconizada por Schopenhauer, estará admitindo a ação de uma força cega que gera conseqüências imprevisíveis, e,

portanto, não poderá chegar à conclusão de que "doença não existe". Do mesmo modo que um cego andando pela cidade ora pode se chocar com um poste, ora pode caminhar sem topar com nenhum obstáculo, uma vida regida pela "vontade cega" pode se deparar ora com o infortúnio, ora com a felicidade. Assim, é natural que, segundo essa teoria da "vontade cega do Universo", as pessoas estejam sujeitas a "colidir com um poste" ou "cair numa valeta" uma vez ou outra. O fato de alguém obter a cura mesmo seguindo a "vontade cega do Universo" é comparável a atravessar são e salvo uma avenida, conduzido por um guia cego; podemos dizer que foi pura sorte.

Entretanto, não quero pensar que o fato de o senhor ter-se curado quando se resignou pensando "Devo aceitar a doença se essa é a vontade do céu" foi pura sorte, isto é, foi devido à ação da "vontade arbitrária" do *seian* ou *seimumyō*, que o favoreceu por acaso. O motivo da cura é perfeitamente explicável à luz dos ensinamentos da Seicho-No-Ie a respeito da *lei mental*. É o seguinte:

Somente o que é bom, como a harmonia, a perfeição, a saúde, a felicidade, os benefícios, a luz, a sabedoria, e, sobretudo, a Vida, tem existência real. O mundo fenomênico é uma projeção da imagem do mundo da Existência Verdadeira na "tela" de tempo-e-espaço, feita através da "lente mental". Portanto, se a "lente mental" estiver opaca ou distorcida, o mundo projetado através dela (o mundo

fenomênico) terá aspecto imperfeito; nesse caso, o corpo carnal, que é uma manifestação fenomênica, deixará de ser sadio; e a situação da pessoa será de infortúnio. O senhor afirma ter-se curado de uma doença que já durava mais de dez anos quando atingiu o estado mental de "entregar-se totalmente à vontade do *seian*". Mas não foi pela obra da "vontade arbitrária" do *seian* que a cura ocorreu. Quando o senhor, não conseguindo escapar do sofrimento apesar das tentativas, percebeu que só lhe restava entregar-se à vontade de algo superior e assumiu a atitude mental de abnegação total, sua mente se sublimou e atingiu o estado de completa serenidade; então, a sua "lente mental" — através da qual o mundo fenomênico se projeta na "tela" de tempo-e-espaço — tornou-se límpida e sem distorção e, em conseqüência, o seu corpo carnal passou a apresentar maior semelhança com a Imagem Verdadeira que é perfeita. Assim, o senhor recuperou a saúde, de forma inesperada. Se o corpo carnal torna-se sadio mesmo que a pessoa se entregue à vontade do *seian* em vez de confiar na luz suprema, é porque as agitações da sua mente se amainam. Na antiga seita Hito-no-Michi, muitas pessoas obtiveram a cura da doença quando adotaram a postura mental de obediência absoluta aos *goshinsen* ("sentenças divinas"), abandonando o criticismo, anulando o ego e confiando em *ofurikae* (N. da t.: Transferência de problemas a orientador-mediador). Esse fato mostra que, quando a pessoa alcança o estado mental de *entrega total*, ou seja, assume a

postura mental de *receber com docilidade todas as coisas*, as ondas agitadas da sua mente se amainam, o que propicia a projeção, no mundo fenomênico, do cenário harmonioso e perfeito do mundo da Existência Verdadeira que está à disposição de todos desde o princípio. Assim, ocorrem a cura da doença e o advento da felicidade.

Constatamos, pois, o profundo significado das afirmações feitas pelo fundador da seita Konko: "As graças estão à nossa disposição mesmo que não as peçamos" e "Não podemos obter as graças se não adotarmos a atitude mental de total entrega". "As graças que estão à nossa disposição mesmo que não as peçamos" são a perfeição e a harmonia do mundo da Existência Verdadeira, que nos são concedidas desde o princípio, independentemente de assumirmos ou não a atitude mental de total entrega, ou de orarmos ou não. Essas graças **existem de verdade desde o princípio**; são a perfeição, a harmonia, os benefícios, a felicidade e a saúde que existem no mundo da Existência Verdadeira independentemente de termos fé ou não. Mas como o mundo da Existência Verdadeira é o mundo que transcende o tempo e o espaço, a sua perfeição não está manifestada sob a forma de graças tangíveis. Para que isto aconteça, é preciso adotar a postura mental de entrega total preconizada pelo fundador da seita Konko e tornar a "lente mental" límpida e sem distorção. Quando uma pessoa passa a ter a postura mental de entrega total e amaina as

agitações da mente, consegue fazer com que se manifeste no mundo fenomênico o cenário perfeito do **mundo da Existência Verdadeira**, independentemente da crença que lhe proporcionou a serenidade mental; por exemplo, a pessoa pode conseguir a cura da doença acreditando na eficácia da cabeça de sardinha, tomando pílulas feitas de farinha de trigo pensando tratar-se de um remédio precioso, acreditando na eficácia de *ofurikae*, ou crendo que "O *mumyō* é a Grande Fonte do Universo" e dispondo-se a aceitar docilmente os desígnios do *mumyō*. Em suma, quando passamos a viver com a mente serena, manifesta-se no mundo fenomênico o cenário perfeito do **mundo da Existência Verdadeira** ("as graças que estão à nossa disposição mesmo que não as peçamos").

O senhor considera que "na vontade da Grande Fonte do Universo existem luz e sombra, ou seja, o *daijakkō* (a Grande Penumbra), que abrange simultaneamente a sombra e a claridade". Com base nesse pensamento, o senhor afirma que não consegue ir além desse conceito, isto é, não consegue acompanhar a idéia de um mundo exclusivamente de luz. Afirma também que a origem dos aspectos sombrios do mundo fenomênico está na própria Grande Fonte do Universo. O senhor chegou a essa conclusão porque está confundindo o *Universo Verdadeiro* com o *Universo Fenomênico*. O *Universo Verdadeiro* é o "mundo em conformidade com a vontade de Deus", é o "mundo onde as

graças estão à nossa disposição, mesmo que não as peçamos", é o "mundo onde o Amor de Deus envolve a todos, do mesmo modo que o Sol ilumina os bons e os maus". É, portanto, um **mundo onde existe unicamente luz**. Já o *Universo Fenomênico* é um mundo onde o aspecto perfeito do *Universo Verdadeiro* é projetado de maneira imperfeita na dimensão tempo-e-espaço, devido a distorções e irregularidades da "lente mental". É, portanto, um mundo onde se mesclam a luz e a sombra, o certo e o errado, a saúde e a doença. Em suma, o *Universo Fenomênico* recebe a luz da perfeição do *Universo Verdadeiro*, mas tem na superfície a "lente mental opaca que não deixa passar totalmente essa luz". Assim sendo, o *mundo fenomênico* surge como resultado da projeção "daquilo que é perfeito", distorcida pelas *vibrações mentais*, o que equivale a dizer que "ele abrange, ao mesmo tempo, luz e sombra". Por isso, entendo bem o seu argumento e não acho que esteja errado.

Porém, isso se aplica ao *Universo Fenomênico* e não ao *Universo Verdadeiro*. **O *Universo Verdadeiro* é o mundo que transcende o *Universo Fenomênico*. É o mundo constituído exclusivamente de luz, que transcende o mundo onde se mesclam a luz e a sombra**. Talvez não seja uma alegoria perfeita, mas podemos dizer que o *Universo Fenomênico* é um "filme projetado na tela de tempo-e-espaço". É um universo de *luz* e *sombra*, um mundo gerado pela *luz* e pelas *sombras* que obstruem a

luz. Continuando com a alegoria, podemos comparar às "imagens-sombras" do filme os aspectos fenomênicos gerados pelos *goun*, ou seja, "cinco sombras" — do corpo e da matéria em geral, da sensibilidade e dos sentimentos, das imagens mentais, da vontade e do impulso, e da consciência. Na *Origem da Luz* não existem *sombras* imperfeitas geradas pelo *goun*. As "imagens-sombras" só existem no filme. Transcendendo o "filme" e chegando à Origem da Luz, só teremos a luminosidade. Esse *mundo constituído exclusivamente de luz* é o *Universo Verdadeiro*. Talvez o senhor diga que se houvesse somente luz não poderia existir nada que tivesse forma, pois a existência de forma implica em surgimento de sombra. A comparação com o filme de cinema é mera alegoria, e embora sirva para explicar o processo pelo qual o *Universo Verdadeiro* se projeta no *Universo Fenomênico*, não é suficiente para demonstrar o magnífico cenário do *Universo Verdadeiro*. Não é possível captá-lo com os cinco sentidos e, por isso, também no budismo atribuem-se a ele diversos nomes, tais como: "Realidade Absoluta", "Vazio Original", *Jakkō-do* ("mundo da claridade serena" ou "mundo da luz difusa"), "Imagem Verdadeira", "Mundo Amorfo". Segundo o budismo "O mundo que não possui forma abrange dentro de si infinitas formas". Mas, considerando que o mundo sem formas é um mundo anterior à manifestação fenomênica, as pessoas costumam concebê-lo como um "mundo vazio, de onde surgem todas as

coisas". Daí, as expressões como "O mundo da igualdade original" e "O maravilhoso Mundo Verdadeiro da igualdade sem limite". As expressões variam, mas, como se trata de um mundo anterior à manifestação fenomênica, as pessoas tendem a imaginar um mundo de igualdade em oposição ao mundo de desigualdade. Além disso, por causa de determinadas expressões usadas pelos predecessores da doutrina, as pessoas tendem também a imaginar um mundo comparável ao meio etéreo, que é amorfo, incolor, insípido, inodoro, impalpável e inaudível. Por isso, existe a tendência de se pensar que "voltar ao estado original" é retornar ao vazio, a um mundo etéreo, e que "viver em conformidade com o estado original" é levar uma vida de isolamento, com inclinação ao budismo Pequeno Veículo. Supõe-se que essa tenha sido uma das principais causas do declínio do budismo. Mas o *mundo da Existência Verdadeira*, que consegui intuir, não é um mundo incolor, insípido, inodoro, impalpável e inaudível, mas sim um mundo de dimensão ilimitada, dotado de infinitos e maravilhosos aromas, sons, cores, sabores e sensações táteis. Consigo reconhecer intuitivamente esse mundo sublime e, como prova que corrobora a sua existência, posso mencionar o seguinte fato: à medida que o nível de aprimoramento espiritual se eleva, ocorre a cura de distúrbios dos sentidos, tais como: daltonismo, dificuldade de distinguir sons, dificuldade de sentir cheiro (resultante, por exemplo, da sinusite), e também aumenta a capacidade de

sentir sabor. E, à medida que eliminamos as impurezas e distorções da nossa "lente mental" — através da qual projetamos o mundo da Imagem Verdadeira no nível fenomênico —, o mundo das sensações que podemos captar torna-se mais rico, oferecendo maior variedade de sensações. Podemos, pois, presumir que, quando conseguirmos purificar completamente a nossa "lente mental", tornando-a transparente e cristalina, de modo a permitir que o mundo da Existência Verdadeira se projete com toda a nitidez no mundo fenomênico, as sensações que poderemos captar serão incontáveis e infinitamente maravilhosas.

Na maioria das vezes, o cenário do mundo da Existência Verdadeira tem sido expresso de modo conceitual, por meio de termos como "Vazio Original" ou *Jakkō-do*. Por isso, é provável que alguns budistas que não têm poder intuitivo e que se baseiam apenas na interpretação das literaturas sobre o assunto imaginem um mundo etéreo, uma imensidão vazia, onde paira uma luminosidade suave e mística. Porém, o cenário do mundo da Imagem Verdadeira (mundo da Existência Verdadeira) não é assim. O mundo da Existência Verdadeira é o *Jyōdo* ("Terra Pura") real e concreto, como podemos perceber por uma rápida descrição constante no tópico *Jigage* de *Hokekyō* (Sutra do Lótus). Nesse tópico consta: "Mesmo quando o mundo fenomênico chegar ao fim da sua existência e for consumido por um grande fogo, "esta Terra Pura (mundo

da Imagem Verdadeira) permanecerá pacífica e tranqüila, repleta de seres celestiais; templos e palácios rodeados por jardins e bosques estão majestosamente ornados por grande variedade de tesouros; belas árvores estão carregadas de flores e frutos; este é o lugar onde todos os seres viventes desfrutam uma sublime alegria; os seres celestiais executam belas músicas, tocam 'tambores do céu' e fazem chover pétalas das sagradas flores de *mandarava* sobre Buda e sobre a multidão". A paz e a felicidade do mundo da Existência Verdadeira são eternamente indestrutíveis, mas o mundo fenomênico, que é visto através da "lente mental", é um mundo transitório, que a cada instante se aproxima do fim. E o tópico *Jigage* assim prossegue: "A nossa Terra Pura é indestrutível, mas vemos um mundo onde toda a população é dizimada pelo fogo e os gritos de angústia, medo e sofrimento ecoam em toda parte".

A meu ver, o que o senhor chama de *seian*, de *daijakkō*, de "Grande Fonte do Universo" — a força motriz que age incessantemente abrangendo dentro de si a felicidade e os infortúnios dos homens —, e até mesmo de "Deus", na verdade deve ser "Grande Fonte do **Universo Fenomênico**". O Universo Fenomênico, apesar de receber a luz do mundo da Existência Verdadeira, move-se incessantemente impulsionado pelas paixões mundanais e pelos pecados dos homens. Portanto, o que move o Universo Fenomênico não seria a "vontade cega", a que o fi-

lósofo Schopenhauer se referiu? Se o Universo Fenomênico é um mundo em constante mutação, é inevitável que a claridade e a treva se mesclem, que as tristezas e as alegrias se alternem. Qual será, então, o caminho para sublimá-lo e torná-lo um mundo feito exclusivamente de luz, de felicidade? O caminho consiste em amainar o máximo possível as "agitadas ondas das paixões mundanais", através do conhecimento da Verdade; da atitude mental de entrega total preconizada pelo fundador da seita Konko; ou da postura mental como a sua, expressa na frase "Devo resignar-me com a doença se é a vontade de Deus"; com isso, será possível diminuir consideravelmente as distorções da "lente mental" através da qual tudo se manifesta neste mundo. Como resultado disso, o aspecto deste mundo fenomênico se tornará mais parecido com o maravilhoso cenário do mundo da Existência Verdadeira (mundo da Imagem Verdadeira), ocorrendo a cura de doenças e o advento da felicidade. Creio que assim se manifestarão as "graças que estão à nossa disposição antes mesmo que peçamos a Deus", as "graças que conseguimos quando adotamos a postura mental de entrega total", as "graças que obtemos quando confiamos em Deus, abandonando os apegos". Assim é a visão de mundo da Seicho-No-Ie. O surgimento, neste mundo, das bênçãos e dádivas do mundo da Imagem Verdadeira — comumente designadas com o termo "graças" — é um fato em conformidade com a

lógica filosófica, não ocorrendo ao sabor da "vontade cega" ou da ilusão.

Se muitas pessoas têm dificuldade de entender a "visão de um mundo constituído exclusivamente de luz" preconizada pela Seicho-No-Ie, é porque estão confundindo o *Universo Fenomênico* com o *Universo Verdadeiro*, e o *homem fenomênico* com o *homem real*. Sakyamuni (Buda) pregava "Na verdade, este Monte Ryōju(*) é eterno"; mas o povo não conseguia ver o Monte Ryōju eterno, enxergando apenas o "mundo fenomênico devastado pelo fogo e cheio de angústias, medos e sofrimentos", e se lamentava: "Aqui só existem sofrimentos".

As pessoas não conseguiam acompanhar o despertar de Sakyamuni. Quando ele, às vésperas de entrar no nirvana, declarou "Sou corpo diamantino, indestrutível, imune a doenças, imortal", o discípulo *Kashō-bosatsu* perguntou: "Por que uma pessoa como o senhor, que só praticou o bem, adoece e sofre?". Sakyamuni não se referira ao seu "eu fenomênico" constituído de corpo carnal, mas ao seu *Eu verdadeiro* (Buda eterno); porém, o discípulo Kashō não conseguia transcender o aspecto fenomênico de Sakyamuni (a imagem física de Sakyamuni).

Ao falar em "mundo constituído exclusivamente de luz" e em "ser humano isento de doenças, aflições e so-

---

* Monte Ryōju — Local onde Buda pregava com freqüência.

frimentos", refiro-me ao *mundo da Existência Verdadeira* e ao *homem real* (*o que existe de verdade*) e não ao *mundo fenomênico* e ao *homem carnal*. E ao usar a expressão "O homem é filho de Deus", refiro-me à Imagem Verdadeira — ou Natureza Verdadeira — do ser humano, e não ao homem carnal, cujas células morrem com o passar dos dias e cujo corpo expele fezes e urina e segrega lágrimas e suor. O *Universo Fenomênico* é uma existência material, e o *homem fenomênico* é um ser corpóreo. Portanto, segundo o ponto de vista da Seicho-No-Ie, que desde o princípio vem pregando a inexistência original da matéria — por conseguinte, do corpo carnal —, não se deve atribuir demasiada importância ao corpo carnal nem aos benefícios deste mundo que são constituídos de elementos materiais. Porém, é curioso que, justamente quando negamos de modo categórico a existência real da matéria (e, portanto, do corpo carnal), ocorram fatos benéficos, como efeito surpreendente dessa negação. A razão disso está implícita na sua afirmação de que sarou quando se entregou aos desígnios de Deus, e também na afirmação do fundador da seita Konko: "Quando nos entregamos nas mãos de Deus, concretizam-se todas as coisas boas deste mundo". Ou seja, ocorre a manifestação natural do maravilhoso aspecto do mundo da Existência Verdadeira quando a pessoa deixa de se apegar ao mundo fenomênico. Como o mundo da Existência Verdadeira é um mundo perfeito, repleto de harmonia e felicidade, é esse o aspecto que se manifesta.

Portanto, quando eu afirmo "Manifestando-se a luz, extingue-se a treva", o termo "luz" não significa uma "luz relativa" a que o senhor se refere, mas à luz do mundo da Existência Verdadeira. Quando o sublime cenário (luz) do mundo da Existência Verdadeira se revela, o cenário imperfeito do mundo relativo (mundo fenomênico) acaba sendo "assimilado" pela luz e passa a apresentar um aspecto semelhante ao do maravilhoso mundo da Existência Verdadeira. A cura de doença também ocorre por este motivo.

Conforme o senhor disse, o seu conceito de *jakkō* difere do meu conceito de *luz*. *Jakkō* é um mundo que se encontra um pouco aquém do **Mundo da Luz** (mundo constituído unicamente de luz); é a *origem do mundo fenomênico*, que contém a "lente mental de ilusão" através da qual o mundo fenomênico se manifesta, ao passo que o *Mundo Verdadeiro, constituído unicamente de luz*, é o mundo maravilhoso que transcende a "lente mental de ilusão". Portanto, é compreensível que o senhor afirme "Ainda que se retorne ao mundo de *jakkō*", a sombra continua existindo, ao passo que eu afirmo: "*Quando se retorna ao mundo constituído de luz*, obviamente não existirá mais a treva nem o *jakkō*, descortinando-se unicamente o mundo de imensa luminosidade, dinâmico e vibrante, o qual não pode ser expresso com a palavra *jakkō*, que significa 'penumbra' ou 'meia-luz'". O senhor diz que a minha argumentação difere bastante do conceito tradicional e que

provavelmente apenas os estudiosos do assunto conseguirão entender. Mas eu acho que o senhor a entenderá.

No dia 18 de novembro de 1936, proferi palestra numa conferência religiosa realizada no auditório público de Nakanoshima, Osaka, sob o patrocínio do Jornal *Chugai-Nippō*. A certa altura, afirmei: "O Mundo da Imagem Verdadeira é por demais dinâmico e vibrante para ser chamado de *jakkō*; é um mundo concreto e indestrutível que jamais poderia ser chamado de 'vazio original'. Ao contrário do mundo fenomênico, que é fugaz e sem consistência como uma visão ou um relâmpago, o Mundo da Imagem Verdadeira é um mundo real, concreto, e é esse o seu aspecto descrito no tópico *Jigage* da *Sutra do Lótus*". Então, da ala dos ouvintes budistas, alguém gritou: "Não distorça o budismo!". Também nos dias atuais existem muitos budistas que pregam: "O mundo da Existência Verdadeira é um mundo semelhante à atmosfera ou ao meio etéreo, que não se fragmentam mesmo que lhes apliquemos golpes. Por isso, dizemos que é indestrutível". Lamento que façam esse tipo de pregação. Se o mundo da Existência Verdadeira fosse assim, retornar a ele significaria tornar-se algo semelhante ao ar ou ao éter; as pessoas retornariam à Existência Verdadeira somente ao serem completamente desintegradas, após morrerem e serem queimadas a uma temperatura altíssima, que não deixassem remanescer nem cinzas nem gazes. Considero lastimável que ainda hoje se

pratique no Japão o budismo Pequeno Veículo que prega a total extinção do "eu".

É verdade que a propaganda que fazemos nos jornais e outros meios de comunicação "é um expediente para conduzir a massa para o caminho da fé", como o senhor disse. Como expediente para conduzir as pessoas à salvação, às vezes enfatizamos as graças proporcionadas neste mundo. Mas as matérias da propaganda nunca contêm mentiras. É natural que o budismo Grande Veículo, ao desenvolver a obra de salvação do povo, atue no sentido de proporcionar graças deste mundo e possibilitar a construção de um paraíso terrestre, isento de doenças e sofrimentos. É, portanto, uma ação de avanço da *luz*, e não uma ação em que haja a interferência de *sombra*. Penso que os religiosos budistas não devem se limitar a ficar nos templos e cuidar dos funerais. É preciso reconhecer que as atividades para a salvação da massa são fenômenos que ocorrem quando a *luz suprema*, ao passar pela "lente mental de manifestação do fenômeno", promove a desintegração da treva e revela o luminoso e vibrante mundo da Existência Verdadeira.

Finalizo aqui a minha opinião acerca das questões que o senhor apresentou. Será ótimo se este ensaio servir de ensejo para que outras pessoas, que tenham dúvidas semelhantes às apresentadas pelo senhor, possam estudar mais a fundo essas questões religiosas. Obrigado. (Volume 39)

Eliminando-se a ilusão, manifesta-se a Imagem Verdadeira

(1)

Certo dia, visitei o templo Ikuta, dedicado à divindade guardiã da minha terra natal. Ao passar em frente à Livraria Bunshin-Nagata, que vendia também livros usados, senti o súbito desejo de entrar. O que logo me atraiu a atenção foi um livro em inglês, intitulado *The Law of Mind in Action*, da autoria de Fenwicke Holmes. Peguei-o e comecei a folheá-lo. Li rapidamente duas ou três páginas, e o conteúdo me interessou muito. Perguntei ao homem da loja o preço do livro, e ele me disse que custava apenas 1 iene. Por coincidência, eu tinha exatamente 1 iene na minha carteira. Comprei o livro e li-o avidamente. Terminei de ler em três dias.

Há um trecho em que Holmes afirma: "Deus age segundo a Lei da Criação sumamente imparcial e, ao realizar a obra da criação, não comete nenhuma injustiça". E, respondendo a indagação: "Por que o mundo apresenta esse aspecto absurdo, em que muita gente boa vive sofrendo e muita gente ruim vive feliz?", diz: "Aqueles que não conseguem deixar de pensar que são infelizes — sejam eles boas ou más pessoas — acabam, inevitavelmente caindo na infelicidade. A lei do Universo permite que se crie tudo

aquilo que a mente conceber. Em última análise, este mundo é projeção da mente. Se não queremos infelicidade, basta expulsá-la de nossa mente. Deus não é responsável por nossos infortúnios. Ele deu-nos a **liberdade de pensamento** e fornece-nos tudo aquilo que nossa mente concebe". Respondendo à pergunta "Se a causa dos infortúnios é o pensamento que admite a existência deles, por que Deus não nos tira a liberdade de conceber tal idéia?", Holmes afirma: "Deus não deseja privar-nos de liberdade, pois isso significaria transformar o ser vivo num autômato. Se quisesse, Deus poderia eliminar de nossa mente a 'consciência do infortúnio', que é a causa de todos os infortúnios, ordenando: 'A partir de agora, sua mente só poderá agir dentro desse limite'. Se Deus não fez isso, é porque Ele sabe que a perda de liberdade é a maior de todas as infelicidades".

Segundo a filosofia de Holmes, Deus é o *Criador* de todas as coisas, mas ele não cria infortúnios para nós, arbitrariamente. Ele cria e dá a todos nós, sem discriminação, tudo que nossas próprias mentes concebem — sejam doença ou saúde, pobreza ou riqueza, adversidade ou situação favorável, infortúnio ou felicidade. Ele cria tudo isso, usando como "molde" os nossos próprios pensamentos. Com isso, Ele assegura a nossa liberdade e, além disso, prova que, não tendo imagem própria, é capaz de assumir ou criar infinitas formas segundo a mente das pessoas. Essa filosofia de Holmes, embora admita o *Criador*

segundo a doutrina cristã, é uma filosofia cristã harmonizada com a filosofia budista, pois se identifica com a teoria budista de que "este mundo é criado pela ilusão (mente)". Eu, que havia negado antes o *Criador*, julgando que a idéia da "criação do mundo por Deus" fosse incompatível com a teoria da "criação do mundo pela ilusão", tornei a descobrir o *Criador* na filosofia de Holmes.

Contudo, esse Deus que a filosofia de Holmes me ajudara a descobrir também não era o Deus absoluto, criador do mundo da Imagem Verdadeira, de que fala a Seicho-No-Ie, e sim criador do mundo fenomênico, responsável pela criação, no plano fenomênico, de tudo aquilo que a mente humana concebe. No livro *Em Busca do Caminho Sagrado*, eu havia afirmado que "o criador do mundo fenomênico não é *Deus*, e sim *ilusão*". Já a filosofia de Holmes não considera a *ilusão* como criadora do mundo fenomênico, mas sim como "molde" de criação apresentado pelo homem ao Criador, para que Este, com Sua capacidade de assumir livremente infinitas formas, criasse o mundo fenomênico usando essa ilusão como "molde". Essa filosofia traça uma clara distinção entre *Criador* e *ilusão*. Ela considera o Criador simplesmente como energia criadora e afirma que o que determina o rumo de ação dessa energia são os pensamentos do próprio homem. Portanto, segundo essa filosofia, o Criador é como a força motriz do "complexo de máquinas para a criação do mundo fenomênico"; é o próprio ser humano

que aciona essa força motriz, dá-lhe um rumo, "maneja os tornos e as perfuradoras" e cria bons ou maus produtos segundo seu pensamento.

Senti-me feliz por ter descoberto novamente o Criador, do ponto de vista filosófico. Comecei a traduzir, com afinco, o referido livro. Quando concluí a tradução, procurei uma editora e consegui que a obra fosse publicada com o título *Como Dirigir Nosso Destino*.

(2)

"Como dirigir nosso destino" — este era, ao mesmo tempo, o título da obra por mim traduzida e publicada e uma questão premente relacionada com minha própria vida. Se este mundo é projeção da mente, como resolver o dilema em que me encontrava, entre as exigências da vida em prol da humanidade e a vida familiar? E como conciliar a educação da minha filha com a convivência com meus pais adotivos? Essa era a questão. Embora eu estivesse atarefado, empenhando-me no estudo de livros sobre fenômenos espirituais e trabalhando na edição de uma revista que tratava desse assunto, minha mãe adotiva achava que eu estava levando uma vida ociosa, simplesmente porque não saía de casa e ficava lendo ou escrevendo a maior parte do dia. Aos olhos dela, meu trabalho não passava de um "bico". Por isso, vivia me aconselhando a arranjar um

emprego. Um dia, perguntei-lhe se sabia de algum lugar que estivesse oferecendo um emprego, e ela respondeu que a prefeitura local estava precisando de um escrevente em caráter temporário, e que oferecia 60 *sens* (N. da t.: 1 *sen* = centavo de iene) por dia. Mas esse tipo de trabalho não me interessava.

Na *Avatamska Sutra*, Sakyamuni prega que este mundo é projeção da mente. E Fenwicke Holmes afirma que Deus, com Sua infinita capacidade criadora, cria no mundo fenomênico tudo que nossa mente concebe, exatamente de acordo com os "moldes mentais" apresentados por nós. "Se é assim", — pensei com determinação — "vou passar a desenhar mentalmente o 'molde' daquilo que mais desejo, para que ele se concretize no mundo fenomênico, e assim me libertarei desse doloroso dilema entre as exigências da vida em prol da humanidade e exigências da vida familiar".

(3)

A partir de então, passei a mentalizar que uma profissão adequada para mim já estava à minha disposição. Passou-se cerca de um mês. Naquela época, a situação da casa de meus pais não ia bem e, para conter os gastos, havíamos deixado de comprar jornal. Mas, certo dia, encontrei na sala o jornal *Osaka-Asahi*, que alguém trouxera

e deixara espalhado sobre a mesa. Peguei-o e li a página de crônicas. Quando estava terminando de ler essa página, reparei, no canto de baixo, um anúncio nos seguintes termos: "Precisa-se de um tradutor altamente capacitado". Por alguma razão, esse anúncio havia sido colocado na página de crônicas, em vez da página de "classificados". Se eu tivesse esquadrinhado avidamente a página de anúncios classificados, sem a "folga mental" para me reter na página de crônicas, provavelmente não teria visto o referido anúncio. Mas, após ter apresentado por meio da mentalização o "modelo" daquilo que desejava, eu confiei na providência divina e mantive a mente despreocupada e serena. E justamente por isso pude reparar naquela oferta de emprego, que parecia ser exatamente o que eu procurava.

Ao preencher meu "curriculum vitae", escrevi "100 ienes" na linha referente à pretensão salarial. Mas, quando da entrevista, o próprio gerente disse que iria me pagar 170 ienes. "Puxa, Deus é mesmo generoso", pensei eu, cheio de gratidão. Tendo conseguido o emprego, minha situação econômica melhorou bastante. E, como eu havia chegado à conclusão de que, para poder educar corretamente minha filha, era melhor sair da casa de meus pais adotivos, aluguei uma casa em Sumiyoshi, entre Osaka e Kobe, e para lá me mudei com a mulher e a filha. Depois da mudança, o relacionamento entre meus pais adotivos e nós (eu e minha mulher) tornou-se bem melhor do que antes.

(4)

O problema financeiro e o conflito com meus pais adotivos haviam se resolvido, mas o problema de saúde não só persistiu, como piorou depois da mudança. A pequena Emiko contraiu sarampo e, devido à introversão da doença, ficou com pneumonia. Minha saúde estava tão precária que eu sentia a morte rondando-me. Certa ocasião, quis fazer seguro de vida, mas fui rejeitado após o exame médico, que revelou a precariedade de minha saúde. Como se isso não bastasse, minha esposa teve uma grave inflamação do cólon. Eu não conseguia compreender a razão da ocorrência de tantas doenças em minha família. Refleti sobre isso, dia após dia.

Eu sabia que "este mundo é projeção da mente". Portanto, não tinha dúvida de que as doenças na família eram conseqüências de nossas próprias atitudes mentais. Contudo, ainda não sabia o que fazer para controlar a mente. Tendo-se a mente cheia de preocupações, essas preocupações acabam manifestando-se concretamente sob a forma de doença. Eu sabia disso, mas era impossível não me preocupar, vendo os familiares doentes. Assim, o círculo vicioso persistia. Sabia que, ficando com raiva, criam-se vibrações mentais negativas que se manifestam no mundo das formas, fazendo surgir doenças em mim mesmo ou nos familiares. Mas, trabalhando como simples funcionário de uma firma e sendo obrigado, freqüentemente, a cumprir

ordens superiores absurdas, é difícil não se sentir revoltado. Não haveria problema se, conhecendo a Verdade de que a "mente é a origem e tudo", conseguíssemos passar a controlar nossa mente segundo nossa própria vontade. Mas, nem sempre o conseguimos e, nesse caso, nossa própria mente torna-se motivo de preocupação e temor. Quanto mais procuramos deixar de pensar no mal, mais ele persiste na mente; quanto mais procuramos deixar de nos preocupar, mais preocupados ficamos; e quanto mais procuramos não ficar com raiva, mais somos arrastados pela ira. Que fazer para controlar a mente? Podemos ser felizes ou infelizes, dependendo de sabermos controlar a mente ou não. Mas alguém já disse que controlar a mente é mais difícil do que controlar um cavalo arisco. Será que somente as pessoas mais hábeis e capazes conseguem controlar a mente e alcançar a felicidade, do mesmo modo que somente os exímios cavaleiros conseguem controlar o cavalo arisco? Se é assim, devem ser raras as pessoas que conseguem vencer a jornada da vida livres das infelicidades e doenças. Naquela época, eu ainda não era um exímio domador do cavalo arisco chamado "mente". Era um homem cheio de temores: quando recebia na firma um telefonema avisando que minha filha estava passando mal, ficava logo empalidecido; e enquanto me dirigia apressadamente para casa, não conseguia conter o tremor do corpo.

Refleti muito sobre a doutrina budista. Se é que não há distinção entre a mente, Buda e todos os seres vivos, e

se tudo é reflexo da mente, teríamos de admitir que Buda não é um ser eterno e imutável, mas sim um fenômeno fugaz. E se tudo é regido pela mente mutável, que pode fazer surgir o ser búdico ou o demônio, o paraíso ou o inferno, então eu não saberia em que confiar ou apoiar-me. Se, conforme preconiza Holmes, "Deus não tem imagem própria e pode se manifestar sob a forma de santo como de demônio, em conformidade com nossos pensamentos", então esse Deus também não me inspiraria confiança.

Refleti muito, dia após dia, mas não alcancei a paz interior.

Certo dia, eu estava fazendo a meditação, pedindo a Deus que me revelasse a Verdade, quando, por acaso ou pela inspiração divina, surgiu-me na mente um trecho da sutra budista, que diz: *Shiki-soku-zekū*, que significa "Matéria é sinônimo de vazio". No mesmo instante, uma voz misteriosa, baixa mas firme, ecoou no meu ouvido: "A matéria não tem existência". E eu pensei, em seguida, em uma outra frase: "Vazio é sinônimo de matéria". A voz misteriosa tornou a soar:

"Tudo surge do nada. Todas as coisas fenomênicas, sendo projeções da mente, são originariamente inexistentes. Tudo é originariamente inexistente; portanto, tudo surge do nada. Como o homem se deixa levar pela ilusão de que tudo se cria a partir de algo que existe, ele sofre devido ao apego às coisas que julga existentes. Não houvesse tal apego, ele seria totalmente livre. Ele passaria a desfrutar a provisão ilimitada, que torna possível repartir cinco pães para alimentar cinco mil pessoas ou fazer uma grande fortuna a partir do nada. O mundo fenomênico não passa de um mundo ilusório que se vê através da lente mental. Parece existir, mas não é existência real. Compreenda que todas as coisas fenomênicas são inexistentes. Compreenda que seu corpo carnal também é inexistente".

Ouvindo isso, pensei: "E a mente (mente fenomênica), será que existe?". No mesmo instante, a voz respondeu: "A mente também não existe". Até então, eu pensava que a *mente* fosse como um cavalo arisco, rebelde e imprevisível, e eu tinha a maior dificuldade em domá-la. Ouvindo a afirmação categórica de que "A mente também não existe", desmontei o cavalo arisco chamado *mente* e pisei no chão firme do mundo da Imagem Verdadeira.

— Se não existe nem a mente, isso quer dizer que não existe absolutamente nada? — voltei a perguntar.

— Existe a Imagem Verdadeira — respondeu a voz.

— O nada é Imagem Verdadeira? O vazio é Imagem Verdadeira?

— O nada não é a Imagem Verdadeira. O vazio também não é a Imagem Verdadeira. O vazio é o fenômeno. A matéria e a mente (mente fenomênica) é que são o vazio. O corpo carnal — que é matéria — e a sensibilidade, a imaginação, a vontade e a consciência, que são formas da mente, são o vazio.

— Mas o vazio não é diferente do nada?

— Não pense que o vazio seja diferente do nada. Quando se diz que a matéria e a mente são o vazio, significa que elas são o nada. Por pensar que o vazio é diferente do nada, você não compreende que a matéria e a mente são o nada, e é por isso que esbarra nelas. Quando se aniquilam a matéria e a mente pela clara compreensão de que elas são o **nada**, então se manifesta a Imagem Verdadeira. Quando se considera **inexistente** o que **inexiste**, manifesta-se o que **existe verdadeiramente**.

— E o que é Imagem Verdadeira?

— Imagem Verdadeira é Deus. Unicamente Deus, Sua mente e a manifestação de Sua mente são existências verdadeiras. Estas constituem a Imagem Verdadeira.

— Mas a mente não é inexistente?

— "Mente inexistente" significa mente fenomênica. No sentido de existência verdadeira também o Buda fenomênico e todos os seres fenomênicos são inexistentes. Quando se "aniquila" o buda fenomênico, todos os seres fenomênicos e a mente fenomênica pela compreensão de que todos os fenômenos são inexistentes, manifesta-se a Imagem Verdadeira, o Buda verdadeiro e eterno.

— Esse "aniquilamento", em termos cristãos, seria a crucificação de Jesus?

— Exato. Quando se aniquila o Jesus carnal, surge o Cristo-verdadeiro, o Cristo Eterno, que existe desde antes de Abraão. A cruz de Jesus Cristo simboliza a Verdade de que a Imagem Verdadeira se manifesta quando se aniquila

o fenômeno. Agora, aqui, ressuscita a Vida eterna. É agora! É agora! O agora eterno! Agora é a ressurreição! Vivifique o agora!

Apesar de continuar com os olhos cerrados, vi diante de mim uma luz ofuscante. Tive a impressão de ver vagamente, no meio da luz, uma imagem branca que devia ser o dono da voz misteriosa. Mas logo a luz se apagou e, quando abri os olhos, percebi que continuava sentado, com as mãos postas.

Naquele momento, alcancei a compreensão de que a mente em ilusão é inexistente e, conseqüentemente, não existe também a "mente que alcança a iluminação por meio do despertar". Compreendi que é um equívoco pensar que a mente em ilusão evolui, alcança a iluminação e se torna Buda. Compreendi que existe unicamente a Mente da Imagem Verdadeira, que é Buda (ou Deus) desde o princípio, e o mundo da Imagem Verdadeira que é a manifestação dessa Mente-Suprema. O Buda fenomênico (Sakyamuni), que meditou durante seis anos para alcançar a iluminação, não era existência verdadeira. Unicamente o Buda eterno a quem ele se referiu na declaração "Eu sou Buda desde o princípio dos tempos" é existência verdadeira, e esse Buda eterno vive aqui e agora. Jesus Cristo enquanto "homem fenomênico" que, pregado na cruz, clamou "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?", não era existência verdadeira. Unicamente o Cristo eterno, a quem ele próprio se referiu na declaração "Antes que

Abraão existisse, eu sou", é existência verdadeira, e esse Cristo eterno vive aqui e agora. Conscientizei que eu também não sou um "homem fenomênico" nascido de minha mãe em 22 de novembro de 1893 e que só agora alcançou o despertar. Compreendi que sou um ser divino, um ser búdico, desde o princípio dos tempos. (Volume 20)

Reverenciar a Vida

(1)

Mas, afinal, em que consiste a Verdade preconizada pela Seicho-No-Ie? Para compreendê-la, é fundamental entender o que significa "reverenciar a Vida", que consta no item 1 das Sete Declarações Iluminadoras da Seicho-No-Ie. No budismo, existe o termo *Muryō-ju*, que significa Vida infinita (*muryō* = infinita; *ju* = Vida). Jesus Cristo também ensinou que a Vida é eterna e exortou os homens a reverenciá-la, dizendo: "O que crê em mim, tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida". O que é Vida? Certamente, vocês todos têm consciência de estarem vivos. Sim, vocês estão vivos. Estão vivos porque têm Vida. Mas a Vida não está no corpo carnal em si. Suponhamos que se decepe um membro de um ser vivo e que nele se busque a Vida. Naturalmente, não a encontrará. Decepando-se sucessivamente

outros membros e o tronco e analisando-os, também não se constatará em nenhuma dessas partes a presença da Vida. Pode ser que se constate a presença da "vida celular", mas ela não é Vida organizada que mantém vivo o ser. A primeira declaração da Seicho-No-Ie é no sentido de reverenciar a Vida, essa Força invisível e misteriosa que nos mantém vivos, e isso corresponde a "reverenciar a *Muryō-ju*" na linguagem do budismo, e a reverenciar o "pão da Vida", na linguagem do cristianismo. A palavra Vida, devido à sua ambigüidade, tem sido usada com diversos significados segundo o ponto de vista de vários filósofos e religiosos, e isso tem causado interpretações errôneas. Afinal, o que é essa energia misteriosa chamada Vida, que nos mantém vivos? Segundo Schopenhauer, é a "vontade irracional". Essa vontade seria a vida, que se empenha numa feroz luta pela existência. De acordo com essa teoria, pela "vontade irracional" incoerente e contraditória, uma vida luta contra a outra, a vida da espécie se confronta com a vida individual, a vida mais forte persegue, domina e acaba tragando a vida mais fraca — e por fim ela própria se extingue. A maioria das pessoas pensa da mesma forma. Também na Teoria da Evolução, de Darwin, a vida é tratada como algo sujeito à lei da selva, na qual os mais fortes devoram os mais fracos. Se nos propuséssemos a reverenciar a Vida partindo de tal idéia, teríamos de nos sujeitar à lei da selva. Porém, a Vida que reverenciamos não é a vida manifestada no plano fenomênico, à qual se

referem Schopenhauer, Darwin e muitos outros. Na Seicho-No-Ie, chamamos de "vida fenomênica" à Vida manifestada no plano fenomênico. Afirmamos que a vida fenomênica é apenas "manifestação da Vida" e não a Vida em si, que existe verdadeiramente. À **Vida que existe verdadeiramente**, chamamos de Imagem Verdadeira da Vida. Mesmo aqueles que são considerados grandes pensadores confundem a vida fenomênica com a Vida da Imagem Verdadeira. A vida verdadeira (A Imagem Verdadeira da Vida) existe por trás da vida fenomênica, mantendo-se intacta mesmo quando a vida fenomênica se extingue, e plena de harmonia mesmo quando a vida fenomênica se empenha na luta pela existência. Essa Vida é aquilo que, na linguagem do budismo, se chama "natureza búdica do ser"; na linguagem do cristianismo, poderia se chamar "natureza divina" ou "Cristo eterno" e, na linguagem do xintoísmo, é chamado de *Kakurimi* (Ser oculto, ou Ser invisível), como se pode constatar no parágrafo inicial do *Kojiki Monogatari* (Livro de Mitologia Japonesa). É o "Deus invisível" de que fala a doutrina cristã. A Seicho-No-Ie ensina a reverenciar esse Deus absoluto, invisível, e prega que, essencialmente, todas as religiões veneram o Deus único e verdadeiro. Até despertar para a Verdade, passei por muitas angústias e sofrimentos. Eu tinha uma idéia errônea a respeito da **Vida**. Influenciado pelas idéias de Schopenhauer e de Darwin, eu pensava: "Para sobrevivermos, é inevitável sacrificar os outros. Somos seres perversos e cruéis

que, para garantir nossa vida, destruímos a dos outros". Angustiado com essa visão de vida sombria, passei a buscar o caminho que conduzisse para uma vida harmoniosa. Por essa época, conheci a seita Ittoen, fundada pelo mestre Tenko Nishida; fiquei impressionado com seus ensinamentos e freqüentei-a durante algum tempo. Soube que, no passado, o mestre Tenko Nishida trabalhou como capataz numa mina de carvão situada na província de Hokkaido. Sua posição era de intermediário entre o capitalista e os operários. Com o decorrer do tempo, ele passou a refletir acerca dessa situação: "Os capitalistas, sem fazer nenhum esforço e vivendo confortavelmente, ganham muito dinheiro, ao passo que os operários, desgastando-se num trabalho árduo e arriscando a própria vida nos locais perigosos da mina, só recebem modestos salários. Não posso continuar ganhando meu sustento servindo como representante dos que lucram muito sem fazer nada e pressionando ainda mais os operários que levam uma vida tão sofrida. Se, para ganhar o pão de cada dia, é inevitável submeter-me à lei da selva e oprimir os fracos, ajudando os poderosos, prefiro renunciar à vida". Assim pensando, demitiu-se e voltou para sua casa, na cidade de Nagahama, província de Shiga. E, tomando a decisão de nunca mais obter seu sustento por meio de atividades que impliquem em oprimir e prejudicar os outros, permaneceu durante três dias no caramanchão, praticando o jejum. No terceiro dia, ouviu o choro de um bebê nas proximidades, e, como ele próprio

estava faminto, pensou: "Com certeza, o pobrezinho está com fome e quer mamar". Daí a pouco, o bebê parou de chorar, e o sr. Nishida, percebendo que o pequenino fora atendido pela mãe, refletiu: "No ato de amamentação, a mãe e o bebê estão em perfeita harmonia, apesar de ser uma relação em que uma das partes é 'aquele que suga' e a outra é 'aquela que é sugada'. Não se trata, em absoluto, de uma relação em que um prejudica o outro. Se o bebê não sugar o leite da mãe, ela ficará com os seios intumescidos e sentirá dores; e, se a mãe não tiver leite suficiente, o bebê definhará e poderá até morrer. No ato de amamentação, beneficiam-se mutuamente a mãe, que dá o leite, e o bebê, que suga o leite. Essa é a verdadeira harmonia. Aquele bebê chorou porque estava com fome, e logo apareceu a pessoa pronta a acudi-la, ou seja, a mãe. Eu também vou chorar para ser acudido". Assim pensando, o sr. Nishida deixou o caramanchão. Naturalmente, ele não saiu por aí chorando de verdade; mas foi caminhando pelas ruas, buscando em sua alma a ajuda dos céus, como uma criancinha que busca o colo da mãe. À certa altura, viu muitos grãos de arroz espalhados no chão e catou-os. Nesse momento, passou uma senhora da vizinhança, carregando um balde d'água. "Que sorte!", pensou o sr. Nishida, e pediu-lhe que cedesse um pouco de água para lavar o arroz. Então, essa senhora não só concordou em ceder-lhe a água, como também convidou-o à sua casa e preparou-lhe uma canja com aquele punhado

de arroz. Após servir-se dessa refeição, o sr. Nishida ofereceu-se para executar alguma tarefa em sinal de agradecimento. Constatando a eficiência do sr. Nishida, essa senhora perguntou-lhe se ele não poderia trabalhar durante algum tempo na loja que ela possuía. Ele concordou. Decorrido um mês, ela pediu-lhe que permanecesse mais algum tempo, e confidenciou: "Antes de o senhor vir trabalhar para mim, esta loja estava à beira da falência. Isto porque, após a morte de meu marido, os empregados da loja passaram a me tratar com pouco caso e tornaram-se muito negligentes. Mas depois que o senhor veio e deu um exemplo de dedicação e eficiência, eles passaram a trabalhar com afinco, e a loja se salvou da falência. Nem sei como lhe agradecer". Foi assim que o sr. Nishida iniciou uma vida dedicada ao "trabalho em benefício dos outros" que deu origem à seita Ittoen. Tomado de grande admiração pela Ittoen, freqüentei-a assiduamente durante uma fase de minha vida, chegando a praticar a mendicância religiosa. Nessa fase, fui trabalhar numa casa de massas chamada Kawamichi-ya onde, juntamente com o sr. Tanino, membro da Ittoen, executava serviços humildes, inclusive o de lavar os mictórios. Tendo decidido fazer o possível para viver sem prejudicar os outros, eu levava uma vida de extrema simplicidade: possuía apenas uma pequena maleta contendo uma toalha e uma escova de dentes, e trajava um modesto quimono, amarrado na cintura com um pedaço de corda; e julgava estar vivendo como

São Francisco de Assis. Mesmo assim, continuava sentindo peso na consciência. Não conseguia deixar de pensar que, apesar de levar uma vida extremamente modesta, ainda causava dano a outros seres vivos, principalmente aos mais fracos, pois, no simples ato de respirar, ou no de beber água, estava matando os seres microscópicos contidos nesses elementos. Contudo, nós, seres humanos, não podemos viver sem respirar ou sem beber água. Somos, portanto, predadores que sacrificam outros seres vivos para garantir a própria subsistência. Atormentado por essa idéia, cheguei a pensar que, não sendo possível sobreviver sem sacrificar outros seres vivos, seria preferível renunciar à minha própria vida. Porém, refleti que renunciar à vida seria matar a mim mesmo, e isso também seria a destruição de uma vida. "Não devo matar-me, nem matar outros seres vivos" — assim pensei, e ansiei por encontrar um meio de manter minha vida sem destruir a de outros seres.

Houve uma época em que a seita Ittoen criou seu próprio departamento de confecções e passou a vender, na cidade de Kyoto, roupas com preços muito mais baixos que os do mercado. Por causa disso, muitos alfaiates e lojas de confecções de Kyoto perderam seus fregueses e ficaram em dificuldade. O fato de a seita Ittoen ter criado um departamento de confecções e passado a vender roupas a preços muito baixos pode dar a impressão de que ela prestou um grande benefício à sociedade. Porém, isso acabou prejudicando muitos alfaiates e lojas de confecções. Ao considerar esse fato, concluí que também o modo de viver da Ittoen não consegue evitar disputas e, portanto, não concretiza a verdadeira harmonia. Assim ponderando, não me converti totalmente à Ittoen. Foi nessa época que escrevi um livro de ensaios, sob o título *Shōdōe* (*Em Busca do Caminho Sagrado*), o qual foi publicado por volta de agosto de 1923, pela editora Shinkō-sha. Esse livro tinha como tema principal a teoria budista de "criação do mundo pela ilusão". Eu apresentava, nesse livro, o seguinte ponto de vista: "Não é possível que Deus onipotente, onisciente e infinitamente misericordioso tenha criado este mundo imperfeito e cruel, onde é inevitável a destruição dos fracos pelos mais fortes. Este mundo surgiu a partir da ilusão, e é movido pela força cármica". Minha vida, nessa época, era triste e sombria. Mente sombria atrai destino sombrio. Assim, perdi praticamente tudo no grande terremoto de Tóquio, ocorrido em 1º de setembro de 1923, e voltei para Kobe, minha terra natal. Ali, passei a praticar a concentração mental todos os dias. Certo dia, durante a concentração mental, ouvi uma voz que veio do alto e soou como o ruído de um vagalhão. "O homem é filho de Deus" — proclamou a voz solene, como se fosse a voz do próprio Universo; e prosseguiu, soando como um vagalhão ou uma catarata: "O homem é filho de Deus. E este mundo é originalmente perfeito. A matéria não existe; a infelicidade e a pobreza também não exis-

tem. Tudo isso parece existir, mas não passa de projeção da mente em estado de ilusão. Eliminando-se as ilusões, extinguem-se todos os males manifestados no plano fenomênico como projeção da mente". Ouvindo isso, compreendi que a vida que vivemos neste mundo, ou seja, a vida fenomênica sujeita à cruel "lei da selva" — a lei do mais forte — não é a Vida verdadeira, e sim projeção de nossa própria mente; compreendi que a Vida verdadeira, A Vida da Imagem Verdadeira, é a que existe de verdade — não é mera projeção da mente e não está sujeita à lei da selva. É a Vida plena de harmonia, que não precisa empreender lutas cruéis para se manter. Esta, sim, é nossa Vida verdadeira, que jamais se extingue. É esta a Vida que a Seicho-No-Ie reverencia. Ouvindo a Voz misteriosa e solene que soou do alto e ecoou em minha mente como o ruído de um vagalhão, emergi da ilusão e compreendi que este mundo, em sua essência, é a Terra Pura — ou seja, o Paraíso — e todos nós, seres humanos, somos filhos de Deus (ou "seres búdicos", na linguagem do budismo). Compreendi que, tanto eu próprio como todas as pessoas e todas as criaturas, estamos vivos graças à Vida de Deus que flui em nós, e que na linguagem do budismo, somos todos manifestações da Vida de Buda. Conta-se que Rinzai, grande sacerdote budista que viveu na China no século IX, no instante em que alcançou o despertar espiritual afirmou o seguinte: "Mesmo que se busque por todo o país, não se encontrará sequer uma pessoa que não

esteja salva, pois, na essência, todos são seres búdicos". Creio que Rinzai alcançou naquele momento o mesmo estado espiritual que eu alcancei quando aquela voz solene soou-me "como o ruído de um vagalhão". A partir daquele instante, minha visão do mundo mudou completamente. Este mundo, que antes eu só conseguia ver com os olhos físicos e me parecia feio e cruel, revelou ser um mundo puro e luminoso, onde todos os seres convivem em perfeita harmonia e a própria Natureza é imagem de equilíbrio e harmonia. Tendo conhecido a Verdade, surgiu em mim o desejo de transmiti-la de algum modo a outras pessoas. Contudo, eu próprio ainda não era capaz de viver, na prática, a Verdade.

(2)

Conforme relatei, conheci a Verdade ouvindo uma voz proveniente do céu, que soou como o ruído de um vagalhão e assim afirmou: "O homem é filho de Deus; a matéria não existe". Durante algum tempo, sentia-me renascido e tão feliz, que tudo ao meu redor parecia resplandecer. Porém, ainda estava longe de viver a Verdade na vida prática. O meu despertar ainda não se manifestava em atos concretos. Nessa época, eu trabalhava como tradutor na firma americana Vacuum Oil Company. Como havia estudado inglês quando cursava a Faculdade de Le-

tras da Universidade de Waseda, eu tinha bom conhecimento de inglês literário, mas nessa empresa tinha de traduzir livros técnicos referentes a máquinas e peças, e isso era um serviço bastante complicado e difícil para mim. Nessa firma, havia diversos departamentos, tais como: departamento técnico, onde trabalhavam vários engenheiros; e o departamento de vendas, cujos funcionários se dedicavam a vendas e a pesquisas de mercado. Eu pertencia ao departamento de publicidade, e fazia traduções de documentos referentes a máquinas de fabricação estrangeira. O serviço de tradução era sujeito à rigorosa supervisão por parte de outros setores da empresa, principalmente o departamento técnico e o departamento de vendas. Com base nos documentos referentes às máquinas, traduzidos por mim e meus colegas, elaboravam-se manuais com explicações tais como: "Levando-se em conta a estrutura desta máquina, nestes pontos é imprescindível o uso de um óleo que forme uma película extremamente resistente à pressão". Os engenheiros mecânicos do departamento técnico da empresa apresentavam esses manuais aos engenheiros de várias fábricas que eles visitavam. Também com base naqueles documentos, elaboravam-se guias práticos, que eram oferecidos aos engenheiros das fábricas clientes. Portanto, se fosse feita uma tradução errônea de algum termo e os especialistas descobrissem isso, haveria um grande problema. Um tradutor, que trabalhou nessa empresa antes de mim, fora demitido

por causa de uma palavra que apareceu com erro num documento traduzido. E o erro não foi de tradução, e sim de tipografia. Nas cartas comerciais, relatórios, etc., as empresas se referem a si próprias com o termo "*heisha*", que exprime humildade (*hei* = humilde; *sha* = firma, empresa. Portanto, *heisha* = nossa humilde empresa). Acontece que existem vários outros ideogramas que se lêem *hei*, e um deles, de traçado muito parecido com o do ideograma do termo em questão, significa "papel-moeda". E, devido ao erro de tipografia, foi usado este ideograma no termo *heisha*. Um dos vendedores, que era um tanto maldoso, descobriu o erro e logo tratou de enviar ao gerente geral uma carta, em inglês, apontando a falha: "No manual anexo, houve um grave erro de tradução do inglês para o japonês. O tradutor se refere à nossa empresa, que é uma indústria de óleo para máquinas, como indústria de papel. Um erro de tal gravidade é imperdoável. Tradutor que traduz 'indústria de óleo' como 'indústria de papel' é uma ameaça para a empresa". Qualquer leitor japonês, ao ver o ideograma *hei*, com o significado de "papel-moeda", usado no lugar do ideograma *hei*, com o significado de "humilde", teria percebido que se tratava de erro de tipografia. Mas o gerente geral, que era americano, ao receber a carta em questão, acreditou que o tradutor cometera o erro, referindo-se à própria empresa — que era indústria de óleo — como "indústria de papel". Ele decidiu que não podia manter como funcionário um tradutor que cometia

erros graves como o de trocar a palavra "óleo" pela palavra "papel"; e assim, o pobre tradutor foi demitido. Como se pode depreender desse episódio, nessa empresa havia rivalidade e inveja entre os vários departamentos, e o relacionamento entre os funcionários era bastante difícil. Devido a isso, até mesmo os erros de tipografia recaíam sobre os tradutores e resultavam em graves problemas. Como vocês sabem, ao traduzirmos textos escritos em inglês, freqüentemente deparamos com preposições ou expressões idiomáticas peculiares, que, traduzidas para a língua japonesa, não fazem sentido, e, sendo assim, seria melhor deixarmos de traduzi-los, do que tentarmos uma tradução forçada, apegando-nos demais ao texto original. Porém, naquela empresa, se fizéssemos uma tradução livre, que consiste em transmitir o significado do texto sem nos prendermos a cada palavra e cada frase, alguém poderia indicar determinada palavra em inglês, e perguntar: "Onde está a tradução desta palavra, no texto em japonês?". E, se constatasse que essa palavra não fora traduzida, poderia apontar esse fato ao gerente geral americano, e então haveria um grande problema. Por isso, nós, tradutores, tínhamos de ter o máximo cuidado com cada palavra e cada frase do texto original, procurando traduzi-las o mais fielmente possível e, além disso, fazer com que a redação em japonês fosse perfeita. Tanto nos esforçávamos nesse sentido, que nos textos por nós traduzidos não havia omissão de nenhuma palavra e nenhuma

frase do original em inglês. Aqueles textos poderiam até ser usados nos livros de inglês para os exames de admissão nos colégios, que trazem numa página as frases em inglês, e na página oposta a tradução em japonês, palavra por palavra. A impressão dos manuais também era feita de tal modo que, comparando o original em inglês com o livro em japonês, podia se constatar que uma frase constante numa determinada página e linha do original aparecia no livro traduzido, exatamente na mesma página e mesma linha. Por esses fatos, vocês podem imaginar como era desgastante o meu trabalho naquela empresa. Todos os dias, ao voltar para casa mais ou menos às 7 horas da noite, estava física e mentalmente exausto e mal conseguia me manter em pé. Embora desejasse empreender a obra de iluminar o mundo, publicando uma revista para divulgar o caminho da Verdade que eu havia encontrado, faltava-me ânimo para isso, devido à limitação da energia física. Hoje sei que essa limitação era proveniente do fato de que, apesar de ter conhecido a Verdade, ainda não a estava vivendo concretamente, na vida cotidiana. Eu havia, de fato, conhecido a Verdade, pela Voz divina que soara em minha mente e atingira minha alma como um relâmpago, porém ainda não estava vivendo a Verdade na vida prática. Intelectualmente, havia conquistado a liberdade ilimitada, mas na vida prática via-me tolhido pela limitação da energia física. Ainda não tinha assimilado totalmente a Verdade. Sem conseguir superar as limitações do plano

material, deixava-me levar por idéias comodistas, tais como: "Quando minha situação econômica melhorar, quando tiver mais tempo e melhor disposição física, vou lançar uma revista de cultura moral para divulgar o caminho da Verdade que encontrei. Até lá, vou continuar trabalhando como assalariado e economizar ao máximo o meu ordenado. Quando tiver economizado o suficiente, vou me demitir da firma e iniciar o trabalho de publicação da revista para divulgar a Verdade. Revistas desse tipo não se difundem rapidamente. Portanto, terei de estar em condição econômica razoável para poder manter a revista com meus próprios recursos na fase inicial, talvez por meio ano ou um ano". Essa era a minha atitude mental, da qual hoje me envergonho, pois percebo que pensava assim por falta de coragem e determinação. Conforme relatei antes, arranjei emprego nessa firma americana logo depois que voltei a Kobe, minha terra natal, após ter perdido praticamente tudo no grande terremoto de Tóquio, ocorrido em setembro de 1923. Como não tinha roupa para ir trabalhar, tive de mandar reformar um conjunto de *melton* preto que meu pai adotivo usara havia vinte anos. Minha esposa e minha filha — ainda bebê — também precisavam de roupas. Leva-se considerável tempo para conseguir juntar móveis, utensílios domésticos, roupas, etc., a partir da estaca zero. À custa de muito trabalho, fui reconstruindo minha vida, pouco a pouco. Justamente quando a situação havia melhorado bastante e eu já visualizava a

possibilidade de iniciar em breve o trabalho de publicação da revista, entrou um ladrão em minha casa. Foi num domingo de agosto. Eu e minha esposa tínhamos saído para um passeio, levando nossa filhinha. Quando voltamos para casa no fim da tarde, constatamos que um ladrão havia esvaziado a cômoda, levando todas as nossas roupas e todo o dinheiro que eu havia economizado com tanto sacrifício. Mais uma vez, tive de recomeçar praticamente da estaca zero. Durante dois anos e meio, trabalhei com afinco, economizando dinheiro para concretizar o plano de publicar a revista. Quando tinha economizado uma quantia considerável, novamente entrou ladrão em minha casa e levou tudo. Isso aconteceu no dia 13 de dezembro de 1929. Naquele dia, uma sobrinha de minha esposa, que estava passando uns dias na vizinha cidade de Osaka, visitou-nos; disse que queria comprar lãs para tricotar e pediu que a ajudasse a escolher as cores. Assim, saímos todos para comprar lãs numa loja especializada, no bairro de Motomachi, em Kobe. Quando voltamos, constatamos que a porta dos fundos havia sido arrombada e as gavetas da nossa cômoda tinham sido completamente esvaziadas. Assim, depois de decorridos dois anos e meio do primeiro roubo, quando eu havia economizado quase o suficiente para publicar a revista, perdi tudo. Mas justamente ao sofrer o segundo roubo, despertei de verdade. Aquele incidente fez com que o "despertar temporário" que eu havia conseguido se tornasse definitivo. Até então, embora eu

pensasse ter despertado, na realidade não havia alcançado o verdadeiro despertar. O despertar que não se manifesta em atos concretos não passa de um aparente despertar. Assim fora o meu despertar inicial. Uma voz misteriosa, que parecia ter vindo do espaço cósmico e ressoado em minha mente, me fizera compreender que "o homem é filho de Deus" e que "a doença, os sofrimentos, as desgraças, a miséria, enfim, todos os males não passam de ilusão, não existem de verdade". Havia aceito docilmente essa Verdade, mas não a estava vivendo na prática e me apoiava em outras coisas. Isto é, havia compreendido que o ser humano é filho de Deus, mas na vida prática necessitava de apoio material. Em vez de confiar na força interior proveniente da Imagem Verdadeira da minha própria Vida, buscava apoio em elementos do mundo exterior, tais como dinheiro e outros bens materiais. Pensava que não seria possível colocar em prática o plano de publicar uma revista para a difusão da Verdade enquanto não tivesse economizado o suficiente para mantê-la com meus próprios recursos, pelo menos durante seis meses. Em outras palavras, pensava em trilhar o caminho da vida, apoiando-me no salário, economias, etc. Quem mantém tal postura mental ainda não alcançou o verdadeiro despertar. Era o meu caso. Alcançar o verdadeiro despertar é conscientizar a perfeição e a força infinita do nosso interior e deixar de buscar apoio em elementos exteriores. É confiar plenamente na grande força vital que existe dentro de nós

próprios. Até então, eu buscava apoio em coisas materiais. Percebi o erro e tomei a decisão de passar a confiar plenamente na Vida do meu interior. Lembrei-me da seguinte afirmação de Confúcio: "Se eu conhecer de manhã o Caminho da Verdade, não importa morrer ao entardecer". Minha ilusão consistia em pensar que, em primeiro lugar, precisava garantir minha subsistência e somente depois, quando tivesse dinheiro suficiente e mais saúde, iniciar o trabalho de divulgação da Verdade. Eu julgava que a minha capacidade física fosse limitada e, como resultado da concretização dessa idéia, tinha a saúde tão precária, que as companhias de seguro se recusavam a segurar minha vida. Apesar da saúde frágil, tinha de trabalhar o dia todo, traduzindo desinteressantes livros técnicos. Assim, quando chegava em casa no fim do dia, estava exausto e não conseguia fazer mais nada. Por que me cansava tanto, se naquela época já havia conhecido a Verdade e compreendido que o ser humano, sendo filho de Deus, não adoece nem se cansa? É que o meu despertar era apenas superficial. Isto é, embora tivesse conhecido a Verdade, não a havia assimilado completamente. O *tsukemono* (legumes em conserva), enquanto não tiver absorvido bem o sal, não produz seu sabor verdadeiro. O mesmo se pode dizer do despertar: ainda que despertemos para a Verdade, enquanto não a assimilarmos com todo o nosso ser, o seu efeito não se manifesta concretamente. Era isso que ocorria comigo: Ainda estava arraigada em minha

mente a idéia de que "quanto mais se trabalha, mais o corpo se cansa" e "o cansaço pode provocar adoecimento". Em outras palavras, eu ainda confundia a vida fenomênica com a Vida da Imagem Verdadeira. Por isso, pensava que não seria possível conciliar meu emprego com o trabalho de publicação da revista para a divulgação da Verdade, e resignava-me à condição em que me encontrava, acreditando que não havia outra alternativa para garantir minha sobrevivência. Aquele que se sujeita a condições ainda não conhece realmente a sua própria Vida, que não depende de condição alguma para se sustentar. "Se eu conhecer de manhã o Caminho da Verdade, não importa morrer ao entardecer" — esta afirmação de Confúcio expressa o estado espiritual de quem tem consciência da Vida que não depende de nenhuma condição ou circunstância para existir. Quem pensa que o ser vivo depende do corpo físico para se manter vivo jamais poderia proferir tal afirmação. Somente aqueles que têm consciência de que a Vida existe independentemente da sobrevivência ou não do corpo físico podem afirmar com serenidade que a morte não tem nenhuma importância. A Verdade é eterna. Portanto, quem vive o Caminho da Verdade, "viverá ainda que morra". Jesus disse: "o que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá". A Vida da Imagem Verdadeira é absoluta: não depende de nada, sustenta-se por si mesma, sem precisar de nenhum apoio exterior. Ela se sustenta por si só, ainda que nada exista no aspecto fenomênico,

tal como o "dedo que se levanta, mesmo não existindo na forma fenomênica", citado num episódio conhecido como "O bonzo Gutei e seu aprendiz". Mesmo que no aspecto fenomênico nada pareça existir, a Vida tem tudo dentro de si próprio. Algumas pessoas pensam que a Seicho-No-Ie é uma seita vulgar, que se ocupa somente em curar doenças. Mas a Vida que a Seicho-No-Ie reverencia não é a vida do corpo físico. Se têm ocorrido inúmeros casos de cura dos adeptos, é porque a Seicho-No-Ie os conduz ao despertar, ou seja, torna-os conscientes da Vida indestrutível que transcende o corpo físico. Ocorre então uma intensa vibração da Vida e, como "efeito colateral", ou seja, um fenômeno resultante do despertar, ocorre a cura. Embora sejam citados muitos casos de cura, a Seicho-No-Ie não é uma seita que tenha como finalidade curar doenças. O primeiro item das Sete Declarações Iluminadoras diz: "Declaramos transcender todo sectarismo religioso e, reverenciando a Vida, viver em fiel obediência à Lei da Vida". A Vida a que se refere essa declaração não é a limitada vida fenomênica que sucumbe à doença, à miséria e à morte, mas sim a Vida simbolizada no "dedo que se levanta, mesmo tendo sido cortado no plano fenomênico", do episódio de "O bonzo Gutei e seu aprendiz"; é a "Vida que transcende o corpo" e se mantém intacta mesmo que se destrua o corpo físico. De certo modo, eu "destruo" o corpo das pessoas que vêm à Seicho-No-Ie em busca de cura. Naturalmente não lhes destruo o corpo com uma arma,

mas com o poder da palavra. Às pessoas que buscam a cura da enfermidade do corpo, afirmo energicamente: "O corpo não existe!" Comumente, acredita-se que o corpo existe. Por isso as pessoas se apegam a ele e, quando adoecem, buscam a salvação do corpo. Estando apegadas ao corpo, impedem que a Vida se manifeste livremente. E a Vida não se manifestando livremente, não ocorre a cura. Porém, diante da minha enérgica afirmação de que "o corpo não existe", as pessoas compreendem que o corpo, embora pareça ter existência própria, na verdade não existe. Ao compreenderem isso, deixam de se apegar ao corpo; e então, a Vida passa a se manifestar livremente e ocorre a cura da doença. Até ser roubado pela segunda vez, eu planejava iniciar a publicação da revista para a difusão da Verdade quando minha condição financeira melhorasse, o que significava que ainda não havia me conscientizado de que a Vida não depende de nenhuma condição. Porém, despertei de verdade quando, pela segunda vez, entrou ladrão em minha casa e levou toda a minha economia. Pode-se dizer que esse ladrão me cortou o apoio chamado "boa condição econômica", do mesmo modo que o bonzo Gutei cortou o dedo fenomênico de seu aprendiz, no episódio acima mencionado. Fiquei sem o apoio material. E, assim como aquele aprendiz, tinha de "levantar o dedo, sem o possuir no plano fenomênico", isto é, reerguer-me sem qualquer apoio material. Devido à dura jornada de trabalho na firma, estava exausto, mas precisava encontrar

forças para me erguer. Não havia outra saída. E justamente aquele momento crucial fez com que eu alcançasse o verdadeiro despertar e tomasse a firme decisão de começar a trabalhar para a divulgação da Verdade, mesmo não tendo vigor físico nem dinheiro. Tomei essa decisão no dia 13 de dezembro de 1929. Quando deixei de tentar me apoiar em coisas materiais, a minha força interior passou a se manifestar, e a partir desse ponto o caminho se abriu diante de mim.

O dia 13 é de um significado especial para mim. Estranhamente, muitos parentes meus morreram num dia 13: meu avô, minha avó, a mãe de meu pai adotivo, meu sogro e minha sogra — todos eles morreram num dia 13. A Fundação da Sociedade para a Difusão do Pensamento Iluminador também se deu num dia 13. E, como já mencionei, foi no dia 13 de dezembro de 1929 que, pela segunda vez, vítima de furto, perdi praticamente tudo que tinha e, vendo-me num momento crucial, alcancei o despertar. Sinto que no desenrolar desses acontecimentos houve a ajuda dos espíritos de meus antepassados. Foram eles que me conduziram a uma situação crucial, a fim de que eu pudesse alcançar o verdadeiro despertar. Se vocês querem alcançar o despertar, bem como obter êxito nesta vida, devem reverenciar os espíritos de seus antepassados, para que possam receber naturalmente a orientação e proteção deles. No budismo zen, existem os *Koan*, que são questões para meditação. Quase sempre, a questão apresentada

é extremamente difícil, impossível de ser solucionada com a sabedoria e o discernimento comuns, porque se refere a uma situação aparentemente sem saída, em que a personagem envolvida se vê premida entre duas ou mais forças antagônicas. Um dos *Koan* freqüentemente apresentados no budismo zen é aquele intitulado "Produzir o som do bater das palmas, usando apenas uma das mãos". Como se pode notar, trata-se de uma questão aparentemente sem solução. Para bater as palmas, é preciso usar ambas as mãos. Mas a exigência é de não usá-las. E isso é impossível. Se quisermos atender à exigência de "usar apenas uma das mãos", não será possível produzir o som do bater das palmas; e se quisermos atender à exigência de "produzir o som", teremos de usar ambas as mãos. Mas usar ambas as mãos é contrariar a primeira exigência. Resumindo: Se quisermos usar apenas uma das mãos, não será possível produzir o som das palmas batendo uma na outra; se quisermos produzir tal som, teremos de usar ambas as mãos. O que fazer? É uma situação em que nos vemos pressionados por duas exigências contraditórias. Para atender uma delas, temos de contrariar a outra. Para solucionar uma situação sem saída, não adianta recorrer à inteligência limitada da mente presa ao aspecto fenomênico. É preciso transcender o aspecto fenomênico. No budismo zen, isso é feito no nível da idéia, por meio da solução do *Koan* apresentado. Mas, na Seicho-no-Ie, transcende-se o aspecto fenomênico, na vida prática. Por exemplo, se um paraplégico me procura para receber orientação espiritual, pergunto: "O que deve fazer um paraplégico para andar sem as muletas?". Essa pergunta é um *Koan* aplicado à vida prática. Enquanto acreditar que é incapaz de andar sem se apoiar em muletas, a pessoa estará presa ao aspecto fenomênico. Se a pessoa não sabe a resposta, ordeno energicamente: "Jogue as muletas!". Geralmente, a pessoa replica: "Mas se jogar as muletas, eu caio". Então, digo: "Não importa que o corpo caia. Dentro de você existe algo que jamais cairá nem sucumbirá". A pessoa poderá cair e ficar estendida. Porém, ao compreender que seu *Eu verdadeiro* não é o corpo carnal sujeito à queda, mas sim "um ser que se mantém firme mesmo que o corpo caia", a pessoa muda completamente a sua visão. Ela deixa de se apegar ao corpo, deixa de buscar desesperadamente a cura da doença. Compreende que seu *Eu verdadeiro* não é o corpo carnal, mas sim a própria Vida, que é capaz de se manter sem se apoiar em coisa alguma. Assim, a cura ocorre quando a pessoa, mesmo vendo-se encurralada numa situação de dilema, transcende o fenômeno e apreende a Imagem Verdadeira da Vida.

Constatando a ocorrência de muitos casos de cura na Seicho-No-Ie, algumas pessoas pensam que nos empenhamos exclusivamente em curar doenças e comentam que a Seicho-No-Ie não é uma doutrina religiosa elevada. Devo esclarecer que a cura de doenças é um "efeito colateral" isto é, um fenômeno que ocorre em conseqüência do

despertar. O despertar consiste em transcender o aspecto fenomênico justamente numa situação de extrema dificuldade, quando parece não haver nenhuma saída. Portanto, uma vez que a pessoa tenha conseguido o despertar, por meio da religião, é natural ocorrer a cura. Este é o princípio fundamental da cura de doenças pela leitura dos livros da coleção *A Verdade da Vida*. Lendo-os, as pessoas transcendem o aspecto fenomênico e superam as situações aparentemente sem saída que às vezes ocorrem na vida prática. Existem passagens em que consta o relato de minha vida, no qual narro como alcancei a salvação, transcendendo o aspecto fenomênico no momento mais difícil de minha vida, quando me encontrava numa situação aparentemente sem saída. Naquela época, não conseguia caminhar com minha própria força. Meu corpo não estava tolhido, mas minha vida sim, e eu pensava que só poderia caminhar se contasse com o auxílio de uma "bengala", ou seja, de condições tais como: disponibilidade de tempo, melhor salário, bastante economia, etc. Eu ia trilhando a muito custo o caminho da vida, apoiando-me no modesto salário e na pequena economia, os quais constituíam a minha "bengala". Porém, quando um ladrão entrou em minha casa e me arrebatou essa "bengala", despertei da ilusão e me tornei capaz de sustentar-me com minha própria força. No momento crucial é que se abre o caminho da salvação — eis o ensinamento da Seicho-No-Ie. É verdade que a Seicho-No-Ie cura doenças, mas não é como certas seitas

que curam em troca de oferendas e contribuição; e nem procedo como alguns curandeiros que, para curar as pessoas, transferem para si a doença do paciente. A Seicho-No-Ie ensina que os atos norteados pela inteligência do eu fenomênico freqüentemente levam a situações dilemáticas em que, ao beneficiar um lado da vida, é inevitável prejudicar o outro. Tais situações provocam angústias e aflições que podem se manifestar também sob forma de doenças. Para resolver situações dilemáticas, é preciso transcender o aspecto fenomênico e compreender, pela experiência, o que significam "o dedo que se levanta, mesmo sem existir", "o entrevado que anda sem as muletas", o "som do bater das palmas, produzido por apenas uma das mãos", etc. Mesmo que, no aspecto fenomênico, se fique sem os dedos, as muletas, a mão, enfim, todo e qualquer apoio material, o *Eu verdadeiro* ainda consegue levantar os dedos, correr, ou bater as palmas — quando desperta para esta Verdade, o ser humano conhece a verdadeira liberdade da Vida. (Volume 33)

Alcançar o mundo da Imagem Verdadeira

Aquele que vai para o paraíso ou que vai para o inferno ou purgatório não é a Imagem Verdadeira (*Eu verdadeiro*) da pessoa, e sim o *eu fenomênico*, o *eu transitório*. O *Eu verdadeiro* encontra-se, desde o princípio,

no paraíso da Imagem Verdadeira, repleto de harmonia, vivendo como ser perfeito, dotado de amor infinito, sabedoria infinita e Vida infinita, e abençoado com as dádivas infinitas de Deus. A entidade conhecida como espírito, que, após habitar temporariamente o corpo carnal, desliga-se deste e continua a viver num meio chamado mundo espiritual, é o *eu transitório*, constituído de ondas mentais. Em última análise, o espírito (corpo astral ou corpo espiritual) também é um aspecto temporário do ser, mantido pelo poder da mente, não sendo, portanto, o *Eu verdadeiro*. É por isso que o budismo nega a existência de espírito, pregando que o "eu" não existe. A Seicho-No-Ie também afirma que não é existência verdadeira o espírito que vai se purificando gradativamente, superando dores e sofrimentos. Reconhece o espírito apenas como *eu transitório* ou *existência transitória*, e nega que essa entidade imperfeita seja existência verdadeira, afirmando que existe unicamente o *Eu verdadeiro*, que desde o princípio está salvo e é dotado de amor infinito, sabedoria infinita e Vida infinita. Tanto o corpo carnal como o corpo espiritual, que alcançam gradual purificação passando por sofrimentos no mundo espiritual, são manifestações do carma. Carma é o conjunto de pensamentos, palavras e ações acumulados através dos tempos, tanto neste mundo como no mundo espiritual. Com esforços para o auto-aprimoramento, as pessoas vão purificando gradativamente sua mente, e cada qual vai vivendo em ambientes adequados a seu nível de

aprimoramento mental. A isso se refere o trecho da sutra budista Vimalakirti-nirdesa, que diz: "Sendo pura a mente do Bosatsu, puro também é o lugar em que ele habita". O fato é que tanto o meio em que vivemos como as nossas condições físicas são projeções de nossa mente. Portanto, se for pura a nossa mente, também o mundo ao nosso redor e tudo que nele existe aparecerão sob aspecto purificado; e se for impura e iníqua a nossa mente, também o mundo ao nosso redor será como inferno, cheio de impurezas e iniqüidades. Dependendo de nossa própria mente, podemos fazer surgir o paraíso ou o inferno. Precisamos, pois, ter plena autoconsciência, para não confundirmos o *eu transitório* com o *Eu verdadeiro*. O grau de purificação de nossa mente depende do grau de conscientização acerca da nossa Imagem Verdadeira. Ouvindo os ensinamentos da Seicho-No-Ie, as pessoas apreendem imediatamente a Verdade de que o ser humano é, em sua essência, sem pecados e doenças; por isso, libertam-se instantaneamente dos pecados e das angústias e conseguem entrar, "num salto", no mundo da Imagem Verdadeira. Isso não se verificava na maioria das religiões tradicionais, pois, por enfatizarem demais a existência do pecado, do mal, das paixões mundanais, geralmente não conseguiam fazer com que as pessoas apreendessem diretamente a Imagem Verdadeira do ser humano. A mente que pensa no mal, gera o mal; e a mente que pensa no pecado, gera o pecado. Assim, as pessoas não conseguiam purificar sua mente,

e, conseqüentemente, também não se purificava o mundo exterior, que é projeção do mundo interior (mente). O mundo exterior é um mundo onde se manifesta o carma. Não se eliminando o carma impuro, é impossível purificar o mundo exterior. Somente pela eliminação completa das causas cármicas impuras torna-se puro o mundo exterior, que é reflexo do mundo interior. Contudo, é inútil ir eliminando uma por uma as causas cármicas, pois assim nunca se conseguirá eliminá-las totalmente. Com tal procedimento, é impossível eliminar num espaço de tempo limitado o imenso acúmulo de causas cármicas. Galgando passo a passo a encosta de uma montanha alta, é impossível chegar ao topo num espaço de tempo limitado. Da mesma forma, é impossível alcançar o cume da perfeição, eliminando uma por uma as causas cármicas impuras. É preciso alcançá-lo com um salto decisivo. E esse salto consiste em lançarmo-nos no mundo da Imagem Verdadeira.

Certa vez, um adepto da seita xintoísta Tenrikyō contou-me que o seu mestre-fundador disse: "Nosso ensinamento consiste em exortar as pessoas a elevarem-se para junto de Deus, com a mente dócil". Perguntei a vários adeptos da referida seita como eles interpretavam essas palavras de seu mestre, e constatei que a maioria as interpretava como uma exortação para as pessoas irem galgando passo a passo, com muito esforço, o caminho para a salvação, acumulando pouco a pouco bons pensamentos, boas palavras e bons atos. Não digo que elas estejam totalmente

equivocadas, mas eu interpreto a citada afirmação do fundador da Tenrikyō da seguinte maneira: Deus, sendo nosso Pai, está sempre pronto para nos acolher, estendendo-nos Seus braços misericordiosos e chamando-nos: "Venham, meus filhos. Eu salvarei vocês todos". Portanto, não há necessidade de galgarmos degrau por degrau a longa escadaria para junto de Deus, acumulando pouco a pouco bons atos. Basta lançarmo-nos aos braços acolhedores de Deus, que, na verdade, está bem perto de nós. Mas parece que a maioria das pessoas, por estar com a mente presa a seu aspecto transitório cheio de imperfeições, julga-se ainda indigna de ser chamada filho de Deus; por isso, em vez de se lançar nos braços de Deus, vai subindo pouco a pouco, com a força do ego, agarrando-se à "corda da salvação" que pende do reino dos céus. Se considerarmos o reino dos céus como um "mundo exterior", ele nos parecerá um lugar infinitamente alto, impossível de se alcançar. Porém, compreendendo que o reino dos céus é o mundo da Imagem Verdadeira, entendemos que ele já existe dentro de nós mesmos. Assim sendo, quando despertamos para nossa Imagem Verdadeira, já estamos no reino dos céus. Isto é que significa lançar-se nos braços de Deus. Ir purificando a mente pouco a pouco, evitando a ira, suportando os sofrimentos, etc., é como galgar passo a passo a íngreme encosta de uma montanha, agarrando-se a uma corda: enquanto a pessoa estiver agarrando a "corda", poderá subir pouco a pouco, mas, uma vez que a soltar, rolará en-

costa abaixo. Pois eu afirmo que para chegarmos a Deus não é preciso galgar passo a passo, com dificuldade, o caminho íngreme. Basta despertar para a Verdade de que "O ser humano é filho de Deus, isento de pecado e doença, desde o princípio. Não é preciso tentar extinguir pouco a pouco os pecados com a mente presa às imperfeições do aspecto fenomênico, pois o ser humano está salvo desde o princípio". Com esse despertar, estaremos nos lançando nos braços de Deus. Despertando para a nossa Imagem Verdadeira isenta de sentimentos negativos, no mesmo instante extingue-se a ira. Não se trata de reprimir a ira. A ira se extingue naturalmente quando despertamos para nossa Imagem Verdadeira, pois no *Eu verdadeiro* não existe tal sentimento. O mesmo se pode dizer de todos os demais sentimentos negativos. Uma vez purificada a mente com a extinção de todos os sentimentos negativos, infalivelmente se purificará também o mundo objetivo, que é projeção da mente.

Algumas pessoas acusam a Seicho-No-Ie, dizendo que toda religião que cura doenças é herética. Gostaria de deixar claro que a Seicho-No-Ie não se empenha especificamente em curar doenças. Ela simplesmente ajuda as pessoas a extinguirem o carma negativo, e, como conseqüência disso, ocorre a cura das doenças que são, na verdade, manifestação de tal carma. O propósito da salvação religiosa está em ensinar às pessoas como extinguir o carma e manifestar a perfeição original. Assim sendo, não se

trata de heresia, e sim de conseqüência natural, o fato de os doentes ficarem curados ao seguirem os ensinamentos da Seicho-No-Ie e extinguirem prontamente seu carma negativo.

Certa vez, um monge budista e um outro viajante seguiam a pé por uma estrada. A certa altura, chegaram a um ponto em que a estrada era interrompida por um rio. Não havia ponte e a água do rio chegava até à cintura. Não havia outro jeito senão atravessar o rio a pé. Nisto, chegou uma bela mulher, que também parou à beira do rio, visivelmente transtornada ao ver que precisaria atravessá-lo a pé. Então, o monge arregaçou rapidamente a barra de sua túnica, prendendo-a na cintura, aproximou-se da beldade e disse-lhe: "Permita que eu a ajude a atravessar o rio, carregando-a nos ombros". A mulher aceitou, agradecida, o auxílio do monge. E, assim, o monge atravessou o rio carregando nos ombros a bela mulher. Vendo isso, o outro viajante pensou, indignado: "Como pôde ele, sendo um monge, atrever-se a carregar nos ombros uma mulher jovem e bela?". Quando ambos retomaram o caminho após a travessia do rio, o viajante censurou o monge, o qual replicou: "Você ainda continua 'carregando' consigo aquela mulher? Quanto a mim, já a descarreguei de meus ombros há muito tempo". Ao ouvir isso, o viajante compreendeu, subitamente, que embora ele próprio não tivesse carregado fisicamente aquela mulher, continuava pensando nela, e isso significava "continuar carregando-a mentalmente". O

mesmo acontece com a maioria das pessoas, em relação ao pecado. Aqueles que vivem a se julgar um pecador, continuam presos ao pecado, indefinidamente. Por mais que se recriminem ou tentem afastar-se do pecado, não o conseguirão, se continuarem "carregando" na mente o pecado. Enquanto não conseguirem se livrar do pecado no plano mental, não ficarão livres do pecado também no mundo fenomênico, pois este é projeção daquele. Como conseqüência disso, ocorrem doenças, acidentes e muitas outras desgraças. Mas aqueles que vêm à Seicho-No-Ie e despertam para a Verdade conseguem "descarregar" de sua mente o pecado cometido, por mais grave que tenha sido, do mesmo modo que o monge da história acima descarregou de seus ombros a bela dama assim que acabou de atravessar o rio. E, uma vez "descarregado" o pecado, nunca mais tornam a carregá-lo. Quando assim afastam completamente o pecado, permanece unicamente o *Eu verdadeiro*, que é perfeito. Então, eles passam a viver de modo verdadeiramente livre, manifestando sua perfeição original. Ambiente paradisíaco é o ambiente manifestado como reflexo da perfeição da Imagem Verdadeira. (Volume 23)

CAPÍTULO 7
PROPOSIÇÃO DE UMA RELIGIÃO ALEGRE

1

Na maioria das religiões tradicionais, pensava-se que o homem não poderia se aproximar de Deus se não sofresse; que não poderia purificar a alma se não fizesse penitências; que não poderia agradar a Deus se não gritasse "Senhor, eu sou pecador!" com voz angustiada e fisionomia sofrida. Notava-se essa tendência principalmente no cristianismo. Entretanto, se Deus é o Pai dos homens e estes são *filhos de Deus*, é impossível que Ele Se alegre com o sofrimento dos homens, Seus filhos.

O homem é *filho de Deus*. Ser *filho de Deus* significa ser *filho da Grande Vida*. À Grande Vida, invisível, que preenche e rege todo o Universo, chamamos de Deus. E todos nós, que nascemos da Grande Vida, somos filhos de Deus. Logo, a natureza verdadeira (a Vida) de um filho de Deus, quando se manifesta saudavelmente, sem distorção, toma a forma de alegria, assim como uma criança em seu estado normal e saudável fica repleta de alegria e, quando adoece, perde a alegria, experimentando apenas tristeza e sofrimento. Com isso, fica evidente que a alegria e a felicidade exprimem o estado verdadeiro e livre da Vida, e que

a tristeza e o sofrimento exprimem estados em que a Vida está tolhida.

A função da religião é desimpedir a Vida, devolvendo-lhe a liberdade. Se alguém confessa uma religião mas vive sombrio, triste e preso à idéia de pecado, podemos dizer que essa religião não está cumprindo seu dever. Ninguém tem dúvidas de que a função da religião é eliminar a tristeza e proporcionar a alegria.

2

A alegria é a vibração agradável de sentimento, e a vibração constitui sons musicais. O sentimento de alegria é, portanto, uma música alegre, uma melodia agradável. A Vida tem vibração alegre. Se uma pessoa tem vibração harmônica e alegre, isso significa que ela está manifestando a Vida em elevado grau. Uma vida em que não há alegria espontânea não é a verdadeira vida de um filho de Deus. Devemos procurar viver de modo que atinjamos o mais alto grau na arte de expressar alegria. Uma vida repleta de alegria é a verdadeira vida.

Se as pessoas cheias de tristeza e sofrimento recuperam a alegria logo após conhecerem os ensinamentos da Seicho-No-Ie e em seu lares voltam a harmonia conjugal, a atmosfera de alegria e a fisionomia feliz dos familiares, é porque a Seicho-No-Ie não é uma religião de tristeza, uma

religião falsa, mas a religião verdadeira que esclarece a natureza verdadeira do ser, a Imagem Verdadeira, que é eternamente alegre, livre, pura e perfeita.

3

De onde vêm a alegria e a felicidade? Elas vêm da **Essência** humana, que é *filho de Deus eternamente alegre*. Se não existisse essa Essência, não existiriam nem a alegria nem a felicidade. A Essência é como a música que causa em nós uma satisfação. Uma arte que não causa satisfação não é verdadeira. Uma vida em que não há satisfação não é verdadeira; ela está errada em algum ponto.

Originariamente, a Vida é alegre. Logo, manifestando-se o estado original da Vida, manifesta-se a alegria. Para manifestar o seu estado original, é preciso manifestar sua Imagem Verdadeira. E, na Imagem Verdadeira, todos os seres humanos constituem uma só Vida, pois são extensões de Deus, isto é, da Grande Vida. As Vidas individuais parecem isoladas umas das outras, mas, na verdade, são ligadas à Grande Vida. Portanto, nós e os outros somos **um** na Imagem Verdadeira.

Se a Imagem Verdadeira da Vida é alegre, e na Imagem Verdadeira todos somos um, é óbvio que a nossa vida se tornará alegre quando vivermos, na prática, essa unidade dos seres na Imagem Verdadeira. Um

semicírculo precisa se unir a um outro semicírculo para completar um círculo. Da mesma forma, precisamos nos tornar um com os outros para manifestar a Imagem Verdadeira da Vida, de eterna felicidade.

Compreendemos então que viver com o sentimento de que *nós e os outros somos um* é a condição indispensável para termos uma vida de alegria e felicidade.

No mundo existem muitas pessoas que só pensam em seu próprio bem, prejudicando os outros. Pensam que basta aumentar seu lucro para serem felizes, mas não conseguirão jamais alcançar a verdadeira felicidade.

O círculo não pode estar no semicírculo. Quando dois semicírculos se unem e se completam, forma-se o círculo. De modo análogo, quando nos tornamos um com o outro (ou com os outros), somente então temos a verdadeira alegria de viver. Conclusão: a alegria surge inesgotavelmente quando levamos uma vida em que beneficiamos o próximo, e não uma vida em que lesamos os outros.

4

Se uma loja prospera, é porque seu proprietário estuda sempre o meio de agradar aos fregueses. Ele tem a consciência de que "existe para dar alegria às pessoas". Quem vive com esta consciência dá alegria não somente

aos outros, como também a si mesmo. A esposa consciente de que "existe para dar alegria ao marido" torna feliz não só seu marido, como também a si mesma. O marido consciente de que "existe para a felicidade da esposa" torna feliz não só a sua esposa, como também a si mesmo. Ao contrário disso, a esposa que só pensa em receber do marido prazer e felicidade, acaba sendo detestada por ele e não conseguirá o prazer e a felicidade que almeja. E também o marido que considera a esposa como instrumento de prazer será abandonado por ela e não obterá a felicidade almejada, tal como o personagem da peça *Casa de bonecas*, de Ibsen. Quando alguém se tornar capaz de dizer a todas as pessoas "Eu vivo para dar alegria a você", então terá alcançado a vida de alegria e felicidade.

5

O pensamento é uma energia e possui força inercial, tal qual um projétil disparado. Uma pequena força aplicada uma só vez contra uma árvore pode não ser capaz de balançá-la, mas, aplicada várias vezes seguidamente, acaba balançando-a. Isto porque a força inercial, acumulando-se, torna cada vez mais fácil o movimento de um objeto no mesmo sentido.

Nossa mente também possui a mesma propriedade: se nos alegrarmos uma vez, será mais fácil nos alegrarmos na

próxima vez. Quanto mais a humanidade contrair o hábito de se alegrar, mais iluminado ficará o mundo. Esta é uma das razões por que a Seicho-No-Ie é chamada Movimento de Iluminação da Humanidade.

Por mais que a humanidade se alegre, nunca será demais nem desagradará a Deus. Uma alegria atrai outras alegrias, provoca reação em cadeia. Assim a alegria vai se propagando pelo mundo e pelo Universo. É por isso que o volume 20 desta coleção *A Verdade da Vida* traz um poema que diz:

Não deves lamentar por não possuíres
bens materiais a oferecer.
Mesmo que nada tenhas materialmente,
podes oferecer tua expressão feliz.
Ao olhares para teus filhos,
para teu marido
ou para tua esposa,
para teus irmãos,
e também ao cumprimentar
teus vizinhos e conhecidos,
mostra um sorriso feliz.
Dirigindo-te sorridente aos outros,
estás oferecendo felicidade a eles.
As pessoas de fisionomia feliz
espalham felicidade por onde passam.
As pessoas de fisionomia alegre
espalham alegria por onde passam.

Isso é muito melhor
do que oferecer presentes materiais.

Sorrir alegremente é um ato que não exige muito esforço, e a alegria suscitada por esse ato pode ser tão insignificante quanto a força de uma criança que tenta balançar uma árvore. Porém, se todas as pessoas do mundo praticarem esse ato simples e cultivarem sentimento de alegria, formar-se-á, pelo acúmulo, uma grande força capaz de transformar o mundo em paraíso de alegria.

6

Se até um simples sentimento de alegria suscitado pela fisionomia alegre é capaz de iluminar o mundo quando toda a humanidade procura se esforçar nesse sentido, o mundo será muito mais iluminado e alegre se a humanidade manifestar um sentimento de alegria de natureza mais sublime.

Se oferecermos uma boa fisionomia ao mundo inteiro, o mundo também nos oferecerá uma boa fisionomia. Se sorrirmos para o outro, ele também sorrirá para nós. Se fizermos cara feia, o outro também fará cara feia. Então, se todos demonstrarem sentimento de amor ao próximo, o mundo ficará repleto desse sentimento belo e sublime.

Já que recebemos a vida neste mundo, devemos pensar em *dar algo a este mundo*. Que devemos dar? Sofri-

mento ou alegria? As pessoas que seguem uma determinada religião, segundo a qual o homem deve sofrer para agradar a Deus, talvez pensariam em dar sofrimento à humanidade para agradar a Deus, mas nós, membros da família Seicho-No-Ie, entendemos que, dando alegria à humanidade, estamos agradando a Deus.

7

Todos consideram um bem alegrar os outros, mas muitos pensam que alegrar a si mesmo seja um mal. Por essa razão, desde a Antigüidade, o sacrifício é considerado uma virtude. Os que se sacrificam por outros são considerados heróis. Entretanto, a Seicho-No-Ie não considera o sacrifício um bem. Quando vemos o mundo de um ponto de vista mais próximo de Deus, compreendemos que todos são indistintamente filhos de Deus e constituem uma só Vida, razão pela qual não comungamos a idéia de que um filho de Deus deva sofrer para alegrar outro filho de Deus. Tal idéia se baseia num ponto de vista discriminatório. Onde há o verdadeiro viver de filho de Deus, todos prosperam: quando um prospera, os que estão ao seu redor prosperam também. **A idéia de que a felicidade de uns exige o sacrifício de outros é uma blasfêmia. Deus não fez o mundo e os homens tão imperfeitos. Ele os criou perfeitos. Esta é a fé verdadeira e correta.**

"Estou me sacrificando pelo próximo" — este pensamento parece louvável à primeira vista, mas, na verdade, não existe pensamento tão nocivo como este, que torna o mundo desagradável e aumenta a infelicidade. Dizer "Estou me sacrificando por você" é o mesmo que afirmar "Você está me causando sofrimento". Quando, por exemplo, a esposa pensa que está se sacrificando pelo marido, começa a reinar uma atmosfera desagradável em seu lar. O marido começa a pensar: "Eu não estou exigindo nenhum sacrifício dela". E, não suportando a sensação de que ela está cobrando gratidão, passa a querer se divertir fora de casa. Também no caso em que o marido pensa "Eu trabalho arduamente, sacrificando-me por minha mulher", ela não suportará esse sentimento de cobrança de gratidão por parte do marido. E este, quando se acumula a penosa sensação de que está se sacrificando por sua mulher, deseja ter uma vida sem sacrifícios, mais alegre, e passa a procurar a felicidade junto de uma mulher que não cause sensação de sacrifício.

Certa vez, uma senhora cristã e setuagenária consultou-me sobre seus problemas, dizendo: "Venho me sacrificando por minha filha durante quarenta anos, mas ela me maltrata. Ela quer me expulsar de casa, apesar de eu me anular e sacrificar tanto por ela. Por que devo sofrer tanto?".

Minha resposta foi a seguinte: "Minha senhora, o que criou tal situação ao seu redor foi a sua própria visão

de vida. Para quem possui a idéia de que alguém precisa se sacrificar nesta vida, surge um mundo que exige sofrimentos. Já que a senhora mantém o pensamento de estar se sacrificando por sua filha, ela se sente oprimida e sufocada pela vibração desse pensamento e, para se libertar dessa opressão, quer expulsar a senhora. Abandone já esse pensamento de que está se sacrificando por sua filha. Assim, surgirá em sua volta um mundo repleto de felicidade e luz".

Agindo conforme estas palavras, a setuagenária resolveu os problemas.

Dentre as pessoas devotas existem muitas que, tal como essa senhora, apreciam sacrificar-se, criam sofrimentos para si mesmas e depois se queixam às pessoas e a Deus, dizendo: "Apesar de me sacrificar tanto pelos meus semelhantes, eles me maltratam". Se realmente elas se orgulhassem da vida de sacrifícios, deveriam ficar satisfeitas com os sofrimentos e injúrias que recebem, mas não é o que acontece. Isto porque o homem, por natureza, não aceita sacrificar-se; sabe que **existe a felicidade que não exige sacrifícios ou vítimas** e no fundo da alma aspira por essa felicidade.

8

É um grande equívoco religioso pensar que o homem precisa se sacrificar para tornar feliz a vida do próximo.

Esse equívoco se baseia na idéia de que a felicidade provém de uma fonte limitada e, portanto, que o aumento da felicidade de um resulta na diminuição da do outro, e vice-versa. Na verdade, a felicidade vem da Imagem Verdadeira do homem, que é a fonte divina e inesgotável. Por mais que dessa fonte se retire a felicidade, ela ainda sobra em quantidade infinita. O aumento da felicidade de um não acarreta a diminuição da felicidade do outro. Por mais que um se alegre, não diminui a alegria do outro.

A alegria e o sofrimento do mundo fenomênico são como a fisionomia refletida numa infinidade de espelhos: se a pessoa desconhece a Imagem Verdadeira e sofre, esse sofrimento se refletirá nos "espelhos", multiplicando-se infinitamente; se ela conhece a Imagem Verdadeira e se alegra, a alegria se refletirá nas pessoas e se multiplicará.

O fato de uma pessoa obter mais felicidade não implica, jamais, a redução da felicidade alheia. Pelo contrário, ela deverá se multiplicar, assim como a alegria espalhada através de uma fisionomia alegre contagia as pessoas ao redor e se multiplica infinitamente.

Recentemente, orientei uma senhora cristã que levava uma vida de resignação e sacrifício. Expliquei-lhe que o mundo da Imagem Verdadeira, o mundo de Deus, é o mundo do amor que dispensa sacrifício. Dias depois, ela veio agradecer, dizendo: "Há anos que eu precisava me levantar umas seis vezes, todas as noites, para urinar. Mas,

depois que recebi sua orientação, raramente preciso ir ao banheiro à noite".

Essa senhora não veio à Seicho-No-Ie com a intenção de curar seu mal físico. Ela veio em busca da fé verdadeira. Entretanto, como conseqüência de ter corrigido a distorção de sua fé, seu estado de saúde melhorou naturalmente.

Ela tinha a idéia fixa de que o ser humano deve se sacrificar na vida e acumulava a idéia de sofrimento em sua mente, pensando que o sofrimento fosse existência verdadeira, quando, na verdade, ele não existe na Imagem Verdadeira. E essa idéia de sofrimento, acumulada e represada, manifestava-se em forma de micção freqüente. Também as crianças, quando maltratadas e tentam suportar o sofrimento, acabam muitas vezes urinando nas calças.

Os gemidos dos partidários da filosofia do sacrifício são como o problema urinário da referida senhora; são manifestações dos falsos sofrimentos que imaginam e suportam pacientemente, considerando-os existências verdadeiras.

O mundo criado por Deus não é um mundo imperfeito que exija sacrifício das pessoas. Anuncio em alta voz que este mundo, na verdade, é um paraíso de eterna alegria. (Volume 27)

CAPÍTULO 8
A HUMANIDADE É ISENTA DE PECADO

(Palestra proferida em Tóquio, no dia 21 de março de 1935, no auditório do Clube Militar de Kudan, Tóquio)

O que é o Movimento de Iluminação da Humanidade encetado pela Seicho-No-Ie

O capítulo I do Evangelho Segundo João inicia com o seguinte versículo: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus". Note-se que a frase exprime um fato ocorrido no passado. Isto leva à interpretação de que quando o apóstolo João escreveu esse Evangelho, o Verbo já não era Deus, nem estava com Deus. O Movimento de Iluminação da Humanidade da Seicho-No-Ie surgiu para restituir ao mundo a Verdade de que "o Verbo é Deus". Nos cartazes da Seicho-No-Ie constam os seguintes dizeres: "A Seicho-No-Ie é a religião verdadeira que surgiu com uma peculiaridade sem precedentes em parte alguma do mundo. Em que consiste essa peculiaridade? Consiste na afirmação de que não são necessários majestosos templos materiais para venerar Deus, pois Deus é o Verbo que fala da Verdade, e constituem Seus templos os livros que contêm palavras da Verdade. Venerar Deus é ler Suas palavras contidas nos templos chamados Livros Sagrados". A Seicho-No-Ie é um movimento

religioso e educacional que surgiu para mostrar sob uma forma nova a Verdade de que "o Verbo é Deus".

Como vimos há pouco, quando o apóstolo João escreveu seu Evangelho, "o Verbo já não era Deus". Mas o que significa isso, exatamente? Antes de mais nada, precisamos saber que há duas espécies de Verbo: o Verbo divino (a palavra da Verdade) e o Verbo falso (a palavra da ilusão). Na afirmação "O Verbo é Deus", o "Verbo" significa palavras da Verdade, ou seja, boas palavras, e está implícito que todas as coisas criadas pelo poder de tais palavras são boas. Quando distorcemos e maculamos a Verdade, deixando de proferir boas palavras (palavras da Verdade) e passando a proferir más palavras (palavras da ilusão), este mundo torna-se conturbado pelo poder dessas palavras e passam a ocorrer desordens, corrupções, catástrofes, conflitos, enfim, todas as formas de mal. Então, já não se pode dizer que "o Verbo é Deus", e sim que "o Verbo é Satanás". Lamentavelmente, ao longo dos séculos, a humanidade tem sido negligente em proferir boas palavras. O objetivo do Movimento de Iluminação da Humanidade é, pois, purificar as palavras de todas as pessoas, fazendo com que voltem a ser "o Verbo de Deus", ou seja, palavras boas e verdadeiras que enaltecem a Essência divina, a Imagem Verdadeira, do ser humano.

Na essência, todos somos filhos de Deus. Em outras palavras, nossa Imagem Verdadeira é divina. As palavras proferidas pela Imagem Verdadeira só podem ser boas já

que o ser humano é filho de Deus, e todas as pessoas deveriam ser boas e felizes. Porém, neste mundo há muitas pessoas que não são boas nem felizes, porque nelas predominam as *palavras da ilusão*, que admitem a existência de coisas que não existem de verdade, tais como pecado, doença e morte. Se todas as pessoas do mundo passarem a proferir somente *palavras da Verdade*, ou seja, boas palavras que brotam da sua natureza divina, todos os seres e todas as coisas deste mundo passarão a manifestar a perfeição original e então surgirá o paraíso terrestre.

Lendo os versículos iniciais do primeiro Capítulo do livro Gênesis, podemos constatar que "Deus criou todas as coisas pelo poder da palavra". No versículo 3 consta: "E Deus disse: Exista a luz. E a luz existiu". Isso significa que Deus criou a luz pelo poder da palavra. Prosseguindo a leitura dos versículos, constatamos que Deus criou todas as coisas do Universo pelo poder da palavra e, ao concluir Sua obra de criação, observou todas as coisas que tinha feito e considerou-as muito boas. Assim foi a criação do mundo da Imagem Verdadeira pelo poder da palavra de Deus. O mundo da Imagem Verdadeira, criado pela palavra de Deus, é o mundo perfeito, o verdadeiro paraíso onde não há criatura alguma que seja má e todos os seres vivem em harmonia, tendo cada um o seu próprio lugar. O primeiro capítulo do Gênesis é, pois, a descrição da obra de criação do mundo paradisíaco, ou seja, do mundo da Imagem Verdadeira. Ninguém pode macular ou destruir as

obras criadas por Deus. O mundo paradisíaco criado por Deus é o mundo indestrutível, de felicidade eterna. É pura tolice ficar questionando a existência ou não do mundo paradisíaco, pois no primeiro capítulo do Gênesis consta claramente que Deus o criou. E nesse mundo o homem foi criado à imagem de Deus, isto é, como um ser perfeito. No entanto, nos dias atuais, tornou-se muito comum referir-se ao ser humano com más palavras, tais como: criatura fraca, pecaminosa, sujeita a doenças, etc. Devido ao uso dessas más palavras e ao poder da idéia errônea de que o ser humano não habita o paraíso criado por Deus, este mundo assumiu a forma de um inferno repleto de dores e aflições. O único meio de concretizarmos o paraíso terrestre consiste em eliminarmos essa idéia errônea, despertando para a Verdade de que desde o princípio vivemos no paraíso criado por Deus.

A expulsão do homem do jardim do Éden

No capítulo 2 do Gênesis consta a criação de Adão, o primeiro ser humano. Lemos, no versículo 7, que o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego da vida. Não podemos deixar de perceber que esse homem carnal, formado do pó da terra e depois expulso do jardim do Éden por ter cometido pecado, é muito diferente do *homem real* (Imagem Verdadeira)

citado no capítulo 1, o qual Deus formou à Sua imagem e declarou perfeito. A conclusão lógica é que o homem carnal citado no capítulo 2, que foi formado do pó da terra e recebeu o fôlego da vida, não é o *homem real* (Imagem Verdadeira), feito à imagem de Deus e portanto perfeito. O *homem real* (Imagem Verdadeira), que Deus criou pelo poder da palavra, é um ser perfeito, dotado de infinita sabedoria, infinita capacidade, infinito amor e infinitas dádivas, que o próprio Criador considerou "muito bom". Este é o homem citado no capítulo 1 do Gênesis. E essa é nossa natureza verdadeira que, sendo perfeita desde o princípio, não necessita de nenhum acessório ou artifício para se aperfeiçoar.

O capítulo 2, porém, se refere ao ser humano como uma criatura que não tem consciência de sua perfeição inata, que não compreende que é perfeito em seu estado natural e, envergonhado de seu próprio corpo, cobre a nudez com folhas de figueira. Essa passagem bíblica representa, por meio de símbolos, o estado de ilusão do ser humano, em que ele não percebe que desde o princípio é um ser dotado de sabedoria infinita e pensa que só melhorará ao se cobrir com conhecimentos adquiridos. A expulsão de Adão e Eva do jardim do Éden mostra, através de símbolos, que o homem em estado de ilusão, por não perceber sua perfeição original e não se dar conta de que já se encontra no Paraíso — ou seja, mundo da Imagem Verdadeira —, vê-se afastado desse mundo perfeito. Na verdade,

ele jamais se afasta do perfeito mundo da Imagem Verdadeira. Ele simplesmente não percebe que desde o princípio vive nesse mundo perfeito, e por isso a perfeição não se manifesta plenamente.

O homem verdadeiro, aquele que foi criado pelo Verbo divino e que o Criador considerou "muito bom", é um ser perfeito. Portanto, é impossível que ele degenere. Porém, o ser humano citado no capítulo 2 do Gênesis é uma criatura imperfeita, que comete pecado, é repreendido por Deus e acaba sendo expulso do jardim do Éden. Ele representa o homem fenomênico, que é feito do pó da terra — isto é, de elementos materiais —, sustentado por falsas palavras (ilusões), e não pode melhorar, por mais que o tente. No budismo, existe a teoria de que todas as coisas deste mundo fenomênico surgiram da ilusão. Em sua essência, essa teoria budista coincide com o capítulo 2 do Gênesis. Isso me leva à constatação de que existe uma perfeita correspondência entre o cristianismo e o budismo. Como até hoje as religiões cristãs não faziam distinção entre a criação do mundo e do homem descrita no capítulo 2 do Gênesis e a criação do mundo e do homem (mundo da Imagem Verdadeira e *homem real*, perfeitos e eternos) narrada no capítulo 1 do mesmo livro, parecia não haver correspondência entre o cristianismo e o budismo. Se fizerem essa distinção, compreenderão que a teoria budista de que "tudo tem origem na ilusão" corresponde à criação do homem descrita no capítulo 2 do Gênesis; e a descrição do

paraíso búdico, que consta na *Sutra do Lótus*, corresponde à criação do mundo e do homem verdadeiros narrada no capítulo 1 do mesmo livro. O paraíso búdico citado na *Sutra do Lótus* (correspondente ao capítulo 1 do Gênesis) não é o mundo fenomênico originado da ilusão; é anterior a este. Portanto, quem vive neste mundo fenomênico só pode dizer que "No princípio **era** o Verbo, e o Verbo **era** Deus". No mundo da Imagem Verdadeira citado no capítulo 1 do Gênesis e na *Sutra do Lótus*, "o Verbo **é** Deus". Quem pensa que atualmente já não existe tal mundo perfeito, não tem outra alternativa senão dizer que "o Verbo **era** Deus" e que "hoje, o verbo é de ilusão". É por isso que proliferam verbos de ilusão tais como "A humanidade é pecadora", "O ser humano é sujeito à doença", etc., os quais, pela lei mental da concretização do pensamento, vêm criando, ao longo dos tempos, grande quantidade de malfeitores e doentes. O Movimento de Iluminação da Humanidade, da Seicho-No-Ie, consiste em combater as palavras de ilusão, divulgar ao mundo todo as Palavras da Verdade e apagar da mente das pessoas a crença de que o ser humano é sujeito a pecado, doença e infelicidade, para que esses e todos os outros males — que não passam de produtos das ilusões — desapareçam completamente e se manifeste o perfeito mundo paradisíaco que jamais, em tempo algum, deixou de existir.

A identidade entre a ciência e a religião

Segundo os cientistas, toda matéria é constituída de átomos, e um átomo é formado de prótons (núcleo, com carga elétrica positiva) e elétrons (carga elétrica negativa) que giram em torno do núcleo, formando um turbilhão de energia. Além desses, há outros elementos tais como nêutrons, pósitrons e mésons, mas é pela interação de uma energia positiva com outra negativa que se realizam todas as coisas. Em linguagem filosófico-religiosa, podemos dizer que tudo que se apresenta como matéria surgiu da interação de dois "Verbos", um positivo e outro negativo.

O xintoísmo, em sua oração *Amatsu-norito*, refere-se a esses dois "Verbos" com as expressões *kamurogi-no-mikoto* e *kamuromi-no-mikoto*. *Kamu* significa "combinação" ou "ação recíproca" entre o céu e a terra para gerar seres e coisas; *rogi* é pólo positivo ou homem; *romi* é pólo negativo ou mulher. *Mikoto* significa palavra (Verbo) e Vida. Também segundo a Bíblia, "o Verbo estava com Deus. (...) e a Vida estava nele". Portanto, tudo foi criado pela interação de *kamurogi-no-mikoto* e *kamuromi-no-mikoto*. E o local onde se realizou essa criação chama-se *Tsukushi-no-himuka*. *Tsukushi* significa "infinito Universo"; e *himuka* significa "iluminado". Logo, é no "infinito Universo iluminado" que o deus Izanagi criou e purificou tudo por meio dos Verbos *kamurogi* e *kamuromi*. Esta é a mensagem da oração *Amatsu-norito*.

Segundo a mitologia xintoísta, quando a deusa Izanami foi para o mundo das trevas, o deus Izanagi, não suportando a saudade, foi atrás dela. Essa passagem tem o mesmo significado da passagem de Adão e Eva, descrita no Gênesis. A ida de Izanami ao mundo das trevas corresponde ao fato de Eva ter sido enganada pela sagacidade da serpente. E o fato de Adão ter comido do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, seguindo a sugestão de Eva, corresponde ao fato de Izanagi ter ido atrás de Izanami. O mundo das trevas é o mundo da ilusão; e a ida dos deuses ao mundo da ilusão corresponde ao fato de Adão e Eva terem sido expulsos do Éden por terem pensado que o homem fosse um ser carnal feito de matéria, iludidos pela inteligência da serpente.

Bem, o deus Izanagi, que fora ao mundo das trevas e lá se maculara, regressou e se purificou em *Odo-no-Ahagihara*. *Odo* é som, voz e palavra. O "*A*" de *Ahagihara*, segundo a lingüística espiritual, tem o significado de abrir ou revelar; *hagi* significa despir ou arrancar; *hara* é uma palavra que exprime a idéia de eliminação. Logo, *Odo-no-Ahagihara* significa "o poder da palavra com que se arranca e elimina a ilusão para que se revele a Imagem Verdadeira". Em suma, essa oração diz que, pelo uso correto do poder da palavra, pode-se eliminar todos os pecados e máculas, recebendo, para tanto, a ajuda dos deuses (anjos e santos) dos céus e da terra. O deus Izanagi eliminou as impurezas e os pecados pelo poder da palavra e

purificou o Universo, e a missão da Seicho-No-Ie consiste em fazer o mesmo.

Segundo as pessoas que viram a imagem do anjo-mentor da Seicho-No-Ie, ele aparece como ancião de barbas e cabelos brancos, exatamente como deus Izanagi. A fundadora da seita xintoísta Tenrikyō se dizia manifestação da deusa Izanami e que purificaria o mundo juntamente com deus Izanagi, assim como o Sol e a Lua trabalham colaborando-se mutuamente. Segundo seus escritos, "o pecado não é existência verdadeira, sendo apenas como uma poeira na superfície de uma bola de cristal". Entretanto, os atuais pregadores dessa seita frisam demais o *carma*, a *lei de causa e efeito*, e conseqüentemente, pelo poder da palavra, aumentam nas pessoas a consciência de pecado e o sentimento de culpa. Se, ao contrário, fizerem a purificação, eliminando o pecado pelo uso do poder da palavra, manifestar-se-á a Imagem Verdadeira, o Eu divino. Podemos dizer que a atual função da Tenrikyō corresponde à da deusa Izanami quando foi para o mundo das trevas, e a função da Seicho-No-Ie corresponde à do deus Izanagi quando fez a purificação, eliminando as impurezas em *Odo-no-Ahagihara* (por meio de palavras que expressam unicamente a perfeição da criação divina).

Algumas ramificações cristãs pregam que futuramente Jesus Cristo voltará à Terra. A Seicho-No-Ie vai mais além, pois afirma que Cristo já voltou e está conosco (o auditório fica atento). Não me refiro ao homem

Jesus que nasceu em Belém há quase dois mil anos, mas ao Cristo-Verdade, ao Cristo eterno, que, referindo-se a si mesmo, afirmou: "Antes que Abraão existisse, eu sou". A humanidade acredita que Cristo foi crucificado há dois mil anos. Porém, o Cristo eterno jamais morreu e vive eternamente conosco. A volta de Cristo é o despertar da humanidade para a Verdade de que o Cristo eterno jamais foi crucificado (reação de espanto do auditório). No capítulo 1 do Gênesis consta claramente que o homem foi criado à imagem de Deus, e isso significa que o ser humano é filho de Deus. No entanto, com o passar do tempo, foram surgindo doutrinas religiosas que afirmam que o homem é filho do pecado, e, pelo poder dessas palavras, acabaram tolhendo a natureza divina das pessoas. Isto é que é crucificar o Cristo. O homem, em vez de se reconhecer como filho de Deus, passou a se julgar "filho do pecado"; em vez de reconhecer a presença de Cristo (a Verdade, a Vida) no interior de si mesmo, passou a crer que Cristo já não está aqui. Foi assim que o homem "crucificou" o Cristo. Ele se rotula assim: "Sou pecador. Cristo não está em mim". É preciso rasgar esse rótulo e mostrar que Cristo está no interior de todo ser humano. Assim, as pessoas despertam para a Verdade, reconhecendo a natureza divina (Imagem Verdadeira) de si mesmas e compreendendo que o Cristo eterno jamais deixou de estar com elas. **Isto é a "volta de Cristo"**. A missão da Seicho-No-Ie consiste, pois, em promover a "volta de Cristo",

ou seja, fazer com que as pessoas despertem para a presença do Cristo eterno no interior de si mesmas. Quando se revela o Cristo eterno, todos se tornam bons. Enquanto as pessoas se considerarem pecadores e assim mantiverem crucificada a sua Imagem Verdadeira (Cristo interior), não conseguirão melhorar. Embora exista nelas a força infinita e ilimitada, esta não se manifestará. Porém, se as pessoas deixarem de se tolher com a idéia de que a humanidade é pecadora e passarem a manifestar seu Cristo interior, todos os males se extinguirão por si mesmos e surgirá o paraíso terrestre repleto de paz e alegria.

A concretização do paraíso terrestre

A Seicho-No-Ie não emprega nenhum método peculiar para curar doenças. A cura ocorre quando a pessoa, lendo os livros da Seicho-No-Ie, desperta para a Verdade e compreende que Cristo está presente no interior do ser humano. Como conseqüência desse despertar, passa a manifestar naturalmente a força curativa do Cristo interior. Isso é comparável ao fenômeno físico em que a energia de um sistema oscilante se transfere para outro quando a freqüência do primeiro coincide com uma das freqüências do segundo. Assim como as palavras faladas, também as palavras escritas emitem vibrações. Quando as vibrações das palavras de Deus contidas no livro *A Verdade da Vida*

se aproximam das pessoas, o Cristo interior — que constitui a natureza divina delas — responde com vibrações da mesma freqüência, e então ocorre a manifestação da força curativa natural. Lendo-se as palavras da Verdade contidas no referido livro, manifesta-se a Verdade (Cristo interior), e então a força curativa da Verdade (Cristo) extingue a doença. Quando a mente da pessoa vibra em consonância com as palavras da Verdade, rompem-se os grilhões da ilusão que a mantinham presa e revela-se o Cristo interior. A pessoa, que até então estava tolhida pela força da auto-sugestão de que "o homem é mera matéria", liberta-se pelo poder da palavra da Verdade que afirma a natureza espiritual e divina do ser humano.

Ao longo dos séculos, muitas religiões vinham "crucificando" a natureza divina do ser humano, pronunciando a sentença de que a humanidade é pecadora e iníqua. Assim, a humanidade passou a proferir, cada vez mais, *palavras de ilusão*, que exprimem apenas os falsos aspectos, e não a Imagem Verdadeira dos seres e das coisas. É por isso que o apóstolo João diz, em seu Evangelho: "No princípio o Verbo **estava** com Deus, e o Verbo **era** Deus". Porém, eis que surgiu a Seicho-No-Ie, para reconduzir a humanidade à compreensão da Verdade de que o ser humano é filho de Deus, dotado de liberdade infinita, sabedoria infinita e força vital infinita, e fazer com que ela volte a proferir as palavras da Verdade que falam da Imagem Verdadeira (homem verdadeiro, divino). Os livros da

Seicho-No-Ie contêm palavras da Verdade, palavras que exprimem a Imagem Verdadeira e palavras de Deus. Quando as pessoas lêem essas palavras, a mente delas capta as vibrações e passa a vibrar em resposta, e assim ocorre a manifestação de sua natureza divina. Se as pessoas não tivessem natureza divina, esta não se manifestaria e seria impossível ocorrerem curas, por mais que elas lessem os livros que pregam a natureza divina do ser humano. Porém, como existe dentro do ser humano a Essência divina (Imagem Verdadeira) isenta de doença e males, ela infalivelmente se manifesta quando soam junto da pessoa as palavras da Verdade. Captando as vibrações das palavras da Verdade, a Imagem Verdadeira vibra em resposta. Assim, pelo mesmo princípio, muitas pessoas curaram-se enquanto ouviam minha palestra, captando as vibrações das palavras da Verdade.

Citarei, como exemplo, o seguinte caso: Na "2ª Conferência para a Iluminação da Humanidade" realizada no auditório Hochi no dia 11 de dezembro de 1934, havia entre os ouvintes um professor de *nagauta* (canto clássico japonês), o sr. Shin Kondo, conhecido pelo nome artístico de Katsuichiji Kineya. Enquanto ouvia minha palestra, não pareceu muito impressionado. No dia seguinte, ele me procurou e disse que sofria de doença gástrica crônica há muitos anos e freqüentemente sentia dificuldade para engolir alimentos. Além disso, padecia de hemorróidas e tinha constantes hemorragias. Falei-lhe sobre a perfeição da

Imagem Verdadeira do ser humano e expliquei que todas as pessoas são originariamente isentas de doença. Numa visita posterior, ele contou que em três dias ficou completamente curado da doença gástrica e das hemorróidas. Um fato interessante é que ele não só ficou curado como também passou a ter o poder de curar os outros. Ultimamente, tem realizado muitas curas. Pelo mesmo princípio de transmissão de vibrações sonoras de um corpo para outro sucessivamente, as palavras da Verdade por mim proferidas ressoaram no sr. Kineya, o qual, por sua vez, faz ocorrer o mesmo em outras pessoas, proporcionando a cura de doenças.

Certa vez, o sr. Kineya curou um senhor idoso, avô de um aluno seu, que sofria de hemiplegia e estava acamado havia três anos. Quando o sr. Kineya o visitou e lhe transmitiu palavras da Verdade, o ancião logo ficou curado. O sr. Kineya curou também uma vizinha sua que sofria de reumatismo e não conseguia mover livremente os braços. Após explicar-lhe o ensinamento da Seicho-No-Ie, o sr. Kineya disse: "Não é que seus braços perderam a capacidade de se mover livremente. Sua mente é que está tolhendo-os, com a crença errônea de que o ser humano é sujeito a doenças. Passe a crer firmemente que a doença é mero produto da ilusão e que o ser humano é essencialmente perfeito. Como reflexo disso, logo recuperará a capacidade de mover os braços". Essa senhora compreendeu a Verdade e logo ficou curada do reumatismo.

O sr. Kineya não só cura doenças, como também soluciona outros problemas através da mente. Por ocasião da palestra realizada recentemente neste mesmo auditório, ele tomou um táxi diante de sua escola para vir até aqui trazendo consigo uma menina que sofria de asma. Somente quando já estava acomodado num dos assentos do auditório ele percebeu que esquecera no táxi um envelope contendo algumas partituras. Mas não se preocupou, pois tinha a certeza de que essas partituras voltariam para suas mãos, embora não soubesse explicar a razão de tal certeza. Assim, ouviu calmamente a palestra, e nessa noite fez a *Meditação Shinsokan* mentalizando: "No mundo da Imagem Verdadeira nada se perde. Portanto, mesmo que se perca no mundo fenomênico algum objeto importante, ele será encontrado infalivelmente". Tendo assim mentalizado, dormiu com a mente tranqüila. Na manhã seguinte, voltou a fazer a *Meditação Shinsokan* e teve a intuição de que **as partituras já haviam retornado para ele**. Seus familiares o haviam aconselhado a comunicar o extravio à polícia e ele havia concordado em tomar essa providência, mas, como teve um forte pressentimento de que as partituras perdidas haviam sido encontradas e já estavam em sua escola, telefonou para lá e foi logo dizendo à pessoa que o atendeu: "As partituras que perdi ontem, já foram encontradas e estão aí, não é?". A pessoa respondeu, em tom de espanto: "Sim, as partituras já estão aqui. Mas, como foi que soube disso, se ninguém o avisou?". Era natural que

a pessoa ficasse impressionada diante da convicção com que o sr. Kineya falara. O fato curioso é que, conforme se constatou depois, o envelope com as partituras foi encontrado pelo motorista do táxi e entregue à delegacia próxima naquela mesma noite, exatamente na hora em que o sr. Kineya estivera fazendo a *Meditação Shinsokan*. Como não havia nenhum nome escrito no envelope, o policial perguntou ao motorista: "Você se lembra onde essa pessoa tomou seu táxi?". O motorista citou o nome da rua e acrescentou: "Foi na frente de uma escola de música". Então o policial disse: "Com certeza, trata-se de alguém que trabalha ou estuda nessa escola. Faça-nos um favor, amigo: vá até lá e entregue esse envelope". E assim o envelope com as partituras fora devolvido à escola.

Geralmente, quando alguém acha um objeto perdido e o leva a uma delegacia, acaba se envolvendo numa série de complicações burocráticas. Porém, no caso citado, o policial ouviu o relato do motorista de táxi e simplesmente pediu-lhe que fosse entregar o envelope achado a seu proprietário. As vibrações mentais que o sr. Kineya emitira durante a *Meditação Shinsokan* transmitiram-se à mente desse policial, tornando-o afável e fazendo com que ele dispensasse as exigências habituais. Assim, as partituras voltaram às mãos do sr. Kineya por via natural, sem qualquer dificuldade. Esta é uma prova de que os objetos perdidos aparecem naturalmente, quando se revela a situação do mundo da Imagem Verdadeira, onde nada se perde.

No plano da Imagem Verdadeira, obtemos tudo aquilo que desejamos. A sutra budista *Muryoju-kyo* descreve assim o aspecto do paraíso: "Se queremos comer algo, surge naturalmente uma bandeja com pratos deliciosos; sentindo-nos saciados, a bandeja desaparece por si mesma. Se queremos tomar banho, brota diante de nós uma fonte de água límpida, de temperatura adequada ao corpo, e não precisamos entrar nessa fonte, pois ela faz com que a água venha banhar nosso corpo; terminado o banho, a água desaparece naturalmente. Assim é o paraíso". Ultimamente, tem-se discutido muito quanto à existência real ou não do paraíso. Tal atitude é semelhante à de dois cegos que discutem, por exemplo, a existência ou não da cor vermelha, apesar de nenhum deles tê-la visto realmente. Do mesmo modo que essa discussão não leva a conclusão alguma, também é inútil a discussão quanto à existência real ou não do paraíso. O que importa é abrir os olhos da mente e ver, aqui e agora, o paraíso repleto de paz e harmonia. Na Seicho-No-Ie, as pessoas não ficam simplesmente teorizando acerca do paraíso. Elas o vivenciam na vida cotidiana. Aqueles que conscientizam que sua natureza é divina (ou que "é um com Buda") vivem no paraíso, mesmo habitando este mundo material. Vivem uma vida abençoada, em que todas as coisas necessárias ou almejadas chegam naturalmente às suas mãos. Há alguns dias, uma adepta escreveu-me citando várias experiências em que obtivera naturalmente aquilo que desejava. Existem inúmeros casos

como esse. Na última palestra, citei alguns adeptos que, pelo poder da mentalização, conseguem fazer com que formigas, ratos, etc., afastem-se espontaneamente.

Como vemos, os adeptos da Seicho-No-Ie também vivem concretamente uma vida paradisíaca, descrita na *Muryoju-kyo*, em que todas as coisas necessárias ou desejadas vêm até eles de modo natural. Porém, antes de conhecerem a Seicho-No-Ie e mudar a atitude mental, não era assim. Ocorrendo a completa mudança de atitude mental e tornando-se paradisíaco o mundo mental, surge, como reflexo, o paraíso terrestre visível e palpável.

Nós, que vivenciamos isso, não vemos necessidade alguma de discutir se o paraíso existe realmente ou não. Vivemos simultaneamente no paraíso do mundo da Imagem Verdadeira e no paraíso terrestre. Na vida de todos aqueles que despertaram realmente para a Verdade pregada pela Seicho-No-Ie, a imagem paradisíaca do mundo da Imagem Verdadeira manifesta-se concretamente como paraíso terrestre.

Caso de pessoa que se curou de nefrite ao conhecer a Seicho-No-Ie

Conforme relatei há pouco, o sr. Kineya se curou de doença gástrica três dias depois de ouvir da minha boca os ensinamentos da Verdade e adquiriu, pouco depois, o

dom de curar os outros. Ele passou a ter esse dom a partir do dia em que teve uma visão quando fazia a *Meditação Shinsokan* e mentalizava que a Vida de Deus estava fluindo em seu interior. Apesar de estar com os olhos fechados, ele "viu" nitidamente uma bola de luz branca — do tamanho de uma xícara — descer do céu e entrar em seu corpo. Naquele instante, ele adquiriu um grande poder espiritual, e desde então vem curando enfermos, simplesmente conversando com eles e falando-lhes sobre a Verdade.

Há algum tempo, o sr. Watari Shiga, que é membro do Parlamento, encontrava-se em estado grave devido a uma crise de nefrite. Pediu-me que fosse falar com ele; mas tenho como norma não me locomover até a casa do doente para curá-lo, e por isso apresentei a ele o sr. Niro Hattori. Após três ou quatro visitas do sr. Hattori, ocorreu uma transformação na atitude mental do sr. Watari Shiga e, como conseqüência disso, seu estado melhorou muito. Porém, dias depois, quando a esposa dele chegou em casa após ter ido a uma festa religiosa da seita Omoto e ter orado pela cura completa do marido, constatou que o estado dele voltara a piorar. Devido à retenção de urina, seu corpo começou a ficar inchado. O sr. Shiga, muito irritado, disse à esposa: "Veja no que deu o fato de você ter pedido ajuda à seita Omoto depois de ter primeiramente recorrido à Seicho-No-Ie!". Cabe-me esclarecer que a Seicho-No-Ie transcende todo sectarismo religioso e, portanto, jamais entra em choque com outras religiões. Porém, como

o sr. Shiga pensava que haveria choque e receava o castigo, seu estado piorou devido a esse temor. Desta vez, ele chamou o sr. Kineya, pois o sr. Hattori estava viajando. Após algumas visitas do sr. Kineya, verificouse uma rápida melhora no estado do sr. Shiga. Hoje, já completamente curado, ele veio à sede da Seicho-No-Ie para nos agradecer e comunicar que voltara a comparecer às sessões do Parlamento. A cura ocorreu pelo poder das palavras da Verdade que transmiti ao sr. Kineya, e que ele, por sua vez, transmitiu ao sr. Shiga. Isto é, o sr. Kineya, tendo despertado para a natureza divina de si mesmo ao ouvir uma palestra minha sobre a Verdade, ajudou o sr. Shiga a alcançar também esse despertar; e este ficou curado graças à força das palavras da Verdade que passou a vibrar em seu interior.

Segundo afirmação dele mesmo, o sr. Kineya passou a ter o poder de curar desde o instante em que "uma luz branca veio repentinamente do espaço e entrou em seu corpo, quando ele praticava a *Meditação Shinsokan*". Note-se que algo muito parecido consta na Bíblia. Na passagem que relata o batismo de Jesus Cristo, ministrado por João Batista no rio Jordão, consta: "Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele". Muitas pessoas pensam que se trata de mera forma de expressão. Porém, é real a sensação de uma "bola" de luz branca descer (ou pomba, segundo a passagem bíbli-

ca citada) dos céus e entrar no corpo. Conheço várias pessoas que afirmam ter visto a imagem de Deus ou ter sentido uma luz branca entrar em seu corpo, no instante em que ocorreu a comunhão com Deus. Há ocasiões em que vemos a "divindade da Seicho-No-Ie", que é uma de muitas imagens sob as quais Deus Se manifesta aos homens, como expediente para salvá-los. Há registros de casos em que várias pessoas viram, simultaneamente, uma mesma imagem divina. Mas o que será, exatamente, a imagem divina que algumas pessoas apreendem com os "olhos espirituais" e por que elas a vêem? O que ocorre é comparável ao processo em que, batendo-se o sílex com um ferro, produz-se faísca. Podemos comparar a faísca à imagem de Deus que os "olhos espirituais" vêem quando a pessoa torna-se um com Deus. Nessa comparação, a Verdade existente no ser humano (ou seja, no *Eu verdadeiro*) corresponde ao "ferro", e a Verdade que rege o Universo (Deus) corresponde ao "sílex". Deus é a Verdade que rege o Universo e é, portanto, um ser imaterial e onipresente; assim sendo, Ele é invisível. Porém, quando a Verdade que existe no ser humano (*Eu verdadeiro*) entra em contato com a Verdade que rege o Universo (Deus, invisível mas onipresente), surge o que corresponde à "faísca" em forma de uma imagem divina. Essa imagem varia segundo o tipo de "faísca" produzida. Para alguns, surge a imagem de um santo ou de Jesus Cristo; para outros, a imagem de Buda, ou de uma divindade sob a forma de um ancião de barbas

brancas (como no caso da Seicho-No-Ie), e assim por diante. É um equívoco pensar que Deus tem uma imagem definida, pois o aspecto com que Ele aparece para as pessoas varia de acordo com a ocasião. Contudo, há casos em que Ele usa o expediente de surgir com mesmo aspecto para muitas pessoas, pois, se aparecesse com imagem diferente para cada pessoa, isso poderia ser considerado mera ilusão ou alucinação. Várias pessoas que assistiram à palestra que proferi no mês passado no auditório do Clube Militar afirmam ter visto, no púlpito, a imagem de uma divindade de longas barbas. Uma dessas pessoas disse-me depois: "Quando olhei para o púlpito e vi aquela figura de longas barbas, pensei: 'Ué, por que será que o mestre está usando barba postiça? Será alguma brincadeira? E se aquela barba cair enquanto ele estiver falando?'; e imaginando a cena, não pude conter o riso". Na reunião de adeptos realizada recentemente na residência do sr. Hattori, quatro das pessoas presentes afirmaram ter visto a imagem da mesma divindade, de longas barbas brancas. Posteriormente, quando comentei isso na sede da Seicho-No-Ie, outras três pessoas afirmaram ter visto a mesma imagem.

Como já disse, Deus Se manifesta quando o *Eu verdadeiro* do ser humano entra em contato com a Verdade que rege o Universo (ou seja, Deus), do mesmo modo que surge a faísca quando se bate o sílex com um ferro; e, quando esse contato ocorre, há casos em que se tem a visão da imagem de Deus. Há pessoas que ficam obcecadas

com o desejo de ter essa visão. Porém, não é essencial que as pessoas tenham a visão da imagem de Deus, mesmo porque Ele é um ser imaterial e sem forma. Os casos citados são apenas alguns exemplos de que, às vezes, em circunstâncias excepcionais, Deus Se manifesta tomando a forma de uma divindade, um santo, um anjo, etc.

Por que é possível apreender a presença de Deus?

Temos a capacidade de apreender a presença de Deus porque em nossa Essência somos originariamente um com Deus. E porque somos originariamente um com Deus, desejamos estar com Ele. Em termos budistas, podemos explicar a mesma Verdade do seguinte modo: quando a pessoa diz uma oração budista como, por exemplo, *Namu--Amida-butsu* ("Creio sinceramente em Buda"), a natureza búdica dessa pessoa torna-se um com o próprio Buda onipresente, pelo poder da palavra; então, manifesta-se a perfeição original e concretiza-se a salvação. Quando, pelo poder das palavras dessa oração, o Buda interior manifesta-se na pessoa e entra em contato com o Buda Universal, produz-se a "faísca" em forma de "Paraíso do Oeste", de que falam os budistas. Assim como uma mesma imagem de Deus aparece a várias pessoas ao mesmo tempo, esse "Paraíso do Oeste" também aparece, realmente, como um lugar específico, de modo perceptível a inúmeras pessoas

ao mesmo tempo. Isso é um fato inegável. Alguns intelectuais budistas afirmam que atualmente já não há ninguém que acredite na existência do "Paraíso do Oeste". Se eles fazem tal afirmação, é porque tentam entender o budismo apenas através de leitura e raciocínio, sem despertar para a Verdade, sem ter experiência mística.

Quando o nosso Deus interior se encontra com Deus que rege o Universo, manifesta-se concretamente o paraíso. **Isso é um fato, e não uma simples teoria**. É uma tolice ficar discutindo a existência ou não do paraíso. A Seicho-No-Ie faz com que as pessoas compreendam, por experiência própria, que vivem aqui e agora no paraíso eterno — o invisível mundo da Imagem Verdadeira, de perfeição absoluta — e, ao mesmo tempo, no paraíso terrestre, visível e palpável. O Movimento de Iluminação da Humanidade da Seicho-No-Ie é, em termos do cristianismo, um movimento que visa "ressuscitar" o Cristo interior que estava crucificado e morto dentro do coração das pessoas, para que ele volte a ser uma presença viva nelas. Em termos do budismo, é um movimento que visa conduzir todas as pessoas ao paraíso búdico, não só no plano teórico-filosófico, mas também no plano da realidade concreta. Em termos do xintoísmo, é um movimento encetado pelo deus Izanagi, que consiste em iluminar o mundo dominado pela ilusão, eliminando as impurezas com o poder da palavra. Em poucas palavras, é um movimento que possibilita alcançar a última meta de todas as religiões, e

que vem obtendo resultados concretos em todos os lugares onde é difundido. Basta a humanidade despertar para a perfeição da Imagem Verdadeira do ser humano para que o paraíso se manifeste concretamente, aqui e agora. A seguir, citarei casos reais que comprovam a veracidade desta afirmação.

Diversos casos de cura ocorridos na Seicho-No-Ie

Há algum tempo, certa senhora trouxe uma jovem de cerca de 22 anos que sofria de hemorragia uterina contínua há oito anos, para que eu a orientasse e ajudasse a resolver esse problema. A jovem vivia receosa de vir a morrer de anemia, achava que nunca poderia se casar e já chegara a pensar em suicídio. Após três conversas comigo, durante as quais lhe transmiti os ensinamentos da Seicho-No-Ie, a jovem ficou completamente curada.

Vou lhes contar como orientei essa jovem. Se os senhores prestarem bastante atenção e mais tarde colocarem em prática os pontos essenciais no caso de lidarem com doentes, poderão curá-los com grande eficiência e subitamente se verão considerados como grandes médicos (risos no auditório). Não é brincadeira, não. Posso citar como exemplo o prof. Kurihara, da Escola Primária Nagasaki, que numa recente reunião de adeptos contou que curara uma senhora que menstruava três vezes por mês, simplesmente retransmitindo os conselhos que costumo dar em casos como esse. Na Seicho-No-Ie não há método secreto nem fórmulas mágicas para cura de doenças. Contanto que os senhores assimilem bem os ensinamentos que lhes transmito e os coloquem em prática, poderão curar doentes como se fossem grandes médicos.

Mas voltemos a falar da jovem que sofria de hemorragia uterina constante. Ela havia tentado tudo em busca de cura: fizera diversos tratamentos com médicos especialistas. Porém, todas essas tentativas foram vãs. Como a hemorragia aumentava quando ela ingeria alimentos ácidos, ela não podia comê-los, nem mesmo uma maçã. Como já disse, ela vivia atormentada com medo de vir a morrer de anemia e com a idéia de que jamais poderia se casar. A orientação que lhe dei foi a seguinte, em linhas gerais:

"O corpo carnal é 'projeção' da mente; portanto, tudo que nele ocorre, inclusive a hemorragia, é reflexo da atitude mental. Embora a hemorragia pareça um fenômeno puramente físico, na verdade é causada pela mente. Em outras palavras, é a mente em estado de ilusão que provoca o 'desperdício' de sangue. O sangue, um elemento essencial ao corpo carnal, é uma dádiva de Deus; é a materialização, no corpo carnal, da Vida que rege o Universo, da Força Cósmica que tem o poder de vivificar tudo. Se você está tendo hemorragia uterina contínua, que é um 'desperdício' de sangue, é porque está com a atitude mental errônea de não ser grata a Deus por Suas generosas bênçãos que estão

em toda parte do Universo. Como reflexo da mente que desperdiça as bênçãos divinas, seu corpo está desperdiçando sangue. A partir de hoje, procure ser grata a tudo e a todos. Abra os olhos da mente, e perceberá que está envolta pelo generoso Amor de Deus e bondade de seus semelhantes. A hemorragia logo cessará se você corrigir a atitude mental errônea de não reconhecer as bênçãos de Deus e o amor de seus semelhantes e passar a acolhê-los com gratidão sincera. Há, porém, outra causa para essa hemorragia: é o medo em relação a ela. O temor cria toxinas no sangue; aparecendo toxinas no sangue, o organismo precisa expulsá-las para que as funções biológicas se processem normalmente. Portanto, uma vez que você tenha criado toxinas no sangue, é natural que seu organismo procure se livrar delas. Nesse caso, a hemorragia é antes um processo de autodefesa do organismo do que uma doença. Note que está havendo um círculo vicioso: Você teme a hemorragia → o temor cria toxinas no sangue → diante da hemorragia, você se enche de temor, e assim por diante. É preciso romper esse círculo vicioso. De agora em diante, deixe de temer a hemorragia. Deixando de temer, não mais se formarão toxinas no sangue; e, não se formando toxinas, essa hemorragia cessará depois que o sangue com toxinas for completamente expelido".

Tendo assim explicado à jovem, citei alguns casos de pessoas que sararam quando passaram a ter sentimento de gratidão a tudo e a todos e aconselhei-a que procedesse do

mesmo modo. No dia seguinte, ela voltou sozinha, sem a companhia da senhora e disse-me: "Professor, ainda continuo tendo hemorragia. Apesar de toda a sua sabedoria, duvido que o senhor compreenda minha aflição". Disse-lhe, então: "Pois você está enganada. Posso compreender perfeitamente sua aflição e digo-lhe que basta mudar a atitude mental para se livrar dela. Antes de mais nada, abandone a idéia de que nunca poderá se casar e afirme para si mesma que está pronta para aceitar a proposta de casamento que lhe for feita. Garanto que, mudando a atitude mental, você ficará curada hoje mesmo". Como a jovem permanecesse calada, perguntei-lhe: "Há algo que você não quer contar, não é?". Ela hesitou um momento, mas por fim disse: "É verdade". Então aconselhei-a: "Deve purificar a mente, exteriorizando todos os pensamentos ocultos". Ela se ruborizou e ficou em silêncio. Percebendo que ela se sentia constrangida devido à presença de outras pessoas, disse-lhe: "Se não quer contar para mim, confesse a Deus. A sós em seu quarto, externe em voz alta todos os seus pensamentos mais íntimos e, tendo feito isso, creia firmemente que desapareceram todas as aflições. Pode também escrever detalhadamente numa folha de papel todos os problemas que você vem guardando consigo, apresentar esse papel a Deus pedindo perdão por ter mantido esses segredos e depois queimá-lo. Feito isso, mentalize firmemente que suas aflições e seus erros do passado desapareceram completamente". Decorridos cerca de

cinco dias, a jovem procurou-me outra vez e disse: "Professor, a hemorragia ainda não cessou. Pelo contrário, ficou pior. Mas, quanto a isso, não estou muito preocupada, pois creio que se trata de um fenômeno que indica o processo de autodesintegração do mal. Hoje vim pedir orientação para um outro problema. Recebi ontem uma proposta de casamento e gostaria que o senhor me ajudasse a tomar uma decisão". Perguntei-lhe se ela estava mais propensa a aceitar essa proposta ou a recusá-la, e ela respondeu que não queria aceitar a proposta porque o pretendente residia numa região muito distante. "Você já se encontrou com ele ou pelo menos viu a fotografia dele?", perguntei-lhe, e ela respondeu que não. Então lhe disse: "Se você não o conheceu pessoalmente nem viu a fotografia dele, como pode ter tanta certeza de que não quer se casar com ele? É estranha essa atitude sua. Acho que você não me contou toda a verdade. Parece-me que ainda não conseguiu corrigir totalmente a atitude mental, não está vivendo com o coração repleto de gratidão. A prova disso é que não está nem um pouco agradecida por essa oportunidade de casar-se". Então, a jovem acabou contando a verdade: "Confesso que essa proposta de casamento já me havia sido feita anteriormente, há cerca de cinco meses, quando eu ainda não conhecia a Seicho-No-Ie. Como naquela época minha mente estava muito confusa, eu pedira que deixasse o assunto pendente por algum tempo. Desta vez, a pessoa quer uma definição. Como aprendi na Seicho-No-Ie que tudo que ocorre em nossa vida é reflexo de nossa mente, acho que essa proposta de casamento que me foi feita inicialmente na época em que eu estava com péssima atitude mental não pode resultar num casamento feliz, e, por esse motivo, desejo recusá-la". Aceitei essa explicação e disse-lhe: "Está bem. Já que você não tem a menor vontade de aceitar a proposta dessa pessoa, não insistirei. Se você se sentir forçada a aceitar essa proposta de casamento, com certeza a sua mente voltará a 'criar' em seu corpo uma doença que a torne incapacitada para o matrimônio. Portanto, é melhor recusar essa proposta. Mas prometame que, aparecendo outro pretendente, não fará exigências egoísticas e acolherá bem a proposta dele". Cerca de uma semana depois, a jovem compareceu a uma reunião de adeptos e, assim que se viu a sós comigo, disse: "Graças ao senhor, fiquei completamente curada. Ainda ontem trabalhei muito fazendo a faxina pesada, mas não tive a menor hemorragia. Antes, não podia executar trabalhos como esse, pois a hemorragia aumentava muito". Foi assim que essa jovem, que vinha sofrendo de hemorragia uterina contínua durante oito anos, curou-se simplesmente vindo falar comigo três vezes.

Certa ocasião, contei este caso ao prof. Kurihara, mencionado há pouco, e logo depois ele curou uma senhora que menstruava três vezes por mês, simplesmente repetindo os mesmos conselhos que dei a essa jovem. Analisando casos como esses, podemos concluir o seguinte:

Quando a pessoa com um problema de saúde abriga em seu subconsciente o pensamento de que "é conveniente continuar neste estado", é muito difícil ocorrer a cura. Mesmo que ela melhore temporariamente com tratamentos médicos, logo torna a piorar. Isto porque o estado de saúde é, na verdade, reflexo da atitude mental.

Na reunião realizada recentemente em Kyoto, havia uma senhora que estava quase surda de um dos ouvidos. Ela contou-me que ficara assim desde que sua sogra, num acesso de ira, agredira-a fisicamente. A sogra tratava muito bem as outras pessoas, mas implicava com a nora e a maltratava constantemente, porque achava que esta lhe roubara o filho e sentia-se enciumada. Os atritos eram freqüentes e, certa ocasião, a sogra deu um tapa na nora. Atingida em cheio no ouvido, a nora sofreu um impacto muito forte no tímpano, que resultou numa grave otite. Como sua capacidade auditiva diminuía cada vez mais, ela foi para a casa dos pais a fim de se tratar. Apesar dos tratamentos com médicos especialistas, que já se prolongava por mais de meio ano, não houve melhora alguma. "O que mais desejo é ficar curada. Que é que o senhor me aconselha?", perguntou-me ela, e respondi o seguinte: "A senhora diz que seu maior desejo é ficar curada. Mas deseja isso apenas no nível do consciente. No subconsciente, a senhora deseja exatamente o contrário. Pensa que, se ficar curada, estará destruindo a prova de que foi agredida pela sogra e não poderá mostrar aos outros a evidência de

que sua sogra é uma pessoa agressiva e cruel. Enquanto mantiver tal pensamento em seu subconsciente, a senhora não ficará curada, por mais que se trate com médicos especialistas. Mude sua atitude mental, no nível do subconsciente. Elimine por completo o ressentimento contra sua sogra, deixe de manter no subconsciente o desejo de conservar uma prova para evidenciar a crueldade dela. Assim, logo a senhora ficará curada". Cerca de uma semana depois, ela me escreveu informando que seguiu meu conselho e já estava praticamente curada. (Ela me enviou a carta por intermédio da sra. Ishikawa, da Regional de Kyoto, em cuja residência fora realizada uma reunião de adeptos.)

Casos como este provam que, enquanto o doente mantiver na mente a idéia de recusar a cura, não ficará curado, por mais que se submeta a tratamentos médicos. É fundamental corrigir a atitude mental. No caso citado, a pessoa se recusava, no nível do subconsciente, a ser curada da surdez causada pela sogra; porém, quando desapareceu completamente o seu ressentimento contra a sogra, tornou-se desnecessária a "prova concreta" (a surdez) que vinha servindo para justificar esse ressentimento, e logo ficou curada.

Acabo de me lembrar de outro caso semelhante. Trata-se do caso de uma senhora que começara a perder a audição aos trinta anos de idade e estava quase surda. Ela não ouvia quando a chamavam pelas costas, mesmo que

fosse em voz bem alta. Só conseguia ouvir quando lhe falavam de frente, quase aos gritos. Quando ela me procurou por recomendação do marido, disse-lhe: "Em seu subconsciente, a senhora se rebela contra seu marido e não quer acolher docilmente o que ele lhe diz. Isto equivale a tapar os ouvidos da mente. Como reflexo disso, seus ouvidos físicos foram perdendo gradativamente a capacidade auditiva, apesar de não terem nenhuma lesão. Se quer recuperar a audição, tenha a mente mais dócil, pronta a acolher as opiniões de seu marido e de outras pessoas". Ela voltou no dia seguinte e me informou: "É incrível, mas meus ouvidos melhoraram de repente. Ainda hoje, quando meu marido me chamou pelas costas, ouvi com nitidez e respondi imediatamente, o que o deixou muito contente".

A doença é algo que pode ser criado ou eliminado pela mente. Numa reunião realizada recentemente em Yokohama, uma jovem senhora contou que adoece e fica acamada sempre que vai à casa de seus pais para passar uns dias, e então acaba ficando por lá durante muito tempo. Da última vez, contraíra pneumonia. Percebi que a causa estava no subconsciente dela. Como havia em seu subconsciente o desejo de fugir do marido e dos sogros, quando voltava para a casa dos pais aproveitava a oportunidade para adoecer e assim poder repousar por um longo período longe da família do marido. Conheço muitos casos como esse.

Há também muitos casos de pessoas que, por não se entenderem com o chefe e com os colegas ou por detestarem suas tarefas, sofrem de males tais como depressão, insônia, distúrbios gastrintestinais, etc., e faltam freqüentemente ao trabalho. É claro que elas não simulam a doença nem adoecem de propósito. Conscientemente, ninguém deseja adoecer, pois sabe que isso acarretará muitos sofrimentos. No caso dessas pessoas, a doença nada mais é que concretização do desgosto que existe em seu subconsciente no que se refere à empresa onde trabalham. Se elas se esforçarem para conviver em harmonia com o chefe e com os colegas e se interessarem pelas tarefas que lhes são atribuídas, passarão a sentir prazer em ir trabalhar e logo recuperarão a saúde. Tudo neste mundo é projeção da mente. Assim sendo, também o ambiente do local de trabalho melhora quando melhoramos nossa própria atitude mental.

Como ocorre a melhora do ambiente doméstico

Uma senhora, esposa de um médico famoso, tendo assistido à palestra que proferi recentemente no auditório do Clube Militar, procurou-me mais tarde e contou que houve uma grande melhora na atitude de seu marido a partir do dia em que ela passou a emitir vibrações mentais de gratidão a ele. Antes, ele se recusava a ouvir o ensi-

namento da Seicho-No-Ie que a esposa tentava transmitir-lhe, dizendo em tom exasperado: "Por que insiste em fazer-me acreditar em Deus? Pensa que pode me convencer com essas tolices que está me dizendo?". Porém, de uns tempos para cá, a atitude dele mudou. Tanto assim que, quando a esposa lhe comunicou que iria assistir à minha palestra a ser proferida no auditório do Clube Militar, ele disse gentilmente: "Vá, querida. Espero que a palestra seja muito proveitosa". Essa mudança da atitude do marido ocorreu como reflexo da mudança ocorrida na mente da esposa. Eles são casados há mais de quarenta anos, mas, durante todo esse tempo, a esposa vinha mantendo uma mágoa reprimida contra o marido. O marido, que é um grande médico, sabia que o poder curativo dos remédios é bastante limitado. Por isso, sempre que sua esposa era acometida por doenças comuns como gripe ou cólica, dizia "Não se preocupe, isso vai passar logo" e não lhe receitava remédio algum. A esposa interpretava essa atitude do marido como indiferença e passou a ruminar uma mágoa secreta, julgando-o uma pessoa insensível. Mas, conhecendo a Seicho-No-Ie e lendo o livro *A Verdade da Vida*, ela compreendeu que foi graças à influência da sábia atitude do marido — proveniente da convicção na capacidade de auto-recuperação do organismo — que pôde passar seus quarenta anos de casada sem contrair nenhuma doença grave. Compreendendo isso, ela passou a sentir sincera gratidão ao marido. E, como reflexo da

mudança da atitude mental da esposa, o marido tornou-se carinhoso e gentil. No dia da realização de minha palestra, não só concordou de bom grado que ela fosse ouvi-la, como também não disse nem uma palavra de recriminação quando ela chegou em casa bastante tarde por ter passado pela casa de uma amiga. No dia seguinte, quando a esposa lhe falou dos pontos principais da palestra, ele a ouviu calmo e atento — uma atitude totalmente diversa da que costumava ter antes, nas ocasiões em que ela procurava transmitir-lhe os ensinamentos da Seicho-No-Ie. Foi realmente grande a mudança da atitude dele em decorrência da mudança da atitude mental da esposa. Antes, ele não dirigia nem uma palavra de gratidão à esposa por sua dedicação e seus cuidados com o bem-estar dele. Apesar de ser um grande médico, que para tratar dos pacientes tinha a convicção da capacidade de auto-recuperação do organismo, ele próprio se afligia quando tinha algum problema de saúde. Tendo já setenta e dois anos de idade, freqüentemente era acometido de dores reumáticas e, nessas ocasiões, recorria a linimentos e emplastros para aliviar a dor. Muitas foram as vezes em que a esposa teve de levantar no meio da noite para cuidar do marido, preparando e aplicando-lhe os medicamentos, mas ele nunca expressava gratidão a ela. Por isso, foi grande o espanto dela quando, alguns dias atrás, o marido lhe disse "Obrigado, querida" pela primeira vez, em mais de quarenta anos de vida conjugal. Naquela noite, o marido tivera mais uma

crise de dores reumáticas e a esposa se levantara para cuidar dele; ela preparava apressadamente os medicamentos sem se importar com o frio da noite que penetrava através do tecido fino de sua camisola, quando o marido lhe disse "Obrigado, querida" em tom emocionado. Ao mesmo tempo que ficou surpresa, ela se sentiu grata e feliz. Este é mais um caso que testifica a Verdade de que, **ocorrendo a completa harmonia mental, concretiza-se o paraíso terrestre.**

Também no caso da jovem que citei há pouco, a qual sofria de hemorragia uterina contínua, a principal causa era a falta de sentimento de gratidão. Apesar de estar vivendo há seis anos na casa de sua tia consangüínea e dever muitos favores a ela e ao tio, a jovem não se mostrava nem um pouco agradecida por isso, e tal atitude passara a irritar o tio a ponto de chegar a dizer que a expulsaria de sua casa. E teria feito isso se a esposa não interviesse para acalmar os ânimos. Os atritos eram constantes. Mas essa jovem, que parecia não saber o que é gratidão, mudou completamente a atitude mental depois que lhe transmiti os ensinamentos da Seicho-No-Ie. Sua natureza divina despertou e passou a manifestar-se naturalmente nas palavras e nos atos. Embora eu não lhe tivesse dado orientação alguma quanto à forma de proceder, a jovem passou a demonstrar espontaneamente nas palavras e nos gestos gratidão e respeito por seus tios. Ela, que antes era muito petulante, tornou-se meiga e gentil, passando a cumprimentar seu tio corretamente ao sair ou ao chegar. A tia disse que estava muito feliz, pois seu lar se tornara repleto de harmonia e se transformara num paraíso terrestre. Como reflexo da mudança de atitude mental da sobrinha, ocorrera uma grande mudança também no comportamento do tio. Antes, ele nunca dizia palavras gentis à esposa. Mas, quando a sobrinha conheceu a Seicho-No-Ie e passou a manifestar sua natureza divina, tornando-se meiga e gentil, ele também passou a tratar a esposa e os demais familiares com palavras e gestos afetuosos.

Há alguns dias, um preletor da Seicho-No-Ie, o sr. Nomura, contou-me um caso semelhante: Certa senhora, que ouvira uma das recentes palestras do sr. Nomura, contou-lhe que a atitude de seu marido para com seus familiares mudou completamente, e ele se tornou afetuoso e gentil. "A esposa e a criada ficaram felizes e espantadas com tão repentina mudança dele. Quase não puderam acreditar no que estavam ouvindo, quando ele, pela primeira vez, elogiou a refeição que elas haviam preparado" — disse o sr. Nomura.

Por que o pecado se extingue?

A Verdade atrai a Verdade. A natureza divina atrai a natureza divina. Assim, quando um membro da família conhece a Verdade e desperta para a natureza divina de si

mesmo, ocorre melhora na família toda. Quando descrevemos aos outros o paraíso que surgiu dentro de nós pelo conhecimento da Verdade, eles também despertam para a Verdade e surge-lhes o paraíso. Podemos, pois, fazer com que surja o paraíso terrestre pelo poder da palavra. Com o intuito de difundir a Verdade, realizamos palestras e mesas-redondas. Todavia, por esses meios não podemos atingir grande número de pessoas, pois a lotação dos auditórios, por mais amplos que estes sejam, é limitada. Recorrendo apenas a palestras e mesas-redondas, custaremos a divulgar a Verdade à humanidade toda. Precisamos fazer uso da palavra escrita, ou seja, imprimir as palavras da Verdade e lançá-las ao mundo sob a forma de livros e revistas, os quais chegarão simultaneamente às mãos de centenas de milhares de pessoas. Os que lerem e assimilarem os ensinamentos neles contidos despertarão para a infinita força vital, e tomarão consciência da natureza divina de si mesmos. Como reflexo disso, os doentes ficarão curados, o lar se tornará repleto de harmonia; enfim, concretizar-se-á o paraíso terrestre. Quando toda a humanidade despertar para a natureza divina do ser humano, este mundo se tornará um paraíso. O verdadeiro ressurgimento de Jesus Cristo entre nós ocorrerá quando cada ser humano conscientizar a presença de Cristo dentro de si e se tornar, por assim dizer, um Cristo vivo no mundo atual. Se os senhores transmitirem fielmente aos outros os ensinamentos transmitidos em minhas palestras

e contidos em meus livros, certamente se tornarão capazes de curar doentes, assim como o sr. Kineya, o preletor Hattori e vários outros preletores da Seicho-No-Ie. Os senhores se tornarão capazes de operar milagres semelhantes aos de Jesus Cristo, citados na Bíblia; ou melhor, ao despertarem para a Verdade e conscientizarem a presença de Cristo em seu interior, ele ressuscitará dentro dos senhores e passará a agir através dos senhores. Jesus Cristo curava enfermos dizendo: "Teus pecados estão perdoados. Levanta-te e anda!". O ser humano liberta-se de todas as infelicidades quando compreende que seus pecados foram perdoados e não mais existem. O verdadeiro perdão não consiste em dizer a alguém "Eu o perdôo, apesar de seus pecados", mas sim crer na perfeição original dele, conhecendo a Verdade de que o pecado não existe. Em outras palavras, perdoar o pecado significa eliminar o pecado. A maioria das pessoas mantém oculta a perfeição de sua Imagem Verdadeira (natureza divina, Cristo interior) com o envoltório fenomênico chamado "pecado". Eliminando-se esse envoltório pelo conhecimento da Verdade, revela-se naturalmente a perfeição interior — como um diamante que, ao ser retirada a impureza que o envolve, revela seu intenso brilho. Perdoar os pecados não é condescender com a imperfeição fenomênica de quem os comete e pensar "eu o perdôo, embora ele tenha cometido tal pecado", mas sim fazer com que a pessoa revele a perfeição de sua Imagem Verdadeira, desfazendo com a vibração

das palavras da Verdade o estado de ilusão em que ela se encontra, ilusão esta que admite a existência concreta do pecado.

Para finalizar, citarei outro caso narrado pelo sr. Kineya. A mãe dele fez uma promessa quando tinha 18 anos de idade e, desde então, não comia caqui. Acontece que o sr. Kineya, conhecendo a Seicho-No-Ie e tendo lido os livros de ensinamento, passou a pensar: "Deus criou frutas, verduras e cereais para servirem de alimento para o ser humano. Portanto, fazer arbitrariamente promessas de não comer certas frutas, verduras ou cereais é o mesmo que rejeitar as dádivas de Deus". Assim, certo dia, ele obrigou sua mãe a comer caqui. Como na manhã seguinte a mãe demorasse a sair de seu aposento, o sr. Kineya foi ver o que estava se passando e encontrou-a sofrendo de náuseas, diarréia e dores pelo corpo todo. "Isto aconteceu porque você me obrigou a comer caqui, fazendo-me quebrar a promessa que fiz quando tinha 18 anos. Com certeza, é castigo de Deus", disse ela, gemendo. O sr. Kineya disse-lhe com firmeza: "Que tolice, mamãe! Deus é um Ser infinitamente bondoso, que jamais nos castiga. Esse mal-estar e essa dor são produtos de sua mente que teme o castigo. É o seu próprio temor que está tolhendo o corpo, provocando dores e mal-estar. Creia, Deus não criou coisa alguma que seja realmente nociva ao ser humano. Vamos, mamãe! Levante-se! Vou ajudá-la a eliminar seu temor". Assim dizendo, ele tomou as mãos da mãe, ajudando-a

a levantar-se. Tão logo ela ficou de pé, as dores e o mal-estar cessaram completamente. Este é mais um caso verídico que prova que Deus não nos castiga. Nós é que nos castigamos, tolhendo-nos com crenças errôneas da mente em ilusão. Deus é um Ser perfeito. Ao terminar Sua obra de criação de todos os seres e todas as coisas da Terra, Ele afirmou serem eles muito bons, e os abençoou. Compreendendo esta Verdade, torna-se evidente que não existe pecado nem castigo. A mãe do sr. Kineya, que aos 18 anos fizera uma promessa e deixara de comer caqui, passou dezenas de anos sem ingerir essa fruta. Como estava totalmente convencida de que seria castigada se comesse caqui, foi imediatamente acometida de mal-estar e dores no corpo todo quando comeu essa fruta, quebrando a promessa. Na verdade, isso não foi castigo de Deus, mas auto-suplício resultante da idéia de pecado. Quando ouviu as palavras da Verdade proferidas pelo filho, ela compreendeu que Deus não é um ser cruel que castiga os seres humanos e percebeu que não é nenhum pecado comer a mencionada fruta, a qual, como muitas outras, foi criada por Deus para servir de alimento para o ser humano. Então, desfez-se o tolhimento causado pela idéia de pecado e surgiu a perfeição de sua Essência, como se surgisse um diamante puríssimo ao serem retiradas as impurezas que o encobriam.

Como constatamos por este e outros casos citados como exemplos, desfazendo-se o tolhimento causado pela idéia de pecado, o ser humano passa a manifestar a

natureza divina que constitui sua Essência. Concretiza-se, então, o paraíso terrestre repleto de dádivas e bênçãos descrito na sutra budista *Muryoju-kyo*. Jesus Cristo disse: "O reino de Deus está dentro de vós". Enquanto as pessoas mantiverem na mente o "demônio" chamado **ilusão** que admite a existência de pecado e de pecadores e insiste em aplicar castigos, elas terão o inferno ao redor de si. Porém, quando elas banirem da mente tal ilusão e passarem a abrigar nela unicamente Deus e filhos de Deus, concretizar-se-á o paraíso terrestre, segundo a lei mental que diz: "Tudo neste mundo é projeção da mente". (Volume 25)

Principais tópicos:

Capítulo 1 — A ação do subconsciente... O desejo de autodestruição... Exaltação do sofrimento... Por que ficam doentes as pessoas boas?... Capítulo 2 — Transcender o carma... Purificar os carmas por meio da gratidão... Capítulo 3 — Considerações sobre arrependimento... Expor o pecado, em vez de ocultá-lo... Não se alcança a salvação envaidecendo-se das boas ações... Capítulo 4 — Encobrimento da natureza divina do homem... A origem da idéia de pecado... O meio para extinguir o pecado... Capítulo 5 — O perdão do pecado, sob o ponto de vista religioso... O paraíso já existe... Orações que não serão atendidas... Capítulo 6 — O caminho para o mundo da Imagem Verdadeira... Transcendendo o *jakkō* ("mundo da claridade serena")... Capítulo 7 — Proposição de uma religião alegre... Capítulo 8 — A humanidade é isenta de pecado

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C003494

ISBN 978-85-7156-288-2